

# RADIOS

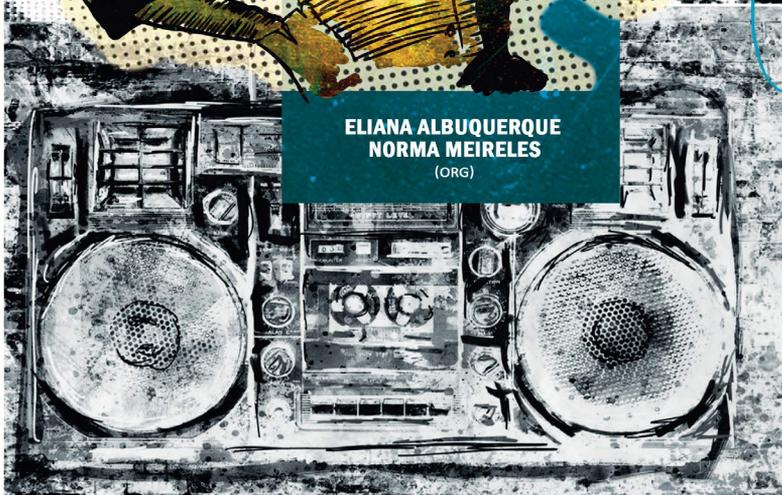
## UNIVERSITÁRIAS

*universitárias*

**experiências  
e perspectivas**



**ELIANA ALBUQUERQUE  
NORMA MEIRELES**  
(ORG)



RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS  
experiências e perspectivas



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

REITORA

Margareth de Fátima Formiga Diniz

VICE-REITORA

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira



DIRETOR DO CCTA

José David Campos Fernandes

VICE-DIRETOR

Ulisses Carvalho da Silva



CONSELHO EDITORIAL

Carlos José Cartaxo  
Gabriel Bechara Filho  
José Francisco de Melo Neto  
José David Campos Fernandes  
Marcílio Fagner Onofre

EDITOR

José David Campos Fernandes

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira

COORDENADOR DO LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

Pedro Nunes Filho

ELIANA ALBUQUERQUE  
NORMA MEIRELES  
(ORGS)

RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS  
experiências e perspectivas

EDITORA DO CCTA  
JOÃO PESSOA  
2019

## AUTORES / AUTORAS

Adriana Maria Donini

Aldo Rotman

Ana Carolina Temer

Ana Cláudia Theme

Ana Laura Colombo de Freitas

Ana Veloso

Beatriz Hammes Clasen

Blenda Cavalcante

Carlos Eduardo Esch

Carlos Gregório dos Santos Gianelli

Cida Golin

Ciro Augusto Francisconi Götz

Cristiane de Paula Bachmann

Daniel Martín-Pena

Debora Cristina Lopez

Diego Gouveia

Edgard Rebouças

Eliana Albuquerque

Eneida Leão Teixeira

Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello

Gabriel Gentile de Aguiar

Giovanni de Sousa Vellozo

Guilherme Gonçalves Longo

Gustavo Xavier Ferreira da Silva

Isis Santiago Lins

Izani Mustafá

José Carlos Marques

Kátia Fraga

Luana Viana

Lucía Casajús

Luciano Victor Barros Maluly

Luiza Aguiar dos Anjos

Marcelo Freire  
Marcelo Kischinhevsky  
Maria Ataíde Malcher  
Marina de Mattos Dantas  
Mario Giorgi  
Mateus de Albuquerque Ferreira  
Nair Prata  
Nayane Cristina Rodrigues de Brito  
Nelia R. Del Bianco  
Nísio Teixeira  
Noelia Giorgi  
Norma Meireles  
Octavio Penna Pieranti  
Olga Tavares  
Paula Reis Melo  
Pricilla de Souza Andrade  
Rafael Medeiros  
Roberto Montagner  
Scarlat Suelen Guimarães do Vale  
Sérgio Magson Dionizio  
Sheila Borges de Oliveira  
Sônia Caldas Pessoa  
Suzana Cunha Lopes  
Valci Regina Mousquer Zuculoto  
Viviane Paiva  
Yvana Fachine

CAPA: Sílvia Barreto

Projeto gráfico: José Luiz da Silva

Bibliotecária responsável: Susiquine Ricardo Silva

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

R129 Rádios universitárias: experiências e perspectivas [recurso eletrônico] / Eliana Albuquerque, Norma Meireles, organizadoras. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

Recurso digital (5.90MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-85-9559-190-5

1. Rádio. 2. Rádios Universitárias – Brasil - Argentina.

3. Rádios Educativas. 4. Comunicação – Formação. 5. Web Rádio. I. Albuquerque, Eliana II. Meireles, Norma.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 654.1

Foi feito depósito legal

Todos os textos são de responsabilidades dos autores.

Direitos desta edição reservados à: EDITORA DO CCTA/UFPB

Cidade Universitária – João Pessoa – Paraíba – Brasil

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

# SUMÁRIO

CONSTRUIR CONHECIMENTO PARA DEMOCRATIZAR A COMUNICAÇÃO .....	11
Marcelo Kischinhevsky	

## PARTE 1

### ENTRE OS DESAFIOS ESTRUTURAIS E A POSSIBILIDADE DE INTERNACIONALIZAÇÃO

MAPEAMENTO DAS CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO DE RÁDIOS VINCULADAS A INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR .....	17
--	----

Ana Carolina Temer - Carlos Eduardo Esch - Edgard Rebouças - Maria Ataíde  
Malcher - Nair Prata - Nelia R. Del Bianco - Suzana Cunha Lopes - Valci  
Zuculoto

EXPANSÃO DO RÁDIO UNIVERSITÁRIO NO BRASIL: uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer .....	41
---	----

Octavio Penna Pieranti

RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL – DIVERSIDADE DE ESTRUTURAS E DESAFIOS À GESTÃO .....	61
--	----

Marcelo Kischinhevsky - Izani Mustafá - Scarlat Suelen Guimarães do Vale

MODELO DE PROGRAMAÇÃO DAS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS PÚBLICAS: além dos muros do campus, a estação do conhecimento .....	78
--	----

Rafael Medeiros - Nísio Teixeira

NOVOS MODELOS DE NEGÓCIO APLICADOS AO RÁDIO UNIVERSITÁRIO .....	96
--	----

Debora Cristina Lopez - Marcelo Freire - Luana Viana

LA COPRODUCCIÓN INTERNACIONAL ENTRE RADIOS UNIVERSITARIAS .....	114
--	-----

Lucía Casajús - Noelia Giorgi - Aldo Rotman

## PARTE 2

### HISTORIOGRAFIA DE UM CAMPO AINDA EM CONSTRUÇÃO

LA RADIO UNIVERSITARIA EN EL CONTEXTO IBEROAMERICANO A SUS CASI 100 AÑOS DE HISTORIA .....127

Mario Giorgi - Daniel Martín-Pena

A GÊNESE DE UMA EMISSORA PIONEIRA NA DÉCADA DE 1950:  
apontamentos para uma história cultural da rádio da universidade (UFRGS) ....146

Cida Golin - Ana Laura Colombo de Freitas

DO EXPERIMENTAL AO COMERCIAL: o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil .....165

Carlos Gregório dos Santos Gianelli

HISTÓRIA DAS RÁDIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA .....182

Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello - Roberto Montagner - Cristiane de Paula Bachmann

RÁDIO USP: dos ideais de Mário Fanucchi ao Programa Universidade 93,7 .....200

Luciano Victor Barros Maluly - Gustavo Xavier Ferreira da Silva

## PARTE 3

### FORMAÇÃO PROFISSIONAL, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS DA UFPE: Rádios escolas e espaços para democratização da comunicação.....216

Ana Veloso - Sheila Borges de Oliveira - Paula Reis Melo - Yvana Fachine - Diego Gouveia

CIÊNCIA EM PROGRAMAS VEICULADOS POR RÁDIOS DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO .....237

Adriana Maria Donini

PRIMEIRA HORA, A WEB RÁDIO DO IELUSC: prática da teoria .....	257
Ciro Augusto Francisconi Götz	
RÁDIO UESC: ensino, pesquisa, extensão e protagonismo social .....	274
Eliana Albuquerque - Blenda Cavalcante - Mateus de Albuquerque Ferreira - Isis Santiago Lins - Viviane Paiva	
RÁDIO UERJ: a universidade sem fronteiras. Relato de uma experiência .....	291
Eneida Leão Teixeira - Ana Cláudia Theme	
RÁDIO UNIVERSITÁRIA 100,7 FM COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E EXPERIMENTAÇÃO .....	306
Kátia Fraga	
ÓBVIO ULULANTE: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária .....	326
Luiza Aguiar dos Anjos - Marina de Mattos Dantas	
NAS ONDAS DA REDE: Web Rádio Porto do Capim .....	344
Olga Tavares - Norma Meireles	
RÁDIO PÚBLICA E PROGRAMAÇÃO MUSICAL INDEPENDENTE: Um Estudo de Caso da Unesp FM .....	359
Sérgio Magson Dionizio - José Carlos Marques	
WEB RÁDIO UNEB/CAMPUS XIV- COITÉ /BA: Experimentalismo, Educação Online e Comunicação Não-Violenta .....	378
Pricilla de Souza Andrade	
WEB RÁDIO TERCEIRO ANDAR: experiências de afetos e de ensino-aprendizagem em rádio e mídias digitais .....	396
Sônia Caldas Pessoa	
ENSINO-APRENDIZAGEM NAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS DA RÁDIO PONTO UFSC .....	417
Valci Regina Mousquer Zuculoto - Nayane Cristina Rodrigues de Brito - Guilherme Gonçalves Longo - Beatriz Hammes Clasen - Giovanni de Sousa Vellozo - Gabriel Gentile de Aguiar	

# CONSTRUIR CONHECIMENTO PARA DEMOCRATIZAR A COMUNICAÇÃO

A campanha eleitoral de 2018 no Brasil evidenciou que a universidade se comunica mal. Montagens com cenas de nudez e supostas orgias em *campi* circularam em grande escala em sites de redes sociais e sistemas de mensagens instantâneas, causando reações inflamadas. Reacionários bradaram contra o mau uso do dinheiro público e os “privilégios”. Grupos conservadores orquestraram “denúncias” em torno de títulos de trabalhos de conclusão de curso e de eventos acadêmicos. Mais que isso: esse discurso prevaleceu para uma parcela significativa da população, que comprou as ideias de que a universidade pública é ocupada pelos ricos, libertinos e comunistas e que não produz nada de útil. Espaço de balbúrdia, como chegou a dizer um ministro do governo eleito em nome da “nova política”, antes de apresentar planos de caráter privatista, visando desmontar o ensino superior público de qualidade.

Ficou patente, nessa escalada de insanidade coletiva, que as instituições de ensino superior têm dificuldade para comunicar o que fazem e esclarecer seu papel no desenvolvimento científico e tecnológico, na inovação e na inclusão social. Há uma guerra de comunicação, em que os fatos são atropelados por versões enviesadas, que denunciam o suposto viés ideológico de pesquisadores para afirmar suas próprias perspectivas político-ideológicas, desprezando a razão e atacando conquistas elementares da civilização, como a universalidade dos direitos humanos.

Neste cenário adverso e sombrio, para além de disputas menores, a universidade precisa estabelecer pontes, uma interlocução constante e frutífera com a sociedade, com as comunidades em que está inserida. Precisa comunicar o que faz, como faz e que benefícios suas ações trazem para o bem comum. Precisa não apenas informar, mas construir conhecimento coletivamente, não de cima para baixo, mas em efetivo diálogo.

Educadores contemporâneos têm perfeita noção disso: não se ensina nada a ninguém, goela abaixo; o que temos é um processo de ensino-aprendizagem, em que professores, técnicos e estudantes construímos conhecimento juntos. O problema é que nem sempre essa relação ocorre de maneira dialógica. O autoritarismo está presente em muitas salas de aula. Da mesma forma, parte significativa do ecossistema midiático está mergulhada numa lógica autoritária, colocando em pauta uma agenda que não coincide com a da sociedade, atendendo a interesses poderosos, políticos e econômicos.

Daí a importância de lutarmos por um ecossistema midiático diversificado e promovermos uma educação midiática (o que em inglês se convencionou chamar *media literacy*). A sociedade não existe sem a mediação comunicacional. Os meios de comunicação não apenas entretêm e informam sobre os fatos mais corriqueiros do cotidiano, mas também, no percurso, servem de espaço de representação social e cultural, de conciliação de interesses, de escuta.

Um dos maiores problemas nacionais é a falta de diversidade na mídia, que ameaça o direito à comunicação – um direito humano fundamental. Os veículos de maior audiência no país pertencem a um punhado de grandes grupos empresariais, com estreitas conexões com oligarquias regionais e posicionamentos claramente conservadores. Nas últimas duas décadas, gurus da tecnologia venderam a ilusão de que as tecnologias de informação e comunicação ajudariam a mudar esse cenário, mas a situação só piorou. Ao oligopólio privado na radiodifusão, somou-se um novo circuito de blogs pseudo-informativos, especializados em disseminar informações falsas ou distorcidas, capitalizando a crescente fragmentação da audiência e explorando o chamado viés de confirmação – algoritmos de mídias sociais nos oferecem conteúdos em que já acreditamos ou que ratificam nossas opiniões.

Qual a solução para esse impasse? A mídia pública, no Brasil, foi sufocada ao longo das décadas pela falta de investimentos e pela ingerência política. Em grande medida, seus veículos operam na fronteira mal delineada entre público e estatal. Os recentes ataques à autonomia da Empresa Brasil de Comunicação (EBC)

são exemplares de uma perspectiva instrumental da comunicação pública, que se confunde com propaganda das ações dos governantes de ocasião.

Nesse contexto, cresce em importância o papel das mídias universitárias. Rádios administradas por instituições de ensino superior podem e devem desempenhar múltiplas funções, não apenas atuando como instrumentos de comunicação com a comunidade interna, mas sobretudo, no atual cenário, contrapondo-se ao discurso único do conservadorismo, complexificando as análises de conjuntura em vez de apresentá-las na forma de oposições binárias, simplistas. Universidades não são partidos políticos, mas precisam participar da vida política, abrindo espaço para a diversidade de visões de mundo, para o contraditório – tudo que a mídia de referência não tem feito, seja por interesses espúrios, seja por incompetência.

Além de atuar para elevar o nível do debate público, as rádios universitárias têm outra função importantíssima: cumprem papel formativo, oferecendo espaço para ensino-aprendizagem na radiodifusão, não só para estudantes de Comunicação Social, mas para professores, técnicos e estudantes de todas as áreas de conhecimento. As emissoras possibilitam experimentação de novas linguagens e formatos, inclusive para divulgação científica e tecnológica.

Estamos falando de um mundo idealizado? Não, absolutamente. Nos últimos três anos, as pesquisas sobre a programação, a gestão e a linguagem das emissoras universitárias ganharam projeção no país, paralelamente aos esforços de constituição da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA). Cartografia em fase final revela que há, em atividade no país, cerca de 100 rádios ligadas a instituições de ensino superior ou fundações a elas vinculadas.

As primeiras experiências de radiodifusão universitária no Brasil remontam aos anos 1950, bem depois das registradas em vizinhos, como Argentina, onde a primeira emissora do gênero remonta a 1924. Ainda assim, o campo se tornou dinâmico, com expansão significativa nos anos 2000 e 2010, na esteira da consagração de dezenas de canais educativos a universidades. Emissoras tradicionais AM e FM, como as mantidas pelas Universidades Federais do Rio Grande do Sul (UFRGS) e de

Pernambuco (UFPE) e pela Universidade de São Paulo (USP), ganharam a companhia de novas e importantes estações, como UFMG Educativa FM, da Universidade Federal de Minas Gerais, e web rádios como Ponto UFSC, da Universidade Federal de Santa Catarina, e Web Rádio UFPA, da Universidade Federal do Pará.

Mas nem tudo são flores no campo das rádios universitárias. A falta de status legal específico muitas vezes prejudica a sustentabilidade destas emissoras, que sofrem com a falta de recursos e com as mudanças na administração das próprias instituições de ensino superior. Rádios universitárias são uma poderosa forma de comunicação com públicos internos e externos, mas, muitas vezes, para alguns gestores do mundo acadêmico, são vistas como um custo questionável. Uma perspectiva tacanha do papel da própria universidade, chave para o desenvolvimento nacional.

Esse livro é o primeiro fruto dos encontros da RUBRA, que nasce a partir do I Fórum de Rádios e TVs Universitárias, realizado no âmbito do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, na Universidade Positivo, em Curitiba (PR). A rede, que caminha para a formalização, tem atuado como um espaço para intercâmbio de conteúdos e de informações sobre melhores práticas nas emissoras universitárias, buscando estabelecer um circuito alternativo à mídia de referência, de caráter colaborativo e solidário.

As rádios universitárias são tão diversas entre si quanto as diferentes realidades socioculturais do país. Estão vinculadas a universidades públicas (federais, estaduais, municipais), privadas, confessionais e comunitárias. São geridas por núcleos independentes, por estruturas de assessoria de comunicação vinculadas às reitorias ou por unidades acadêmicas. Apesar disso, a RUBRA advoga que são todas integrantes do campo de radiodifusão pública e educativa, pois têm um papel muito além da comunicação institucional, dando voz a outros atores sociais sem espaço da mídia comercial e apoiando a formação profissional de estudantes.

Nestas páginas, você saberá um pouco mais sobre as rádios universitárias. Esperamos que estas emissoras possam ser vistas, a partir daí, dentro de uma

perspectiva mais ampla: não apenas como um espaço de informação sobre as atividades acadêmicas, mas como um lugar de construção coletiva do conhecimento e, em última instância, de democratização da comunicação. Porque, sem educação midiática, teremos muita dificuldade para atravessar a sombria fase atual e para pensar um futuro para o Brasil.

Marcelo Kischinhevsky

Professor do Núcleo de Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ), doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ e bacharel em Jornalismo pela mesma instituição. Coordena o conselho geral da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA) e o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

# PARTE 1

## ENTRE OS DESAFIOS ESTRUTURAIS E A POSSIBILIDADE DE INTERNACIONALIZAÇÃO

# MAPEAMENTO DAS CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO DE RÁDIOS VINCULADAS A INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR

Ana Carolina Temer<sup>1</sup>  
Carlos Eduardo Esch<sup>2</sup>  
Edgard Rebouças<sup>3</sup>  
Maria Ataíde Malcher<sup>4</sup>  
Nair Prata<sup>5</sup>  
Nelia R. Del Bianco<sup>6</sup>  
Suzana Cunha Lopes<sup>7</sup>  
Valci Zuculoto<sup>8</sup>

- 
- 1 Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, com estágio de Pós-Doutorado na UFRJ. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFG. Autora dos livros Para Entender as Teorias da Comunicação e a Televisão em busca da Interatividade. E-mail: anacarolina.temer@gmail.com.
  - 2 Doutor em Sociologia e Ciências da Comunicação pela Universidade Complutense de Madri/Espanha, com estágio de Pós-Doutorado na Universidade do Minho/Braga, Portugal. É Professor Associado da Faculdade de Comunicação da UnB. E-mail: caduesch@hotmail.com.
  - 3 Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, com estágio de pesquisa na Université du Québec à Montréal (2003). É professor associado da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), coordenador Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades. Foi coordenador-geral de Mídias e Conteúdos Digitais no Ministério da Educação.
  - 4 Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Professora Associada da Universidade Federal do Pará (UFPA). Representante da área de Ciências Humanas e Sociais no Conselho Deliberativo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: ataidemalcher@uol.com.br
  - 5 Doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, com estágio de pós-doutorado na Universidade de Navarra (Espanha). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro preto (UFOP). Diretora Científica da Intercom e vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. E-mail: nairprata@uol.com.br
  - 6 Doutora em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio de pós-doutorado na Universidade de Sevilha. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal de Goiás (UFG). É vice-presidente da Socicom. E-mail: nbianco@uol.com.br
  - 7 Doutora em Comunicação Social pela UFMG. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior da Universidade Federal do Pará (PPGCIMES-UFPA). E-mail: suzanaclopes@yahoo.com.br.
  - 8 Doutora em Comunicação (PUCRS) com estágio de Pós-Doutorado na ECO-UFRJ. Professora do Curso de graduação e Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenadora da rede de pesquisa em radiojornalismo RadioJor e da Rádio Ponto UFSC, integra coordenação da RUBRA. E-mail: valzuculoto@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Em um cenário de crise e muitas incertezas em relação aos destinos econômico, social e político do Brasil, é papel das Universidades e dos pesquisadores avaliar os diferentes contextos em transformação, seus antecedentes, as oportunidades geradas e os resultados alcançados ou não. Após um pouco mais de uma década de investimentos na estruturação de políticas para fomentar a Comunicação Pública, vimos ser extinto, em 2016, o Ministério das Comunicações (passando esta pasta a ser associada à Ciência, Tecnologia e Inovação). Igualmente em 2016, a Medida Provisória 744 acabou com o caráter de empresa de comunicação pública da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), a partir da extinção do seu Conselho Curador, tirando-lhe a autonomia em relação ao Governo Federal. A Empresa havia sido criada em 2007 com o objetivo de instituir e fortalecer um Sistema Público de Comunicação no país.

Diante desse cenário, mais do que nunca é urgente evidenciar as pesquisas realizadas, sobretudo às que visam dar subsídios a políticas públicas nesse setor. Este artigo apresenta os resultados de um projeto de pesquisa, realizado em 2014, pela Coordenação-Geral de Mídias e Conteúdos Digitais do Ministério da Educação, subordinada a Secretaria Básica de Educação . Intitulada “Avaliação de estruturas de rádio e televisão nas instituições federais de ensino superior para produção e difusão de conteúdos educacionais”, a pesquisa buscou levantar informações quantitativas e qualitativas acerca da presença e atuação de emissoras de rádio e TV nas Instituições Públicas de Ensino Superior.

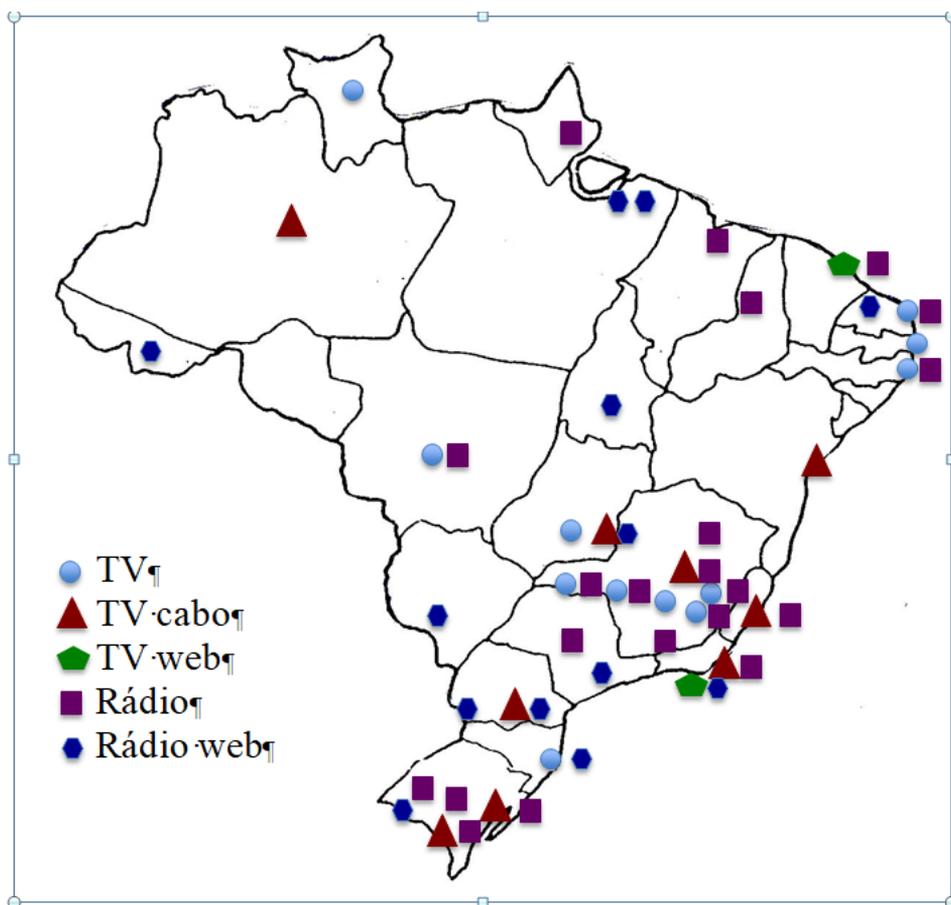
O projeto mobilizou pesquisadores de várias regiões do país no intuito de gerar um diagnóstico, ainda que inicial, da situação das rádios e TVs nas Universidades, Centros e Institutos de Ensino Superior. Mesmo com as dificuldades encontradas para obtenção das informações, o estudo possibilitou a construção de um mapeamento inédito das condições de funcionamento dessas emissoras.

Apesar de os dados terem sido coletados em 2014, o diagnóstico realizado mostra a tendência a uma ampliação da rede dessas emissoras públicas, cenário este que hoje está ameaçado não apenas pelas dificuldades já encontradas naquele período para novas instalações e manutenções, mas sobretudo pelas atuais políticas governamentais de descontinuidade dos investimentos e desmonte das estruturas públicas construídas e conquistadas pela sociedade civil. Conhecer e comunicar essas realidades é uma forma de subsidiar a defesa à Comunicação Pública e resistir a retrocessos.

## CONTEXTO DA PESQUISA

O projeto “Avaliação de emissoras de rádio e televisão nas instituições federais de ensino superior para produção e difusão de conteúdos educacionais” surgiu a partir de um levantamento preliminar (Figura 1) ao identificar que, das 102 instituições federais de ensino vinculadas ao MEC (IFES, IFE, CEFET), 41 contavam com algum tipo de mídia eletrônica ou digital - TV em VHF/UHF, TV a cabo, TV web, rádio AM/FM ou webrádio.

Figura 1: Mapa da mídia em instituições públicas de ensino superior (2014)



Fonte: Coordenação de Mídias e Conteúdos Digitais no Ministério da Educação.

Em uma análise prévia observou-se que, em relação à gestão, havia casos de vínculo direto com a assessoria de comunicação da reitoria, pró-reitorias de extensão, cursos de Comunicação e fundações; que os conteúdos das rádios eram majoritariamente de programas musicais, com parte da programação destinada a debates e serviços organizados por professores ou estudantes estagiários ou voluntários; e que o conjunto de emissoras de rádios e TVs universitárias não chegava a constituir-se como um sistema educativo. Havia dificuldades em termos

de gestão, financiamento e produção de conteúdos, além do evidente baixo uso de plataformas multimidiáticas.

O MEC identificou a necessidade de avaliar melhor a estrutura existente para que pudesse desenvolver ações de fortalecimento das emissoras, colocando-as como necessárias dentro da nova configuração de sistema público que estava sendo construído à época desde a criação da Empresa Brasil de Comunicação (EBC). A lei n.11.652/2008 não apenas criou a EBC, como também foi muito clara ao instituir os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo ou outorgados a entidades de sua administração indireta, o que inclui as emissoras de vinculadas às Universidades e Institutos Federais.

Entendia o MEC que, conhecendo melhor suas necessidades, seria possível uma ação no sentido de resgatar os objetivos públicos e educativos dessas emissoras na prestação de serviço à sociedade. Como lugar privilegiado de sistematização do conhecimento tem plenas condições de colaborar com a sociedade, a Universidade pode oferecer alternativas de acesso aos saberes por meio da mídia audiovisual.

Entre os desafios vislumbrados no momento da construção do projeto de avaliação estavam:

a) estabelecer um perfil de programas e programação que as diferencie das demais emissoras, fazendo com que sejam um dos principais elos de ligação entre a universidade e a sociedade;

b) ampliar o leque de parceiros para a manutenção de suas estruturas e investimentos para futuras melhorias, sem, no entanto eximir a universidade de seu papel de mantenedora;

c) inserir as emissoras no ecossistema das novas mutações tecnológicas, principalmente com as potencialidades da digitalização da produção, distribuição, captação de programas, interatividade e veiculação em multiplataformas;

d) estruturar a programação em torno de um tripé pautado em programas institucionais, experimentais e independentes;

e) seguir um modelo de gestão pautado no interesse público, compartilhando suas ações e estratégias entre um Conselho Gestor, uma Diretoria Executiva e um Conselho Curador.

Considerando estes pressupostos, a Coordenação-Geral de Mídia e Conteúdos Digitais encomendou a análise das condições estruturais, tecnológicas e de geração de conteúdos das rádio e TVs universitárias, fossem para fins de formação de futuras parcerias ou mesmo para a implementação de uma política mais abrangente de formação de uma rede. Tendo em vista a logística de cobertura de todo o território nacional, as 102 instituições federais de ensino foram divididas geograficamente pelas cinco regiões do país.

Ao longo do período de realização do levantamento, o então Ministério das Comunicações<sup>9</sup> estava analisando a permissão de outorga de rádios em FM a mais oito institutos federais, além da homologação do processo de permissão de FMs a outros dois institutos e duas universidades federais, a ainda de dois canais de TV para universidades (MINISTÉRIO, 2015a). Tais emissoras não estão contempladas neste estudo. O antigo Ministério também lançou, em setembro de 2015, uma portaria sobre os procedimentos de permissão e concessão de rádios em FM com finalidade educativa, e, no artigo 17, explicitou a prioridade a universidades e institutos federais de ensino nos casos de empate nas propostas classificadas no Plano Nacional de Outorgas (MINISTÉRIO, 2015b). No final daquele ano foi lançado o edital de radiodifusão educativa contando com 345 ofertas de emissoras em FM e 30 canais de televisão.

Dezenas de universidades e institutos federais apresentaram propostas e se habilitaram para as permissões dos canais, no entanto, com as mudanças ocorridas no Ministério das Comunicações, após o afastamento de Dilma Housseff, em maio de 2016, todas as tramitações foram suspensas. Diante dos cortes orçamentários também sofridos pelas instituições federais de ensino, muitos dos projetos de

---

<sup>9</sup> Atualmente reduzido à Secretaria de Radiodifusão, dentro da estrutura do *Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações*.

implementação de emissoras de rádios e TVs também foram deixados em segundo plano.

## METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa realizada em 2014 abrangeu 102 instituições federais de ensino superior, sendo 39 delas Centros de Ensino e Institutos Federais de Educação e 63 Universidades. As instituições foram distribuídas entre os dez pesquisadores<sup>10</sup> escolhidos a partir de critérios estabelecidos pela Coordenação-Geral de Mídias e Conteúdos Digitais: a) possuir doutorado em Comunicação ou áreas afins; b) experiência em rádio e/ou TV universitária; c) ter realizado pesquisas científicas em âmbito nacional; d) possuir vínculo com uma instituição federal de ensino superior.

Estabeleceu-se como metodologia para coleta de dados a realização de visitas técnicas e/ou entrevistas com dirigentes de emissoras, assessores de comunicação e chefes de Departamentos de Comunicação. Durante o contato com a instituição, os pesquisadores coletaram documentos como regulamentos, planos de trabalho, atas de reuniões de conselhos, pedidos de outorga de concessão entre outros. O site da instituição também foi utilizado como fonte de informação para identificar, inicialmente, aquelas que tinham emissoras em operação.

A coleta de informações foi padronizada em oito dimensões de análise: a) identificação da instituição e suas emissoras; b) modo de gestão e financiamento das emissoras; c) estrutura física e tecnológica; d) estrutura de pessoal; e) conteúdo da programação; f) recursos multimídia; g) instalações e acessibilidade; e h) missão como radiodifusão pública.

Os pesquisadores fizeram ainda uma contextualização socioeconômica da cidade/região identificando onde está situada a IFES, IFE ou CEFET a partir de dados sobre a população, PIB, IDH, renda per capita, principal atividade econômica

---

10 Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (UFG); Ana Maria da Conceição Veloso (UFPE); Carlos Eduardo Esch (UnB); João Batista de Abreu Júnior (UFF); José Edgard Rebouças (UFES); Maria Ataíde Melcher (UFPA); Nair Prata Moreira Martins (UFOP); Nélia Rodrigues Del Bianco (UnB); Valci Regina Mousquer Zuculoto (UFSC); Vanessa Maia Barbosa de Paiva (UFSJR).

da localidade, número de emissoras de rádio e TV instaladas em operação e canais educativos disponíveis em plano nacional de outorgas.

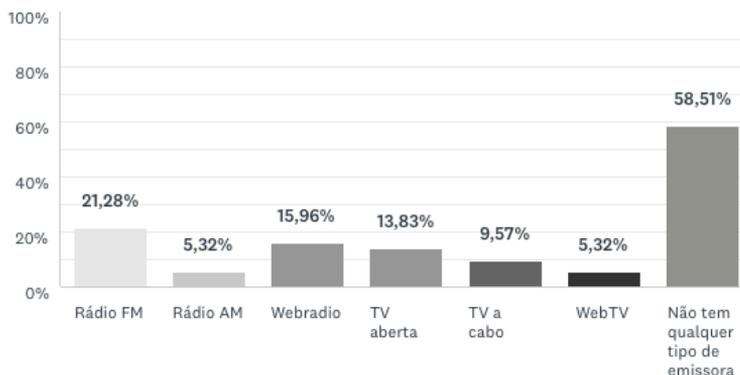
Os dados coletados foram inseridos pelos próprios pesquisadores numa plataforma online proprietária (*Survey Monkey*).

Uma das dificuldades encontradas a partir dessa metodologia foi a obtenção de informações junto às instituições, dentro do período da pesquisa. Em alguns casos, não foi possível ter acesso a informações seguras sobre a existência e formas de funcionamento de emissoras, pela falta de retorno dos contatos realizados.

A maioria das entrevistas para a coleta das informações foi feita, sobretudo, com as direções das emissoras e/ou com os gestores responsáveis. E não se limitou apenas à aplicação do questionário para posterior inserção no *SurveyMonkey*. Em boa parte delas, foi necessário ir além das questões ou buscar aprofundá-las, repetindo os contatos e/ou as visitas. Embora os pesquisadores portassem uma carta de apresentação, informando os objetivos gerais da pesquisa e assinada pelo próprio MEC, em algumas emissoras o acesso aos dados e, de início, até mesmo o contato, por vezes foi difícil, denotando que as estações não se sentem parte de um sistema midiático. Ao mesmo tempo, também houve, em algumas entrevistas e contatos, dirigentes e gestores buscando sanar dúvidas e orientações, com reclamações de lacunas de assessoria por parte do MEC e do Ministério das Comunicações, expressando, assim mais fortemente, a demanda por uma política geral e integradora para o sistema midiático das instituições federais.

O levantamento revelou que 61 instituições de ensino de âmbito federal (58%) não possuíam qualquer tipo de emissora. Em 42% delas, a presença do rádio era predominante: 19 tinham rádio FM em operação; 5 operavam uma rádio AM e 15 criaram webrádios.

**Gráfico 1 – Instituições com emissoras em operação**



Fonte: Dados da pesquisa

Entre os principais motivos para não terem uma outorga ou canal na internet estavam a carência de recursos (16%), falta de interesse (5%) ou a instituição encontrava-se em fase de planejamento para obter uma concessão (20%). No momento da pesquisa, 10% das instituições estavam em fase de instalação de uma frequência de rádio obtida recentemente.

Para este artigo foram analisados os dados referentes a 19 rádios FM, 4 na frequência AM e 10 webrádios vinculadas a instituições que se dispuseram a oferecer informações detalhadas (Tabela 1).

**Tabela 1 – Emissoras de rádio avaliadas**

Estado	IES e IFET	Rádio AM	Rádio FM	Rádio Web
AC	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE (UFAC)			Rádio Web UFAC
AP	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ (UNIFAP)		Rádio Universitária FM	
CE	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)		Rádio Universitária FM	

Mapeamento das condições de funcionamento de rádios vinculadas a instituições públicas de ensino superior

<b>DF</b>	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)			Rádio Bam-baré
<b>ES</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)		Rádio Universitária	
<b>GO</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)	Rádio Universitária		
<b>MA</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA)		FM Universidade	
<b>MG</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)		Rádio FA-COM	
<b>MG</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)		UFMG Educativa	
<b>MG</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)		Rádio UFOP Educativa	
<b>MG</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)		Rádio Universitária FM	
<b>MG</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM)		Fundação Rádio Educativa Uberaba	
<b>MG</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI (UFVJM)		Rádio Universitária	
<b>MG</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)		Rádio FM Universitária	
<b>MG</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)		Rádio Universitária FM	
<b>PA</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)			Rádio Web UFPA
<b>PB</b>	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA (IFPB)			Rádio IFPB
<b>PE</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	Rádio AM do Recife	Rádio Universitária FM	

<b>PI</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)		Rádio FM Universitária	
<b>PR</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA (UNILA)			We-brádio UNILA: Integração via Ondas Sonoras
<b>PR</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)		Rádio Universitária	
<b>RJ</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)			Audioativo
<b>RJ</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)			Nas ondas do IACS
<b>RN</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)		Universitária FM	
<b>RR</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (UFRR)		Rádio Universitária FM 95,9	
<b>RS</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)		Rádio Universidade do Rio Grande - FURG FM	
<b>RS</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	Rádio da Universidade		
<b>RS</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)	Rádio Universidade		
<b>SP</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)		Rádio UFS-CAR	

Mapeamento das condições de funcionamento de rádios vinculadas a instituições públicas de ensino superior

SP	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO (IFSP)			Rádio Federal Educativa
SC	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)			Rádio Ponto
SC	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC) Campus Araranguá			Ara-Ponto

Fonte: dados da pesquisa realizada pelos autores.

Interessante destacar a distribuição geográfica das rádios mapeadas. Apesar de não ter sido possível obter informações de algumas instituições, o levantamento feito evidencia a concentração de emissoras em instituições do Sudeste (42%), seguidas pelas instituições do Sul (19%) e do Nordeste (19%), em muito decorrente da própria configuração histórica do Ensino Superior Público no país. Nas regiões Norte (13%) e Centro Oeste (6%), nas quais os investimentos na Educação Superior são mais recentes, encontramos um menor percentual tanto de instituições quanto, conseqüentemente de emissoras universitárias de rádio.

## PERFIL, GESTÃO E FINANCIAMENTO

As emissoras FM analisadas foram criadas, na sua maioria, na década de 80, muitas delas impulsionadas pela consolidação do sistema de FM no país naquela época. Enquanto as AMs estão em funcionamento desde a década de 60, as webrádios são um fenômeno dos anos 2000 graças ao avanço das tecnologias de compressão de som e desenvolvimento de serviços de *streaming*.

Do ponto de vista gerencial, 45% rádios FM e AM pesquisadas estão sob a direção de um professor e 45% sob a gestão de um servidor, a grande maioria indicados pela reitoria. Em 95% dos casos não há eleição para escolha do dirigente, embora duas emissoras AM tenham relatado processos de eleição para seleção de diretor.

Entre as FMs, 52,63% estão vinculadas à administração central da Universidade/Instituto/Centro e 36,84% a uma fundação de direito privado. Na frequência AM, 73% estão subordinadas à reitoria. Enquanto 55% das webrádios estão a cargo de um professor e vinculadas a um curso de Comunicação da instituição.

Embora haja vínculo direto com a administração central e o diretor seja indicado pelo reitor, em 68% das emissoras AM e FM a gestão é pautada pelo modelo colegiado com tomada de decisões discutidas com o grupo de funcionários. Somente em 15% delas a tomada de decisões se dá de forma centralizada, a partir da figura do dirigente. Com o propósito de democratizar a gestão das emissoras algumas iniciativas tem sido adotadas: a totalidade realiza reuniões periódicas entre direção e corpo de funcionários para troca de informações e sugestões; em 36% delas há um Conselho Consultivo ou Administrativo com participação de representantes da sociedade para avaliar a programação; e 31% delas realizam formas de consultas amplas para aferir a opinião e propostas da sociedade seja por meio de seminários e pesquisas.

Contrariando o senso comum quanto à dificuldade de gestão diante da subordinação à administração central, 63% dos diretores de rádios FM disseram que a estrutura jurídica-administrativa da emissora é parcialmente ágil e dinâmica quanto à tomada de decisões e implementação de processos e projetos. O mesmo não pensam os dirigentes de rádios AM: 75% avaliaram que a administração é burocrática e lenta.

As queixas, em parte, se devem ao modelo de financiamento baseado, predominantemente, em recursos públicos orçamentários da instituição de ensino que demandam processos lentos e burocráticos para serem aplicados (Tabela 2). Situação que se contrapõe a agilidade necessária para manter uma emissora no ar diariamente por 24 horas (tabela 2).

Mapeamento das condições de funcionamento de rádios vinculadas a instituições públicas de ensino superior

Tabela 2 - Fonte de recursos das emissoras AM e FM

Fontes de Recursos	FM	AM
Recursos públicos orçamentários da universidade/instituto	73%	100%
Fundo de projetos de extensão	26%	00
Orçamento da fundação ou organização gestora gfedc	36%	00
Apoio cultural	36%	25%
Parceria iniciativa privada	10%	00
Fundos públicos de fomento para o financiamento da produção degfc	00	00
Patrocínio institucional de órgãos públicos	15%	50%
Convênio com instituições públicas para execução de serviço	5%	00
Receitas próprias com a venda de patrocínio, apoios culturais e licenciamento de marcas para investimentos em marketing	5%	00

Fonte: dados da pesquisa realizada pelos autores.

A aplicação do orçamento mostra o baixo investimento na produção de conteúdo: 58% das emissoras AM e FM empregam de 80 a 90% dos recursos no pagamento da folha de pessoal; 80% delas investem em torno de 10% do orçamento na compra e manutenção de equipamentos e material de consumo; menos de 10% dos recursos são destinados à área de informática ou na aquisição de material para produção de conteúdo. Para metade dos gestores, a verba disponível é insuficiente, o que o impede a emissora contratar mais funcionários, técnicos, serviços especializados, adquirir equipamentos, melhorar a infraestrutura ou investir na produção de conteúdo.

Com a webrádio, o cenário de contingenciamento de recursos se mantém. Elas são sustentadas, majoritariamente, com recursos da orçamentários da instituição e de projetos de extensão. A totalidade dos recursos é aplicado na manutenção do sistema de streaming e com pagamento da folha de pessoal. Na avaliação de 75% dos coordenadores dessas rádios, o investimento na manutenção das emissoras é insuficiente, o que dificulta a melhoria de infraestrutura, aquisição de equipamentos ou investimento em serviço de informática.

## PESSOAL, ESTRUTURA FÍSICA E TECNOLÓGICA

De modo geral, as rádio universitárias funcionam com um quadro de pessoal restrito e parte delas depende muito da participação de alunos bolsistas para produzir conteúdo. Em média, uma rádio FM universitária possui um quadro com 8 funcionários efetivos, de 6 a 8 prestadores de serviço, cerca de 10 estagiários e de 2 a 3 professores atuando na supervisão desses alunos. No AM, por serem mais antigas, em mais da metade delas há, em média, 12 profissionais que pertencem ao quadro permanente de funcionários. Metade delas chega a ter 15 estagiários.

Por ter uma estrutura mais aberta com parte da programação em sistema de autoDJ (automação), as webrádios têm, em média, 2 funcionários do quadro, 3 prestadores de serviço e, em média, 12 bolsistas.

Independentemente do número de funcionários e do tipo de vínculo, os três tipos de rádios distribuem 40% do seu pessoal na produção de conteúdo, 20% na área de locução e 15% em operação de áudio.

Mesmo com forte contingenciamento de recursos, 58% das emissoras FM digitalizaram estúdios de produção, sendo que 32% conseguiram que apenas parte dos equipamentos do estúdio de transmissão fossem digitais. Ainda persiste um residual de 10% de rádios operando somente com estúdios analógicos.

Um dado preocupante é a questão do sistema de transmissão que envolve torres e transmissores. Ainda há 22% de emissoras FM com transmissor valvulado, o que resulta em qualidade de som inferior e dificuldades operacionais especialmente na troca de peças de reposição. Parte delas, 66%, tinham a meta de trocar o transmissor em cinco anos motivadas pela necessidade de adaptação às exigências da crescente convergência digital. Outro motivo é a idade avançada dos equipamentos que já não apresentam bom desempenho e dificuldades de manutenção. A situação se agrava ainda mais a considerar que em 43% das emissoras não há manutenção regular de equipamentos; em apenas 21% das rádios se faz uma revisão semestral prestada, na maior parte dos casos, por empresas privadas.

Em relação as AMs, o quadro não é diferente das rádios FM's universitárias. Metade das analisadas quer trocar o transmissor pelos mesmos motivos. Outro fator de defasagem é o nível de digitalização que atinge apenas a metade dos equipamentos disponíveis nos estúdios de produção e transmissão.

As webrádios transmitem pela internet utilizando um sistema misto: metade do tempo com programação ao vivo e outra parte pelo sistema de automação. O sistema de *streaming* da emissora é software livre, sem custos, na sua maioria (50%); apenas em 25% dos casos o software de transmissão foi desenvolvido pela própria universidade. A estrutura costuma ser modesta. A maioria tem um estúdio de produção, outro utilizado na transmissão e uma sala de redação com até 5 computadores. Em 70% delas, os equipamentos de gravação são digitais, mas em 69% dos casos não recebem manutenção regular.

Quanto à estrutura física das rádios, 77% FM's e 75% das AM's possuem sede própria construída pela instituição. Uma parte delas está instalada de forma parcialmente adequada para a realização de suas atividades (Tabela 3). Há casos em que o espaço disponível é pequeno ou o prédio precisa de reforma, pintura e ampliação. Em 44% das FM's e a totalidade das AM's analisadas não tem estrutura que permite a acessibilidade para pessoas com necessidades especiais.

No caso das webrádios, em decorrência de sua vinculação a cursos de Comunicação, a sede da emissora está localizada, majoritariamente, em laboratórios de ensino em condições nem sempre adequadas ao seu funcionamento.

**Tabela 3** - Condições de funcionamento da sede das emissoras

Condições	FM	AM	Webrádio
Adequadas para seu funcionamento dispo- ndo de todas as atividades	44%	50%	8,3%
Parcialmente adequadas para seu funciona- mento dis- pondo de apenas uma parte dos ambientes necessários à realização de todas as atividades	38%	25%	59%

---

Inadequadas tanto de ponto de vista da falta de espaços para as atividades como também pela falta de manutenção do local.	16%	25%	34%
---	-----	-----	-----

---

Fonte: dados da pesquisa realizada pelos autores.

## PROGRAMAÇÃO

Observou-se um equilíbrio entre funcionários, terceirizados, estagiários e alunos bolsistas envolvidos na produção de conteúdo para as emissoras universitárias, não havendo predominância de um segmento em detrimento a outro. O foco dessas é a produção diária de conteúdo inédito: 55% das FM e AM produzem de 10 a 20 horas de programação própria. Metade retransmite, em média, de 3 a 4 horas de programas produzidos por congêneres, estaduais educativas, rádio Nacional ou por organizações do terceiro setor.

Na visão das distintas direções entrevistadas, as rádios analisadas caracterizam-se pela programação musical, educativa e cultural, sendo que a parte informativa e jornalística recebe pouco investimento de produção no FM e maior atenção do AM. O baixo investimento em jornalismo é reflexo da reduzida estrutura de pessoal que não permite manter, com frequência, repórteres na rua fazendo cobertura no local dos acontecimentos e, nem mesmo, favorece a realização de coberturas intensivas com transmissão ao vivo. Predomina o tipo de redação jornalística que utiliza fontes de segunda mão, ou seja, com notícias de agências e jornais online. O conteúdo de atualidade é obtido, na maioria dos casos, por meio de entrevistas por telefone.

**Tabela 4** - Como as emissoras definem a composição da programação

Estilo de programação	FM	AM	Webrádios
Musical	36%	40%	45%
Informativa	5,2%	30%	18%
Cultural	15,7%	30%	18%
Educativa	15,7%	25%	9%

Fonte: dados da pesquisa realizada pelos autores.

A composição de estilos de suas programações, de acordo com a tabela 4, expressa justamente a trajetória histórica e imbricada da constituição, ainda inconclusa, dos sistemas público e estatal no país (ZUCULOTO, 2012). Prossegue a predominância de programação musical, estilo que tem caracterizado historicamente as rádios universitárias e outras de canais educativos. Isto, sobretudo, desde o início do chamado segmento educativo, que já conta com mais de 80 anos, se considerarmos como pioneira a Rádio MEC do Rio de Janeiro, instituída em 1936 quando Roquette-Pinto doou a sua Rádio Sociedade ao então Ministério da Educação e Saúde (MES) para que não se transformasse em emissora comercial. As estações pioneiras deixaram como legado a segmentação exclusiva ou ao menos preponderante na música erudita e clássica, então como sinônimo de programação educativa, como é o caso da Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a primeira rádio universitária brasileira, AM fundada em 1957. E justamente por se proclamarem públicas, com missão de disseminar educação e conhecimento, em especial o produzido nas suas instituições, é que a pesquisa observou, na sequência, o predomínio de programas culturais e educativos. Embora o informativo também se constitua em gênero necessário à difusão educativa, compreendeu-se, neste estudo, que sua produção baixa, comparativamente, resulta mais em consequência da falta de investimento e estrutura para a prática do que propriamente pelo não reconhecimento de sua importância.

**Tabela 5** - Gêneros de programas Jornalismo/informativo veiculados nas emissoras

<b>Gêneros</b>	<b>FM</b>	<b>AM</b>	<b>Webradio</b>
Entrevista	79%	100%	84%
Boletim informativo	89%	100%	84%
Radiojornal	73%	100%	61%
Documentário	42%	68%	46%
Mesa-redonda	47%	100%	61%
Reportagens especiais	68%	33%	76%
Prestação de serviço	68%	0%	69%
Debate	47%	33%	53%
Universitário (institucional)	73%	66%	53%

Fonte: dados da pesquisa realizada pelos autores.

Este entendimento tornou-se mais perceptível ao se sistematizar na Tabela 5. Sobressai o uso da entrevista na produção jornalística porque esta prática exige menos recursos de pessoal e infraestrutura bem como tempo, por exemplo, podendo ser feita a partir do estúdio, por telefone, gravada ou ao vivo, e com maior rapidez, explorando-se ao máximo as características do rádio de imediatismo e instantaneidade. Recorrendo-se a estas possibilidades e recursos aliados ao uso de apuração por meio de fontes de segunda mão, a programação informativa das emissoras pesquisadas consegue manter os mais tradicionais tipos de programas jornalísticos, como boletins e radiojornais. Mesmo diante de dificuldades para a produção, outros gêneros/formatos tradicionais como as reportagens e os documentários tem presença nas grades das estações, embora em proporção bem menor.

Da mesma forma, pode-se observar na Tabela 6 que mesmo classificados pelas rádios como produções voltadas ao entretenimento, gêneros/formatos como o documentário, cultural, entrevista e até o musical podem e devem, especialmente no caso destas estações, dar conta de informar, educar e disseminar conhecimento. Outro destaque nesta Tabela 6 vai para o gênero esportivo, aparecendo como entretenimento e em maior porcentagem no FM e no webradio, mas que historicamente vem consolidando-se e inclusive se ampliando em emissoras dedicadas ao radiojornalismo, sobretudo no AM.

**Tabela 6** - Gêneros de programas de Entretenimento veiculados nas emissoras

Gêneros	FM	AM	Webradio
Musical	95%	66%	93%
Variedades	47%	33%	53%
Cultural	89%	33%	84%
Documentário	26%	33%	23%
Esportivo	47%	20%	30%
Auditório	10%	00%	15%
Infantil	27%	00%	23%
Interativo	21%	00%	15%
Programa de entrevista ( <i>talk show</i> )	57%	33%	30%

Fonte: dados da pesquisa realizada pelos autores.

Embora a maior parte das emissoras pesquisadas tenha expressado estar ciente de seu papel de rádio pública, já é possível avaliar que, apesar de se ressentirem de investimentos e melhores condições produção, têm conseguido manter grades com principais gêneros e formatos radiofônicos, inclusive com programas inéditos em razoável período diário. Entretanto, justamente pelas deficiências de estrutura, pessoal e políticas integradoras, não têm como regra a programação diferenciada e pautada pela experimentação e inovação que se atribui como função de rádios públicas, em especial das vinculadas a instituições de ensino. Também e pelos mesmos motivos não têm conseguido avançar na complementariedade estabelecida pela Constituição para os três sistemas da radiodifusão.

## RECURSOS MULTIMÍDIA

É inegável a importância da internet para os meios de comunicação tradicionais. A integração do rádio à redes digitais permite expandir o dial, além de oferecer possibilidades de novas configuração, rearranjos, conexões, interfaces que alteram o modo de operação desde a produção, distribuição e transmissão de conteúdo. Dentro da emissora, as redes digitais funcionam também como ferramentas organizativas que possibilitam centralizar conhecimento e informação com um grau elevado de flexibilidade e adaptabilidade (BIANCO, 2012).

É interessante notar que as rádios FMs perceberam essa necessidade e 89% já possuíam acesso à Internet em todas instalações em 2014. Em 11% delas, o acesso estava restrito às áreas de produção e ao estúdio no ar. No rádio AM universitário, a integração à internet seguia ritmo mais lento. Em 2014, apenas a metade delas tinha acesso a web em todas as dependências; 25% parcialmente e 25% em nenhum local.

No entanto, todas perceberam a necessidade de ter um site: em média 70% das rádios AM e FM tinham uma página ativa na web. Enquanto no FM 21% estavam em fase de instalação de um site; 25% das AMs não tinham uma página Internet. Os sites geralmente eram utilizados para transmitir a programação ao vivo e divulgar a

emissora. O uso de podcasts de programas ainda estava engatinhando nas FMs na época da pesquisa (Tabela 7).

Tabela 7 - Usos do site pelas emissoras de rádio

Usos	FM	AM
Interagir com os ouvintes (canais de interação)	63%	33%
Divulgar eventos da emissora	75%	66%
Divulgar a grade de programação da emissora	93%	100%
Transmitir programação ao vivo (streaming)	93%	66%
Disponibilizar arquivos de programas	50%	33%
Disponibilizar podcast (RSS)	25%	00%

Fonte: dados da pesquisa realizada pelos autores.

Quanto aos canais disponibilizados para interação com a audiência (contatos, recados e pedidos), no FM predominavam o telefone, o e-mail e as redes sociais – Facebook e Twitter. No AM o uso de redes sociais era restrito (33%) e o foco principal da interação com o ouvinte continuava sendo os canais tradicionais, incluindo cartas e participação presencial do ouvinte.

Nas webrádios, o site é o principal meio de interação com a audiência, onde é disponibilizada a grade de programação, podcasts, notícias, *players* para blog e espaço para comentários. Apenas 20% dessas emissoras possuíam site responsivo, com versão para celular.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS – MISSÃO PÚBLICA DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

A pesquisa mostra que as rádios universitárias da rede de ensino público estão cientes e de acordo em relação aos conceitos e diretrizes que regem a radiodifusão pública. Observa-se que há um movimento no sentido de se aproximar dos princípios básicos que caracterizam a radiodifusão públicas definidos pela Unesco (2001): a) universalidade – ser acessível a todos os cidadãos independente de sua

posição social ou poder econômico; b) diversidade – refletir interesses públicos diversos (e divergentes) ao oferecer ampla variedade de programas no que se refere a gêneros, público e temas abordados; c) independência – operar como fórum no qual as ideias possam ser expressadas livremente, o que significa independência contra pressões financeiras, comerciais ou influência política; d) diferenciação – oferecer um serviço distinto das outras emissoras, não se limita a produzir programas para audiências negligenciadas por outra mídia ou a abordar assuntos ignorados pela mídia tradicional de informação; trata simplesmente de um modo de organizar e produzir diferente, sem exclusão de qualquer gênero.

As direções dessas rádios estão conscientes de seu papel social na formação de cidadãos, papel de disseminar e divulgar o conhecimento produzido dentro da universidade, bem como o de prestar um serviço público ao incluir na pauta informações necessárias para a vida na cidade e região.

No entanto, o reduzido orçamento, a burocracia administrativa e a falta de atualização de parte do corpo de profissionais constituem um grande entrave ao desenvolvimento dessas emissoras no sentido de cumprir sua missão pública.

No plano conceitual ainda é necessário superar a ideia de uma rádio exclusivamente institucional para assumir o papel emissora pública capaz de oferecer conteúdo diferenciado, em relação à mídia tradicional, e fortalecer os vínculos com a comunidade e não temendo exercer o seu papel de complementaridade no sistema

No plano do conteúdo, o desafio está em ser capaz de oferecer experimentação, criação de formatos e padrões e a oferta de uma alternativa de produção voltada para a cidadania e a democratização da informação e do conhecimento.

No plano institucional permitir que as instituições públicas de ensino superior mostrem claramente seu vínculo com a sociedade. A rádio pode ser um poderoso instrumento para divulgação científica das pesquisas realizadas no âmbito da universidade. Possuem potencial para sensibilizar a comunidade universitária quanto a importância dessa comunicação pública, tão necessária para a sociedade e compromisso imprescindível do fazer científico. Há, ainda, como desafio a

necessidade de incentivar a participação da sociedade civil na gestão do veículo por meio de conselhos plurais e democráticos.

No plano financeiro há muito o que fazer no sentido de dar autonomia as emissoras, permitindo que possam captar patrocínios e que o financiamento externo possa substituir, aos poucos, o obtido junto a próprio das IES. A profissionalização dessa área, indispensável, representa em si mesma um enorme obstáculo ao seu crescimento. Implica em confrontar preconceitos históricos que entendem a rádio pública alijada das relações com o mercado. Fazer divulgação de apoio cultural na emissora não significa mercantilização do conteúdo e nem abrir mão de sua missão educativa e social. A flexibilização das restrições que pesam sobre a publicidade em emissoras educativas poderia abrir uma possibilidade de conquista de autonomia financeira, sem comprometer a independência editorial. Significa confiar na responsabilidade social de seus dirigentes e profissionais no cumprimento da missão e compromisso da emissora com a qualidade do conteúdo.

No plano político, a atuação em rede poderia fortalecer o campo, dando visibilidade nacional e não apenas local. Bem como a valorização e reconhecimento dentro da própria instituição seriam ferramentas importantes de promoção dessas emissoras.

É importante colocar a radiodifusão universitária como um fator estratégico de financiamento, retirando-a do voluntarismo e da simpatia pessoal e momentânea de reitores e gestores. É possível pensar que ao incorporarem a radiodifusão como uma atividade estratégica, a comunidade universitária também deverá pensar no processo de funcionamento e administração desses meios, valorizando o seu sentido público e refinando as formas de interação com a sociedade. Por sua natureza pública, esses meios devem expressar uma sintonia fina com distintos segmentos da sociedade, especialmente com aqueles que não se veem refletidos nos conteúdos oferecidos pela mídia comercial.

Apesar dos percalços provocados no sistema de emissoras de rádio e TV educativas vinculadas às universidades e institutos federais com as mudanças do

governo de Dilma Rousseff para o de Michel Temer, em 2016; um fator que gera estranhamentos é a decisão do Ministério da Educação de jamais ter feito uso das informações e propostas geradas a partir deste estudo tão rico e necessário.

## REFERÊNCIAS

BIANCO, Nelia R. D. Rádio e o cenário da convergência tecnológica. BIANCO, Nelia R. D (org). **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência**. São Paulo: Intercom, 2012 p. 16-37.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Gabinete do ministro: portarias e despacho do Ministro, de 14 de maio de 2015. Diário Oficial da União. Brasília: Imprensa Nacional, Seção 1, p. 40-43, 15 maio 2015

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Portaria nº 4.335/2015/SEI-MC, de 17 Set. 2017. Dispõe sobre os procedimentos de permissão e concessão para execução dos serviços de radiodifusão sonora em frequência modulada e de sons e imagens, com finalidade exclusivamente educativa. Diário Oficial da União. Brasília: Imprensa Nacional, Seção 1, p. 80-83, 21 Set. 2015.

UNESCO. **Public Broadcasting: Why? How?**. World Radio and Television Council, 2001. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001240/124058Eo.pdf>. Acessado em em 20/Fev/2010.

UNESCO. **Radiotelevisión de servicio público: un manual de mejores prácticas**. San Jose, Costa Rica: Oficina de la UNESCO para América Central, 2006.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.

# EXPANSÃO DO RÁDIO UNIVERSITÁRIO NO BRASIL: uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer

Octavio Penna Pieranti<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

A expansão do rádio universitário não depende apenas do interesse de universidades e outras instituições de ensino em operar essas emissoras. Depende também, de forma determinante, de uma política pública de incentivo à outorga de novas estações que confira simultaneamente preferência a instituições de ensino, publique editais para a seleção de novos candidatos e crie alternativas legais de sustentabilidade para esse meio.

Este capítulo tem o objetivo de comparar a política pública voltada à expansão do rádio universitário nos governos Dilma e Temer. Serão abordados não apenas os principais elementos dessas políticas, como também seus resultados concretos, ou seja, as novas outorgas e os processos seletivos que poderão culminar nelas.

Faz-se importante lembrar, neste ponto, que o rádio universitário, do ponto de vista legal, não é um serviço de radiodifusão ou uma modalidade de serviço. Normalmente as instituições de ensino superior operam emissoras de radiodifusão educativa (ou “com fins exclusivamente educativos”), esse sim um serviço de

---

<sup>1</sup> Pesquisador Emérito do Núcleo de Estudos de Administração Brasileira (ABRAS/UFF) e do Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã (Lecotec-FAAC/UNESP). A comparação entre as políticas públicas dos dois governos, objeto deste capítulo, está amparada em literatura, legislação pertinente e sobretudo em dados sobre as outorgas e processos seletivos. Essas informações foram publicadas no Diário Oficial da União (D.O.U.) e são, portanto, públicas, podendo ser acessadas pela Internet por qualquer pesquisador interessado no tema. Para facilitar esse acesso, informarei a data de publicação no D.O.U. sempre que tratar individualmente de uma outorga ou processo seletivo.

radiodifusão. O que se convencionou chamar de “rádio universitário” é, assim, o grupo de estações de instituições de ensino superior. Analisar a expansão desse segmento passa necessariamente, portanto, por tratar do avanço da radiodifusão educativa – essa, sim, objeto mais direto de políticas públicas. Ao longo do texto, ambas expressões serão citadas quando pertinentes.

Não é objetivo deste capítulo tratar do chamado “rádio web” implementado por algumas instituições de ensino superior, ainda que se reconheça essa prática como uma alternativa importante nesse segmento. As iniciativas de operação exclusivamente via web não dependem de outorga estatal, ou seja, dependem basicamente da vontade, da estrutura e do esforço da própria instituição de ensino superior.

## EM BUSCA DO NOVO E O ENCONTRO COM O VELHO

Durante cerca de dez anos, entre a metade da primeira e da segunda décadas do novo milênio, a busca por uma solução para inovações no meio rádio mirou, como primeira opção, no que vinha sendo realizado para a TV. Em 2003, o Brasil começou a regulamentar a criação de um sistema brasileiro de TV digital, o que se complementou em 2006, com a edição do decreto nº 5.820. A decisão de adotar o padrão japonês com acréscimos desenvolvidos no Brasil foi objeto de polêmica, notadamente no meio acadêmico, que apontava (a) a perda da oportunidade para se discutir toda a estrutura de propriedade da TV no Brasil; (b) a pressão política dos grandes grupos de mídia; e (c) a opção por uma decisão focada apenas em critérios técnicos, desconsiderando outros elementos inerentes à própria natureza desse meio de comunicação no país (MOTA; TOME; TAVARES, 2006; BOLAÑO; BRITTO, 2007; JAMBEIRO, 2008; ROTHBERG; KERBAUY, 2008).

Os anos que se seguiram à decisão foram marcados por investimentos contidos, adiamentos no cronograma e incerteza quanto à possibilidade de digitalização de um parque com cerca de 10 mil estações (à época) e quanto à

disposição da sociedade em trocar todos os seus receptores de TV ou comprar conversores digitais. Faltavam planejamento e financiamento para a empreitada.

Esse segundo problema foi equacionado a partir do interesse das prestadoras de serviços de telecomunicações em utilizar a chamada faixa de 700 MHz, antes usada pela TV no Brasil. A decisão de licitar essa faixa, tomada em um contexto de enfoque na política pública de massificação da banda larga, foi acompanhada da previsão de custeio, pelas prestadoras que adquiriram as frequências, de ressarcir os investimentos feitos anteriormente em TV Digital pelas estações. Em paralelo, o edital de licitação previa que essas mesmas prestadoras de serviços de telecomunicações deveriam arcar com os custos do equipamento de recepção para a população de baixa renda. Essas decisões contribuíram para o atual sucesso da política de desligamento da TV Analógica, sem sobressaltos notáveis – pelo menos até janeiro de 2019, quando este artigo foi concluído -, a despeito de atrasos pontuais no cronograma de desligamento.

A digitalização também parecia ser uma solução natural para o rádio. Testes foram planejados e realizados, em um primeiro momento, envolvendo o padrão norte-americano e, logo a seguir, um dos padrões europeus. O ganho em termos de qualidade percebida do áudio, no entanto, começou a parecer pequeno frente aos problemas que surgiam, como deficiências de cobertura e atraso na recepção do sinal (KISCHINHEVSKY, 2014). Uma nova rodada de testes foi realizada pelo Ministério das Comunicações, Anatel e outras organizações em 2011 e 2012. Problemas semelhantes foram verificados e debatidos com as entidades atuantes no setor, de forma estruturada, em um Conselho Consultivo do Rádio Digital, onde esvaneceu o entusiasmo com uma decisão rápida (DEL BIANCO, 2015). Uma nova bateria de testes, imaginada a partir de 2014, nunca foi realizada, em parte, graças ao desinteresse das emissoras, que seriam parceiras naturais.

Enquanto crescia a percepção de que a digitalização do rádio seria difícil, ao menos naquele momento, o setor, capitaneado pelas emissoras comerciais, começou a defender outra alternativa. Ainda em 2013 foi publicado o decreto nº

**Expansão do rádio universitário no Brasil:  
uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer**

8.139, de 7 de novembro, que permitiu a migração de emissoras AM para a faixa de FM. Esse processo, ainda em curso, permitiu a redução de custos e a melhoria da qualidade percebida do áudio, porém acabou sendo retardado nas principais regiões econômicas do país, já que nelas seria necessário o uso de uma faixa de frequências a ser liberada apenas com o desligamento da TV Analógica.

Outra alternativa possível para a redução de custos seria o rádio web, abandonando-se a tradicional transmissão via radiofrequência. Essa opção oferece inegáveis vantagens, como a desnecessidade de um processo de outorga (ou seja, a criação de uma “estação” é livre) e baixo custo de equipamentos, se comparados aos necessários a uma estação tradicional. No entanto, também existem desvantagens gritantes, como uma audiência potencialmente bem mais baixa e um mercado publicitário menos pujante.

Instituições de ensino superior tiveram poucas opções. A digitalização da transmissão passou a não ser, ao menos no curto prazo, uma alternativa. Como as já existentes operavam, em grande parte, em FM, a possibilidade de migração a partir do AM causou pouco impacto. A única alternativa concreta às emissoras FM, com todas as suas vantagens e desvantagens, era a rádio web. Mas a massificação de emissoras educativas, aí incluídas as universitárias, passou, de repente, a ser objeto de ações de incentivo pelo governo federal.

## **A REESTRUTURAÇÃO DA RADIODIFUSÃO EDUCATIVA**

A partir de 2011, iniciada uma nova gestão no Ministério das Comunicações, o serviço de radiodifusão educativa – aí incluído o rádio universitário – seria objeto de um conjunto de ações que podem ser divididos em dois grupos. Iniciativas parecidas foram desenvolvidas também em relação a outros serviços de radiodifusão – retransmissoras de TV, radiodifusão comunitária, consignações da União -, mas que fogem ao escopo deste artigo.

Um primeiro grupo de ações dizia respeito à revisão das regras válidas para o serviço. No caso da radiodifusão educativa, o elemento mais marcante dessas regras era a completa discricionariedade no processo de outorga, ou seja, escolher a entidade beneficiada era uma decisão da autoridade competente sem a necessidade de obediência a nenhum processo seletivo baseado em critérios objetivos. Esse cenário prevaleceu por décadas: a “televisão educativa” foi prevista como um serviço, pela primeira vez, no decreto-lei nº 236 de 1967; ato contínuo, passaram a ser expedidas outorgas também para novas emissoras de rádio educativo; e apenas em 2011 foi criado, por portaria do Ministério das Comunicações, um processo seletivo obrigatório e baseado em critérios objetivos para novas emissoras.

A despeito dessa discricionariedade prolongada, as principais universidades federais do país e algumas estaduais receberam outorgas de emissoras de rádio e, às vezes, de TV antes de 2011. Uma exceção digna de nota nesse grupo foi a UFRJ, que só veio a receber o direito de implementar sua emissora de rádio, em parceria com a EBC, em 2014. A tabela a seguir reflete o cenário da radiodifusão educativa (emissoras de TV e rádio FM) no país em 2010:

Tabela 1: Outorgas de radiodifusão educativa (até 2010)

Classificação	Total de outorgas	Percentual
Universidades públicas (e fundações de apoio)	35	6
Estados (administração direta e indireta)	32	5,5
Municípios (administração direta e indireta)	21	3,6
Universidades privadas (e fundações de apoio)	26	4,4
Fundações de direito privado	472	80,5
<b>Total</b>	<b>586</b>	<b>100</b>

Fonte: PIERANTI (2016)

No governo Dilma, as novas regras para o processo seletivo foram estabelecidas de 2011 a 2015. O Ministério das Comunicações editou quatro portarias: nº 256, de 6 de julho de 2011, submetida anteriormente à consulta pública, processo incomum à época; nº 420, de 14 de setembro de 2011; nº 355, de 12 de julho de 2012; e nº 4.335, de 17 de setembro de 2015. Não se faz necessário, aqui, pormenorizar as

**Expansão do rádio universitário no Brasil:  
uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer**

diferenças entre cada uma dessas portarias, e sim apenas apontar uma regra crucial para o rádio universitário: ao prever sempre processos seletivos abertos, as portarias estabeleceram que entidades públicas, aí incluídas as instituições de ensino, teriam prioridade para obter outorgas, caso houvesse disputa com mais de um interessado. Além disso, na ausência de interesse de entidades públicas, as portarias estabeleceram que as instituições privadas de ensino teriam preferência, quando concorressem com fundações de direito privado não vinculadas a instituições de ensino.

O segundo grupo de ações se materializou nos Planos Nacionais de Outorgas (PNOs). Esses documentos estabeleciam cronogramas dos editais que seriam publicados para novas outorgas, indicando os municípios que seriam contemplados. Com isso, entidades interessadas poderiam preparar sua documentação com antecedência e o processo de outorga poderia ser acompanhado de forma mais transparente. Entre 2011 e 2016 o Ministério das Comunicações publicou três PNOs que contemplavam simultaneamente novas outorgas para TV e rádio educativas:

Tabela 2: PNO de Radiodifusão Educativa (2011)

<b>Mês de divulgação</b>	Julho/2011
<b>Nº de editais</b>	14
<b>Nº de municípios</b>	475
<b>Início</b>	Agosto/2011
<b>Fim</b>	Novembro/2012 (previsão)

**Fonte:** PIERANTI (2017)

Tabela 3: PNO de Radiodifusão Educativa (2015-16)

<b>Mês de divulgação</b>	Setembro/2015
<b>Nº de editais</b>	5
<b>Nº de municípios</b>	375
<b>Início</b>	Outubro/2015
<b>Fim</b>	Junho/2016 (Previsão)

**Fonte:** PIERANTI (2017)

Tabela 4: PNO de Radiodifusão Educativa (2016-17)

<b>Mês de divulgação</b>	Maio/2016
<b>Nº de editais</b>	7
<b>Nº de municípios</b>	235 (Fase 1) + 509 (Fase 2)
<b>Início</b>	Agosto/2016 (Previsão)
<b>Fim</b>	Maio/2017 (Previsão)

**Fonte:** PIERANTI (2017)

As tabelas são autoexplicativas, sendo necessários apenas dois breves comentários. O lançamento dos editais previstos no primeiro plano foi interrompido em virtude de dificuldades administrativas. Já o terceiro PNO estava dividido em duas fases, porque a primeira contemplaria municípios com canal existente (“incluído no Plano Básico”, no jargão técnico) e vago, ao passo que, para a segunda, a Anatel deveria realizar os estudos técnicos pertinentes para incluir novos canais. Essas iniciativas começaram a gerar resultados ainda no mesmo governo.

## OS RESULTADOS DAS POLÍTICAS IMPLEMENTADAS NO GOVERNO DILMA

Em pouco tempo, os PNOs começaram a gerar resultados efetivos. O interesse pelas novas emissoras foi grande, em parte graças a uma procura maciça de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs). Esses institutos, por sua vez, são consequência de política pública voltada à expansão do ensino técnico no país, iniciada nos anos anteriores, e, até então, não dispunham de emissoras de radiodifusão. Considerando o escopo deste capítulo, o resultado mais evidente dos PNOs é um conjunto de 39 novas emissoras de rádio vinculadas a instituições de ensino superior, a maior parte das quais a ser mantida por entidades públicas. A tabela a seguir apresenta UF, município, instituição de ensino contemplada e data de publicação da portaria de outorga no Diário Oficial da União:

**Expansão do rádio universitário no Brasil:  
uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer**

Tabela 6: Novas outorgas de rádio educativa de instituições de ensino (2011-2016)

UF	Município	Entidade	Data D.O.U.
AL	Arapiraca	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - IFAL	14/11/2014
AL	Palmeira dos Índios	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia	15/05/2015
BA	Bom Jesus da Lapa	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IF Baiano	15/05/2015
BA	Feira de Santana	Universidade Estadual de Feira de Santana	03/07/2014
BA	Ilhéus	Universidade Estadual de Santa Cruz	25/06/2014
BA	Jacobina	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia	11/01/2016
BA	Jequié	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb	15/05/2015
CE	Aracati	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE - Campus Aracati	15/05/2015
CE	Crateús	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE	15/05/2015
CE	Crato	Universidade Regional do Cariri - Urca	25/06/2014
CE	Juazeiro do Norte	Universidade Federal do Ceará- Ufc	15/05/2015
GO	Anápolis	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás	15/05/2015
GO	Rio Verde	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano	15/05/2015
MG	Barbacena	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais	28/07/2014
MG	Governador Valadares	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais	15/05/2015
MG	Ituiutaba	Universidade Federal de Uberlândia	25/06/2014
MG	Januária	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais	10/03/2014
MG	Uberaba	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro	16/07/2014
MS	Dourados	Fundação Universidade Federal da Grande Dourados	10/03/2014
PA	Marabá	Universidade Federal do Pará	10/09/2015

Octavio Penna Pieranti

PA	Santarém	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará	10/03/2014
PB	Campina Grande	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba	17/04/2015
PR	Londrina	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Paraná	12/05/2016
PR	Paranaguá	Instituto Federal De Educação Ciência e Tecnologia do Paraná	10/03/2014
PR	Paranavaí	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Paraná	11/01/2016
PR	Telêmaco Borba	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná	10/03/2014
RJ	Nova Friburgo	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow	10/03/2014
RS	Bagé	Universidade Federal do Pampa	25/06/2014
RS	Santa Cruz do Sul	Fundação Unisc de Comunicações	15/05/2015
RS	Santana do Livramento	Universidade Federal do Pampa	21/09/2015
RS	São Borja	Universidade Federal do Pampa	25/06/2014
RS	Uruguaiana	Universidade Federal do Pampa	16/07/2014
RS	Venâncio Aires	Fundação Unisc de Comunicação - Fundação Teleunisc	12/05/2016
SC	Chapecó	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC)	14/11/2014
SC	Criciúma	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC)	10/03/2014
SE	Estância	Fundação Universidade Federal de Sergipe - FUFS	10/03/2014
SE	Itabaiana	Fundação Universidade Federal de Sergipe - FUFS	25/06/2014
SE	Lagarto	Fundação Universidade Federal de Sergipe - FUFS	29/05/2014
SP	Franca	Centro Universitário de Franca – UniFacef	15/05/2015

Fonte: Elaboração do autor

Vale lembrar, neste ponto, que novas outorgas de radiodifusão educativa devem também ser apreciadas pelo Congresso Nacional. Esse rito pode demorar,

**Expansão do rádio universitário no Brasil:  
uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer**

no entanto são raros os exemplos de rejeição. Além disso, atos publicados em 12 de maio de 2016, primeiro dia do governo Temer, foram considerados como decisões do governo Dilma, já que tomadas, no mais tardar, na véspera.

Antes da outorga, o Ministério das Comunicações, a depender da portaria vigente na época do edital, publica o resultado preliminar, que ainda pode ser questionado por recursos, e o resultado definitivo, que anuncia a entidade vencedora e concede prazo extra para a apresentação da documentação técnica pendente. Além dessas 39 novas outorgas, entre 2011 e maio de 2016, o Ministério das Comunicações publicou o resultado de, pelo menos, outras 44 concorrências em que a entidade vencedora também era uma instituição de ensino superior. A lista dessas concorrências está na tabela a seguir:

Tabela 7: Concorrências vencidas por instituições de ensino (2011-2016)

UF	Município	Entidade	Data D.O.U.
AC	Rio Branco	Universidade Federal do Acre	16/02/2016
AL	Penedo	Universidade Federal de Alagoas	12/05/2016
AL	Santana do Ipanema	Universidade Federal de Alagoas	08/05/2014
AL	Viçosa	Universidade Federal de Alagoas	16/02/2016
BA	Muritiba	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	16/02/2016
BA	Feira de Santana	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	16/02/2016
CE	Cedro	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará	11/05/2016
ES	Santa Teresa	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo	19/02/2016
GO	Trindade	Universidade Federal de Goiás	17/03/2014

Octavio Penna Pieranti

GO	Trindade	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás	10/05/2016
MA	Barreirinhas	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão	13/05/2015
MA	Santa Inês	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão	19/02/2016
MA	Pedreiras	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão	10/05/2016
MA	Barra do Corda	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão	11/05/2016
MG	Mariana	Universidade Federal de Ouro Preto	25/04/2013
MG	Frutal	Universidade do Estado de Minas Gerais	25/04/2013
MG	João Pinheiro	Centro Educacional Hyartemil Ltda	04/08/2015
MG	Monte Carmelo	Universidade Federal de Uberlândia	08/05/2014
MG	Passos	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais	17/02/2016
MG	Florestal	Universidade Federal de Viçosa	17/02/2016
MG	São João Del Rei	Fundação Universidade Federal de São João Del Rei	16/02/2016
MG	Almenara	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais	10/05/2016
MG	Porteirinha	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais	11/05/2016
MS	Paranaíba	Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	17/02/2016

**Expansão do rádio universitário no Brasil:  
uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer**

MT	Barra do Garça	Instituto Federal de Mato Grosso	26/05/2014
MT	Primavera do Leste	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso	11/01/2016
MT	Cuiabá	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso	10/05/2016
MT	Jaciara	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso	11/05/2016
PA	Santarém	Universidade Federal do Oeste do Pará	24/03/2016
PB	Guarabira	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba	23/06/2014
PB	Cajazeiras	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba	15/05/2015
PB	Sapé	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba	17/02/2016
PB	São José do Bonfim	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba	16/02/2016
PE	Petrolina	Universidade Federal do Vale do São Francisco	16/02/2016
PI	Floriano	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí	10/05/2016
RN	Mossoró	Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - FUERN	17/02/2016
RO	Porto Velho	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia	08/05/2014
RR	Cantá	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima	10/05/2016
RS	Lagoa Vermelha	Fundação Universidade de Passo Fundo	18/02/2016

Octavio Penna Pieranti

SC	Camboriú	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense	23/06/2014
SC	Videira	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense	12/08/2014
SC	Joinville	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina	17/02/2016
SC	Itajaí	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina	17/02/2016
SP	Garça	Fundação Universitária de Radiodifusão Educativa	14/05/2015

Fonte: Elaboração do autor

O resultado do PNO para o rádio universitário era digno de nota, mas, graças à combinação entre os novos editais e a regra de priorização de outorgas para entidades públicas, o impacto era ainda mais amplo. A tabela a seguir leva em consideração todas as entidades que foram contempladas com novas outorgas ou selecionadas como vencedoras nos editais de radiodifusão educativa desse período:

Tabela 8: Perfil das entidades vencedoras das concorrências de radiodifusão educativa (de 2011 a maio de 2016)

Classificação	Total de outorgas	Percentual
IES públicas (e fundações de apoio) e IFETs	59	62,8
Estados (administração direta e indireta)	4	4,2
Municípios (administração direta e indireta)	4	4,2
Universidades privadas (e fundações de apoio)	4	4,2
Fundações de direito privado	23	24,6
<b>Total</b>	<b>94</b>	<b>100</b>

Fonte: PIERANTI (2016)

Em trabalho anterior, ao analisar os resultados do PNO, notadamente as tabelas 5 e 8, constatei que:

### Expansão do rádio universitário no Brasil: uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer

Quando se compara esta tabela com a anterior, verifica-se que a definição de critérios, neste período, em consonância com a legislação vigente, ajudou a inverter o panorama da radiodifusão educativa. Se, anteriormente, 80,5% das outorgas eram detidas por fundações de direito privado, a nova metodologia levou à vitória, em concorrências, de entes e entidades públicas, bem como instituições de ensino, em 75% dos casos. Assim, a radiodifusão educativa passava a contemplar o público para o qual fora, de fato, criada – setor público e instituições de ensino. (PIERANTI, 2017, p. 146).

## A DESACELERAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA RADIODIFUSÃO EDUCATIVA NO GOVERNO TEMER

Em maio de 2016, ao começar, o governo Temer dispunha de condições objetivas para ampliar a expansão da radiodifusão educativa no país. Havia um PNO em andamento e outro já formulado e publicado, como apresentado na seção anterior. Além disso, existiam diversas concorrências em andamento, dos planos anteriores, ainda sem vencedores. Também estavam em curso concorrências com vencedores, dentre as quais as mencionadas anteriormente, que poderiam resultar em outorga.

O novo governo manteve a previsão de um processo seletivo para novas outorgas de radiodifusão educativa e editou uma nova portaria, nº 3.238, de 20 de junho de 2018. No que tange ao escopo deste capítulo, ela manteve, em geral, as regras vigentes, sendo que estabeleceu, em relação a novas outorgas, a prioridade de instituições de ensino públicas até em relação a outras instituições públicas.

Uma inovação importante diz respeito ao proselitismo. A portaria anterior vedava esse tipo de manifestação em emissoras educativas; já a nova regulamentação não faz menção ao termo. Tacitamente, assim, passou a ser aceito, o que legitimaria, por exemplo, emissoras com programação eminentemente religiosa.

Essa opção encontrou respaldo em uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), anunciada cerca de um mês antes. O STF considerou inconstitucional o art. 4º

da lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, que regulamenta o serviço de radiodifusão comunitária, no que tangia à vedação ao proselitismo (RICHTER, 2018). Ora, se essa prática poderia ser aceita, segundo o Tribunal, em rádios comunitárias, como impedi-la em emissoras educativas?

A principal novidade do governo Temer no campo da radiodifusão educativa, contudo, ocorreu em relação à revisão da política de estímulo a novas outorgas. Inicialmente não foi publicado o último edital do segundo PNO mencionado (Tabela 3), previsto ainda para o primeiro semestre de 2016. A seguir, o novo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), resultado da fusão do Ministério das Comunicações com o antigo MCT, deixou de implementar todo o terceiro PNO (Tabela 4). Assim, o novo ministério abdicou de publicar novos editais e conseqüentemente estimular o avanço da radiodifusão educativa.

Existiam, ainda, contudo, os processos seletivos publicados pelo governo anterior e não concluídos. Das 1.833 outorgas de serviço de radiodifusão expedidas pelo governo Temer ao longo de pouco mais de dois anos e meio, apenas 30 (1,63%) são de emissoras educativas. Dessas, apenas 11(36,6% do total de educativas, mas apenas 0,6% do total de outorgas de todos os serviços) são novas-estações universitárias, conforme a tabela a seguir:

Tabela 9: Novas outorgas para instituições de ensino superior (maio de 2016-2018)

UF	Município	Entidade	Data D.O.U.
AL	Santana do Ipanema	Universidade Federal de Alagoas	02/10/2018
BA	Barreiras	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia	19/09/2018
MA	Barreirinhas	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão	02/10/2018
MG	João Pinheiro	Centro Educacional Hyarte-ML Ltda	17/07/2017
MG	Mariana	Universidade Federal de Ouro Preto	02/02/2018
MG	Monte Carmelo	Universidade Federal de Uberlândia	05/04/2018
PA	Marabá	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará	28/03/2018

**Expansão do rádio universitário no Brasil:  
uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer**

PB	Cajazeiras	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba	22/03/2018
PB	Guarabira	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba	23/03/2018
RO	Porto Velho	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia	05/11/2018
SC	Videira	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense	02/10/2018

Fonte: Elaboração do autor

Além de expedir menos outorgas de radiodifusão educativa, o governo federal não concluiu grande parte dos processos seletivos que ainda estava em curso. Foram verificados 37 casos de publicação de resultados de concorrências, sendo que em 10 a entidade vencedora foi uma instituição de ensino superior, conforme a tabela abaixo:

Tabela 10: Concorrências vencidas por instituições de ensino (junho de 2016-2018)

UF	Município	Entidade	Data D.O.U.
AL	Viçosa	Universidade Federal de Alagoas	01/10/2018
BA	Muritiba	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	01/10/2018
GO	Mineiros	Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior	01/10/2018
MA	Santa Inês	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão	01/10/2018
MG	Passos	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais	01/10/2018
MG	São João Del Rei	Fundação Universidade Federal de São João Del Rei	01/10/2018

MG	Florestal	Universidade Federal de Viçosa	25/09/2018
MS	Paranaíba	Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	01/10/2018
MT	Campo Novo do Parecis	Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração do Vale do Juruena	25/09/2018
MT	Barra do Bugres	Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração do Vale do Juruena	25/09/2018

Fonte: Elaboração do autor

Por fim, não foi considerado na análise um grupo de concorrências cujos resultados preliminares foram publicados entre os dias 13 e 25 de maio de 2016. São decisões ainda assinadas pelas autoridades competentes durante o governo Dilma, mas cujos resultados foram publicados nas duas primeiras semanas do governo Temer. Não é possível, assim, vincular as decisões a uma só gestão. Como este capítulo compara os dois governos, optou-se por descartar esses resultados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente cabe pontuar que os dois governos estudados não atuaram no sentido de criar condições para uma melhor sustentabilidade do setor – pelo menos não diretamente, com a criação de novas fontes de recursos para as emissoras. Alternativas nesse sentido seriam, por exemplo, a publicação de editais específicos de fomento e a proposta de uma revisão da legislação que permitisse às emissoras recorrer a outros mecanismos de financiamento. Vale lembrar que as emissoras educativas não podem sequer veicular publicidade comercial.

Nesse ponto termina qualquer semelhança entre as duas gestões. O levantamento apresentado demonstra uma desaceleração do processo de

**Expansão do rádio universitário no Brasil:  
uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer**

massificação da radiodifusão educativa, aí incluído o rádio universitário no país, durante o governo Temer, depois de uma expansão considerável durante o governo Dilma. Duas comparações são bastante elucidativas nesse sentido: (a) o governo Dilma outorgou 39 novas rádios para instituições de ensino superior e reconheceu a vitória de, pelo menos, 44 em processos seletivos, enquanto o governo Temer foi responsável, respectivamente, por 11 e 10; (b) o governo Dilma publicou três PNOs com a possibilidade de até 1594 outorgas de radiodifusão educativa, ao passo que o governo Temer não publicou nenhum, interrompeu o vigente e deixou de implementar um já previsto. Ou seja: além de expedir menos outorgas para instituições de ensino superior, o governo Temer, na prática, criou as condições necessárias para impedir a massificação da radiodifusão educativa nos próximos anos.

Os processos de outorga em tela podem não ter chegado ao fim por falta de análise pelo ministério ou por dificuldades das próprias entidades candidatas para apresentação da documentação pendente. Conhecer o real motivo demandaria uma análise de cada processo, que só poderia ser realizada mediante acesso aos mesmos. Isso não foi feito nessa pesquisa, nem era um dos seus objetivos.

No momento de conclusão deste artigo – janeiro de 2019 – o novo governo federal ainda não tinha apresentado seus planos para a radiodifusão educativa, não sendo possível afirmar com certeza as perspectivas para o setor. No entanto, os elementos apresentados neste artigo já sugerem alguns pontos de observação para pesquisadores e profissionais interessados no setor.

Um primeiro é o acompanhamento de implementação das 50 novas outorgas listadas (39 durante o governo Dilma e 11 expedidas no governo Temer). Essas emissoras têm o desafio de estabelecer suas operações em mercados consolidados e, em algumas regiões, enfrentar uma possível perda de audiência do meio rádio. Por outro lado, podem começar a operar de forma mais racional, do ponto de vista econômico, aproveitando-se das novas tecnologias e da dinâmica de produção de

conteúdo bem diferentes das que existiram outrora. O segundo ponto é a análise de como (e se) terminarão os processos seletivos ainda não concluídos nos PNOs.

Por fim, cabe ressaltar que, em que pese a alternativa de expansão do rádio universitário pela web, avalia-se que a operação “tradicional” via radiofrequência ainda é importante para atingir um maior público potencial e cumprir a finalidade social dessas emissoras. Assim, uma política pública de incentivo à expansão desse segmento é não apenas desejável, como também necessária.

## REFERÊNCIAS

BOLAÑO, César; BRITTOS, Valério Cruz. **A televisão brasileira na era digital: Exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes.** São Paulo: Paulus, 2007.

DEL BIANCO, Nelia. Atuação do Conselho Consultivo do Rádio Digital: Em Busca de um Formato De Digitalização Adequado à Realidade Brasileira. Rev. FSA, Teresina, v. 12, n. 1, art. 4, p. 45-60, jan./fev. 2015. Disponível em: <http://189.43.21.151/revista/index.php/fsa/article/view/781/404>. Acesso em: 20 dez. 2018.

JAMBEIRO, Othon. A regulação da TV no Brasil: 75 anos depois, o que temos? **Estudos de Sociologia**, Ano 12, n. 24, 1º semestre 2008, p. 85-104.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Descaminhos da digitalização do rádio no Brasil. In: Maria Berenice Machado; Ruy Sardinha Lopes. (Org.). **Socicom Debate - Democratização da Comunicação**. 1ed. São Paulo: Socicom, 2014, v. 1, p. 31-36.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES. Portaria nº 3.238, de 20 de junho de 2018. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 jun. 2018.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Portaria nº 256, de 6 de julho de 2011. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 jul. 2011.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Portaria nº 420, de 14 de setembro de 2011. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 set. 2011.

Expansão do rádio universitário no Brasil:  
uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Portaria nº 355, de 12 de julho de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jul. 2012.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Portaria nº 4.335, de 17 de setembro de 2015. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 set. 2015.

MOTA, Maria Regina de Paula; TOME, Takashi; TAVARES, Francisco. O processo de deliberação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital: aspectos técnicos, políticos e jurídicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO,

XXIX, 2006, Brasília. **Anais**. Brasília: INTERCOM, 2006. 1 CDROM.

PIERANTI, Octavio Penna. Mudança de rumo na radiodifusão educativa: estabelecimento de regras para novas outorgas e implementação de uma política de massificação do serviço (2011-2016). **Revista EPTIC On-Line**, v. 18, n. 3, set.-dez. 2016.

PIERANTI, Octavio Penna. **Políticas públicas de radiodifusão no Governo Dilma**. Brasília: Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2017.

RICHTER, André. Decisão do STF libera proselitismo em programação de rádio comunitária. Agência Brasil, 16 mai. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2018-05/decisao-do-stf-libera-proselitismo-em-programacao-de-radio-comunitaria>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ROTHBERG, Danilo; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Lei de telecomunicações e órgão regulador no Brasil: desafios e obstáculos à luz da experiência britânica e europeia. **Estudos de Sociologia**, Ano 12, n. 24, 1º semestre 2008, p. 141-56.

# RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL – DIVERSIDADE DE ESTRUTURAS E DESAFIOS À GESTÃO<sup>1</sup>

Marcelo Kischinhevsky<sup>2</sup>

Izani Mustafá<sup>3</sup>

Scarlat Suelen Guimarães do Vale<sup>4</sup>

A radiodifusão universitária vive forte expansão no Brasil no século XXI, na esteira do crescimento das outorgas de canais educativos e da percepção de sua relevância social e cultural, oferecendo um importante meio de comunicação com os diversos públicos de interesse das instituições de ensino superior. Paradoxalmente, no entanto, enfrenta desafios extraordinários para atingir a sustentabilidade, resultantes de incertezas regulatórias, da falta de recursos para investimentos e custeio e da baixa institucionalidade de muitas emissoras – não raro, afetadas pela alternância de grupos de poder nas universidades.

---

1 Versão revista e ampliada de trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, durante o XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em setembro de 2018, na Univille, em Joinville (SC). Agradecemos à ex-bolsista de Iniciação Científica (IC) Lorena Hang, pelo apoio na fase inicial da elaboração do questionário aplicado e na consolidação das respostas válidas, e à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e ao Departamento de Inovação da UERJ, pelo apoio à presente pesquisa.

2 Professor do Núcleo de Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ). É coordenador do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (2019-), presidente do Conselho Geral da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA) e autor de livros como Rádio e mídias sociais (2016) e Rádio sem onda (2007). Email: marcelok@forum.ufrj.br.

3 Professora do Departamento de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA – campus Imperatriz), doutora em Comunicação Social (PUCRS), mestre em História do Tempo Presente (Udesc), jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e integrante do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Email: izani.mustafa@gmail.com.

4 Graduanda em Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ) e bolsista de Iniciação Científica do AudioLab. Email: scarlatsuelen@gmail.com.

Cartografia em andamento (cujos resultados preliminares foram sistematizados em KISCHINHEVSKY, MUSTAFÁ, MATOS e HANG, 2018, MUSTAFÁ, KISCHINHEVSKY e MATOS, 2017) detectou a existência de 104 emissoras em atividade no país, entre AM/FM e web rádios, vinculadas a 91 instituições de ensino superior. Do total, 68 são estações FMs, seis emissoras na faixa AM e 30 estações com distribuição de conteúdo exclusivamente via internet.

A maior parcela, 40 emissoras – 25 FMs, 11 web rádios e quatro AMs –, é administrada por instituições de ensino superior (IES) públicas federais. Em segundo lugar, vêm as emissoras geridas por IES privadas (25, das quais 19 FMs, cinco web rádios e uma AM). Em terceiro, empatadas (13 cada), vêm as IES públicas estaduais (12 FMs e uma web) e as universidades confessionais (seis FMs, seis emissoras via internet e uma AM). Completam a lista as IES comunitárias (oito FMs e uma web rádio) e as IES públicas municipais (seis emissoras – quatro FMs e duas web rádios).

Mais da metade das emissoras identificadas (55 das 104) foi inaugurada nos anos 2000 (33, das quais 22 FMs e 11 web rádios) e 2010 (22, das quais 14 web rádios e oito FMs). Dados do Ministério das Comunicações indicavam, no entanto, que o número de emissoras vinculadas a instituições de ensino superior poderá crescer ainda mais nos próximos anos, na esteira de processos seletivos realizados durante o governo Dilma Rousseff, quando mudanças regulatórias favoreceram a alocação de canais a atores do setor público (PIERANTI, 2016, 2017).

Entre 2011 e 2015, foram 24 outorgas para a criação de novas emissoras administradas por 18 universidades ou fundações a estas vinculadas. Além disso, no mesmo período, 27 institutos federais de educação, ciência e tecnologia (IFETs), que oferecem do ensino médio profissionalizante à graduação e à pós-graduação, também venceram concorrências para instalação de estações de rádio educativas em todas as regiões do país.

Pela primeira vez na história, o Ministério das Comunicações cruzou, para o Plano Nacional de Outorgas (PNO) de Radiodifusão Educativa 2016-2017, a demanda existente por canais educativos, as frequências disponíveis no espectro

de radiofrequência e a presença de instituições de ensino superior nas cidades potencialmente contempladas. “O Plano Plurianual (PPA) do governo federal estipulara, como meta, o atendimento de 90% dos municípios que dispunham de instituições públicas de ensino superior pelo serviço de radiodifusão educativa” (PIERANTI, 2017, p. 66).

Na primeira fase do PNO, em sete editais, seriam contemplados 235 municípios para os quais existiam canais vagos no chamado Plano Básico. A segunda fase atenderia 509 municípios ainda sem canais básicos disponíveis, o que exigiria estudos da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) para alocação de frequências. Em 477 deles, havia demanda reprimida, ou seja, instituições já haviam manifestado interesse anterior em operar canais educativos.

Estes números podem ser ainda maiores, já que muitas universidades recorreram a parcerias com entidades públicas como a Empresa Brasil de Comunicação (EBC, holding pública de radiodifusão) para agilizar o processo de outorga e, portanto, seus nomes não aparecem como vencedoras nas concorrências. É o caso, por exemplo, da emissora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em fase de implantação, cuja consignação ficou em nome da EBC, para ser operada em parceria com a instituição de ensino superior.

Entre essas emissoras, há situações em que o processo de outorga ainda não foi concluído, porque restam outras fases e documentos a serem encaminhados. Ainda assim, e mesmo considerando que muitos processos foram paralisados após o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, o cenário que se apresenta é de expansão da radiodifusão educativa de caráter universitário nos próximos anos.

Nesse contexto, cresce a importância de entendermos como estas emissoras estão estruturadas e como se inserem no mercado de radiodifusão sonora no Brasil, sejam elas públicas, privadas, comunitárias ou confessionais. Este movimento dos pesquisadores se articula com tendência internacional, especialmente no âmbito ibero-americano, que busca mapear as diferentes realidades da radiodifusão universitária nos países e o papel que esta desempenha em termos de promoção

da cultura, democratização da comunicação e divulgação científica e tecnológica (cf., entre outros, MARTÍN-PENA, PAREJO CUÉLLAR e VIVAS MORENO, 2016, MARTÍN-PENA, MARTA-LAZO e ORTIZ SOBRINO, 2016, CASAJÚS e GIORGI, 2017).

Com este objetivo, paralelamente ao levantamento de informações no âmbito da mencionada cartografia, os autores aplicaram um questionário *on-line* junto aos gestores das emissoras identificadas, bem como núcleos de produção laboratorial de rádio instalados em universidades e que distribuem conteúdo via internet, em streaming ou sob demanda. Ao fim de junho de 2018, as respostas válidas chegavam a 44, das quais 27 referiam-se a FMs educativas, 12 web rádios e/ou núcleos de produção laboratorial e distribuição de conteúdo via internet, três rádios AMs e duas rádios comunitárias vinculadas a instituições de ensino superior.

O questionário se divide entre informações gerais, dados sobre a programação das emissoras, atuação acadêmica e gestão. Neste artigo, devido a limitações de espaço, vamos nos ater aos resultados referentes à administração.

Entendemos que as questões relacionadas à gestão de emissoras, raras vezes objeto de reflexão acadêmica (cf. a respeito BUFARAH JR., 2016 e 2014), representam um eixo relevante de discussões que possibilitarão caminhar em direção à sustentabilidade e a uma institucionalização dos projetos, muitas vezes vítimas de disputas políticas no âmbito das universidades ou mesmo incompreendidos em toda sua potencialidade de comunicação com públicos internos e externos.

## DISTINTAS REALIDADES

As rádios universitárias brasileiras estão inseridas nas instituições de ensino superior de formas diversas e apresentam variadas experiências de gestão.

Metade das emissoras informou contar com uma gestão institucional, ou seja, uma administração profissionalizada, com equipe própria. Já 18,2% se apoiam em uma administração voluntarista, apresentando uma estrutura horizontal, em

que os estudantes desempenham papel-chave. As demais 31,8% adotam modelos mistos, com estruturas que combinam administração profissional e estruturas autogestionárias, em que estudantes das IES a que estão vinculadas respondem por programas ou horários específicos.

A vinculação às IES se dá de múltiplas formas. A maioria se subordina diretamente à Reitoria, às estruturas de Assessoria de Comunicação Social das universidades ou a fundações mantenedoras. Raras são as emissoras que se inserem em núcleos com posição de destaque nos organogramas das IES. É o caso, por exemplo, da mais antiga rádio universitária em operação, a Rádio da Universidade<sup>5</sup>, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, subordinada ao Centro de Teledifusão Educativa da UFRGS, e também das Rádios Universitária AM e FM, da Universidade Federal de Pernambuco, que integram o Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias da UFPE<sup>6</sup>.

Apenas nove rádios universitárias que responderam ao questionário estão vinculadas diretamente a unidades acadêmicas, como faculdades de Comunicação, ou a departamentos, especificamente de Comunicação, Jornalismo ou Produção Multimídia. Destas, a maioria é de web rádios. Só duas – Rádio FURB, da Universidade de Blumenau, de Blumenau (SC), e Rádio FAG FM, da Faculdade Sul Brasil, de Toledo (PR) – operam em FM.

Ainda que não estejam vinculadas a unidades acadêmicas, as emissoras que responderam ao questionário informaram contar com a supervisão de professores nas atividades desenvolvidas – a maioria da área de Comunicação (em geral, Jornalismo, e ocasionalmente Publicidade e Propaganda, Rádio, TV e Internet e Produção Multimídia), mas também foram relatadas interfaces com docentes de

---

5 A Rádio da Universidade AM informa ter iniciado suas operações oficialmente em 1957, mas já transmitia, em ondas curtas, desde 1951, sem autorização governamental, tendo passado um período de mais de três anos fora do ar. A Rádio Gazeta, vinculada hoje à Fundação Cásper Líbero, é mais antiga, de 1947, mas operava como emissora comercial até os anos 2000, quando passou a ser subordinada à pioneira escola paulistana de Jornalismo.

6 No fim de 2018, a Universitária AM foi rebatizada como Rádio Paulo Freire, em homenagem ao educador que foi um de seus idealizadores, passando a ser gerida pelo Departamento de Comunicação. Disponível em: [https://www.ufpe.br/agencia/noticias/-/asset\\_publisher/VQX2pzmP0mP4/content/id/1801079](https://www.ufpe.br/agencia/noticias/-/asset_publisher/VQX2pzmP0mP4/content/id/1801079). Último acesso: 10/12/2018.

cursos de Administração, Ciências da Computação, Direito, Engenharia Eletrônica, História, Letras, Música, Pedagogia e Química, responsáveis por programetes, boletins ou comentários. Em muitos casos, no entanto, há um único professor com dedicação integral às atividades, geralmente o coordenador da emissora. Raras são as que envolvem diversos professores supervisionando profissionais e estagiários, com ou sem bolsa.

Uma exceção é a Rádio UFMG Educativa, da Universidade Federal de Minas Gerais, de Belo Horizonte (MG), onde há 30 programetes produzidos sob responsabilidade de professores de diferentes áreas de conhecimento, além da participação de professores do Departamento de Comunicação Social (cursos de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas) na orientação de atividades desenvolvidas pelos estudantes bolsistas.

A maioria apresenta equipe insuficiente para dar conta de um mínimo de produção própria de conteúdo. Poucas têm quadro de funcionários estáveis para desempenhar as diversas funções características de uma emissora. Entre elas, destacam-se:

- A Rádio Universidade FM, vinculada à Fundação Sôsândrade, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA, campus São Luís), que emprega 30 pessoas;
- A Rádio Unesp FM, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp, campus Bauru), que conta com 23 servidores concursados (cinco operadores de áudio, cinco jornalistas, quatro locutores, três produtores, dois discotecários-programadores, dois técnicos em manutenção eletrônica e dois funcionários administrativos);
- A UEL FM, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com 20 servidores concursados;
- A UFMG Educativa, com 18 funcionários (incluindo oito jornalistas, três locutores, três técnicos de áudio e dois programadores musicais), sendo nove estatutários e nove terceirizados;

- A Rádio Universidade AM, vinculada à Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), de Santa Maria (RS), com 17 estatutários (quatro jornalistas, um diretor de programa, um diretor de som, três programadores, seis sonoplastas, um técnico em audiovisual e um locutor – equipe compartilhada com a recém-instalada UniFM, inaugurada em dezembro de 2017);
- A UCS FM, da Fundação Universidade Caxias do Sul, com 16 funcionários (que respondem, contudo, por três frequências em diferentes cidades gaúchas – Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Vacaria);
- E a Rádio Educativa UFMS, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em Campo Grande (MS), com 15 funcionários (quase todos terceirizados, exceto um locutor e um técnico cedidos pelo governo estadual).

Chama a atenção o grande número de emissoras que têm apenas um ou dois funcionários, geralmente técnicos de áudio e, às vezes, programadores musicais. Na maioria das web rádios, de gestão voluntarista, não há um único funcionário ou a equipe se limita aos técnicos de áudio dos laboratórios que já auxiliam as atividades didáticas relacionadas às disciplinas de rádio dos cursos de Comunicação. Estas emissoras só se mantêm graças a softwares de automação, que permitem a veiculação de programação pré-gravada e/ou formada por *playlists* editadas em computador, com janelas para ocasionais entradas ao vivo.

A remuneração média das equipes fica entre quatro e cinco salários mínimos em 39,5% das emissoras que responderam ao questionário e entre dois e três salários em 36,8%. Em apenas 13,2% – curiosamente, todas vinculadas a universidades públicas estaduais –, a média salarial fica acima de seis salários mínimos. Na outra ponta, em 10,5% (quatro emissoras, de controle privado ou confessional), a média é de até dois salários mínimos.

Na maioria das emissoras, não há um processo de escolha dos gestores, e sim uma indicação pelas Reitorias ou pela direção das unidades a que estão vinculadas.

Em muitas, há mandatos de três ou quatro anos para o gestor, coincidindo com os dos reitores, o que explicita que o comando de rádios universitárias tem um caráter de cargo de estrita confiança. Em web rádios vinculadas a cursos ou departamentos, em geral a escolha é feita pela diretoria da unidade ou consiste em sistema de rodízio, envolvendo os docentes diretamente vinculados às disciplinas de rádio. Apenas duas emissoras, a UCS FM e a Rádio UPF – da Universidade de Passo Fundo, instituição comunitária da cidade gaúcha de mesmo nome –, relataram que a escolha dos gestores ocorre por meio de processos seletivos comandados pelo setor de Recursos Humanos, com análise de currículos e projetos dos candidatos.

Não há clareza, também, em relação à dotação orçamentária das emissoras, já que os repasses são, em geral, feitos através de fundações ou núcleos que respondem por outras atividades (TV universitária, assessoria de imprensa, jornal, comunicação interna). Além disso, na maioria dos casos, os respondentes desconsideraram folha de pagamento como um dos itens orçamentários, limitando-se a informar as verbas para custeio, recolhimento de direitos autorais ao Escritório Central de Arrecadação de Direitos (Ecad) ou aquisição de equipamentos. Ainda que os dados sejam pouco transparentes, cabe assinalar que os maiores orçamentos anuais foram reportados pela Rádio UPF (entre R\$ 500 mil e R\$ 550 mil – valores referentes às cinco emissoras mantidas pela Universidade de Passo Fundo nos municípios gaúchos de Passo Fundo, Carazinho, Soledade, Palmeira das Missões e Sarandi), pela Rádio Unesp (R\$ 168 mil), pela Rádio Unidavi FM, da Universidade do Alto do Vale do Itajaí (R\$ 160 mil) e pela Rádio Universitária FM, da UFPE (R\$ 100 mil). A maioria das web rádios instaladas em unidades acadêmicas não tem qualquer orçamento, dependendo às vezes de recursos próprios de professores para custeio, desde itens básicos de papelaria até provedor de acesso à internet.

Quase todas as emissoras AM/FM são outorgas de radiodifusão educativa e, portanto, não têm autorização legal para captar publicidade. A única forma alternativa de financiamento é o chamado apoio cultural. Ainda assim, a maioria absoluta dos respondentes disse não arrecadar recursos desta maneira. Em muitas,

essa fonte de receita é vedada pelas procuradorias ou departamentos jurídicos das instituições. Uma notável exceção é a Rádio Educadora UESC FM, da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus (BA), que reportou uma arrecadação de aproximadamente R\$ 150 mil em apoios culturais ao longo do ano de 2016, fruto de iniciativas inovadoras envolvendo a realização de eventos. Apenas outras quatro emissoras relataram ter percentuais expressivos – de 60% (Rádio UPF) e 70% (Rádio FAG FM) até 100% (Rádio UCS FM e Rádio Universidade FM, da UFMA) – de seus orçamentos custeados por publicidade (caso das emissoras que não têm outorga educativa, e sim comercial) ou apoio cultural.

Considerando as dificuldades em termos de infraestrutura, detectadas durante a análise das respostas ao questionário, não surpreende que poucas emissoras tenham relatado a existência de planejamento estratégico. Apenas a Rádio da Universidade, da UFRGS, a Rádio USP, a Rádio UEL, a Rádio Unisinos, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo (RS), a Rádio UESC, a UCS FM e a Frispitrádio, web rádio do curso de Comunicação Social da UCS, informaram contar com planejamentos estratégicos, formulados anualmente – ou a cada seis meses, no caso da Frispitrádio.

Na Rádio da Universidade, da UFRGS, os principais pontos do planejamento vigente por ocasião da resposta ao questionário envolviam a migração para FM, a acessibilidade do prédio dos estúdios e a reforma da casa que abriga os transmissores. Na Rádio UEL, o Plano de Ações anuais e plurianuais, elaborado pelo diretor geral e pelo diretor de programação, e aprovado pelo Conselho Diretor e Editorial, abrangia a modernização da estrutura e equipamentos, aumento do número de colaboradores e participação da comunidade na programação, bem como o aperfeiçoamento da qualidade dos programas e dos serviços prestados aos ouvintes. Na Rádio Unisinos, vinculada a uma IES confessional, o planejamento se dividia em três eixos: conteúdo, tecnologia e relacionamento com o mercado. O foco era aumentar a presença digital, com novos produtos – a emissora lançou aplicativo nas lojas Apple Store e Google

Play –, e a promoção de eventos, próprios ou de parceiros. Já na Rádio UESC, as metas envolvem:

Atualizar a grade de programação criando novos produtos; vincular-se mais estreitamente aos movimentos sociais e grupos culturais e artistas da região; promover oficinas de formação de público e de produção alternativa em rádio para comunidades e grupos e movimentos intra e extra-universidade; promover e realizar oficinas para instalação de emissoras comunitárias em comunidades e de rádio-corredor nas escolas de segundo grau da região; realizar o Programa Rádio UESC nas Quebradas mensalmente e em comunidades regionais; realizar o 2º Festival Universitário de Música da Rádio UESC, em dezembro.

A UFMG Educativa e a Rádio Mackenzie informaram estar preparando seus documentos. Num movimento para discutir o planejamento estratégico da UFMG Educativa, o Centro de Comunicação (Cedecom, ao qual a emissora está vinculada) promoveu, em dezembro de 2017, o I Colóquio Universidade e Comunicação Pública: Mídias Sonoras, com a participação de representantes de diversas rádios universitárias. O evento possibilitou o debate de temas como os critérios de formulação de programação, a importância de chamadas públicas periódicas para proposição de programas, a interlocução entre universidade e sociedade, a participação da audiência e o papel da radiodifusão universitária – entendida como integrante do campo público – na oferta de alternativas de comunicação e na divulgação científica e tecnológica.

Na Rádio Educativa UFMS, a discussão sobre planejamento estratégico, infelizmente, foi paralisada após mudança na administração da universidade.

Os principais desafios apontados pelos respondentes do questionário podem ser resumidos à demanda por mais recursos humanos e investimentos e à busca por sustentabilidade. Com as políticas de restrição orçamentária enfrentadas pela maioria das universidades, sobretudo nas públicas estaduais, há dificuldades para modernizar equipamentos de estúdios e transmissores e até para repor funcionários aposentados, falecidos ou transferidos. Outros pontos citados incluem:

- A necessidade de maior aproximação com as comunidades com as quais as emissoras se relacionam e com a própria universidade,
- A atração de mais estudantes colaboradores,
- A constituição de um espaço de incentivo ao aprendizado, para a divulgação científica e para promoção de eventos nas áreas de cultura e cidadania,
- O aumento da presença em plataformas digitais e
- A ampliação da audiência, para que as rádios universitárias se tornem atores relevantes em nível local e regional.

As rádios universitárias lutam também por maior institucionalização. Poucas são as que contam com conselho curador, deliberativo ou consultivo e, quando eles existem, suas estruturas são as mais diversas, mas nem sempre funcionais.

Muitos conselhos são inspirados pela Lei 11.652, de 7 de abril de 2008, que criou a EBC e previa a existência de uma diretoria executiva e de conselhos de administração, fiscal e curador para gerir a holding de comunicação pública. Diversas emissoras universitárias copiaram o modelo, até para atender a contratos de parceria, que impunham a existência de conselho curador e ouvidoria.

O cenário mudou quando o conselho curador da EBC foi sumariamente dissolvido pela Medida Provisória 744, de 2016, uma das primeiras assinadas pelo então presidente Michel Temer após o impeachment de Dilma Rousseff – uma evidência do incômodo que um órgão independente, com forte participação da sociedade civil organizada, causava aos grupos políticos que articularam a deposição da ex-presidente. Posteriormente, através da Lei 13.417, de 2017, parte ínfima das atribuições do conselho curador foi restabelecida, mas com nova roupagem: a de comitê editorial e de programação. Contudo, funções como “deliberar sobre as diretrizes educativas, artísticas, culturais e informativas integrantes da política de comunicação propostas pela Diretoria Executiva da EBC” e “deliberar sobre a linha editorial de produção e programação proposta pela Diretoria Executiva da EBC e

manifestar-se sobre sua aplicação prática” permaneceram revogadas no novo marco regulatório<sup>7</sup>.

Na Rádio Unesp, o conselho é composto por 19 membros, mas não há periodicidade estabelecida para os encontros. Na Rádio Unisinos, há um Conselho Curador e um Conselho de Programação, formados por integrantes da reitoria, professores e membros externos, que se reúnem duas vezes por ano, além de um Conselho Fiscal, que se reúne trimestralmente. Na Rádio Universitária FM, da Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa (MG), existem um Conselho Fiscal e um Conselho Deliberativo, ambos com reuniões semestrais. Na Rádio UFSCar, da Universidade Federal de São Carlos (SP), o Conselho Consultivo é composto por membros da fundação mantenedora da emissora e da UFSCar, reunindo-se pelo menos duas vezes a cada semestre. Na Rádio Unoesc, da Universidade do Oeste de Santa Catarina, em Joaçaba (SC), há apenas um Conselho de Programação, composto pelo reitor, pelo diretor executivo da emissora, pelo vice-diretor, pelo coordenador de programação e por um técnico.

Já na Rádio UEL, o Conselho Diretor e Editorial tem caráter deliberativo e é formado por 17 integrantes: reitora (eleita pela comunidade universitária); diretor geral da emissora (nomeado pela reitora); diretora (eleita pela comunidade) do Centro de Estudos de Educação, Comunicação e Artes (CECA, ao qual a emissora é ligada); seis professores representantes dos seis departamentos de todos os cursos de graduação do CECA; dois representantes (um estudante e um professor) do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE); um estudante representante dos discentes do CECA; um representante da Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade; um representante dos funcionários da rádio; e três representantes da comunidade londrinense – um da Secretaria Municipal de Cultura; um do Núcleo Regional de Educação; e um do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. A reunião ordinária (para discussão e aprovação do Relatório de Atividades e Plano de Ações) é anual; mas outras extraordinárias podem ocorrer.

---

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11652.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11652.htm).  
Última consulta: 18/12/2018.

Em algumas instituições, a formação de conselhos está em andamento. A Universitária FM, da UFPE, aguardava a aprovação de proposta de criação de um Conselho Curador entregue à Reitoria e formulada por um comitê com maioria da sociedade civil, que atuou entre 2014 e 2015.

Houve, contudo, retrocessos em alguns casos. Na Rádio Educativa UFMS, o grupo de trabalho constituído para se converter em Conselho Consultivo foi desarticulado seis meses após a implantação da emissora, quando um novo reitor assumiu e mudou todos os cargos administrativos. A última reunião do GT ocorreu em novembro de 2016.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados ainda está em andamento e esperamos ampliar ainda mais o universo de respondentes. Mesmo assim, já é possível identificar alguns traços característicos da radiofonia universitária no Brasil em termos de gestão.

As rádios vinculadas a instituições de ensino superior carecem de infraestrutura em todos os níveis – estúdios, equipamentos de gravação, salas de redação e produção, transmissores – e de mão de obra qualificada. A interface com unidades acadêmicas, sobretudo da área de Comunicação, é fundamental para a dinâmica produtiva destas emissoras, mas não elimina ou minimiza a necessidade de profissionais de locução, programação, técnicos de áudio, de manutenção eletrônica, web designers etc. O processo de ensino-aprendizagem envolve a prática e, quando esta ocorre em estúdios de emissoras universitárias, os estudantes se capacitam mais, responsabilizando-se pelo resultado do trabalho desenvolvido, que repercute não só no ambiente acadêmico, mas também extramuros. Há, no entanto, uma forte sazonalidade na produção discente, geralmente atrelada ao calendário acadêmico, o que coloca um desafio para a manutenção das emissoras durante as férias e o início dos períodos letivos, quando os estudantes ainda estão em processo de capacitação.

Além disso, muitas emissoras, paradoxalmente, apresentam interlocução limitada com unidades acadêmicas, mesmo na área de Comunicação. A interface entre rádio universitária e produção laboratorial realizada no âmbito de disciplinas das grades curriculares depende, em larga medida, das relações interpessoais e das estruturas administrativas.

Causa preocupação a existência de emissoras em instituições públicas ou em fundações a elas vinculadas que dependem fortemente de funcionários terceirizados. Situações de restrição orçamentária podem, com isso, levar à descontinuidade de projetos, com prejuízos à comunicação entre as universidades e seus públicos de interesse, além de afetar toda a comunidade em que estão inseridas, na medida em que as rádios universitárias, potencialmente, oferecem alternativas de informação e promovem as culturas e as cenas artísticas locais e regionais.

Emissoras com equipes reduzidas ou geridas de forma voluntarista podem ter apelo junto ao corpo discente, convocado a ocupar espaços, mas correm o risco de não atingir seus propósitos educativos e de comunicação institucional das universidades. Com pouca programação ao vivo e altos índices de automação, as rádios universitárias concorrem não apenas com as demais emissoras, mas também com as *playlists* disponíveis nos muitos serviços de *streaming*. É preciso explorar mais as possibilidades da radiodifusão universitária como espaço híbrido, que atende tanto ao processo de ensino-aprendizagem na área de Comunicação quanto à divulgação científica e tecnológica, à interlocução entre as instituições de ensino superior e a sociedade e à democratização da comunicação.

Os dados levantados através deste questionário online reforçam a importância de uma articulação para o reconhecimento legal do campo da radiodifusão universitária, contemplando sua diversidade e fomentando o intercâmbio de experiências e o compartilhamento de conteúdos de caráter educativo e informativo, potencializando sua circulação.

Durante o 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom),

em Curitiba (PR), em setembro de 2017, foi realizado o Fórum de Rádios e TVs Universitárias, ao fim do qual foi lançado um manifesto para criação da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA). A iniciativa contou com a adesão imediata de 35 emissoras AM e FM, web rádios e núcleos universitários de produção radiofônica, além de 23 pesquisadores de rádio e mídia sonora. Uma das frentes de organização da RUBRA é justamente o levantamento de informações sobre o campo do rádio universitário no país, o que possibilitará balizar futuras políticas públicas, como políticas de incentivo fiscal e de fomento à produção radiofônica informativa de caráter qualificado.

Ao final do II Fórum de Rádios e TVs Universitárias, também promovido pela Intercom e realizado em Joinville (SC), em setembro de 2018, foi divulgada uma carta – apoiada por dezenas de entidades<sup>8</sup> e grupos de pesquisa – abordando “a necessidade de uma nova regulação da radiodifusão, atendendo às especificidades das emissoras de rádio e TV de caráter universitário, considerando seu papel na democratização da informação, bem como na formação profissional, sobretudo nas áreas de Comunicação, Educação e Engenharia”.

Segundo o documento, esta regulação deveria contemplar “incentivos fiscais e linhas de financiamento (por meio de editais de fomento, entre outras modalidades) de modo a viabilizar a modernização de equipamentos de produção e transmissão, possibilitando a ampliação da oferta de comunicação de interesse público, informativa e educativa”. Os participantes do II Fórum também defenderam, no documento, a isenção às emissoras, em todas as plataformas de veiculação, do recolhimento de direitos autorais e de execução pública sobre fonogramas, o que proporcionaria segurança jurídica aos radiodifusores e contribuiria para a

<sup>8</sup> Entre os signatários, além da própria Intercom, figuravam a Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom), a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), a Associação Latino-Americana de Investigadores de Comunicação (Alaic), a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), a Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej), a União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (Ulepicc-Brasil) e a Radio Internacional Universitaria (RIU) – Red de Redes, entidade que reúne as associações de rádios universitárias da América Latina, Caribe e Europa. A íntegra da carta pode ser acessada no endereço: <http://fenaj.org.br/carta-do-ii-forum-de-rádios-e-tvs-universitarias/>. Última visita: 18/12/2018.

sustentabilidade destas iniciativas, num cenário de crescentes dificuldades relativas ao custeio de operações cotidianas.

Estes são apenas apontamentos preliminares sobre as diferentes experiências de radiodifusão universitária e os desafios para sua gestão no país. Novos trabalhos serão realizados para aprofundar os resultados desta cartografia do campo da radiodifusão universitária e dinamizar a produção de conhecimento sobre estas rádios tão importantes para a vida cotidiana de centenas de cidades brasileiras, mas sobre as quais tão pouco se pesquisou.

## REFERÊNCIAS

BUFARAH JUNIOR, Álvaro. Análise sobre o impacto da globalização na gestão das emissoras de rádio brasileiras. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo (org.). **Estudos radiofônicos no Brasil** – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. v. 22, p. 309-324. São Paulo: Intercom, 2016.

BUFARAH JUNIOR, Álvaro. Estudo sobre o impacto da globalização na gestão das emissoras de rádio de São Paulo. **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Foz do Iguaçu, 2014.

CASAJÚS, Lucia; GIORGI, Noelia (ed.). **Lo dijo la radio** – Entonces habrá que investigar. Avellaneda, Argentina: Undav Ediciones, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; MATOS, Cristiana Martins de; HANG, Lorena. Por uma historiografia do **rádio** universitário no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v. 7, n. 2. São Paulo: Rede Alcar, 2018.

MARTÍN-PENA, Daniel, PAREJO CUÉLLAR, Macarena, VIVAS MORENO, Agustín. **La radio universitaria** – Gestión de la información, análisis y modelos de organización. Barcelona: Gedisa, 2016.

MARTÍN-PENA, Daniel, MARTA-LAZO, Carmen e ORTIZ SOBRINO, Miguel Ángel. **Perspectivas y prospectivas de la radio universitaria en la era digital**. Cuadernos Artesanos de Comunicación, n. 113. La Laguna, Tenerife: Sociedad Latina de Comunicación Social, 2016.

MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo; MATOS, Cristiana Martins de. Cartografia das rádios universitárias do Brasil (1950-2016). **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Universidade Positivo, 2017.

PIERANTI, Octavio Penna. **Políticas públicas de radiodifusão no Governo Dilma**. Brasília: Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2017.

PIERANTI, Octavio Penna.. Mudança de rumo na radiodifusão educativa: estabelecimento de regras para novas outorgas e implementação de uma política de massificação do serviço (2011-2016). **Revista EPTIC On-Line**, v. 18, n. 3, set.-dez. 2016.

# MODELO DE PROGRAMAÇÃO DAS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS PÚBLICAS: além dos muros do campus, a estação do conhecimento

Rafael Medeiros<sup>1</sup>  
Nísio Teixeira<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Este capítulo se desdobra de pesquisa realizada pelos autores com o objetivo de destacar a programação das rádios universitárias federais considerando seus aspectos particularizantes, pensando os desafios das suas configurações enquanto emissoras públicas, educativas e universitárias, além de verificar os movimentos de construção histórica da programação das rádios públicas educativas como matrizes da constituição da programação das rádios universitárias. A Rádio UFMG Educativa foi escolhida como objeto empírico por ser uma emissora que se apresenta consolidada, o que possibilita verificar diferentes características dos modelos de programação e produção de conteúdos comuns à radiodifusão universitária pública.

A pesquisa é orientada a partir de análise descritiva da programação da emissora como forma de identificar os aspectos característicos das rádios universitárias e usa depoimentos documentados para buscar entender como a rádio se posiciona a partir do contexto em que está inserida. A escolha por um viés descritivo da programação se justifica pela compreensão de que as particularidades do sistema

---

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor-UFOP) e do Grupo de Pesquisa Usos Sociais da Mídia (UFSM).

2 Professor Associado vinculado ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Ciência da Informação pela UFMG

de comunicação pública brasileira fazem com que as emissoras se autoproclamem de caráter público mais a partir das suas programações do que por vinculações institucionais. Além disso, a observação geral da grade oferece possibilidades para delimitar mais especificamente as configurações das rádios. Para buscar as questões discutidas aqui, foi feita a audição sistematizada da programação, entrevistas com gestores, revisão bibliográfica e visitas regulares aos diferentes departamentos da emissora.

## ASPECTOS DA PROGRAMAÇÃO DE RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS PÚBLICAS

A construção da programação de uma rádio se orienta por diversos critérios que formatarão as características da emissora. Josep Maria Martí (2004) evidencia que “as características específicas da programação geram na prática algumas determinadas estratégias de programação vinculadas a determinados condicionamentos internos e externos na elaboração e difusão do produto [radiofônico]” (MARTÍ, 2004, p. 31, tradução nossa). Essas estratégias tendem a moldar o lugar onde a emissora se posiciona dentro do sistema de radiodifusão e no caso das rádios universitárias esse lugar é concebido pela própria configuração do espaço da universidade, como explicitado acima, e de maneira muito contundente pela relação com seu público. Martí entende ainda que

a programação também pode ser definida como uma arte que reúne os programas e os públicos a que são destinados, o que supõe que se coloque em prática uma técnica de duas articulações: a dos tempos de emissão com a dos tempos sociais [...] (MARTÍ, 2004, p. 33, tradução nossa).

Segundo Ferraretto (2014, p. 70), a programação “é o conjunto organizado dos conteúdos veiculados por uma emissora de rádio, sejam estes jornalísticos, de entretenimento, de serviços, publicitários e/ou musicais, produzidos conforme o formato adotado pela emissora”. Já Barbosa Filho diz da programação de uma

Modelo de programação das rádios universitárias públicas:  
além dos muros do campus, a estação do conhecimento

rádio, simplificada, como “o conjunto de programas ou produtos radiofônicos apresentados de forma sequencial e lógica” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 72). De maneira mais conclusiva, Signates e Carvalho (1997) consideram a programação radiofônica como um processo complexo de produção de sentidos através da interação entre todos os sujeitos envolvidos na sua constituição – no caso das rádios universitárias esses sujeitos se expandem à própria constituição da universidade. Assim, na construção de suas programações, as emissoras precisam levar em conta as especificidades técnicas, fatores internos, processos de construção identitária, as características do lugar em que estão inseridas, além das singularidades e demandas do seu ouvinte.

Essa combinação entre programação, influência interna e de público leva em conta também as particularidades de produção do conteúdo que é veiculado. No caso das rádios universitárias ainda há uma preocupação com seu caráter educativo e para potencializar distintas vozes internas da universidade. As estratégias de programação de uma emissora levam em conta os tipos de gêneros e programação veiculada que estão ligados ao serviço que as rádios se destinam a prestar. Sandra de Deus (2003), a partir de observação de Herrera Huérfano (2001), verifica que

a função social de uma rádio universitária é oferecer uma produção que cubra a maior parte dos setores da população. Isso não significa somente que deve atingir o maior número de ouvintes, mas oferecer uma programação que corresponda aos interesses de diferentes setores da população. [...] Significa que as rádios universitárias públicas não podem estar voltadas à divulgação de uma só forma de expressão, cultura, arte ou pensamento, mas sim, especialmente, a todas aquelas que os modelos de radiodifusão comercial ignoram (DEUS, 2003, p. 310-311).

A programação das rádios públicas educativas vem sem construída desde o início da radiodifusão no Brasil. As rádios das universidades federais, como públicas e educativas, incorporam as características dessa construção e adicionam seus aspectos próprios, que as particularizam dentro do universo das rádios públicas: o **espaço universitário** (plural, democrático e abrangente), a **divulgação**

**da produção universitária e a rádio como espaço de formação complementar.**

Esses aspectos são fundantes para a constituição dos modelos de programação e de produção de conteúdo das rádios universitárias públicas. O estudo de Sandra de Deus (2005), referenciado nas experiências latinoamericanas, também considera que os parâmetros para pensar as rádios das universidades federais brasileiras precisam estar de acordo com os aspectos mencionados.

O aspecto que leva em conta as peculiaridades do espaço das universidades públicas como característica própria que orienta uma programação de caráter público, plural e abrangente nas rádios universitárias é colocado por Herrera Huérfano (2001) como uma noção necessária para o cumprimento de uma função sociocultural da radiodifusão como serviço público. Esse aspecto é colocado aqui como parte integrante do espaço universitário público onde as emissoras estão inseridas, e, “desse modo, uma das primeiras características das emissoras universitárias públicas é o reconhecimento da pluralidade cultural através de espaços destinados para diferentes públicos” (DEUS, 2005, p. 91).

A noção das funções da radiodifusão universitária passa pelas próprias características da universidade, que por sua natureza é um local multicultural e convergente, devendo se estabelecer “como um lugar de estudo e difusão de diferentes manifestações sociais e culturais [e que] deve ser o centro e espaço de processos de participação e democracia” (HERRERA HUÉRFANO, 2001, p. 64, tradução nossa).

As rádios universitárias devem ter a perspectiva do espaço singular em que estão inseridas e a partir dele pensar um modelo de programação – e não o contrário – plural e abrangente. Herrera Huérfano faz a ligação entre a radiodifusão pública universitária, o espaço e essa concepção de caráter público das emissoras:

Pensar em diferentes públicos e, sobretudo, nestes como grupos capazes de se desenvolverem e crescer implica assumir, a partir da produção radiofônica, o objetivo de informar, educar (mais que simplesmente entreter) e assumir um sistema de radiodifusão como serviço de interesse público (HERRERA HUÉRFANO, 2001, p. 66, tradução nossa).

Modelo de programação das rádios universitárias públicas:  
além dos muros do campus, a estação do conhecimento

O segundo aspecto verificado como característico das emissoras públicas universitárias é o papel delas como rádio-laboratório. Nos poucos estudos sobre a radiodifusão universitária, essa noção de rádio como laboratório é apontada levando em conta a possibilidade do uso da emissora pelos discentes da universidade como um espaço complementar ao da sala de aula. Essa função das emissoras servindo experimentalmente para atividades didáticas vem desde as primeiras rádios universitárias. Sandra de Deus (2003), considera que esse aspecto é importante função das rádios universitárias porque

é na atividade laboratorial desenvolvida na emissora de rádio da universidade que os estudantes ultrapassam os estreitos espaços da sala de aula e da avaliação do professor. Aprendem que no rádio não existem espaços em branco, frases recheadas de adjetivos e que a mensagem radiofônica é fruto de um excelente conhecimento da língua, da agilidade na interpretação do fato e no rigor da pesquisa jornalística. Acabam por dividir com a sociedade o seu fazer e a sua avaliação (DEUS, 2003, p. 312)

Para além dos estudantes de comunicação de maneira estrita, as rádios universitárias podem servir de laboratório para a comunidade acadêmica de maneira geral, uma vez que essas emissoras abarcam produções de professores e servidores dos mais diversos núcleos da Universidade e até mesmo da comunidade externa, considerando que essas atividades colaborativas desempenhadas no âmbito das rádios universitárias contribuem para a construção do conhecimento e experimentação. Ou seja, são laboratórios para experimentação do que é ensinado das salas de aula, mas também são pontos de partida para o aprendizado.

Por fim, no aspecto das rádios universitárias como espaços de formação complementar, a autora também compartilha do entendimento de Kempf (2003) ao considerar que esta estratégia beneficia não só os estudantes, mas também as próprias emissoras:

A liberdade de experimentar novos formatos, de inovar quanto ao conteúdo da programação, beneficia a formação de uma rádio diferente das comerciais

e, ao mesmo tempo, desenvolve nos estudantes, conhecimento e criatividade para a realização da futura atividade profissional (KEMPF *apud* DEUS, 2003, p. 314).

De maneira geral, a atividade acadêmica laboratorial pode ser entendida como “exercício de experimentação, de aplicação de conhecimentos, de atividades práticas; é a realização de notáveis operações e transformações na formação e no mundo do estudante” (SPENTHOF, 1998, p. 156). As primeiras rádios universitárias instaladas no Brasil foram criadas com claros objetivos de servirem como espaços para formação complementar dos discentes de diferentes cursos dessas instituições.

Pioneira entre as emissoras universitárias, a Rádio da Universidade, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi fundada oficialmente em 18 de novembro de 1957, mas em 1950 a rádio começou a transmitir experimentalmente quando o curso de engenharia da universidade “inaugurou transmissões que serviam como laboratório para atividades didáticas” (CUNHA, 2010, s.p). Outra pioneira, a Rádio da Universidade Federal de Goiás foi criada em 1962 e, conforme destaca o ex-coordenador de atividades laboratoriais da emissora, professor Edson Luiz Spenthof (2007),

desde 1972, a Rádio Universitária da UFG passou a ser espaço também para a realização de atividades laboratoriais por parte dos alunos de jornalismo da instituição. A existência da rádio e do espaço para as atividades práticas dos estudantes foi essencial para o reconhecimento desse curso, em 1979, e para o de radialismo, em 1987. A história da ocupação da emissora para a realização de atividades laboratoriais é marcada por idas e vindas, mas, sem dúvida, por um grande êxito pedagógico (SPENTHOF, 2007, p. 3).

Se as emissoras universitárias pioneiras têm marcadamente em suas bases de produção a atividade laboratorial, as rádios universitárias criadas mais recentemente também incorporaram essa característica em suas estruturas. Fundada em 2016, a Rádio UFT FM, da Universidade Federal do Tocantins, explicita, em documento que fixa suas diretrizes, o compromisso com a formação complementar:

**Modelo de programação das rádios universitárias públicas:  
além dos muros do campus, a estação do conhecimento**

A UFT FM é também um espaço privilegiado de formação tanto dos alunos de graduação e pós-graduação da Universidade (não somente do curso de Comunicação Social, mas de TODOS os cursos), no nível do ensino formal, quanto para diferentes membros da sociedade, considerando suas possibilidades de ensino informal e formação para a cidadania (UFT, 2018, p. 10, grifos do autor).

Nesse mesmo sentido, o ex-diretor da Rádio UFMG Educativa, Elias Santos, leva em conta as experiências de formação complementar na emissora para pontuar que para que elas cumpram seu papel, as emissoras não podem “trabalhar só com o experimentalismo, os discentes devem conhecer as particularidades do rádio que estão presentes em todas as rádios” (SANTOS, 2014, p. 15). Na Rádio UFMG Educativa existem colaborações vindas da comunidade externa, de coletivos desvinculados da universidade que, inclusive, adquiriram conhecimento radiofônico a partir da experiência na rádio. Na abordagem dessa questão especificamente, Elias Santos pontua que

é fácil compreender [a possibilidade da rádio servir como espaço de formação complementar] em relação aos alunos dos cursos de Comunicação e Engenharia. Porém, em plena sociedade dita da informação, acreditamos que todos os cidadãos deveriam conhecer um pouco melhor os processos de construção da informação. (SANTOS, 2014, p. 14-15).

O aspecto que relaciona as rádios das universidades públicas à divulgação do conhecimento produzido na Universidade também vem das bases de programação das emissoras pioneiras. Embora a divulgação científica esteja presente no jornalismo de forma geral, é preciso destacar aqui a condição privilegiada das rádios universitárias no sentido de proximidade com a produção científica e assim a possibilidade de explorar o conteúdo e decodificar de maneira mais correta e responsável a informação técnica que será transmitida ao ouvinte.

Os estudos sobre divulgação científica (ALBAGLI, 1996, 2005; BUENO, 2010) mostram uma evolução das iniciativas seguindo o próprio avanço da ciência e também a partir da observação da importância de popularizar a ciência para um

público mais diverso e heterogêneo possível. Esse aspecto dentro da universidade (não só nas rádios) tem um sentido limítrofe entre divulgação institucional e serviço público.

Para Albagli (1996),

a população leiga mais necessita ter acesso a informações científicas que se relacionam com problemas da sua vida cotidiana, como saúde e higiene, nutrição, uso de fertilizantes e pesticidas etc, bem como que a instrumentalize para assimilar criticamente e contribuir criativamente para o avanço científico-tecnológico da humanidade em geral (ALBAGLI, 1996, p. 403).

Ora, mais uma vez fica visível a função pública e social das emissoras universitárias federais, sua aproximação com a população, com as próprias características potenciais das universidades públicas - abrangentes, democráticas, múltiplas. No mesmo sentido, Bueno (2010) considera que a divulgação científica cumpre função primordial:

Democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica. Contribui, portanto, para incluir os cidadãos no debate sobre temas especializados e que podem impactar sua vida e seu trabalho, a exemplo de transgênicos, células tronco, mudanças climáticas, energias renováveis e outros itens (BUENO, 2010, p. 5).

A partir da exposição da importância da divulgação científica para a comunidade e do estado privilegiado em que se encontram, mais que uma escolha, “as rádios universitárias têm o dever e a responsabilidade social de informar e esclarecer a população sobre as pesquisas científicas produzidas nas universidades” (ASSUMPCÃO, 2003, p. 44).

Através da divulgação científica, as rádios universitárias públicas conseguem aproximar um dos aspectos mais restritos da Universidade (seja pelo acesso ou pela dificuldade de entendimento) ao público geral. Essa questão ganha em importância ao verificarmos a aproximação entre as pesquisas realizadas na Universidade e a vida cotidiana da população. Nesse sentido, levando em conta também o alcance

Modelo de programação das rádios universitárias públicas:  
além dos muros do campus, a estação do conhecimento

do rádio, a programação das emissoras universitárias públicas é importante vetor para a divulgação do conhecimento produzido no âmbito da Universidade e tem capacidade de

contribuir com a melhor qualidade de vida e estimular a cidadania nos seus radiouvintes. Estimular a cidadania significa, aqui, colocar em prática, na rádio universitária, programação que gere transformação social, mediante divulgação científica capaz de formar conscientemente a opinião do público da emissora (ASSUMPÇÃO, 2004, p. 6).

Esse aspecto, portanto, está diretamente ligado com várias características inerentes a universidades públicas como espaços democráticos de estímulo à cidadania e que geram transformação social de diferentes maneiras, referenciando assim à primeira particularidade evidenciada no texto como característica dos modelos de programação e produção de conteúdo nas rádios universitárias.

## A RÁDIO UFMG EDUCATIVA

A Rádio UFMG Educativa opera em FM 104,5 e foi instaurada já com o slogan “A estação do conhecimento” com objetivo bem demarcado de ser uma emissora que evidenciaria o conhecimento produzido na Universidade, mas com consciência de que suas funções precisavam ir além dos muros do campus. A Diretora do Centro de Comunicação (CEDECOM) da UFMG, Maria Céres Pimenta Spínola de Castro, sublinha como aspecto fundante da construção da Rádio UFMG Educativa a necessidade de “disponibilizar informações sobre a Universidade, que é pública por natureza, para um público com o qual ainda não temos um canal direto de comunicação” (CASTRO *apud* SANTOS, 2014, p. 8). Esse trecho, rememorado da época de fundação da emissora, demonstra ainda que desde o começo se tinha uma noção do espaço híbrido da universidade e que as bases norteadoras de programação deveriam se atentar também a isso.

A linha editorial da emissora foi pensada como um “tripé”. São três conceitos que funcionam como eixos centrais de filosofia de trabalho e bases norteadoras na constituição da programação da rádio de maneira geral, são eles: **visibilidade**, **formação complementar** e **alternativa**. Segundo o primeiro diretor da emissora, Elias Santos (2014), esses conceitos partiram de uma análise do papel que a Rádio deveria desempenhar enquanto emissora pública universitária, buscando uma programação coerente com os princípios de uma universidade pública.

A noção de visibilidade referencia a divulgação científica, como forma de devolver à comunidade o investimento destinado à Universidade, uma maneira de informar à população em geral dos projetos desenvolvidos na Universidade, que são abertos a um público que nem sempre tem acesso a essa informação.

Dentro da ideia de que esta é uma universidade pública, precisamos mostrar para a sociedade os projetos de pesquisa, ensino e extensão que compõem a missão desta instituição e também o que esta Universidade tem a dizer sobre os assuntos do nosso cotidiano (SANTOS, 2014, p. 10).

Outro eixo do “tripé editorial” da Rádio UFMG Educativa considera a importância da emissora na formação complementar, sobretudo dos estudantes. Atualmente, quase a metade da equipe da rádio é composta por estagiários em todas as áreas (produção, jornalismo, técnica, engenharia e programação musical) e vindos de diferentes cursos. Em entrevista concedida aos pesquisadores, a Diretora de Jornalismo da emissora, Paula Alkmim (2018), pondera que

a ideia é proporcionar uma experiência de imersão em uma redação de jornal diário. Essa experiência ocorre num passo a passo. Começa com atividades simples, como redação de notas, e vai até a elaboração de reportagens especiais, bem mais complexas. Ele redige, apura, produz, faz a locução, edita os áudios, entra ao vivo. [...] O estagiário cobre um pouco de tudo, educação, política, saúde, ciência e tecnologia, cidades, entre outras. O estudante faz matérias da redação que primam por análises, mas também vai a campo, entende como é cobrir uma coletiva do prefeito, uma audiência pública, um protesto... A mescla

Modelo de programação das rádios universitárias públicas:  
além dos muros do campus, a estação do conhecimento

do trabalho de profissionais e estagiários é que sustenta o nosso jornalismo, numa troca sempre enriquecedora (ALKMIM, 2018).

O terceiro conceito leva em conta a possibilidade da emissora, como uma rádio pública e educativa, de apresentar uma programação **alternativa** à das emissoras comerciais, a possibilidade de criar formatos diferentes, de apresentar músicas e paisagens sonoras alternativas e dar espaço a novos artistas e projetos que não teriam abertura em rádios comerciais. Tudo isso buscando manter a qualidade técnica, as características inerentes da mídia e respeitando as delegações legais.

É possível perceber que a construção da programação da Rádio UFMG Educativa através desse chamado “tripé editorial” tem suas bases delineadas através de percepções de características históricas da radiodifusão pública brasileira e incorpora os aspectos já citados como característicos das rádios públicas universitárias.

Por meio desses conceitos editoriais que são levados desde a implementação da Rádio UFMG Educativa, Elias Santos destaca a polifonia de vozes que estão presentes na emissora e a busca de um rádio “que pode dialogar com o cinema, que amplia as perspectivas dos fatos, que pula os muros da academia. Assim pensamos o ouvinte como um cidadão em questão, em reflexão e ação.” (SANTOS, 2014, p. 15-16). Quando a emissora tem noção de que fala para um público amplo, híbrido e que não se restringe ao público da própria Universidade, ela considera a noção do próprio espaço universitário como um ambiente plural e abrangedor.

Como um espaço em constante transformação e sofrendo diversas influências de agentes internos e externos, sejam estes de ordem política, econômica, de organização, entre tantos outros, o espaço da Universidade e seus arranjos interferem diretamente no trabalho realizado por suas mídias. A Rádio UFMG Educativa desde o começo trabalhou as potencialidades relativas à produção de conteúdo por departamentos, professores e estudantes, confirmando suas bases de programação e seus objetivos. Ana Maria Vieira, em reportagem comemorativa aos dois anos da emissora, ressalta justamente que a rádio já nessa época contava com 40 programas

de formatos variados feitos por departamentos, professores, discentes e servidores técnico-administrativos. Muitos desses programas permanecem na grade atual da emissora e outros passaram a integrar a grade recentemente.

A diversidade de temas que abordam e a expertise de seus produtores são algumas das características mais marcantes dos programas feitos com colaboradores. Sem domínio da linguagem da mídia, eles recebem noções da equipe da UFMG Educativa e acabam desenvolvendo projetos surpreendentes em áreas como música, filosofia, meio ambiente, economia, direito, veterinária, história, poesia e educação. Com a experiência, esses especialistas-comunicadores ampliam sua faceta de educadores, mas também conseguem pôr em debate, de modo atraente, questões até então distantes do dia-a-dia das pessoas e do próprio universo radiofônico. (VIEIRA, 2007, p. 8)

Esse trecho da reportagem explicita a missão da Rádio UFMG Educativa em divulgar a produção universitária, o que é feito não apenas através de reportagens e conteúdos especiais produzidos pela equipe da emissora, mas diretamente pela comunidade universitária através de programas dos diversos departamentos da instituição. Além disso, é explícita a consciência da emissora em valorizar seu caráter público desde o começo, dando espaço para a participação da comunidade de maneira geral e diversificando as vozes e as temáticas abordadas.

## MODELO DE PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO UFMG EDUCATIVA

A programação da Rádio UFMG Educativa é diversificada e agrega as características apontadas anteriormente através de uma combinação de programas de duração e formatos variados, produzidos por diversos agentes internos (equipe própria da rádio) e externos (colaboradores vinculados ou não à universidade)<sup>3</sup>.

Para a produção dos programas internos a Rádio é fragmentada em três setores: a) Jornalismo: compreende os profissionais e estagiários responsáveis

---

<sup>3</sup> As definições de colaboradores enquanto comunidade acadêmica ou como comunidade externa partem de designações próprias da emissora.

Modelo de programação das rádios universitárias públicas:  
além dos muros do campus, a estação do conhecimento

pela elaboração e apresentação dos programas jornalísticos em geral, incluindo reportagens especiais, sendo o principal deles o *Jornal UFMG*, veiculado de segunda a sexta; b) Produção: é a equipe responsável pelo conteúdo dos programas principais, além de entrevistas e reportagens especiais que não vão ao ar nos programas jornalísticos. Os setores de programação musical e publicidade educativa também são vinculados à coordenação de produção; c) Técnica: trabalha com gravação e edição de áudios, apoio no uso de equipamentos e é responsável pela rede de transmissão.

De segunda a sexta-feira são veiculados quatro programas considerados aqui como principais (apesar de a rádio não fazer essa distinção) por serem produzidos diretamente pela equipe da emissora, por terem duração e periodicidade maior que os demais e por incluírem outros produtos dentro do seu conteúdo. São eles: *Universo Literário*, *Conexões*, *Expresso 104,5* e *Noite Ilustrada*, sendo os três primeiros ao vivo.

O programa *Universo Literário* tem seu conteúdo direcionado para a literatura e programação musical elaborada exclusivamente com músicas brasileiras. O programa abarca entrevistas com autores, sugestões de leitura, informações sobre livros e lançamentos de obras.

“Ciência, cultura e cidadania”: o *slogan* do programa *Conexões* já fornece pistas de sua temática diversificada. O programa destaca as produções científicas de maneira geral, com o enfoque sempre que possível em pesquisas desenvolvidas na UFMG, além de dar visibilidade a artistas e coletivos da cena cultural local e a conteúdos de interesse da comunidade, que vão desde divulgação de eventos a discussões de assuntos mais complexos que estão em voga.

O programa *Expresso 104,5* é voltado para o público jovem, tem uma linguagem mais despojada e programação musical mais acelerada que os demais programas da grade da emissora. Seu conteúdo é voltado para informações sobre acontecimentos da universidade e eventos da cidade, música e repercussão de assuntos que estão em destaque nas redes sociais *on line*, além de quadros específicos.

O *Noite Ilustrada* é o único dos quatro programas principais da programação da Rádio UFMG Educativa que não é feito ao vivo. O programa inclui reportagens voltadas para a cultura, agenda de espetáculos, shows e exposições, além de abordar temas baseados em datas importantes para a música.

Dentro dos programas principais e ao longo da programação de maneira geral são veiculados programetes<sup>4</sup> produzidos por colaboradores externos à rádio, mas ligados a diferentes departamentos da UFMG. Com temas que vão de saúde pública ao direito, sempre relacionando ao dia a dia da população, os programetes não são a única forma de divulgação da produção científica universitária presente na rádio, mas é importante ressaltar sua relevância como possibilidades de exploração direta dos conteúdos técnicos explicados pelos próprios especialistas, ou sob supervisão deles, para o entendimento dos ouvintes, representando também um dos veios de democratização desse tipo de informação pública.

Ainda existem na programação faixas de horários dedicados a outros programas feitos por colaboradores externos à equipe da rádio, chamados internamente de programas especiais. Com múltiplos temas e formatos, esses programas corroboram para que a emissora consolide sua identidade enquanto rádio pública e educativa, falando para um público heterogêneo e atingindo cada vez mais pessoas.

Quadro 1 – Programas externos veiculados pela Rádio UFMG Educativa

Programa	Vinculação	Conteúdo
<i>A Hora do Dinossauro</i>	Colaborador externo	Rock clássico e história do rock
<i>Batuque na Cozinha</i>	Professor da FAFICH e colaborador externo	Samba, história do samba e divulgação de sambistas mineiros
<i>Conversa Afinada</i>	Colaboradora externa	Entrevistas com artistas locais
<i>Elektronica</i>	Professor da Escola de Arquitetura	Diversos estilos da música eletrônica
<i>Em Caráter Experimental</i>	Estagiários da Rádio e colaboradores externos	Espaço livre para a experimentação
<i>Gestão Educativa</i>	Programa Educacional Tutorial da Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG	Influência dos temas que circundam a administração no dia a dia da população

Modelo de programação das rádios universitárias públicas:  
além dos muros do campus, a estação do conhecimento

<i>Hora Rap</i>	Coletivo da cultura hip hop	Dedicado à música rap de maneira geral
<i>Invasões Bárbaras: músicas para derrubar o império</i>	Colaboradores externos	Explora músicas de países diferentes e dados gerais sobre a nação
<i>Junto e Mixado</i>	Programador Musical da Rádio UFMG Educativa e colaboradores externos	Cultura tradicional dos DJs. Mixagens ao vivo em vinil.
<i>Link Sonoro</i>	Locutora da Rádio UFMG Educativa	Reverberações sobre lançamento de discos e datas importantes da música
<i>Multimistura</i>	Colaborador externo	Temáticas musicais diversificadas
<i>Óbvio Ululante</i>	Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da EEEFTO da UFMG	Mesa-redonda sobre futebol e notícias relacionadas aos times da capital mineira
<i>Pensar a educação, pensar o Brasil</i>	Articula 12 instituições universitárias do Brasil	Discussões sobre a conjuntura da educação pública sob diversas perspectivas
<i>Pílulas de Blues</i>	Colaborador externo	O blues em suas diversas vertentes
<i>Portaria do Rock</i>	Colaborador externo	Informações sobre a cena local e entrevistas com bandas de rock metal
<i>Quebrando Tudo</i>	Professor do Departamento de Matemática	Divisões temporais a partir de experimentações sonoras
<i>Quinta Estação</i>	Servidor da Rádio UFMG Educativa	Experimentação e sonoridades específicas da <i>new age music</i>
<i>Rádio Arte</i>	Rede Rádio Arte	Arte radiofônica
<i>Serelepe</i>	Curso de Teatro da Escola de Belas Artes da UFMG	Projeto dedicado à produção artística para crianças
<i>Tropofonia</i>	Colaboradores externos	Experimentações sonoras

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa

A partir desse detalhamento da programação da Rádio UFMG Educativa é possível perceber sua pluralidade como emissora pública e universitária no momento em que seu espaço sonoro é ocupado por programas heterogêneos, produzidos pela equipe da emissora, por docentes, servidores e professores da universidade

e também por colaboradores externos. Esses programas contemplam múltiplos temas de interesse não só da comunidade da Universidade, mas da população de maneira geral, valendo da reflexão de Herrera Huérfano (2001, p. 66-67) de que uma emissora universitária deve cumprir uma função sociocultural que determine seu interesse público, algo que já é responsabilidade do espaço acadêmico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos eixos observados é possível perceber que a emissora tem a visão sistêmica das suas funções enquanto pública, educativa e universitária e através do seu modelo de programação se posiciona como tal. Enquanto pública, a Rádio UFMG Educativa tem amplitude do seu papel para as discussões coletivas locais, para a lógica da democratização da informação e observando os princípios de participação social, mais que puramente por suas vinculações institucionais ou formas gestionárias. O lugar da emissora enquanto universitária privilegia a divulgação de cultura e conhecimento científico que é produzido dentro da própria academia, além de potencializar as possibilidades de que sua programação seja heterogênea, diversa e abrangente, com a noção de coletividade que é muito próxima ao espaço universitário.

Um ponto que se apresenta bastante relevante é a forma de produção colaborativa e aberta, contando com a participação de variados núcleos acadêmicos e administrativos da universidade, além de servidores e de membros da comunidade externa, o que potencializa também a diversidade de conteúdos veiculados e a experimentação de formatos e gêneros radiofônicos.

As rádios universitárias são importantes instrumentos de participação social, formação complementar, divulgação do conhecimento e cultura. Suas programações são condizentes com o interesse público de suas comunidades e com a diversidade que se espera de algo que é público no sentido mais estrito do termo. As rádios universitárias seguem buscando constituir suas programações em modelos de

Modelo de programação das rádios universitárias públicas:  
além dos muros do campus, a estação do conhecimento

caráter público, em uma pluralidade de vozes e respeitando os tempos de emissão e os tempos sociais.

## REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, Sarita. Divulgação Científica: informação científica para a cidadania? **Revista Ciência da informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1996.
- ALKIMIM, Paula. **Entrevista** concedida a Rafael Medeiros. Belo Horizonte, julho de 2018.
- ASSUMPÇÃO, Z. A. Rádio universitária: vetor de comunicação científica entre o especialista e o radiouvinte. **Publicatio UEPG**, v. 1, p. 39-49, 2003.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. In: **Informação & Informação**, v. 15, n. 1, p. 1-12, dez. 2010.
- DEUS, S. F. B. Rádios Universitárias públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. In: **Em Questão**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, jul./dez. 2003.
- DEUS, S. F. B. O papel das rádios universitárias públicas na extensão universitária. *In: Anais do VIII Congresso ibero-americano de extensão universitária*. Rio de Janeiro, 2005.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: Teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- HERRERA HUÉRFANO, Eliana del Rosário. Apuntes para pensar la producción radial desde la academia. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, n. 38, 2001.
- MARTÍ, Josep Maria. La programación radiofónica. *In: MARTÍNEZ-COSTA, M<sup>a</sup> Pilar y MORENO, Elsa. Programación radiofónica – Arte y Técnica Del diálogo entre la radio y su audiencia*. Barcelona: Ariel, 2004.
- SANTOS, Elias. Rádio UFMG Educativa: origem, desafios e perspectivas. In: **Rádio em Revista**. Belo Horizonte, v. 10, 2014.
- SIGNATES, Luís; CARVALHO, Janaína. O caráter mediador das estratégias de segmentação e especialização das programações de rádio e TV ante o fenômeno

da globalização. In: **Anais do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, 1997.

SPENTHOF, Edson Luiz. A experiência laboratorial da Rádio Universitária da UFG e o debate sobre o aperfeiçoamento pedagógico dos cursos de jornalismo. In: **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 1, n. 2, 2007.

UFT. **Diretrizes da Rádio UFT FM**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2018.

VIEIRA, Ana Maria. Infância feliz: Rádio UFMG Educativa comemora dois anos de criação ampliando programação para ouvintes. In: **Boletim UFMG**, n. 1583, ano 33, set. 2007.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação das rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.

# NOVOS MODELOS DE NEGÓCIO APLICADOS AO RÁDIO UNIVERSITÁRIO

Debora Cristina Lopez<sup>1</sup>

Marcelo Freire<sup>2</sup>

Luana Viana<sup>3</sup>

Este capítulo nasce de dois movimentos construídos paralelamente: a imersão do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Laboratório de Inovação em Jornalismo (Labin) da UFOP nos debates conceituais sobre inovação e da experiência de gestão da rádio UFOP Educativa e de criação da rádio UFOP Mariana. O compartilhamento dessas experiências permitiu integrar a discussão do ideal da comunicação radiofônica educativa em plataformas digitais, com a mirada da inovação tecnológica e da narrativa aos desafios constantes da gestão de uma emissora educativa em uma universidade federal. Os debates sobre esses desafios e sobre o desalinhamento entre o que se discute na academia e o que se produz levou a ações de integração, como a implementação do projeto “Rádio Universitária e mídias digitais: apropriações de métricas na construção de estratégias de posicionamento para emissoras públicas”, coordenado pelo segundo autor deste capítulo e que pretende colaborar com essa aproximação entre mercado e pesquisa.

A gestão de uma emissora universitária revelou-se um desafio devido a questões micro, vinculadas à realidade local, mas também a questões macro, que

---

1 Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA) e professora da UFOP. Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Laboratório de Inovação em Jornalismo (Labin). É vice-coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e integra o Conselho Geral da RUBRA.

2 Marcelo Freire é Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. É professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo da UFOP. Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Laboratório de Inovação em Jornalismo (Labin).

3 Luana Viana é doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (PPGCOM/UFOP) e do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas (PPGCOM/UERJ).

dizem respeito à realidade política de um país que tem reduzido seus investimentos em educação e também às caracterizações das possibilidades de financiamento de emissoras universitárias, principalmente as públicas. Neste capítulo buscamos então discutir os modelos de negócio possíveis e os caminhos de financiamento destas emissoras.

Iniciamos com o que nos parece fundamental: a compreensão do rádio universitário, de sua caracterização, de seu delineamento, de seu papel e seus limites. Esta definição, apresentada no início do capítulo, é retomada na mirada para o modelo de negócios do rádio, assim como o cenário de inovação, buscando aplicar à realidade da radiofonia universitária os novos modelos de negócio propostos por Prata. Esta aplicação ancora-se também nas perspectivas da inovação tecnológica e narrativa, despertadas por uma nova ecologia de mídia, que demanda dos meios um posicionamento mais ativo diante da audiência e a criação de novos produtos e estratégias de interação e diálogo.

Embora a inquietação para este estudo tenha surgido de experiências de pesquisa, extensão e gestão desenvolvidas junto à UFOP, não se trata de um estudo de caso. O capítulo traz uma reflexão teórica aproxima a radiodifusão universitária e o mercado do rádio, considerando ainda como protagonista o papel cultural, social, local, educativo deste tipo de emissoras.

## RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS

A precursora entre as emissoras universitárias no Brasil é a Rádio Universidade, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com sua primeira transmissão oficial em 18 de novembro de 1957 (MEDEIROS, 2017, p.28). Já no cenário internacional, a primeira emissora universitária é a argentina Rádio Universidad Nacional de La Plata, inaugurada em 5 de abril de 1924 (GIORGI, 2018, p.132).

De acordo com a periodização proposta por Zuculoto (2012) sobre as fases da história do rádio público no Brasil, a ampla disseminação de concessões de canais educativos para universidades seria realidade apenas nos anos 1990. Essa fase também é apontada por uma presença crescente das emissoras em Frequência Modulada. É neste momento em que surge a disposição de concretizar a produção em cadeia, não apenas com retransmissão de conteúdo, mas com uma participação da produção e veiculação colaborativas.

As rádios universitárias passam a desenvolver parcerias e redes em busca de modelos mais horizontais em suas experiências, proporcionando um espaço laboral de experimentos e de iniciativas que não encontram abertura nas emissoras comerciais. Carrión (2018, p. 97, tradução nossa) aponta três categorias indispensáveis para as rádios universitárias:

1. Constituir uma estrutura horizontal: estudantes com a mesma capacidade de decisão que os docentes;
2. Deveriam ser concebidas como um meio comunitário; e
3. Serem espaços que entendem as lógicas, as dinâmicas de um tema em particular, quer seja de um espaço geográfico ou de uma característica comunitária<sup>4</sup>.

Acreditamos que as emissoras universitárias merecem ser observadas de forma detalhada por duas principais vertentes: As oportunidades que oferecem para os estudantes no âmbito da participação, experimentação e formação aproximando os alunos da prática do mercado; A busca por um meio de comunicação que diminua as fronteiras entre a sociedade e comunidade acadêmica por meio da divulgação das atividades que são desenvolvidas no âmbito universitário (CARRIÓN, 2018).

O primeiro aspecto contempla as rádios como um ambiente de experimentações dentro da própria universidade. São espaços em que os estudantes podem vivenciar uma rotina de produção e de trabalho similar ao dia a dia de uma

---

<sup>4</sup> No original: 1) Constituir una estructura horizontal: estudiantes con la misma capacidad de decisión que los docentes; 2) Deberían ser concebidas como un medio comunitario; 3) Espacios que entienden las lógicas, las dinámicas de un tema en particular, ya sea de un espacio geográfico o de una característica comunitaria.

emissora do mercado, constituindo-se em laboratórios onde os alunos assumem diversas funções jornalísticas. Para Casajús (2018), a participação nos programas não se restringe apenas a alunos de jornalismo:

Como mídia alternativa imersa no campo da educação, as rádios universitárias promovem em sua programação espaços diretamente vinculados a atualidade universitária, a divulgação científica e a difusão de conteúdos relacionados as suas carreiras, e abrem seus programas à participação dos membros da comunidade acadêmica: professores, não professores, estudantes, pesquisadores e autoridades<sup>5</sup> (CASAJÚS, 2018, p. 101-102, tradução nossa).

A articulação entre a rádio e os cursos universitários é o eixo central em torno do qual giram a implantação dos projetos e a participação dos estudantes. Quanto mais diversificadas forem as áreas de formação da equipe da emissora, mais pluralidade pode ser refletida na programação.

Em relação à segunda vertente, a da divulgação das atividades que são desenvolvidas no âmbito universitário, as rádios são peças chave na difusão do conhecimento que se gera nas universidades, buscando diminuir as fronteiras entre a sociedade e a comunidade acadêmica por meio da divulgação do que se realiza em seu âmbito.

Por meio de sua programação, as rádios universitárias contribuem com a formação crítica e cidadã dos ouvintes cumprindo sua função de serviço público. Para Carrión (2018, p. 98, tradução nossa), essas emissoras “não devem cumprir uma função de ‘comunicação interna ou institucional’ que fragmente os conteúdos<sup>6</sup>”. Suas funções sociais vão além de divulgar os feitos na universidade. O autor acredita que

---

5 No original: “Como medios de comunicación alternativos inmersos en el ámbito educativo, las radios universitarias promueven en su programación espacios directamente vinculados a la actualidad universitaria, a la divulgación científica y a la difusión de contenidos de sus carreras, y abren sus programas a la participación de los miembros de comunidad universitaria: docentes, no docentes, estudiantes, investigadores y autoridades.

6 No original: no deben cumplir una función de “comunicación interna o institucional” que fragmente contenidos.

As rádios universitárias devem tratar os temas sociais desde o enfoque do conhecimento formal, nos assuntos de interesse coletivo; o modo de financiamento deverá ser através dos fundos universitários; quem trabalha na construção de conteúdos para a rádio deverá ter uma independência da seção administrativa da universidade<sup>7</sup> (CARRIÓN, 2018, p. 98, tradução nossa).

Por se tratarem de instituições que têm o compromisso público social pautado acima dos interesses financeiros e mercadológicos, Zuculoto (2012, p.178) acredita que independente da instituição a qual estão vinculadas, “querem ser públicas, se não na sua natureza jurídica, pelo menos na forma de gestão e, principalmente, na programação”.

O rádio universitário ora é inserido na esfera da radiodifusão pública ou educativa, ora entendido a partir de um ativismo estudantil ou mesmo uma variante da comunicação comunitária, e as legislações nacionais divergem sobre esse papel, ocasionalmente colocando barreiras à entrada no dial (limitação de potência, proibição de captação de anúncios ou apoios culturais) (KISCHINHEVSKY et al, 2017, p. 6-7);

As emissoras universitárias possuem em comum sua finalidade de planejar e desenvolver uma “programação voltada ao interesse público, prestando, à sociedade, serviço cultural, educativo, e de estímulo ao exercício da cidadania” (ZUCULOTO, 2012, p. 178), o que muitas vezes ocorre por meio da divulgação científica que é produzida na academia.

Guadiana (2018) defende que as rádios universitárias devem repensar formas de conquistar a audiência, incluindo o ensino sobre a escuta. “Sem negligenciar as múltiplas preocupações da tarefa comunicativa através do rádio, acreditamos que um ponto da agenda deveria ser a educação para a escuta e para a interação<sup>8</sup>” (GUADIANA, 2018, p. 52, tradução nossa).

---

7 No original: Las radios universitarias deben tratar los temas sociales desde el enfoque del conocimiento formal, en los asuntos de interés colectivo; el modo de financiamiento deberá ser a través de los fondos universitarios; quienes trabajen en la construcción de contenidos para la radio deberán tener una independencia de la sección administrativa de la universidad.

8 No original: Sin desatender las múltiples preocupaciones de la tarea comunicativa a través de la radio, creemos que un punto en la agenda debe ser la educación para la escucha y la interacción.

O autor discorre que a reflexão sobre a construção de audiências é impulsionada quando a intenção das rádios nasce pelo desejo de realizar propostas culturais, de cidadania e de escuta. “Aprendemos a ouvir, e alguns consideram essa competência como parte de um perfil mais amplo, o de ser cidadão, e da perspectiva de alguns agentes educacionais intencionais, sendo cidadãos críticos, participativos e proativos” (GUIDIANA, 2018, p. 53, tradução nossa).

Com a finalidade de desenvolver estratégias sobre a educação da escuta radiofônica, Guidiana (2018) propõe cinco principais itens, desde a transmissão sonora via antena, passando pela convergência das mídias, ações comunitárias e por meio de campanhas e ações para reforçar a educação em meios de comunicação.

A primeira se refere a ações que utilizem o léxico, os regionalismos e a pluralidade linguística nas produções sonoras. Essa prática contribui para uma reflexão sobre a riqueza da diversidade e o dinamismo da linguagem, fazendo com que o ouvinte se sinta representado pelas mensagens veiculadas através do rádio.

O segundo item é a qualidade da informação. Os conteúdos veiculados por rádios universitárias possuem certa credibilidade imbricada, já que a emissora não responde às perspectivas impostas pelo mercado de que o lucro deve imperar. Tal fato proporciona mais liberdade para a construção das produções, criando certa confiança nos ouvintes.

Na sequência, a inclusão na programação de conteúdos para crianças pode ser uma estratégia valiosa para a construção de audiências. “Espaços inteligentes e criativos, com conteúdo de análise e discussão livre, com reflexões sobre audição e interação, que estimulem a participação por correio, telefone e outras plataformas, formarão ouvintes de rádio críticos e participativos<sup>10</sup>” (GUIDIANA, 2018, p. 56, tradução nossa).

---

9 No original: Se aprende a escuchar, y algunos consideramos esta competencia como partes de un perfil más amplio, el de ser ciudadano, y en la perspectiva de algunos agentes intencionalmente educativos, ser ciudadanos críticos, participativos y propositivos..

10 No original: Espacios inteligentes y creativos, con contenidos de análisis y libre discusión, con reflexiones sobre el oír e interactuar, que estimulen la participación por correo, teléfono y otras plataformas, irán formando radioescuchas críticos y participativos.

A convergência midiática é o quarto item das estratégias sobre a educação da escuta radiofônica, já que o uso dos recursos e das plataformas que têm a internet como base é uma possibilidade para reforçar esse aprendizado. Guidiana (2018, p. 56, tradução nossa) acredita que “o uso de redes e de plataformas interfaces são um instrumento inestimável, narrativas multimídia, intermídia e transmídia nos forçam a novas propostas sonoras e educacionais, isolar-nos no rádio seria um erro<sup>11</sup>”.

A última estratégia apontada é desenvolver atividades comunitárias para além da antena, como conferências, eventos esportivos, espetáculos, oficinas, programas em bairros, entre outros. Esses espaços externos configuram-se como importantes momentos de interação, fazer rádio fora dos estúdios permite que o público pense o meio como uma realidade concreta (GUIDIANA, 2018, p. 57).

Gerar estratégias para a educação da escuta radiofônica corrobora a tentativa de diminuir fronteiras entre as rádios universitárias e a comunidade. Quanto mais próxima e direta for a relação com os ouvintes, tais emissoras ficam mais perto de concretizar a essência do viés público-educativo que carregam.

## COMPREENDENDO A INOVAÇÃO

A inovação não é um processo simples. Embora o conceito seja estudado há décadas, não há unanimidade em relação à sua definição. Schumpeter foi o primeiro a sistematizar o conceito de inovação, a partir da economia em 1942. Seu olhar residia na inovação como motor da economia e da empresa. A evolução do conceito é múltipla e, em algumas produções, é apresentado descontextualizadamente – assemelhando mais a uma expressão do que a um conceito.

Steensen (2009) lembra, a partir de Slappendel, que o conceito pode ser olhado sob três perspectivas distintas: individualista, estruturalista ou como um processo interativo. Na primeira delas, o indivíduo é visto como a força motriz dos

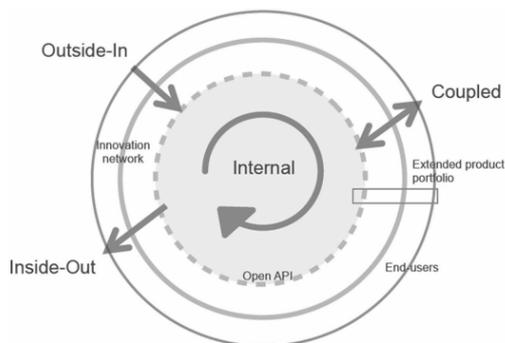
---

<sup>11</sup> No original: el uso de las redes, plataformas interfases son un instrumento invaluable, las narrativas multimedia, intermedia y transmedia nos obligan a nuevas propuestas sonoras y educativas, aislarnos en la radio sería un error.

processos inovadores e na segunda delas é a estrutura da organização – interna ou externa – a determinante para o caráter inovador. Já a terceira delas seria capaz de construir uma ponte entre ambas conectando as ações individuais e a estrutura organizacional no delineamento da inovação.

Observa-se, nesta mirada tripla sobre a inovação, um processo complexificado, que contempla distintos atores e cenários no desenvolvimento de uma ação ou organização. Por ser vinculada a sujeitos e relações diversas, lembra Steensen (2009), a inovação não se mantém estática durante o processo, mas dinâmica, sendo influenciada por agentes e contextos em distintos momentos deste processo. Estas mudanças, como destacam Aitamurto e Lewis (2012), originam-se também nas relações dos meios com suas audiências. Para os autores, a nova caracterização das audiências está levando ao que denominam de “estratégias de inovação aberta”, com o uso de tecnologias externas por companhias e o estímulo pela companhia a que terceiros comercializem suas tecnologias. Através desta estratégia, defendem os autores, ampliar os fluxos internos e externos de conhecimento de uma organização, forjando novos caminhos para possíveis comercializações de inovações. Muitas vezes essas relações levam a uma outra via de inovação aberta: o processo combinado, que se desenvolve através de parcerias, alianças e *joint ventures* que permitem a criação de valor para ambas empresas através da combinação de processos internos e externos de inovação.

Figura 01: Inovação aberta em APIs abertas de organizações midiáticas



Fonte: Aitamurto & Lewis, 2012, p. 326

A criação de redes de inovação, então, é uma realidade no caso de empresas que adotam o processo combinado, com processos in e out construídos a partir de uma API aberta e podem alterar o impacto dos produtos e conteúdos midiáticos junto aos usuários finais. No caso de uma organização jornalística – perspectiva da qual partem os autores - a inovação aberta permite o uso da informação produzida pelo meio, levando à criação de novas formas de narrar.

A inovação pode ser observada também pela perspectiva dos movimentos de indução. Palacios *et al* (2015, p. 9) baseiam-se em Feldman para apresentar a tripla classificação dos movimentos:

- a) inovações induzidas pelos meios (novos meios para propósitos já existentes);
- b) inovações induzidas pelos propósitos (novos propósitos a serem servidos pelos meios), através da agregação de uma possível terceira categoria ou dimensão de indução de inovação; c) a inovação induzida pelas affordances (propriedades de interface ou hardware que sugerem sua colocação em uso inovativo)

Pensar o movimento de inovação no rádio nos permite a associação a qualquer um destes movimentos, embora concordemos com os autores que a terceira perspectiva, em análises específicas, permita a discussão e análise apurada dos “modos de aparecimento, difusão e apropriação social de inovações” (p. 9). O caráter mais ativo da audiência e a ampliação do consumo de áudio e de narrativas imersivas em mídias digitais podem ser vistos como o ponto de partida para as delimitações inovadoras em produtos de comunicação.

Como lembram Palacios *et al* (2015, p. 13)

[...] no campo da comunicação, o ato inovador em geral se refere a ações presentes em processos comunicacionais que geram produtos novos e inovadores, ou introduzem mudanças nas teorias da comunicação e linguagem. além disso, consideração deve ser dada a elementos tais como formatos, narrativas e os processos de sua recepção, formação de hábitos e criação de audiências, bem como novas formas de organização da comunicação enquanto um negócio.

Observamos então que a inovação, como lembra Rogers (1983), não é necessariamente demarcada por uma mudança completa no processo em que se estabelece. Ela pode ser configurada por um movimento, por um passo no sentido da inovação maior, “disruptiva”, e muitas vezes passa despercebida por parte dos usuários de um meio. A naturalização das pequenas inovações, lembra o autor, compõe um processo mais complexo de mudança, que pode levar, como presenciamos atualmente, à reconfiguração de um processo ou produto – como é o caso do rádio inserido no cenário de convergência.

Reiterando esse caráter complexo dos processos inovadores, Tuomi (2002), lembra que a inovação só se estabelece a partir de uma mudança nas práticas sociais. Compartilhando do olhar de Jenkins (2006) sobre a convergência, Tuomi destaca que uma empresa não inova sozinha, mas a partir de um movimento que envolve outros atores e afeta a construção das relações em uma sociedade. As invenções, então, precisam ser apropriadas pelos usuários, que passam a dar a ela um significado em suas ações – sejam elas as planejadas / esperadas ou não.

## MODELO DE NEGÓCIO PARA RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS

Neste capítulo, partimos da compreensão de modelo de negócio apresentada por Prata (2016, p. 376) citando Magretta (2002), como “Uma análise da cadeia de valor que toma a organização como um todo e deve identificar quem é o cliente; o que tem valor para o cliente; como obter lucro e qual a lógica econômica inerente”<sup>12</sup>. Neste texto, ao tratarmos de emissoras universitárias, não iremos considerar a obtenção de lucro, mas a possibilidade de realização de reinvestimentos e o desenvolvimento de uma infraestrutura mais complexa de trabalho qualificado adequado à lógica de mercado vigente. Como lembra Prata (2016), a organização de um modelo de negócio deve considerar condições internas e externas ao meio, observando a cadeia

---

<sup>12</sup> No original: “Un análisis de la cadena de valor que impregna la organización como un todo y debe identificar quién es el cliente; qué valor para el cliente; como obtener lucro y cuál es la lógica económica inherente”.

de valor da emissora e também a cadeia de valor externa, que envolve dinâmicas de produção, circulação, distribuição e consumo de conteúdo. Ao pensarmos em emissoras inseridas na nova ecologia de mídia, em que o rádio é desafiado a inovar e a fazer movimentos iterativos de reconhecimento da audiência e de suas demandas (LOPEZ, 2016), deve-se também levar em conta elementos mais amplos, como o financiamento externo dos meios, a estruturação econômica dos países, estados e municípios, a conectividade da audiência, entre outros.

A cada dia, o processo de reinvenção das emissoras torna-se mais dinâmico e depende, de maneira mais direta, da ação dos gestores. As mudanças sociais demandam gestores que não repliquem a estagnação vista no Brasil em um de seus momentos históricos mais intensos, a chegada da televisão (LAGO, 1977), mas criem novas estratégias de inovação narrativa, de gestão e de tecnologia. Prata (2016) parte deste novo cenário em que as emissoras se alocam para propor um novo modelo de negócio para o rádio, tendo nas formas de financiamento seu eixo central. Para a autora, a nova cadeia de valor do rádio na internet se organiza em cinco eixos (PRATA, 2016, p. 380-388):

- a) Franquia: a franquia é a autorização que se dá a uma pessoa ou grupo para explorar um produto, marca ou atividade. Embora tenha uma estrutura aparentemente similar às redes de rádio, não requer produção de conteúdo local. “E a emissora franqueada não terá custos de musicalização, edições, produção artística, redação e locução de informativos, operação técnica, etc” (PRATA, 2016, p. 381), precisando somente inserir as publicidades locais na programação contratada.
- b) Crowdfunding: o financiamento coletivo é um dos caminhos possíveis para as emissoras de rádio, seja para projetos especiais (eventuais ou contínuos) e até mesmo para atualizar equipamentos das emissoras. O crowdfunding conta, tradicionalmente, com sistema de recompensas para estimular as doações, mas pode também ser visto como uma forma de doação, empréstimo ou participação no capital social (FERNÁNDE-

Z-SANDE & GALLEGO, 2015; PRATA, 2016).O diferencial do crowdfunding é o estabelecimento de metas financeiras para que os projetos sejam realizados.

- c) Assinatura:Na assinatura, os ouvintes têm acesso a programas ou programações específicas através do pagamento de mensalidades. O conteúdo pode ser disponibilizado através de rádios de carro conectados à internet, computadores, dispositivos móveis ou canais de TV a cabo.
- d) Diversificação de produtos:apontada pela autora como um caminho para a sustentabilidade das emissoras, a diversificação de produtos engloba, por exemplo, a oferta de conteúdo em vídeo para TV, a criação de bares ou eventos para público específico ou ainda a venda de produtos com a marca da rádio (PRATA, 2016, p. 386).
- e) Modelos híbridos:são os modelos de financiamento que integram e interconectam modalidades de rádio tradicional e em plataformas digitais. Através do consumo multiplataforma, por exemplo, é possível expandir narrativas, integrando aplicativos, jogos ou dossiês especiais que envolvam compra de conteúdo ou novos espaços para inserção de parceiros financiadores.

Alguns modelos de financiamento, entretanto, não podem ser plenamente enquadrados em nenhuma das categorias propostas pela autora. É o caso da patronagem de podcasts, que se assemelha ao financiamento coletivo e à assinatura, mas não estabelece metas financeiras para o início das atividades e não estão vinculados necessariamente a sistemas de acesso restrito ao conteúdo. A produção de conteúdo exclusivo para os patrões, a possibilidade de opinar sobre o material a ser produzido ou a disponibilização dos áudios com antecedência podem ser vistos como recompensas, comuns no crowdfunding. Desta forma, circula por ambos. Este apagamento das linhas que separam as estratégias de produção de conteúdo

e financiamento demandam uma revisão dentro das próprias rádios – ou uma reengenharia, como indica Álvaro Bufarah (2015),

Falar em reengenharia das emissoras para deixá-las mais competitivas aplica-se às rádios universitárias? Como pensar essa reengenharia quando trabalhamos com instituições de perfil tão diverso, ainda que sejam todas universitárias? Essa diversidade reflete a própria diversidade do sistema educacional brasileiro, com instituições privadas e públicas (que por sua vez podem ser municipais, estaduais ou federais). Cada uma tem uma regulamentação específica, que afeta como pode captar e gerenciar recursos, aquisição e manutenção de equipamentos e contratação de pessoal.

Novos modelos de negócio aplicados ao rádio universitário

Modelo	Universidades públicas	Universidades privadas
Franquia	Aplicável parcialmente, desde que adequada às normas de captação / gestão de recursos por autarquia e sem uso de publicidade	Aplicável, desde que adequada ao conteúdo público-educativo e sem uso de publicidade
Crowdfunding	Aplicável com adaptação às normas de captação de recursos por autarquias.	Aplicável.
Assinatura	Aplicável para produção de conteúdo para público específico, mas sem cobrança pelo acesso.	Aplicável em modelo Freemium, com acesso gratuito em antena e conteúdo exclusivo para assinantes em plataformas digitais.
Diversificação de produtos	Aplicável, com possibilidade de ação seguindo os moldes de exploração financeira da marca da universidade. Restrição às normatizações do conteúdo educativo-cultural (excluindo bares e bebidas alcoólicas, por exemplo) e adaptação às normas de captação de recursos por autarquias.	Aplicável, com possibilidade de ação conjunta com a marca da universidade. Restrição às normatizações do conteúdo público-educativo (excluindo bares e bebidas alcoólicas, por exemplo).
Modelos híbridos	Aplicável, principalmente em relação ao consumo expandido, mas com dificuldades de implementação de cobranças pelo acesso	Aplicável em relação ao consumo expandido e à implementação de cobrança pelo acesso.

<p>Financiamento por editais</p>	<p>Aplicável para projetos específicos, especialmente temáticos (direitos humanos, divulgação de ciência e tecnologia, etc). Permite estruturar a emissora e, em alguns casos, fazer contratações temporárias.</p>	<p>Aplicável para projetos específicos, especialmente temáticos (direitos humanos, divulgação de ciência e tecnologia, etc). Permite estruturar a emissora e, em alguns casos, fazer contratações temporárias.</p>
----------------------------------	--	--

Fonte: autoria própria, adaptado da proposição de Prata (2016)

À proposição feita por Nair Prata acrescentamos uma das principais modalidades de financiamento de projetos por emissoras de rádio públicas, os editais de agências de fomento, de órgãos governamentais, de empresas e de organizações não-governamentais nacionais e estrangeiras. Através deles, é possível atualizar equipamentos já defasados, investir em projetos inovadores e em temas de interesse do público, explorando narrativas e processos produtivos mais complexos.

A aplicabilidade dos modelos de negócio de rádios universitárias diz respeito, muitas vezes, à construção de redes de colaboração entre emissoras públicas em vez de financiamento efetivo. Consideramos, nesta classificação, a delimitação de conteúdo das emissoras e o perfil da audiência e as restrições impostas pelas leis que normatizam a captação e a gestão de recursos por entes públicos. Desta forma, por exemplo, uma rádio pública teria maior dificuldade de adotar um modelo de franquia do que uma privada, já que tem limitações de captação.

Consideramos que as emissoras universitárias não têm como objetivo a obtenção de lucro, mas a difusão do conhecimento e da cultura, o diálogo com as comunidades interna e externa da instituição e o fortalecimento, através destas ações da imagem da instituição e observamos que através da colaboração propiciada pelos modelos aqui apresentados estes propósitos podem ser alcançados. O caráter formativo da rádio universitária, não restrito a estudantes de comunicação, também é uma variável importante para a reflexão que propomos. Uma instituição que opte, por exemplo, por ser franqueada abre mão deste papel, deixando de oferecer um espaço de formação para seu corpo discente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta que apresentamos neste capítulo parte de inquietações do cotidiano de uma universidade em suas instâncias centrais (ensino, pesquisa, extensão) aliando-se aos desafios da gestão para discutir os caminhos para a sustentabilidade das rádios universitárias. Os caminhos que se abrem são diversos, mas direta ou indiretamente indicam um desafio: não é mais possível pensar somente na instituição como sustento das emissoras. Essa afirmação não é – e não deve ser vista como tal – uma isenção de responsabilidade das instituições, mas considera o cenário de recessão que vive o país e que afeta de maneira muito intensa as emissoras de rádio universitárias, com redução de contratações e orçamento, depreciação das condições de trabalho e, em alguma medida, um desgaste na relação estabelecida com a comunidade. O desafio reside em cumprir o compromisso da radiodifusão universitária com sua audiência e com seu conteúdo buscando alternativas de financiamento.

Este capítulo reflete um primeiro esforço de pensar esse cenário e discutir as possibilidades que se abrem para o campo. Como um dos caminhos, apresentamos as parcerias entre produtores de conteúdo público-educativo, o que não envolve captação de recursos, mas união de esforços pela produção de qualidade e ao compromisso com os estudantes, mantendo a cozinha da emissora aberta para esse processo formativo, ainda que em menor proporção.

Como alternativas para captação de recursos surgem o financiamento coletivo – seja ele permanente ou pontual, para um projeto especial; a exploração da marca da emissora, principalmente a partir da fidelização de uma audiência seleta; as assinaturas periódicas, principalmente voltadas ao público local e mais engajado com a rádio.

De maneira geral, o que percebemos é a dificuldade das emissoras universitárias públicas em monetizar as ações possíveis, devido às restrições legais que lhe são impostas. Nas emissoras universitárias privadas os entraves são reduzidos e

dizem respeito principalmente à manutenção de um perfil de conteúdo público-educativo, com maior flexibilidade nas dinâmicas de captação de recursos.

Alguns caminhos são abertos por este primeiro estudo, para um desenvolvimento futuro, tais como a possibilidade de desenvolver parcerias público-privadas para as emissoras públicas, certificando-se de que com elas esse perfil público-educativo e o controle editorial permaneçam nas mãos da instituição; e a possibilidade de explorar os potenciais das ferramentas digitais para compreender o perfil do público, produzir conteúdo de interesse direto e otimizar as captações de recursos possíveis para construir uma radiodifusão comprometida e reconhecida pela sociedade. A aproximação das emissoras com a academia, com a pesquisa e com o desenvolvimento de tecnologias também é importante para que possamos caminhar em direção à inovação.

## REFERÊNCIAS

AITAMURTO, Tanja; LEWIS, Seth. Open innovation in digital journalism: Examining the impact of Open APIs at four news organizations. **New Media & Society**,15(2), pp. 314–331, 2012.

BUFARAH, Álvaro. O impacto das tecnologias no rádio e a necessidade do setor se reinventar. In: 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT4-RM.htm), acesso em: 09 mar. 2019

CARRIÓN, Ricardo Tello. Los medios públicos, privados y comunitarios en la legislación ecuatoriana y la réplica de modelos: estado de medios em la radio universitaria. In: Martín-Pena, Daniel; Moreno, Agustín Vivas (Orgs). **Radios universitarias en marcha: hacia la construcción de una contra agenda mediática**. 1ed. Avellaneda, Badajoz e Madrid: UNDAV Ediciones, Junta de Extremadura, Fundación Ramon Areces, 2018.

CASAJÚS, Lucía. La articulación académica y la participación de los estudiantes em la radio universitaria. La experiencia de Radio UNDAV. In: Martín-Pena, Daniel; Moreno, Agustín Vivas (Orgs). **Radios universitarias en marcha: hacia**

**la construcción de una contra agenda mediática.** 1ed. Avellaneda, Badajoz e Madrid: UNDAV Ediciones, Junta de Extremadura, Fundación Ramon Areces, 2018.

FERNÁNDEZ-SANDE, Manuel. El crowdfunding como herramienta de financiación de contenidos radiofónicos y sonoros en España. **Quaderns del CAC.** Num 41, vol. 18, jul. 2015.

GIORGI, Mario. De cómo la RRULAC se transformó en la RIU. In: Martín-Pena, Daniel; Moreno, Agustín Vivas (Orgs). **Rádios universitarias en marcha: hacia la construcción de una contra agenda mediática.** 1ed. Avellaneda, Badajoz e Madrid: UNDAV Ediciones, Junta de Extremadura, Fundación Ramon Areces, 2018.

GUADIANA, Álvaro. La construcción de audiencias desde la radio universitaria. In: Martín-Pena, Daniel; Moreno, Agustín Vivas (Orgs). **Rádios universitarias en marcha: hacia la construcción de una contra agenda mediática.** 1ed. Avellaneda, Badajoz e Madrid: UNDAV Ediciones, Junta de Extremadura, Fundación Ramon Areces, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFA, Izani; MATOS, Cristiana; COUTINHO, Lorena Hang **História do Rádio Universitário no Brasil: Uma Primeira Abordagem.** In: XI Encontro Nacional de História da Mídia, 2017, São Paulo, SP. Anais do XI Encontro Nacional de História da Mídia, 2017.

LAGO, Mario. **Bagaço de beira estrada.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

LOPEZ, Debora Cristina. (Re)Construindo o conceito de audiência no rádio em cenário de convergência. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo (eds). **Estudos radiofônicos no Brasil — 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom.** São Paulo: Intercom, 2016.

PALACIOS, Marcos; BARBOSA, Suzana; SILVA, Fernando Firmino da; CUNHA, Rodrigo. jornalismo móvel e inovações induzidas por affordances em narrativas para aplicativos em tablets e smartphones. In: CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan (orgs). **Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo.** Covilhã: LabComLivros, 2015.

PRATA, Nair. Nuevos modelos de negocio de la radio. In: MARFIL, J. Pedro; RÖMER, Max (orgs.) **Actas del XXII Congreso Internacional Sociedad Española de Periodística.** Madrid: Sociedad Española de Periodística, 2016.

ROGERS, Everett. **Diffusion of Innovation**. New York: The Free Press, 1983.

STEENSEN, Steen. WHAT'S STOPPING THEM?, **Journalism Studies**, 10:6 ,pp. 821-836, 2009.

TUOMI, Ilkka. **Networks of Innovation: Change and Meaning in the Age of the Internet**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

ZUCULOTO, Valci. **A programação das rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Ed. Insular, 2012.

# LA COPRODUCCIÓN INTERNACIONAL ENTRE RADIOS UNIVERSITARIAS

Lucía Casajús<sup>1</sup>

Noelia Giorgi<sup>2</sup>

Aldo Rotman<sup>3</sup>

## INTRODUCCIÓN

Las producciones radiofónicas conjuntas entre emisoras universitarias de distintos países son uno de los exponentes del trabajo en red. Justamente, la conformación de redes comenzó con unos primeros encuentros entre dos o más emisoras, intercambios de noticias y avances en ciencia e investigación; y experiencias de coproducción de contenidos. Un espacio de acuerdos que demandaba una organización formal para superar lo meramente radial y consolidar bloques de gestión para el acompañamiento de las políticas desde y hacia las emisoras universitarias. Como indica Giorgi (2018: 136) “No será casual entonces, la formación de las asociaciones o redes nacionales en cada uno de los estados, producto del crecimiento del número de emisoras y su necesidad de compartir proyectos y sueños”.

---

1 Responsable de articulación institucional y académica en la Dirección de Medios de la Universidad Nacional de Avellaneda. Docente universitaria. Doctora en Comunicación (Universidad Jaume I). Integrante de la RIU

2 Responsable de la programación de Radio UNDAV, productora general de la Dirección de Medios y Docente de la Universidad Nacional de Avellaneda. Maestranda en Comunicación y Creación Cultural (Fundación Walter Benjamín). Integrante de la RIU.

3 Presidente de la Asociación de Radiodifusoras de Universidades Nacionales Argentinas (ARUNA). Vicepresidente de la RIU. Director General del Sistema Integrado de Radios de la Universidad de Entre Ríos (SIRUNER). Docente universitario.

Y es que incluso antes de la formalización del trabajo en red de las radios universitarias, existen distintos antecedentes en el intercambio, el establecimiento de vínculos y acuerdos entre emisoras. Como señala Giorgi (2018: 134)

Hasta bien avanzados los 90, desde muchas radios universitarias se podían escuchar aún las emisiones de onda corta de radios públicas como la BBC, la RAI, RFI o contenidos grabados de la Deutsche Welle, la Radio Exterior de España o la extendida Radio Nederland de los Países Bajos.

Experiencias que dieron pie al posterior intercambio de contenidos que se haría entre las emisoras de las universidades. Retomando a Giorgi (2018: 134),

Creemos conveniente contrastar esa acción divulgadora de contenidos y formatos no propios, frente al enorme cuadro colaborativo que se abrirá cuando las mismas radios comiencen a mirarse entre ellas y avancen hacia la conformación de redes y redes de redes.

El trabajo en redes nacionales y transnacionales de emisoras universitarias se ha plasmado tanto a través de las coproducciones como del intercambio de contenidos que se está erigiendo como una estrategia no solo para dotar a estos medios de propuestas diferenciadas, sino también para promover la extensión y visibilización de las radios universitarias, que encuentran en la red un espacio de construcción y difusión colectiva (Casajús y Giorgi, 2017).

La experiencia de coproducción pone de manifiesto que las radios universitarias pueden trascender la producción individual para apostar por la colectiva. La tarea interinstitucional y colaborativa permite aumentar la visibilidad y el impacto del trabajo realizado en cada radio universitaria. En este sentido, al implicar a radios universitarias de diferentes países el alcance de la difusión se multiplica a la vez que se logra el fortalecimiento del contacto periódico entre las emisoras del mundo.

## BUENAS PRÁCTICAS EN EL ÁMBITO DE LA COPRODUCCIÓN

Como ejemplo de buenas prácticas en el trabajo radiofónico interuniversitario, haremos aquí un repaso de las principales coproducciones que se han materializado entre las radios universitarias.

### CUANDO VUELVAS DEL OLVIDO

Sin dudas que el primer encuentro de la RRULAC (*Desde Nuestros Acentos*) realizado en la Universidad Nacional Autónoma de México, entre el 4 y el 7 de octubre de 2011 fue motivador. Además de la diversificada oferta de charlas, conferencias y talleres, que reunió a una gran cantidad de representantes de radios universitarias de diferentes países, se destacó un espacio para realizar coproducciones entre los integrantes de las radios universitarias de Latinoamérica. “Voces, Sentidos y Acentos” fue la paleta sonora de la diversidad que con sus primeras pinceladas en clave de experimentación, pintó un espacio de producciones conjuntas que intentan poner en valor a la radio universitaria y desplegar todo su potencial.

Así apareció el desafío de escribir una historia original a cuatro manos. Una escritora y un escritor de cada uno de los países involucrados desarrollaron un método de trabajo salvando las barreras de la distancia para un público mexicano y argentino. El género de ficción no fue elegido azarosamente, uno de los grandes objetivos estructurantes del proyecto fue contribuir a la generación de espacios de reflexión que nos permitan reposicionar a las dramatizaciones radiofónicas en la disputa de generación de sentido del campo cultural. Estamos convencidos, hoy más que nunca que la ficción sonora debe dejar de producir añoranzas de un tiempo pasado y debe considerarse como una herramienta cultural que supera el mero entretenimiento.

Todo llevó su tiempo, la firma de los convenios de cooperación internacional, la búsqueda de los recursos para financiar el proyecto y la suma de voluntades que

reunió a un equipo de trabajo que superó las cien personas entre guionistas, actores y actrices, directores, asistentes, músicos y músicas, locutores, técnicos, personal administrativo y colaboradores. La magnitud de gente nos da una idea de la complejidad y el esfuerzo *Cuando Vuelvas del Olvido*, es el resultado de más de dos años de trabajo constante y sostenido que arrojó como resultado una radionovela coproducida entre las universidades nacionales argentinas de Entre Ríos y Rosario; y la Universidad Nacional Autónoma de México. Su temática gira en torno a los desaparecidos durante la dictadura militar en Argentina, en la década de los 70 y 80. Con 32 capítulos de media hora de duración, se centra en una historia de amor enmarcada en la terrible y dura realidad que se vivía en Argentina durante la última dictadura cívico militar; épocas en las que para muchas personas, México fue el destino del exilio. La coproducción desarrolla la historia de una argentina que busca su identidad y un mexicano que desafía el pasado para encontrar la verdad. Cuando vuelvas del olvido es una radionovela de historias que se cruzan más allá de las fronteras.

A pesar de que ya tiene unos años de realizada, todavía puede oírse en alguna radio universitaria y en los distintos repositorios de contenidos que siguen incrementando la cantidad de reproducciones. Ha sido reconocida recientemente con la distinción al mejor guion en radio por ARGENTORES la Sociedad General de Autores de la Argentina, una asociación civil de carácter mutual y profesional integrada por los autores del cine, teatro, televisión y radio.

## SEMILLAS DE CIENCIA

El proyecto de divulgación científica *Semillas de Ciencia* se ha constituido en una de las experiencias emblemáticas de trabajo conjunto, internacional e interuniversitario. Se trata de un programa radiofónico que se dirige a aproximar la ciencia a la sociedad y que aprovecha el potencial de las radios universitarias como canal entre ciudadanía e investigadores. Todo esto, con el valor agregado de

la coproducción internacional e interuniversitaria que promueve la difusión de esta producción en distintas emisoras, de diferentes países.

El programa, comenzó como un proyecto promovido desde la Asociación de Radios Universitarias de España (ARU), financiado en 2013 por la Fundación Española para la Ciencia y la Tecnología (FECYT) a través de la convocatoria de ayudas para el Fomento de la Cultura Científica, Tecnológica y de la Innovación. Durante los primeros meses de 2014 las emisoras españolas trabajaron en la fase inicial con la realización de 16 programas radiofónicos.

Desde un inicio el propósito era trascender las fronteras, y no solo en lo que se refiere a la difusión sino también en lo vinculado a la producción de contenidos. Así, durante las jornadas de celebración del 90 aniversario de Radio Universidad Nacional de La Plata, en 2014, se produjeron una serie de contactos entre representantes de la Asociación de Radios Universitarias de España (ARU) y de la Asociación de Radiodifusoras de Universidades Nacionales de Argentina (ARUNA) tras los cuales se logró un acuerdo para la producción de contenidos con los responsables del programa *Argentina Investiga por Radio*.

El resultado fue la realización de micros con la perspectiva argentina de cada una de las áreas temáticas de los programas, “Con la idea también de que *Semillas de Ciencia* pueda ser corresponsal del programa argentino cuando éste lo precise, ya no solo en la propia producción de contenidos, sino en la facilitación de contactos de investigadores o de grupos de investigación” (Parejo y Martín-Pena, 2014).

En la convocatoria de ayudas de FECYT 2015 el proyecto volvió a recibir apoyo financiero y en 2016 se inició la segunda temporada. En esta ocasión la red de radios universitarias argentinas, ARUNA, continuó colaborando a través de la participación de las emisoras Radio UNDAV, de la Universidad Nacional de Avellaneda, y Radio UNER Paraná, de la Universidad Nacional de Entre Ríos. Estas radios realizaron unas 30 producciones con el aporte de investigadores argentinos en diferentes ámbitos. Además, en esta segunda fase, se plasmó la incorporación como coproductora de contenidos de las emisoras mexicanas pertenecientes a la

Red de Radios Universitarias de México (RRUM) así como la colaboración con la Red de Radios Universitarias de Colombia (RRUC) que está emitiendo todos los espacios creados en conjunto por las otras tres redes (ARU, ARUNA y RRUM).

Este proyecto fue una pieza fundamental que profundizó el intercambio de actividades entre las radios universitarias y propició otras coproducciones.

## SOMOS RIU

El programa radial *Somos RIU* se está produciendo entre distintas radios universitarias y comenzó a emitirse en el mes de octubre de 2018.

El proyecto surge en el marco del IV Encuentro de la RRULAC en el que se acordó poner en marcha esta iniciativa con el objetivo de visibilizar el trabajo de las emisoras universitarias, dar cuenta de la actualidad de las distintas universidades, aprovechar contenidos producidos por estas radios y potenciar su alcance a través de la difusión internacional.

Hasta el momento se han realizado un total de 15 programas y se encuentran trabajando en la producción de la segunda temporada las emisoras OndaCampus (Extremadura, España), Radio UNDAV (Avellaneda), Radio UNMDP (Mar del Plata), Radio UNTDF (Tierra del Fuego), Radio UNPA (Patagonia Austral) y Radio UNER Paraná (Entre Ríos) de Argentina; de Ecuador la Radio UCSG (Universidad Católica de Santiago de Guayaquil) y de México las emisoras del Instituto Politécnico Nacional Radio IPN, Radio UAM de la Universidad Autónoma Metropolitana, Radio UJAT de la Universidad Juárez Autónoma de Tabasco, y Concepto Radial del Instituto Tecnológico de Monterey.

El programa, de una hora semanal, compila contenidos de las distintas emisoras de la red en una producción integral que se realiza con la participación de las distintas radios y se emite en las diversas estaciones. Se propone recuperar los contenidos ya consolidados en ellas, un recorrido por las voces unidas en el espacio radial que ya ocupan. Entre las temáticas trabajadas podemos mencionar la

Divulgación Científica, los Derechos Humanos, la Diversidad Cultural y la Cuestión de Género. Se plantea, además, dar cuenta del origen y la actualidad de la nueva red de redes para consolidar y fortalecer a la RIU.

Bajo la premisa de expansión hacia las radios universitarias, la iniciativa se convierte en un programa integral en el que la artística, la música, los contenidos y las voces son identitarios de cada país, cada universidad y cada emisora, pero confluyen en una producción única, fruto del trabajo colaborativo. Se parte del convencimiento de que una manera de dejar plasmada la participación de las radios universitarias nucleadas en sus respectivas redes es a través de la creación de espacios elaborados desde el ámbito local, o más bien desde varios ámbitos locales de distintas universidades, pensados para ser difundidos de manera global. Asimismo, esta producción recoge el lema que dio nacimiento a la RIU: *Radios universitarias en marcha: hacia la construcción de una contra-agenda mediática*, mostrando que las emisoras están activas en la producción de contenidos alternativos a los de los grandes medios.

## OTRAS COPRODUCCIONES

Otra coproducción a destacar es el programa *De ida y vuelta* que fue un informativo global de una hora semanal, realizado y emitido en simultáneo por las emisoras InfoRadio (España), Concepto Radial (México) y Radio UNDAV (Argentina). Se realizó durante 2016 y 2017 como proyecto radiofónico interuniversitario donde se exponen y desarrollan temáticas económicas, políticas, sociales y culturales que atraviesan a los países, analizados desde sus perspectivas.

También podemos mencionar el programa piloto de la Asociación de Radios Públicas y Universitarias de América Latina (ARPUALC) *Una tarde para ARPUALC* en el que la emisora de la Universidad Nacional de Avellaneda estuvo encargada de la realización y en el que se trabajó en forma conjunta con Radio UNER Paraná, con la Red de Radios Universitarias de Chile (REUCH), Radio Nacional de El Salvador

y Radio Nacional del Paraguay. El programa fue realizado en 2017 con la intención de visibilizar las producciones y acciones de dicha Asociación.

Asimismo, cabe mencionar el ciclo *Día de Campus* iniciado en 2014, a través de la articulación entre la RRULAC, la Unión de Universidades de América Latina y El Caribe (UDUAL) y Radio UNAM con la participación de emisoras universitarias de distintos países. Se trata de una serie de micros protagonizados por jóvenes estudiantes que opinan sobre diferentes temáticas tales como: Autonomía universitaria, Educación Superior y diversidad cultural, Investigación en Ciencia, Tecnología e Innovación como motor del desarrollo humano, el rol de la Educación Superior de cara a los desafíos sociales de América Latina y el Caribe, la Universidad y la promoción de la igualdad de Género, o la Universidad como factor que estimula la generación de cambios.

A nivel europeo podemos destacar el proyecto *EuroPhonica* una coproducción dirigida por Radio Campus France (la red francesa de emisoras universitarias) en la que participan estaciones españolas, italianas, alemanas, portuguesas y griegas. Se trata de una producción mensual de programas en directo desde el Parlamento Europeo de Estrasburgo, coincidiendo con los plenos parlamentarios que se celebran en dicha sede. El proyecto supone una oportunidad única para los estudiantes universitarios que participan, ya que pueden hacer uso de las instalaciones radiofónicas de la institución europea y entrevistar a eurodiputados de sus respectivos países.

## LA COPRODUCCIÓN Y SOMOS RIU COMO EMBLEMA DE UN SIGLO EN EL AIRE

Fue justamente en Madrid, en la jornada inaugural del que iba a ser el encuentro de la RRULAC- Iberoamericana (luego RIU), en la sede de la Secretaría General Iberoamericana (SEGIB) en octubre de 2017, cuando una frase, emblema

del organismo por ese tiempo, apareció como complementaria de aquella mirada fundante en México “Desde nuestros acentos”. Es que en aquel espacio de convergencia de la región iberoamericana, en el muro, sobre un gran paisaje de las regiones unidas sobre ambos lados del atlántico, se podía observar una frase tan sencilla como contundente: “Diferentemente iguales”.

Como si hubiera que darle otra vuelta a la necesidad de plasmar en una acción concreta tantas señales sobre el destino común de la radio universitaria, apareció algo, tan viejo como novedoso, para que esa unión de acentos, diferencias, coincidencias, sentires y sueños, desembocaran en el programa *Somos RIU*. Si bien hay un disparador que debería reconocer en primera persona, la nutriente del compacto se apoya generosamente en el compromiso colaborativo y solidario, que permite contar pequeñas historias suficientemente enormes para definir radio, universidad, país, acentos y sentidos.

Punto de encuentro de las radios que se van sumando, el programa se dirige a convertirse en más que una expresión radial a medida que se integran emisoras universitarias de todo el mundo. Es un escenario político sin dudas, un espejo que refleja el tiempo, el presente de cada lugar desde la mirada de sus radios universitarias. Y será necesario muy pronto elaborar nuevos formatos que permitan sortear las barreras de idioma al tiempo que se deberán multiplicar las horas *Somos RIU* para que tengan su espacio las radios que se incorporen.

Es que el proyecto inspirado en el IV Encuentro RRULAC (hoy RIU) es ya emblema de la coproducción universitaria y va cumpliendo el objetivo que se propone. Incorporar una agenda democrática para contrarrestar con contenidos alternativos las dinámicas comunicacionales de los medios concentrados. Visibilizar, en un intercambio, el trabajo de las radios universitarias, ofrecer la mirada académica sobre temas que no están sostenidos en las agendas mediáticas, establecer el estado en que se halla la investigación científica, poner en valor el tratamiento serio de los temas que agobian o condicionan a la humanidad y sostener los sonidos identitarios

de cada región, hacen de *Somos RIU* una experiencia incomparable capaz de ser sostenida en el tiempo debido a la carga inagotable de contenidos.

El compromiso operativo que hasta ahora vienen cumpliendo las radios demanda, en el proceso de rotación de responsabilidades, que una de ellas concentre y acopie todas las producciones y las organice, edite y despache a la totalidad de las asociadas para su emisión particular. Cada radio posee además las distintas versiones del arte del perfil del programa, lo que permite que la producción individual llegue a la radio cabecera prácticamente completa.

Argentina, México y España resultaron pioneros en el armado integrador con las radios de la Universidad de Avellaneda, del Instituto Tecnológico de Monterrey y Onda Campus de la Universidad de Extremadura. Se sumarán luego radios de Ecuador y Latinas de Estados Unidos, al tiempo que se estudian formatos bilingües para incorporar espacios a las radios del Brasil e Italia que también conforman la RIU.

El diseño de una hora de duración y frecuencia semanal requiere únicamente, de cada radio participante, la integración de un segmento de su producción de contenidos emitidos o por emitir, en un diseño modular de no más de 6 minutos de duración, que se vincula con los de las otras emisoras que comparten el espacio, mediante puentes artísticos donde las voces que representan a cada país van marcando con su tono y cadencia, esa identidad sonora que viene “desde nuestros acentos” y nos hace “diferentemente iguales”.

Esa radio universitaria viva, retoma conceptos fundantes y se adapta a formatos nuevos, para demostrar que sus contenidos afloran en un escenario con otros compromisos. Reflejan sus comunidades y sus culturas, pero no desentonan en el hermanamiento que propone *Somos RIU* para consolidar en cada capítulo una unidad conceptual que parece destinada a marcar un rumbo alternativo frente a las deformaciones de la comunicación hegemónica, monopólica y dominante. Desafío con vocación solidaria y colaborativa dirigido a los gestores de los proyectos

de comunicación de las universidades, para quienes el mundo parece no plantear límites.

## AMPLIAR EL HORIZONTE, ENSANCHAR LA MIRADA

El ecosistema en el que hoy se desenvuelve la radio universitaria está fuertemente marcado por el alcance global de Internet como plataforma de comunicación. Los contenidos locales y universitarios se convierten ahora en globales pudiendo ser consumidos desde cualquier parte del mundo. El alcance global de la radio universitaria en este contexto es aprovechado por estas emisoras para potenciar el trabajo en red.

Las herramientas digitales, Internet y las nuevas tecnologías facilitan las acciones y procesos en torno a la coproducción y el intercambio de contenidos al aportar herramientas que posibilitan el trabajo conjunto a distancia, para producir y difundir las coproducciones.

La presencia en contextos digitales a través de perfiles en diferentes redes sociales, el uso de aplicaciones para teléfonos inteligentes, la descarga de archivos, el podcast, el streaming o el uso de otras herramientas como WhatsApp han permitido potenciar el trabajo en red de radios universitarias de todo el mundo y han posibilitado el intercambio dinámico de contenidos así como la realización de coproducciones.

Somos testigos privilegiados de los cambios vertiginosos que experimentan la comunicación y sus medios, avanzamos por el camino de la convergencia multimedia hacia la producción multiplataforma. La hibridación de géneros y la modificación de las reglas de construcción de los lenguajes producto del avance de la tecnología nos coloca en otro escenario. Ese punto de encuentro entre emisor y receptor, tal como lo establecen los esquemas de las distintas teorías de

la comunicación, también se desplazó. Aparecen nuevas demandas que es preciso tomar con convicción e imaginación.

Necesitamos producir mejores contenidos, estar atentos a las demandas de las nuevas audiencias. Tenemos que estudiar para conocer más y proponer en ese sentido. Hay que establecer nuevos vínculos, mejorar la interacción, conectarnos con sus intereses, construir en un camino de ida y vuelta. Un desafío global de una red que en su crecimiento no resigna identidad.

Como se ve, la historia no es lineal. Si algo debemos aprender es que lo que nos une a las radios universitarias es la voluntad de seguir juntas, de pensar y de pensarnos, de aportar, de compartir, de observar y de producir.

## REFERÊNCIAS

CASAJÚS, Lucía; GIORGI, Noelia. **Lo dijo la radio. Entonces habrá que investigar.** *Avellaneda: UNDAV Ediciones, 2017.*

GIORGI, Mario. De cómo la RRULAC se transformó en la RIU. In: MARTÍN-PENA, Daniel; VIVAS, Agustín (Ed. Y Coord.). **Radios Universitarias en marcha.** Hacia la construcción de una contra agenda mediática. Avellaneda: UNDAV Ediciones, 2018. p. 118-137.

MARTA, Carmen.; MARTÍN-PENA, Daniel. Investigación sobre radio universitaria: presente, pasado y futuro. **Revista Edmetic**, v.3, n.1, p.4-7, 2014.

PAREJO, Macarena. MARTÍN-PENA, Daniel. El papel de la radio universitaria como transmisora del conocimiento científico. De la producción individual al trabajo cooperativo: el proyecto “Semillas de Ciencia”. In: MARTÍN-PENA, Daniel; ORTIZ SOBRINO Miguel Ángel (Coords.), **Radios Universitarias en América y Europa.** Madrid: Fragua, 2014. p.169-178.

## PARTE 2

# HISTORIOGRAFIA DE UM CAMPO AINDA EM CONSTRUÇÃO

# LA RADIO UNIVERSITARIA EN EL CONTEXTO IBEROAMERICANO A SUS CASI 100 AÑOS DE HISTORIA

Mario Giorgi<sup>1</sup>

Daniel Martín-Pena<sup>2</sup>

UNA MIRADA SOBRE EL PRESENTE: mundo globalizado, sociedad de la información y el rol de las radios universitarias.

Para introducir, a modo de prefacio, la recorrida histórica por los procesos que dieron origen a la radio universitaria desde América al mundo y luego sus desarrollos en redes nacionales e internacionales, la palabra autorizada de Federico Mayor Zaragoza<sup>3</sup> y su reiterado pedido y apoyo a las emisoras de la universidades, resulta un disparador que encuadra la importancia de nuestros medios para la conformación de nuevas agendas democráticas. En tiempos de la sociedad de la información, con la concentración del poder mediático en el marco del neoliberalismo y en medio de la aparición “rutilante” de las noticias falsas o “fake news”, Mayor Zaragoza nos describe su mirada y el aporte para el rol de las radios universitarias: *“En estos momentos, por fortuna, hay algunos medios alternativos, entre ellos los universitarios, que colaboran y nos permiten la posibilidad de transmitir esta gran movilización que hoy tenemos que hacer, frente a la gran concentración”*.

Con esa frase arranca la descripción del panorama actual que, de inmediato, lo lleva a comparar con la época de su paso al frente de la UNESCO.

*“Mire, en la época en que yo fui Director General de la UNESCO, en ese tiempo en el mundo había líderes. Había líderes de verdad, yo tenía un Mitterrand en Francia y después un Chirac, un Billy Brandt y un Helmut Kohl en Alemania, una Gro Harlem Brundtland en Noruega y Martti Miettunen en Finlandia. Lo que es cierto, en estos*

*momentos, cuando yo he visto que el señor Trump -una vez más el Partido Republicano de EEUU que es siempre el más enemigo del multilateralismo democrático- un Señor Trump que llega y dice que no va a poner en práctica los acuerdos de París sobre cambio climático, ni los objetivos de desarrollo sostenible que había firmado su antecesor el presidente Obama, en aquel momento la UE hubiera tenido que reaccionar diciéndole a Trump: muy bien, nosotros, si Ud. no cumple con lo que es fundamental, vamos a dejar de comprar productor norteamericanos, es decir teníamos que haber tenido una posición muy firme frente a una persona que, de momento, rompe nuestras responsabilidades intergeneracionales y hace que el planeta cada día que pasa esté más cerca de tener puntos de no retorno, es que mañana puede ser tarde, es que el ártico ya se ha fundido en el 90% y están pasando cosas muy graves.*

*¿Y donde esta nuestra voz? Pues Nuestra voz no existe, hay que reconocer que la voz de la ciencia, la voz los oceanógrafos, la voz de los hidrólogos, la voz de la gente que sabe de todo esto y que podría aconsejarnos, no existe.*

*Y es por eso que yo estoy solicitando un nuevo concepto de seguridad porque el sr Trump está obteniendo un montón de dinero, para aumentar los gastos de defensa y en armas, los gastos militares, tiene un montón de dinero. ¿Pero cómo puede ser que no cumplamos estos acuerdos que nos han costado muchísimo?*

*No son cosas que nos inventamos en estos momentos de la noche a la mañana, fíjese que la UNESCO ya en el año 1947 creó la Unión Internacional para la Conservación de la Naturaleza, Creo el Programa del Hombre y la Biosfera y el Instituto Oceanográfico. Y el sr Aurelio Peccei, que en 1968 creó el club de Roma, ya en 1970 decía: ojo que mañana puede ser tarde. Lo mismo que adelantó la Academia de Ciencias de los EEUU, para esa época.*

*Frente a eso ¿cómo puede ser que ahora Trump aplique la política neoliberal con la misma fuerza que antes lo hicieran los Bush y Reagan, como puede ser que todo eso suceda? Eso es porque la UE es una unión debilísima, es una unión estrictamente monetaria, no es una unión social, política o cultural. Frente a eso tenemos que movilizar a los pueblos, tenemos que pasar a la conciencia de todos los ciudadanos que*

*son ya ciudadanos del mundo, señalando que si no actuamos rápidamente, mañana puede ser tarde y por tanto tenemos todos que hacer que sean los pueblos, que sea la gente, que sea la democracia la que tome en sus manos las riendas del destino común”*

En este movimiento que parece pendular, como usted marca, en el regreso del neoliberalismo con tantos retrocesos y con tanta fuerza, también para el control de la información y la tecnología, me remite a la salida de EEUU y GB, en su tiempo como Director de la UNESCO, produciendo una des financiación y el cese de políticas de la organización en cuanto al equilibrio en el flujo de la información.

*Si claro, en aquel momento esa situación pendular podría resultar como tal porque no estábamos en el antropoceno, es decir que las cosas podrían ser buenas, malas o regulares como ahora, pero en aquel momento no había el apremio, es que ahora estamos en un momento de gran responsabilidad. Como dijo Obama: esta es la primera generación que se encuentra con este desafío potencialmente irreversible y la última que puede resolverlo.*

Le tenemos que pasar este apremio a la gente, señalándole que no tiene nada que esperar de los líderes, de todos esos líderes que suscriben en este momento que hay que decirle que sí a mas armamento. Es necesario un nuevo concepto de seguridad. Porque tanto gastar dinero en la protección de las fronteras, pero después ¿la gente que vive adentro tiene alimento, acceso al agua potable, tiene servicios de salud, tienen cuidado del medio ambiente, tienen buenos sistemas educativos? Por favor! Tenemos que cambiar muchas cosas y lo tenemos que hacer los pueblos y nos tienen que ayudar los medios de comunicación para convencer a la gente que no se distraiga, que no se obceque con un partido de futbol o con un jugador, que además de esto piense cada día ahora, son ellos los que tienen la posibilidad de levantar la vos. Ahora ya tienen en sus teléfonos móviles para decir no, un No, como una casa. Sr. Trump no, si Ud. no hace esto. Yo dejare de comprar productos de su país. Y vería usted, si son millones, de seres humanos, son miles de millones los que tienen un móvil, los que dijeran de momento ahora somos los pueblos los que tomamos en serio nuestra función y nuestra misión.

¿Cuál es el rol de los medios en ese escenario de brechas y desigualdad entre los más ricos y los más vulnerables, que usted marca, esa representación de la voz del amo en manos de los medios, para tratar de ver como se produce ese cambio en los pueblos?

*Si, si. Y tan desigual es, que yo digo que el gran dominio, que es el poder militar, el poder financiero y el poder mediático, hoy de todos ellos el más importante es el mediático. O sea que estamos, como usted dice muy bien, estamos ante un mundo que hoy recibe las informaciones sesgadas que quieren y que en lugar de darnos información nos dan noticias. Y solo pasan las noticias malas, no las buenas, solo las malas, de todo el mundo. Eso hace que la gente quede afuera de esa realidad y decida buscar distracciones, el fútbol u otro tipo de entretenimiento.*

Hay como una suerte de custodia de esa información amañada o retenida por parte de los que deciden lo que quieren contarnos. ¿A tantos años de su tiempo en la UNESCO, como se le ocurre hoy, que se podría recuperar un criterio más igualitario desde el punto de vista del flujo de la información en los medios?

*Recuperar es una palabra que me gusta pero parcialmente, porque da la impresión de que ha habido un momento en el que todo era muy maravilloso en información y que ahora no lo es y esto no es verdad. La voz de su amo viene desde hace muchos años, lo que sucede es que había excepciones muy notorias y había unos medios de comunicación que eran realmente independientes. Ahora esta no es la situación. Yo por eso creo que ahora lo que tienen que darse cuenta los medios de comunicación es que o ellos también se incorporan a este movimiento de la veracidad y de la transmisión de las ideas tal como son, por la palabra y por la imagen o que si no serán los pueblos finalmente los que harán una gran movilización, habrá un gran clamor popular. Y mire yo, como biólogo, conozco muy bien la evolución y sé que si no hay evolución, hay revolución. No soy partidario de la revolución porque es violenta, normalmente implica violencia, yo no soy partidario de la revolución, pero sí que soy partidario de la evolución y además en estos momentos, acelerada y por tanto lo que tenemos que hacer es procurar que tengamos unos medios de comunicación que digan: señores hay que vol-*

*ver al multilateralismo democrático. No puede ser que Siria, haya ya puesto miles de muertos, entre ellos tantos niños, no puede ser lo que está pasando. Y pasa porque no hay un sistema de naciones unidas fuerte. Porque los EEUU y el Partido Republicano son los primeros que no quieren saber nada de todo esto. O como puede ser que haya habido las presiones que hemos visto y que siguen existiendo, en América Latina, para colocar frente a líderes políticos, a personas que vienen del mundo del neoliberalismo más acendrado. ¿Cómo puede ser eso? Bueno esto sólo se arregla con un multilateralismo democrático, es decir con unas Naciones Unidas fuertes, que lo primero que hagan sea aprobar una declaración universal de la democracia. De una democracia ética, una democracia política, social y cultural. Una democracia internacional, que sería el sistema de Naciones Unidas reforzado. Quiero decirle que las soluciones están a la vista y lo único que tenemos que hacer es tener capacidad de convencimiento que en estos es muy débil y prácticamente inexistente. La insolidaridad la ignorancia es muy grande y los medios de comunicación ocultando, editorializan en favor de mantener esa ignorancia.*

Allí es donde Ud. visualiza el rol de los medios Universitarias

*Pues claro, como digo, esa ausencia del rol solidario, esa ignorancia editorializada, debe y puede tener su contraste en los contenidos democráticos y multilateralistas, de las radios universitarias. Son los medios que están llamados a protagonizar esa movilización por la que estamos reclamando.*

Sin dudas un acicate, una forma de aliento en medio de un panorama realmente crítico, donde la descripción de Federico Mayor Zaragoza obliga a reflexionar y actuar en consecuencia. Un debate que la RIU tiene previsto en este nuevo proceso de formación de la ex RRULAC, para complementar los procesos de inserción institucional tanto en las propias universidades de las dependen las radios, como de las organizaciones democráticas del mundo que necesitan espacios de difusión.

## INTRODUCCIÓN

La radio va en dirección al siglo de vida. Su historia encierra millones de historias y sigue dejando marcas en las audiencias sorteando victoriosa los embates de las nuevas tecnologías que durante esa centuria surgieron amenazantes. Viva e inquieta, se apropia de los nuevos dispositivos y los enriquece con sus contenidos tan solo con aquella vieja idea de comunicar, enalteciendo como gran mediatizadora, todo tipo de narrativas.

Basta mencionar simplemente emisoras emblemáticas de nuestra región, características en cada ciudad o cada pueblo, para que surjan inmediatamente los recuerdos, memorias afectivas, sonidos familiares de un siglo de aire de Patria Grande, donde la radio llegó a ser el eje del encuentro familiar, el pasaje imaginario a los escenarios de la pasión deportiva y la voz de los sucesos que marcaron nuestras historias.

La actualidad al instante, la radionovela, los espacios musicales y los eventos deportivos han acompañado a las generaciones de ese siglo inminente y hasta los formatos y dispositivos nuevos la llevan en sus propuestas de plataformas múltiples como las *playlist* con formatos radiales. Allí sigue entonces, la vieja y querida compañera entre las tradicionales rutas del aire y las nuevas autopistas digitales.

Cerca del siglo, también la radio universitaria perfila nuevos horizontes. Cuando el 5 de abril de 2024 cumpla cien años la radio de la Universidad Nacional de La Plata (Argentina), el camino trazado encontrará hitos y realizaciones con plena vigencia. Sin mayores compromisos y sin tener que justificar o explicar su recorrido, la radio universitaria va generando nuevos contenidos, se potencia con las nuevas tecnologías y al mismo tiempo recupera tradiciones radiales. Todo ello sin alejarse de su pertenencia académica o, mejor aún, destacando ser parte de la entidad educativa que la conduce y mantiene.

Cuando en el año 2011, el encuentro de la Red de Radios Universitarias de Latinoamérica y el Caribe (RRULAC, hoy RIU) se produjo en la ciudad de México,

una frase acompañó ese momento histórico para las radios universitarias. Se abrió el espacio para la incorporación de la red de radios argentinas, ARUNA, y al mismo tiempo se abrían caminos novedosos y convocantes para que todas las emisoras universitarias, nucleadas en red o no en cada país de la región, sumaran sus presentes y expectativas para sus procesos de desarrollo individual y colectivo.

Aquella cita del encuentro proclamaba que la reunión de México se ponía debajo de un denominador común: juntas las radios, pero “desde nuestros acentos”. Es decir que a pesar y gracias al matiz nacional que definía desde su sonoridad y su lenguaje a las emisoras participantes, un tronco común no solo permitía la asociación colaborativa, sino que abrió nuevas posibilidades de expansión. Una mirada premonitrice que con el recorrido de una década iba a multiplicar el sentido de aquel momento.

## INICIOS DE LA RADIODIFUSIÓN UNIVERSITARIA

Casi un siglo de vida avala la productiva trayectoria de la unión del medio radio con la Universidad. Al referirnos a los inicios de la radiodifusión universitaria nuestra mirada debe dirigirse sin dudar al continente americano. Si bien es cierto, que en Estados Unidos existieron experiencias que datan de los años 20 como las realizadas en las Universidades de Wisconsin, Beloit o Minnesota, fueron unos primeros pasos marcados por la experimentación en materia de evolución en las comunicaciones, algunos de ellos muy relacionados con la marina estadounidense, fruto de las investigaciones realizadas por profesores de las áreas de física e ingeniería. No será hasta años después cuando las universidades estatales fueron socialmente conscientes, y sus gobernantes comenzaron a compartir la opinión de que la radio era una parte importante de una agenda progresista que estaba destinada a educar y reforzar el aspecto moral de la sociedad (MARTÍN-PENA, PAREJO Y VIVAS, 2016). Sin embargo, existe una realidad que nos hace pensar que, desde el punto de vista que plantea el propio Federico Mayor Zaragoza, la primera radio

universitaria que nace desde sus mismos prolegómenos bajo esas premisas, la localizamos en la Argentina, contemporánea a la Reforma Universitaria de 1918, y como consecuencia directa de ella, según sus documentos fundadores. El 5 de abril de 1924, se inauguraba en la Universidad de La Plata un modelo de radio como un medio de comunicación estrechamente vinculado a la educación y a la investigación, concebido como medio cultural ligado a la sociedad, tal como lo manifestara en el discurso de inauguración de la emisora el entonces rector:

A la Universidad de La Plata le corresponde la iniciativa de haber empleado una estación radiotelefónica no sólo como excelente elemento de enseñanza e investigación para la Radiotécnica sino también para fines de divulgación científica, o sea, como elemento de extensión universitaria (...). De tal modo, al par que desarrolla una obra completa de difusión cultural, sirve para vincular más aún la Universidad con el medio social en que actúa, devolviendo con ventaja al país el esfuerzo que la Nación realiza para sostenerla (Web de Radio Universidad de La Plata. Consulta: 12/12/2017).

Siete años después se crea la segunda emisora universitaria argentina en la Universidad Nacional del Litoral, que el 18 de agosto de 1931 pone al aire LT10 con el objetivo de “tender un puente entre la Universidad y la Comunidad” (LEVATTI, 2016, p.91).

Así, la puesta en marcha de la Radio de la Universidad Nacional de La Plata, marca el inicio de un extenso camino en la aparición y desarrollo de emisoras universitarias en distintos países de América Latina. A pesar de sus variados perfiles, y como señala Vázquez (2012, p.69) “sin un modelo específico, cada una transmite con base en las estructuras políticas, administrativas y educativas de sus universidades”. Como recoge Martín-Pena (2013, p.45) citando una información publicada por la Red de Radio Universitarias de Latinoamérica y el Caribe (RRULAC):

La radio universitaria en Latinoamérica y el Caribe tiene características peculiares que la diferencian de la radio pública y privada. Históricamente, por sus contenidos y su función, la radio universitaria ha sido un motor de cambio social,

educativo y cultural. Alumnos, profesores, investigadores, artistas y científicos han tenido voz en los micrófonos universitarios desde las primeras emisiones, hasta la actualidad ([www.rrulac.org](http://www.rrulac.org) Consulta: 28/09/2012).

A las emisoras surgidas en Argentina se irían sumando paulatinamente otras estaciones radiofónicas del contexto iberoamericano. De este modo, y bajo premisas similares, surgen las siguientes radios:

Emisora Cultural de la Universidad de Antioquia - Colombia (1933).

Radio Universidad Técnica Federico Santa María, Radio UTFSM – Chile (1937)

Radio Universidad Nacional Autónoma de México, Radio UNAM – México (1937).

En países como Brasil el inicio de la radiodifusión universitaria se dilataría en el tiempo, tal y como apuntan Kischinhevsky, Mustafá, Martins de Matos y Hang (2019). Estos mismos autores, señalan la fecha de 1936 como el inicio de las emisiones educativas que fueran asumidas por el Ministerio de Educación. De esta forma, “Rádio Ministério (hoy MEC AM-RJ) fue el embrión del sistema de radios educativas del país” (KISCHINHEVSKY, MUSTAFÁ, MARTINS DE MATOS Y HANG, 2019, p.158). No será hasta 1951 cuando surja la primera emisora universitaria, Rádio Universidade Federal do Rio Grande do Sul, en Porto Alegre. Esta emisora fue autorizada a instalar una estación radiotelefónica, para transmitir las enseñanzas, conferencias, y los detalles de su observatorio astronómico, con la condición de no transmitir programas musicales (Martín-Pena, Parejo y Vivas, 2016). En orden cronológico, y siguiendo a los autores Kischinhevsky, Mustafá, Martins de Matos y Hang (2019, p.158), fueron surgiendo las siguientes emisoras:

‣Rádio Universitária (1490 AM), da Universidade Federal de Itajubá (Unifei), 1961.

‣Universitária AM (820 AM), da Universidade Federal de Pernambuco, 1963.

‣Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás (UFG), 1965.

Rádio USP (93,7 FM), da Universidade de São Paulo, en 1977.

Por su parte, en Europa, la radio universitaria se desarrolló de forma bastante posterior al caso iberoamericano. Reino Unido y Francia comenzaron sus emisiones de carácter universitario en la década del 60, y tanto Alemania como Italia, e incluso Portugal, serán un caso más parecido a la realidad vivida en España, donde comienzan a surgir estas emisoras a finales de los ochenta e incluso en los primeros años de los noventa (MARTÍN-PENA, 2013, p.77). Marta y Martín-Pena (2014, p.4-5) señalan que la evolución española puede delimitarse en tres fases:

1. Etapa inicial. El inicio de las transmisiones universitarias lo protagoniza Radio UNED en 1974. Esta fase está marcada por un desarrollo lento. Surgen una decena de emisoras.
2. Etapa de expansión (primera década del Siglo XXI). Una quincena de emisoras comienza sus grabaciones motivadas por: acercamiento a la sociedad, trabajo colaborativo, puesta en marcha de talleres de radio y aprovechamiento de las TIC's.
3. La tercera fase (últimos siete años) experimenta una contención en la evolución vivida.

También se registran experiencias de radios universitarias en otros países europeos como Austria, Bélgica, Croacia, Dinamarca, Holanda, Hungría, Irlanda, Lituania, Noruega, Portugal, Polonia, Rusia, Suecia y Suiza (Vázquez, 2012, p.94).

En cuanto a la situación de la radio universitaria en otros continentes, recogemos los datos aportados por Vázquez (2012, p.94-95) que señala que existen en Oceanía (Nueva Zelanda y Australia), en Asia (India, Israel, Bangladesh, Filipinas, Malasia, Pakistán, China, y Singapur) y en África (Sudáfrica, Nigeria y Ghana).

De esta manera, vemos que hoy la radio universitaria es un fenómeno extendido por todo el mundo.

## LA CONFORMACIÓN DE REDES

Desde la década del 90' las radios universitarias comenzaron a agruparse en redes dentro de cada país para potenciar sus iniciativas individuales, revalorizar el trabajo conjunto y compartir su caudal educativo, científico y cultural. Tal es el caso de Argentina, donde se conformó en 1998 la Asociación de Radiodifusoras Universitarias Nacionales Argentinas (ARUNA); de México, con la Red de Radios Universitarias de México (RRUM, antes llamada SINPRIES); de Chile, con la Red de Radioemisoras Universitarias de Chile (REUCH); de Colombia con la Red de Radio Universitaria de Colombia (RRUC); y de Ecuador, con la Red de Radios Universitarias del Ecuador (RRUE).

A partir de la conformación de redes nacionales y de los primeros acuerdos y trabajos conjuntos entre radios universitarias, en el año 2009 en San José de Costa Rica, se congregaron las emisoras universitarias de México, Colombia y Chile y constituyeron la Red de Radio Universitaria de Latinoamérica (RRULA). Dos años después, en 2011 en México, Distrito Federal, sus representantes comenzaron a dar forma a la red de redes latinoamericana. Así, la RRULA se transformó en la RRULAC, incluyendo en su denominación la identidad del Caribe. Como indica Giorgi (2018, p.137) “En ese escenario, se abre la posibilidad de incorporar emisoras que, aun no integrando redes, comenzarán a formar parte de la RRULAC, destacándose la incorporación de UNI Radio, la emisora de la Universidad de La República del Uruguay. Se dará también en México, el momento de la incorporación de ARUNA, la Asociación de Radios de Universidades Nacionales Argentinas. La Asamblea General de la flamante Red de Radio Universitaria de Latinoamérica y el Caribe, RRULAC, realizada en el marco del I Encuentro denominado Desde Nuestros Acentos, definió su estatuto formal, sus mecanismos de participación, el compromiso de las redes y designó a Colombia como sede del II Encuentro de la RRULAC, previsto para el año 2013”. La RRULAC agrupó a unas 300 emisoras universitarias de nueve países y a ella ingresó también España en 2015 a través de la Asociación de Radios

Universitarias de España (ARU). En 2017, durante el IV Encuentro RRULAC, se decidió transformar esta red en una asociación internacional: Radio Internacional Universitaria, red de redes (RIU). Una red que agrupa a emisoras de Argentina, Chile, Ecuador, España, Italia, Brasil, México, Costa Rica, Colombia y Uruguay; y que está en proceso de incorporar a las radios universitarias de Portugal, Bolivia y Cuba. Esta transformación de la RRULAC en la RIU se dio a partir del debate de la Asamblea que derivó en una concordancia de la mayoría de las delegaciones: no existía razón para limitar el alcance del crecimiento de la red de redes únicamente al espacio iberoamericano. Como recuerda Giorgi (2018, p.141-142) “Fue un acalorado encuentro, con discusiones, coincidencias, disidencias y aciertos, en el marco de un proyecto que reclamaba un golpe de timón, considerando que el acceso al continente europeo a través de las radios universitarias españolas, abría un espectro de mayor amplitud, sin poder imaginar las posibilidades de expansión. El resultado fue la Radio Internacional Universitaria (RIU)”.

Un dato a destacar, es la incorporación en los estatutos de la nueva entidad de un Consejo Consultivo Honorario integrado por los ex presidentes de la RRULAC para recuperar y poner en valor la experiencia de gestión en un espacio de reflexión y asistencia permanente. Al mismo tiempo, a partir de la conformación de esta red internacional se abrían nuevos desafíos “Contemplar un escenario distinto para las radios universitarias que incluya la posibilidad de acceder a los ámbitos de acción de organismos internacionales, con los grupos de fomento y con fundaciones humanitarias o altruistas. Y junto a ellos participar en la toma de decisiones, generar los contenidos específicos para esas organizaciones y explorar mecanismos que coadyuven a la sostenibilidad de nuestros medios universitarios. Las radios que integran la red podrán ser proveedoras de programas que apoyen el desarrollo y la divulgación organizada, abarcando temas de vigencia universal como la inmigración, hambre y pobreza, prevención, salud, adicciones, discriminación. Abordajes que desde la visión de las universidades y sus radios permitan completar los objetivos de los sectores que no tienen acceso libre y gratuito en los medios

convencionales sometidos a las reglas del mercado” (GIORGI, 2018, p.142-143). En el IV Encuentro RRULAC los representantes de las emisoras advirtieron el interés de otras redes y emisoras de diversos países, y el peso potencial que ello implicaba. Se renovaron, entonces, los estatutos de la RRULAC para dar paso a la constitución de Radio Internacional Universitaria (RIU), red de redes. La presidencia quedó a cargo de Daniel Martín-Pena, director de Onda-Campus, la radio-televisión de la Universidad de Extremadura y presidente de la Asociación de Radios Universitarias de España.

## LA RADIO INTERNACIONAL UNIVERSITARIA

La transformación de la RRULAC en esta nueva red internacional “la ubica en el umbral de una nueva proyección para constituirse como una plataforma de carácter global, desde la que procurará el posicionamiento de las radios universitarias en los foros internacionales” (GIORGI, 2018, p.143). En el encuentro realizado en Madrid y Extremadura, las radios presentes provenientes de más de 10 países de América Latina, El Caribe y Europa (las de la RRULAC y las potenciales incorporaciones de emisoras de Brasil, Costa Rica, Nicaragua, Italia, Paraguay y Portugal), se disponían a enfrentar nuevos desafíos “para seguir construyendo, más allá de los contenidos e ideas compartidas, espacios de acción política para ofrecer las voces universitarias a aquellas iniciativas de investigación, altruistas, sociales, pacifistas y democráticas, que quieran hacer buen uso de las Radios Universitarias del mundo. Para ello, en el mismo acto fundacional, se han establecido vínculos con otras redes y organizaciones como la ARPUALC, Asociación de Radios Públicas y Universitarias de América Latina y el Caribe; la Red de Comunicadores del MERCOSUR; la Fundación Ramón Areces; el Instituto DEMOSPAZ de la Universidad Autónoma de Madrid conducido por Federico Mayor Zaragoza; y la SEGIB, Secretaría General Iberoamericana” (GIORGI, 2018, p.144).

La RIU nació con la premisa de que la radio universitaria debe ser protagonista y formar parte de la discusión mediática con los otros medios, así como abarcar temas que los demás no están dispuestos a informar; y tiene el mandato de seguir y profundizar los recorridos hermanados de las radios universitarias. No es casual que el tema que definió el encuentro de la naciente RIU fuera *Radios Universitarias en marcha: hacia la conformación de una contra-agenda mediática* “Es que la otra cara de los encuadres mediáticos hegemónicos o monopólicos, suele ocultar por omisión u otro tipo de intereses, noticias que deben ser visibilizadas y difundidas con nuestras miradas universitarias” (GIORGI, 2018, p.144).

El 2018 marcó un intenso primer año de trabajo para la red internacional. El presidente de la RIU, Daniel Martín Pena, realizó una gira por América del Sur, donde visitó Argentina, Uruguay y Brasil y mantuvo reuniones con representantes de radios universitarias. La gira comenzó en Argentina donde tuvo como anfitrión al vicepresidente de la red, Mario Giorgi junto a quien participó en las XII Jornadas Universitarias la Radio del Nuevo Siglo en las que se realizó la primera actividad formal de la red con la presencia de emisoras universitarias de México, Brasil, Costa Rica, Italia, Ecuador, España, Uruguay y Argentina, y en la que estuvo presente el Instituto Cubano de la Radio y Televisión como país observador previo al armado de la red cubana de radios universitarias. Durante el encuentro, se realizó la exposición de la ponencia “La conformación de una red internacional de emisoras universitarias: El trabajo conjunto, la coproducción y el programa radial Somos RIU” y se presentó el primer libro fruto del trabajo en red de emisoras universitarias de distintos países, editado por UNDAV Ediciones: *Radios Universitarias en Marcha. Hacia la construcción de una contra agenda mediática*.

Al finalizar las jornadas, el presidente de la RIU viajó a Uruguay para reunirse con Gabriel Galli, director de Uniradio, la emisora de la Universidad de la República con quien se acordó fomentar la participación de esta emisora, la única radio universitaria uruguaya, en los proyectos globales de la RIU. Posteriormente, visitó Brasil donde participó del 41 Congresso Brasileiro da Ciências da Comunicação

celebrado en UniVille (Joinville). En el marco de este congreso tuvieron lugar las reuniones específicas del Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora que acogió el II Fórum de Rádios e TVs Universitárias. Además, se realizó la reunión de la Red de Radios Universitarias de Brasil (RUBRA) que debatió sus estatutos y se puso en marcha como una potente red con más de 40 emisoras e investigadores del ámbito radiofónico universitario.

En el marco de continuar teniendo redes, se firmó un convenio de cooperación entre la RIU y la Unión de Universidades de América Latina y El Caribe (UDUAL) durante la primera jornada de la III Reunión Brasil / CONO SUR de la UDUAL realizada en la Universidad Nacional de Avellaneda, a cargo de la vicepresidencia de la RIU. De esta manera, la RIU y la UDUAL formalizaron la colaboración en materia de difusión y producción radiofónica con el objetivo de promover la mejora y la internacionalización de la educación superior en Iberoamérica a través de espacios de difusión y divulgación científica y cultural que den a conocer las acciones de docencia, investigación y extensión de las Instituciones de Educación Superior de la región. El convenio marco, se convierte en el punto de partida de distintas acciones conjuntas entre ambas redes tales como el intercambio y la coproducción de contenidos.

En el mes de noviembre, presidente y vicepresidente de la RIU participaron de distintas actividades en España. Allí, se mantuvo una reunión en la Secretaría General Iberoamericana (SEGIB) en la que se acordó la producción de contenidos de información iberoamericana desde las radios universitarias. Asimismo, se mantuvo una reunión en Radio Nacional de España (RNE) en la que se sentaron las bases para la firma de un convenio marco dirigido al intercambio y coproducción de contenidos entre las radios universitarias y la radio pública española. También se realizó un encuentro con el responsable de la Academia Española de la Radio, Jorge Álvarez en el que se informó sobre el proyecto de Ley del Día de la radio universitaria, y se habló sobre la incorporación de las radios universitarias al Consejo de Radio de la UNESCO. Asimismo, se mantuvo una reunión en la Fundación

Ramón Areces, en la que los integrantes de la RIU fueron recibidos por Federico Mayor Zaragoza, Presidente del Consejo Científico y titular de la fundación Cultura de Paz. En el encuentro se ratificó el apoyo de la entidad a la red internacional de radios universitarias y se analizó un plan de trabajo tendiente a financiar la organización del V encuentro RIU que se realizará en Paraná, provincia de Entre Ríos durante el segundo semestre de 2019. Las reuniones de trabajo siguieron en el gabinete de investigación del grupo ARDOPA, donde se ratificaron las iniciativas presentadas durante las XII Jornadas Universitarias La Radio del Nuevo Siglo realizadas en la Universidad Nacional de Quilmes, y se avanzó en el diseño de una carrera de posgrado en gestión de radios universitarias y nuevas herramientas para seguir visibilizando el rol de las emisoras universitarias en el plano internacional. Finalmente, se participó en el Simposio Iberoamericano *Voces y miradas: más de 90 años haciendo radio desde la universidad*, que se celebró en la Universidad de Extremadura (UEx).

## CONCLUSIONES

Un proceso histórico que lleva consigo la contundencia centenaria del punto de partida, merece y admite que se lo siga explorando en el ecosistema de la radio universitaria. Las redes potencian indudablemente la capacidad colectiva y productiva en la asociación, pero por su propia naturaleza ocultan miles de historias fundantes y originales, el día a día de la construcción del proyecto comunicacional y la dificultad -muchas veces por razones económicas- para poder reconocer y ponderar audiencias. Cada caso presenta, sin dudas una invitación a indagar, reconociendo lo que falta y ratificando cada recorrido. Un desafío para la academia, para sus estudiantes y para los propios actores que surcan las radios de las universidades.

Sin embargo, la dinámica de redes constituye un aporte, también corroborado, para que la Universidad visibilice hacia adentro y hacia la comunidad, la importancia de contar con una voz, con sus voces, en un escenario no siempre

favorable. Es que desde finales del siglo pasado, las radios han comenzado a pensar en su protagonismo colectivo y más allá de las piedras del camino, avanzan con sus sonidos distintos, con sus agendas democráticas, con el debate permanente para su sostenibilidad y sobre todo con la vocación colaborativa que las multiplica y expande por sobre los fenómenos concentrados.

La historia de casi un siglo de la Radio Universitaria, reflejada en el reciente esfuerzo de las radios de Brasil para conformar la RUBRA y en los avances logrados desde la RRULAC y su sucesora la RIU, citados en el presente artículo, presenta aun dos interrogantes:

*¿Podrán quedar firmes los cimientos sobre los que se apoyan las redes?*

El carácter voluntario y colaborativo de estas expresiones multinacionales supone esfuerzos personales, tiempo sustraído al tiempo del trabajo natural de cada uno de los actores que las integran (a la red local y a la red de redes) y por otra parte el carácter generalmente pasante de los responsables de las radios que atenta siempre contra los proyectos de redes. Proyectos que se interrumpen, dinámicas que se modifican, objetivos que suelen cambiar actúan directamente contra el eje funcional y político de las redes.

Es necesario trabajar, acudiendo a todos los recursos posibles, para instalar institucionalmente cada una de las redes y por supuesto la red de redes. Buscando asistencia académica dentro de nuestras propias universidades y apoyos externos, para observar como las organizaciones internacionales logran sostenerse y estructurar su continuidad sin correr peligro con los cambios de gestiones o las circunstancias políticas de cada país miembro.

Una tarea sin dudas desafiante, tomando en cuenta las barreras citadas. Pero lleva un camino recorrido que permite abrigar esperanzas. El acercamiento a las Naciones Unidas (ONU) a través de la UNESCO, reportará satisfacciones a partir del reconocimiento internacional que sin dudas generará nuevas obligaciones. En el plano local, cada Red deberá trabajar con las autoridades correspondientes para

que el reconocimiento quede plasmado y legitimado en el marco de las leyes y requerimientos que las legitimen.

Sostener una base que de garantía de continuidad, será a la vez el reaseguro de un sistema radial universitario, que sin perder la identidad en cada una de sus sedes, refleje la necesidad de contar con la alternativa mediática universitaria, para poder alcanzar un modelo de comunicación democrática.

*¿Será posible sostener y extender la política de crecimiento de las redes?*

En paralelo a las reflexiones precedentes y en muchos casos como consecuencia de esos ejes, radios integrantes de la RIU han venido dando muestras de compromiso creativo en materia de contenidos comunes y mecanismos de vinculación extra-radiales (ponencias, publicaciones, seminarios, charlas, etc.). Verdaderas “misiones pioneras” como la radionovela “*Cuando vuelvas del olvido*” o la serie de investigación “*Semillas de ciencia*” deberían interpelar a las otras radios asociadas para intervenir y protagonizar. Buscar nuevos caminos y nuevos encuentros e impulsar a las propias redes para que incentiven esas búsquedas como una forma de consolidar la vida interna y asociativa debería ser el eje central reticular y al mismo tiempo el espejo en el que se puedan ver aquellas radios o futuras redes de radios que aún se hallan a la espera de sus propias posibilidades.

No se trata de una mirada bucólica sobre los logros que pueden surgir cuando se junten dos o más radios o se constituya una red, se trata del armado de un sistema de comunicación alternativo, autónomo pero solidario, que ponga a disposición de la sociedad otras voces y otras miradas que ayuden a contrarrestar los discursos concentrados y dominantes, acerquen a la academia con las comunidades y aspiren a la búsqueda de la verdad o la veracidad con una óptica inclusiva y transparente en contraste con aquella definición tan clara que Mayor Zaragoza retoma al definir a los medios de comunicación poderosos como “la voz del amo”.

Resulta casi un deber, para la presente generación de comunicadores y gestores radiales universitarios, preparar y disponer sus radios, plataformas y todos los dispositivos al servicio del derecho humano a la comunicación.

## REFERENCIAS

GIORGI, M. (2018) En **Radios Universitarias en marcha. Hacia la construcción de una contra agenda mediática**. MARTIN POENA, D. y VIVAS MORENO, A. (Ed. Y Coord.). (p.137) Avellaneda. UNDAV Ediciones.

KISCHINHEVSKY, M.; MUSTAFÁ, I.; MARTINS DE MATOS, C.; HANG. Por una historiografía do rádio universitário no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.7, n.2, p.151-158, 2019.

LEVATTI, A. (2016). En **Encrucijadas del nuevo milenio**. Radio, Comunicación y Nuevas tecnologías. BOSETTI, O. y HAYE, R. (Compiladores). (p. 91). Avellaneda. UNDAV Ediciones.

MARTA, C.; MARTÍN-PENA, D. Investigación sobre radio universitaria: presente, pasado y futuro. **Revista Edmetic**, v.3, n.1, p.4-7, 2014.

MARTÍN-PENA, D.; PAREJO, M.; VIVAS, A. **La radio universitaria: Gestión de la información, análisis y modelos de organización**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2016.

MARTÍN-PENA, D. **Las radios universitarias en España: plataformas interactivas y redes de colaboración**. 2013. Tesis doctoral - Universidad de Huelva (España), 2013.

VÁZQUEZ, M. **La radio universitaria en México y España. Estudio de la participación y formación de los jóvenes**. 2012. Tesis Doctoral - Universitat Pompeu Fabra (Barcelona, España), 2012.

# A GÊNESE DE UMA EMISSORA PIONEIRA NA DÉCADA DE 1950: apontamentos para uma história cultural da rádio da universidade (UFRGS)

Cida Golin<sup>1</sup>

Ana Laura Colombo de Freitas<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Entre os primeiros experimentos do professor Antônio Alberto Goetze nos fundos da Escola Eletrotécnica de Porto Alegre, em fins de 1940, até a estreia da pioneira das emissoras universitárias do Brasil, passou-se quase uma década, e não poucos percalços. Uma licença cassada, os interesses contrários das rádios comerciais, tentativa de suborno e grave crise política no governo federal, responsável pelas concessões. A rádio da então Universidade do Rio Grande do Sul entrou no ar como algo trivial, em uma noite de segunda-feira, 18 de novembro de 1957, sem cerimônia, mas com trilha sonora épica: as suítes “Descobrimento do Brasil”, de Heitor Villa-Lobos.

Ícone maior da música de concerto no Brasil, o compositor comemorava seu septuagésimo aniversário naquele ano, desfrutando de consagração internacional. A obra fora escrita para o filme de Humberto Mauro, estreado em 1937, e depois transformada em quatro suítes sinfônicas. Com inspiração na famosa carta de

---

1 Professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ministra disciplinas de Radiojornalismo e coordena o núcleo de Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais.

2 Bacharel em Jornalismo e mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS, onde hoje atua como servidora técnico-administrativa, com cargo de jornalista, alocada na Rádio da Universidade.

Pedro Vaz de Caminha, “Descobrimento do Brasil” evoca, na perspectiva heroica do colonizador, a aventura da travessia do Atlântico pelas caravelas comandadas por Pedro Álvares Cabral. Dentro da linguagem nacionalista de Villa-Lobos, a obra combina a tradição europeia ao folclore brasileiro, incluindo materiais recolhidos em comunidades indígenas por ninguém menos que Edgard Roquette-Pinto, pai da radiodifusão no Brasil.

Este artigo procura entender o contexto da inauguração oficial da Rádio da Universidade, entre 1957 e 1958, quando ela encerra a primeira fase de transmissões experimentais e ganha seu canal de difusão. É um período de profunda efervescência cultural na cidade de Porto Alegre, momento em que a Universidade, federalizada em 1950, faz-se protagonista ao se abrir para um diálogo criativo com a comunidade. Junta-se a isso o ambicioso cenário nacional, a conjuntura de viver 50 anos em cinco de Juscelino, a sonoridade da bossa-nova, as experimentações do rádio como veículo para educação, as imagens sonoras da primeira vitória do Brasil na Copa do Mundo. Interessa-nos, portanto, refletir sobre o espírito de época do qual essa emissora emerge e participa. Recorremos à pesquisa bibliográfica e à sistematização de depoimentos de profissionais que acompanharam os primeiros anos. As gravações foram concedidas à rádio durante as efemérides de 30 (1987) e 50 anos (2007) e ficaram guardadas no arquivo da emissora.

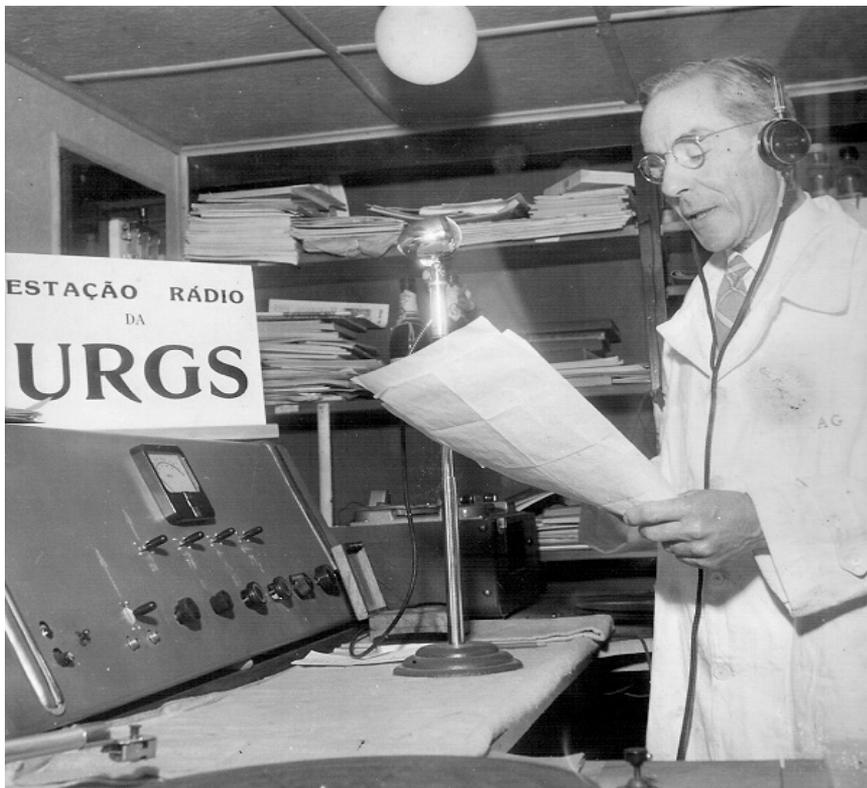
## COMO MEDIADOR DA EDUCAÇÃO

Tendo à frente o professor Goetze (ver Figura 1), ciente de que seu projeto tinha potencial para ir bem mais além do limite de um laboratório de eletrotécnica, a gênese da Rádio da Universidade teve como lastro, certamente, a proposta educativo-cultural da pioneira Rádio Sociedade do Rio de Janeiro de Roquette-Pinto que, em 1936, passou aos cuidados do Ministério da Educação e Cultura, transformando-se na Rádio MEC. Tanto a MEC como a Nacional, e várias outras emissoras, trataram de colocar em prática a dimensão da radioescola e de uma Universidade

A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da rádio da universidade (ufrgs)

não formal, criando redes de programas especiais dirigidos a professores (BLOIS, 2004; ZUCULOTTO, 2010). Entre os vários intelectuais que saudaram o horizonte democrático e estético do rádio, Bertold Brecht (2005) já sinalizara, em 1932, para a potência “de ter o que dizer” e de ser um meio de comunicação e de transformação social. No Brasil, em 1957, o estímulo à educação popular, via radiocartilhas e escolas radiofônicas espalhadas no interior do Nordeste, deu origem ao Sistema Radio Educativo Nacional (SIRENA). Estavam ali as bases para ação posterior do Movimento de Educação de Base (MEB), iniciativa da Igreja Católica e do governo federal, em 1961, de fazer do rádio o primeiro mediador da educação à distância, um projeto de alfabetização que visava, sobretudo, à consciência crítica da população rural (BLOIS, 2004; COSTA, s/d).

Figura 1: Professor Antônio Alberto Goetze, mentor da Rádio da Universidade.



Fonte: Acervo da Rádio da Universidade

Dados sistematizados por Kischinhevsky et al (2018) apontam que as Américas tiveram protagonismo na gênese das rádios universitárias. Em 1915, um professor de engenharia da Universidade de Wiscosin, nos Estados Unidos, já estaria operando uma destas futuras estações de finalidade educativa, ainda que a primeira autorização para operar de forma limitada tenha supostamente saído somente em 1921, para uma instituição de Salt Lake City. Na América Latina, a Argentina foi o país pioneiro, inaugurando, em 1924, a rádio da Universidad Nacional de La Plata, iniciativa levada adiante na década seguinte por Colômbia, Chile e México.

No caso da Universidade do Rio Grande do Sul, situada no extremo sul do Brasil, no meio do caminho entre Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires, a gestação da emissora veio na esteira de um movimento de abertura da instituição pública de ensino superior à comunidade. Para seu primeiro jornalista, voz do Repórter Esso e que seria o locutor principal da Rede da Legalidade de 1961, Lauro Hagemann, a emissora tinha a missão de se tornar a “janela da universidade” (HAGEMANN, 1987). À época, uma universidade possuir um moderno meio de comunicação como o rádio se coadunava bem com o espírito da gestão do professor da Faculdade de Medicina, Elyseu Paglioli, ex-prefeito de Porto Alegre e que teve quatro mandatos sucessivos na Reitoria, entre 1952 e 1964. Foi neste período que houve um expressivo aumento do patrimônio imobiliário da instituição, com o planejamento da Cidade Universitária, a remodelação e criação de órgãos de difusão e extensão cultural, como teatro, orquestra sinfônica e coral, gráfica e radiodifusão. A construção do prédio modernista da Reitoria, no bairro Farrroupilha, em pleno coração político e cultural da cidade, coroou esse processo de abertura social da Universidade, além de estimular, entre múltiplas outras intervenções, a memorável série dos bailes orquestrados da Reitoria. A inauguração do Salão de Atos em janeiro de 1958, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, foi também a solenidade que batizou oficialmente a Rádio da Universidade (SOARES; SILVA, 1992).

Como dito acima, o percurso até aqui não foi fácil. A inicialmente chamada Radiodifusão URGS começou como uma estação de radioamador. Em 1950, rece-

beu autorização para operar com fins didáticos, no antigo Instituto Eletrotécnico, na esquina da Sarmento Leite com a Osvaldo Aranha. Em 1953, foi instalado novo transmissor, com maior potência, de 2KW. Além de boletins sobre as atividades acadêmicas, passou a irradiar música de concerto e atrair novos ouvintes, chamando a atenção de emissoras comerciais. Acabou recebendo, em dezembro daquele ano, uma ordem judicial para sua retirada do ar, com a justificativa de que estava ultrapassando os limites de uma emissora-laboratório. O acontecimento ganhou repercussão social, motivando o reitor Paglioli a solicitar ao presidente Getúlio Vargas, em 1954, uma concessão para transmitir em ondas médias (AGENDA, 2008). O pedido foi feito no mês de janeiro; em agosto, Getúlio tiraria a própria vida, em meio à crise política no governo federal.

Em relatório de sua gestão, Paglioli (1964) relata que o pedido de concessão ficou trancado na Comissão Técnica de Rádio do Ministério de Viação e Obras durante dois anos, culminando com uma oferta de solucionar o caso mediante o recebimento de “gratificações apreciáveis” (PAGLIOLI, 1964, p.64). O próprio reitor teria denunciado o suborno ao ministro da pasta. A licença definitiva viria ainda em 1956, sob o decreto 39.260, publicado no Diário Oficial da União. Novos transmissores foram, então, instalados em terreno cedido pelo Governo do Estado na Ilha do Chico Inglês, no arquipélago que margeia Porto Alegre. O acesso se dava por meio de embarcação de propriedade da Universidade, responsável, inclusive, por transportar, periodicamente, os tonéis de óleo diesel para abastecimento dos equipamentos, pois não havia energia elétrica no local. Depois de realizar transmissões experimentais, finalmente, a rádio estreou no prefixo ZYU67, em ondas médias AM 1080 KHz.

## UMA RÁDIO QUE NASCIA “IDEALISTA”

Se a emissora ainda não era oficial no início da década 1950, o curso de Jornalismo da UFRGS começava seu percurso junto ao Instituto de Filosofia em

1952. Os primórdios da rádio estão vinculados à gênese do curso. Os primeiros profissionais egressos da escola estagiaram naquele laboratório, incluindo as primeiras repórteres mulheres em um campo profissional até então absolutamente masculino (ver Figura 2). Uma visão panorâmica dos anos 1950 mostra a ascensão e hegemonia dos jornais do grupo Caldas Júnior no mercado jornalístico. Um dos feitos da conservadora empresa de Breno Caldas foi inaugurar, em 1957, a rádio Guaíba, que visava ao público elitizado com programação orquestrada, locução sóbria e investimento em jornalismo, o chamado estilo Guaíba. A solenidade de abertura, não por acaso, ocorreu no Theatro São Pedro com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) interpretando um repertório de peças eruditas populares. As rádios locais, até então, investiam no espetáculo ao vivo, no humor, nas novelas, nas atrações de auditório, com um jornalismo ainda tímido. Na captação da audiência, rivalizavam com as frequências de emissoras argentinas e uruguaias, especialmente no interior. A televisão estava prestes a surgir no Rio Grande do Sul: o grupo Diários Associados inauguraria a TV Piratini em 1959. (FERRARETTO, 2000; RÜDIGER, 2003)

Figura 2: Redação da Rádio da Universidade: as mulheres entram para o mercado jornalístico.



Fonte: Acervo da Rádio da Universidade.

Em 1954, após o incêndio da rádio Farroupilha e empastelamento do Diário de Notícias como resposta popular ao suicídio de Getúlio Vargas e às campanhas de difamação política de Assis Chateaubriand, o jornal *A Hora* surgiu na cidade trazendo novos ares nas formas de reportar e diagramar notícias. Foi também o momento de entrada das mulheres na redação (SCHIRMER, 2000), entre elas, a estudante de jornalismo Iara Bendatti, que estagiou naquele jornal. Em 1957, formada nas primeiras turmas da UFRGS, ingressou como auxiliar de notícias na Rádio da Universidade. A convite de Lauro Hagemann, também egresso da Universidade, vinha integrar uma equipe “idealista” disposta a fazer um modelo de rádio distinto do que até então se conhecia, perseguindo o texto aprimorado e a locução sóbria: “talvez hoje a gente chame de quadrada, mas ele queria com isso demonstrar a seriedade com que se estava fazendo rádio” (BENDATTI, 1987). O reitor Paglioli havia determinado que era preciso valorizar o curso de Jornalismo, fazer da emissora um laboratório didático e prestigiar os formandos. Em 1963, a *Universiade*, competição internacional de atletas universitários, contou com a participação decisiva da emissora: “trabalhávamos o dia inteiro, à noite fazíamos uma resenha e passávamos para redatores de idiomas diferentes, porque transmitíamos, com o auxílio da rádio Guaíba, se não me engano, para todas as nações” (BENDATTI, 1987). Hagemann, que junto a outros colegas da Filosofia pensava na pertinência de um laboratório humanístico para alunos formados pelo impresso, lembra que não foram poucas as vozes que se manifestaram, naquele período, contra a existência de uma emissora que se contrapunha ao padrão popularesco da livre iniciativa:

Houve uma época, e naqueles recuados 1957, em que a universidade tinha uma concepção mais universal da sua presença no seio da sociedade. Depois veio o período autoritário, aquela coisa toda. Ela se desviou do seu rumo, ficou encastelada, e com isso perdeu o contato com a realidade que a cerca. (HAGEMANN, 1987).

José Carlos de Cavalheiro Lima, primeiro diretor artístico da emissora, responsável pela página *Música e Arte* da *Revista do Globo*, era estudante de piano no Instituto de Belas Artes em 1957. Participou da equipe de fundação e foi dele a determinação de não usar verbo no anúncio e desanúncio das músicas, sem “ouvimos” ou “ouviremos”, por julgar redundante: “Linguagem machadiana. [...] Essa é uma das características inconfundíveis da Rádio da Universidade no Brasil” (LIMA, 1987). Quando a rádio já apresentava programas de literatura, produzidos pelo professor Manuel Sarmiento Barata, ou era acusada de “propaganda comunista” por uma série sobre cinema russo, Lima assegura que a emissora foi a pioneira a dar o sinal horário, e que, inclusive, dizia-se, que a companhia aérea Varig ajustava seu horário pelo prefixo ZYU67.

Foi durante a gestão do jornalista, advogado e escritor Nilo Ruschel (1911-1975) que a Radiodifusão URGS ganhou novas dependências, mais apropriadas à dimensão que seu trabalho ia ganhando na comunidade. Ela foi transferida, em 1960, para o prédio onde se encontra até hoje, na Sarmiento Leite, 426, antes ocupado pelo Instituto Regional Meteorológico Coussirat Araújo, do Ministério da Agricultura. A inauguração contou com a presença do então ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado. Nilo Ruschel, cronista conhecido pela sua forte ligação com a capital, onde fez significativas interferências em prol da preservação do centro histórico – salvou da verticalização o núcleo arquitetônico formado pelo Mercado Público, Chalé da Praça XV e Paço Municipal<sup>3</sup> – foi nomeado professor catedrático para reger a cadeira de rádio em 1952. Participou da Fundação da FEPLAM (1967) e ficou na emissora até 1968, quando saiu após divergências sobre o rumo da instituição.

Um dos pontos altos daquele período foi a criação do Arquivo de Vozes da Rádio da Universidade em 1958, que registrou em fitas magnéticas as vozes de personalidades que por ali passaram. O escritor Moacyr Scliar (1937-2011), em depoimento na agenda comemorativa dos 50 anos da emissora, recordou: “Era

---

<sup>3</sup> S/autoria. “Cidade sorriso” perdeu o homem que a batizou. Notícia publicada na Folha da Tarde em 08 de março de 1975. Acervo da família Ruschel.

A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da rádio da universidade (ufrgs)

nosso canal de comunicação privilegiado com um universo artístico e cultural ao qual, de outra forma, não teríamos acesso” (SCLIAR, 2008). Ele também destacou a irmandade de ouvintes, entre os quais estava Erico Verissimo, um dos mais entusiastas, que tinha a rádio como fundo sonoro para sua rotina de escrita. O compositor Flávio Oliveira, que atuou na emissora como programador, produtor e apresentador, cita os feitos do colega Aníbal Damasceno Ferreira (1933-2013), que depois viria a ser professor de cinema da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), mas na época atuava como operador e produtor:

A Rádio da Universidade era assim: ponto de encontro obrigatório de troca de ideias e difusão da cultura em seus personagens consagrados e nascentes. Que o diga Aníbal Damasceno Ferreira, que reuniu num só programa João Cabral de Mello Neto, Rubem Braga, Paulo Hecker Filho e outros. (Ver Figura 3.) (OLIVEIRA, 2008)

Figura 3: Fernando Sabino, João Cabral de Mello Neto, Rubem Braga, Paulo Hecker Filho, Sérgio Ribeiro Rosa e Aníbal Damasceno Ferreira no estúdio da Rádio da Universidade.



Fonte: Acervo da Rádio da Universidade.

O vínculo com o sistema artístico-cultural sempre foi uma tradição desde os primórdios. É importante situar que a década de 1950 institucionaliza o circuito de cultura no Rio Grande do Sul, particularmente na cidade de Porto Alegre. Na primeira metade desta década, foram criadas importantes instituições como o Instituto Estadual do Livro, a OSPA, o Arquivo Público, o Clube de Cultura, o Instituto Goethe, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Este último, criado em 1954 por iniciativa do professor do Instituto de Belas Artes Ado Malagoli, ganhou sede própria, três anos depois, no *foyer* do Theatro São Pedro, bem no momento em que a Rádio da Universidade entrava no ar. O paulista Malagoli, que radicou-se naqueles anos em Porto Alegre, fez parte dessa geração forânea de professores que dinamizou o sistema artístico da cidade. Era comum ver Malagoli e seus assistentes frente às obras, mediando tal experiência de contemplação para uma plateia pouco afeita aos modernismos.

Em 1958, o diretor e crítico italiano Ruggero Jacobbi, no Brasil desde 1946, chega à Universidade para dar vida a algo também inédito: um curso de teatro, iniciativa que repercutiu profundamente nas futuras gerações de artistas e de público. O teatro possuía uma centralidade na vida cultural da cidade, com no mínimo três críticos jornalistas acompanhando a cena. Esses encontros acadêmicos e culturais resultaram numa movimentação intensa, na criação de grupos como o Teatro de Equipe, que ansiava por uma nova dramaturgia, tendo o teatro de Arena de São Paulo como referência e Brecht como inspiração comum. A primeira peça do Teatro de Equipe, *A Almanjarra*, de Arthur Azevedo, sucesso de público na época, teve suas músicas selecionadas pela maestrina Madeleine Ruffier e gravadas nos estúdios da Rádio da Universidade (ALMEIDA; GUIMARÃES, 2003), onde também se produziu radioteatro (BENDATTI, 1987; URBIM, 2007). Em seu relatório, Paglioli (1964) menciona programas esparsos com integrantes de companhias teatrais de outros estados que visitavam a cidade, bem como uma série de programas especiais sobre poesia e poetas com o então arrojado Curso de Arte Dramática da URGs.

Em 1958, ano intenso que culminou com a vitória de Leonel Brizola e seu projeto de uma educação inclusiva no governo estadual, o Instituto de Belas Artes, que viria a ser federalizado pela Universidade em 1962, comemorava o seu cinquentenário com o Salão Pan-Americano, que ocupou os diversos andares de seu prédio. Delegações internacionais e nacionais movimentaram a capital com exposições, conferências e concertos. Naquele ano, os ares pareciam se renovar dentro do tradicional Instituto, e de lá saiu, por exemplo, o Grupo Bode Preto, empenhado em pesquisas formais sob a guarda do expressionismo (BRITES, 2012). Na área da literatura, os poetas do Grupo Quixote promoviam o Primeiro Festival Brasileiro de Poesia. A cidade, em 58, inaugurava pelo menos dois elementos que ainda hoje balizam seu perfil visual: a ponte sobre o rio Guaíba e a simbólica estátua *O laçador*, de Antônio Caringi. Enquanto São Paulo e Rio de Janeiro estavam imersos no concretismo e neoconcretismo, disputando qual centro detinha a supremacia artística (BRITES, 2012), o país construía sua futura capital modernista, Porto Alegre e Salvador se alinhavam como polos culturais. Glauber Rocha começaria ali seus primeiros passos em direção ao Cinema Novo.

## O PROTAGONISMO DA MÚSICA DE CONCERTO

Criada em 1929, a mais longeva emissora uruguaia na divulgação da arte e da cultura, Servicio Oficial de Difusión Radio Eléctrica (SODRE), de Montevidéu, cuja programação poderia ser captada em Porto Alegre, foi uma das influências para que a música de concerto fosse protagonista na Rádio da Universidade desde os tempos das transmissões em ondas curtas. Também contribuiu para este direcionamento o encontro do professor Goetze com um funcionário administrativo da Faculdade de Engenharia: o ilustre compositor Armando Albuquerque. Ele não só participou da opção por essa tradição musical, como também iniciou a formação da discoteca da rádio e solicitou a compra do piano até hoje presente no estúdio – o Grotrian Steinweg de meia cauda foi importado da Alemanha por uma loja de

departamentos da cidade e, depois de o reitor Paglioli pechinchar um bom desconto, a Universidade adquiriu o instrumento por 90 mil cruzeiros.

Para Arthur Nestrovski (2009, p. 136), “Armando Albuquerque está para a música de sua cidade como Mário Quintana para a poesia, ou Erico Verissimo para o romance: confunde-se com a própria alma das ruas”. E o florescimento desse compositor “antropófago da Cidade Baixa, o bairro dos espíritos iconoclastas de Porto Alegre”, como definiu seu discípulo Celso Loureiro Chaves (2006, p. 109), coincide com o amadurecimento do campo musical na capital gaúcha durante os anos 1950. “As orquestras porto-alegrenses se tornam uma realidade. São a um só tempo deficientes e heróicas. Os grupos de música de câmara também, a reboque das orquestras.” (CHAVES, 2006, p. 110-111)

A OSPA estreou justamente no ano de 1950, sob regência do maestro húngaro Pablo Komlós. Além disso, a posição geográfica estratégica da cidade, como vimos anteriormente, entre os polos culturais Rio de Janeiro-São Paulo e Montevideu-Buenos Aires, rendia frutos com o fortalecimento do tráfego aéreo. Os principais nomes promovidos pela indústria fonográfica mundial passavam por aqui. Referindo-se à agenda do Theatro São Pedro, principal casa a abrigar esses espetáculos, o tradutor e melômano Herbert Caro (1975, p. 360) arrisca dizer que “a temporada de 1951 poderia rivalizar com a de grandes centros musicais da Europa e dos Estados Unidos”.

O hábito de escuta da música de concerto vinha sendo desenvolvido desde a segunda metade do século XIX, através de sociedades e clubes musicais e do costume da realização de saraus, trazido da Europa pelos filhos da alta sociedade que lá iam estudar. No âmbito da fonografia, ainda que não houvesse uma indústria de gravação da música erudita brasileira, os catálogos internacionais eram impressos e/ou distribuídos por empresas daqui, com custos que ainda restringiam esse consumo a uma elite financeira. Herbert Caro, por exemplo, propôs-se a atuar em jornais de Porto Alegre como crítico dos discos de música de concerto para que pudesse ouvir as gravações que não tinha dinheiro para comprar (FREITAS, 2011). Na estreia de

A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da rádio da universidade (ufrgs)

sua coluna “Os melhores discos clássicos” no Correio do Povo, em 1959, ele relatava que os lançamentos das fábricas nacionais na área haviam se tornado bastante frequentes nos últimos anos.

A criação, naquele contexto, de uma rádio universitária e pública dedicada à música clássica, portanto, permitia o acesso a esse repertório para ouvintes que não frequentavam as salas de concerto e/ou não tinham condições financeiras de adquirir discos. No entendimento de Cavaleiro Lima (1987), o direcionamento da programação musical da Rádio da Universidade buscava um caminho alternativo no contexto das emissoras comerciais existentes, ampliando as possibilidades de escuta do ouvinte:

[...] considerando que é uma universidade que possui a sua rádio, não tem por que estar divulgando música popular, de vez que na época já havia catorze ou quinze emissoras comerciais que só divulgavam música popular. Se uma rádio da universidade, pela primeira vez no Brasil, coloca no ar um veículo de difusão como esse, é a música erudita. E eventualmente a música popular, com programas montados, com texto. (LIMA, 1987)

A construção da discoteca da emissora se deu, em parte, por meio de doações, em especial as do consulado da Embaixada da Alemanha em Porto Alegre, que eram periódicas e ganhavam divulgação no programa “Grandes Mestres da Música Alemã”, produzido por Armando Albuquerque durante algumas décadas. Com o passar do tempo, o acervo formado se tornou uma referência na área.

E além das gravações, a rádio transmitia concertos ao vivo, diretamente do Salão de Atos da Reitoria, do Theatro São Pedro e do Instituto de Belas Artes. Nos seis primeiros anos, a comunidade ganhou a chance de ouvir, sem sair de casa, por exemplo, as apresentações da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, dos Meninos Cantores de Viena, da Orquestra de Câmara de Stuttgart e de alguns dos principais instrumentistas locais, como Jean Jacques Pagnot, Roberto Szidon e Zuleika Rosa Guedes. “(...) todos irradiados na íntegra, com comentários especialmente redigidos

segundo o programa interpretado, constituem um trabalho pioneiro de democratização da música erudita”, relata Paglioli (1964, p. 70).

O termo “música erudita”, utilizado pelo reitor, vai ao encontro de um tempo em que a Universidade promovia cursos de Alta Cultura, no Salão de Atos, difundidos, inclusive, pelas ondas de sua rádio. E remete à concepção de cultura herdada do Romantismo alemão, em que as artes e as humanidades são vistas como instrumentos de um processo de autoilustração e elevação do espírito. Pressupõe uma hierarquia entre diferentes tradições musicais, tendo a chamada música clássica, ou de concerto, como a “séria”, “grande” e “boa”, envolta em um culto elitista (ROSS, 2011, p. 19). Em função de sua programação predominantemente dedicada a essa tradição musical, a Rádio da Universidade foi muitas vezes criticada. Hagemann (1987) rebate a ideia de que fosse uma emissora elitista:

Nós tínhamos uma preocupação de estabelecer um canal de comunicação o mais direto possível. Nós nunca pretendemos fazer um rádio de elite. Eu acho que seria um contrassenso. Num país como o nosso, com uma carga de analfabetismo tremenda, se nós nos propuséssemos a fazer um rádio de alta categoria, nós corríamos o risco de não termos ouvintes. Porque essa classe privilegiada, num primeiro instante, tinha discoteca melhor em sua casa do que a rádio tinha. (HAGEMANN, 1987)

Para o jornalista Sérgio Stosch (2007), ouvinte que se tornou funcionário da Rádio da Universidade em 1970, a proposta era aproximar a música de concerto de novos públicos, sempre contextualizando obras e compositores como forma de despertar o interesse do ouvinte. Ele aponta para o fato de que o elitismo não está na música em si, mas na maneira como se fala dela:

O elitismo se dá no momento em que a gente privilegia uma linguagem pra um tipo somente de pessoa. Deselitizar, tornar a coisa acessível, significava chamar as pessoas que não conhecem pra ‘olha, o Ravel não compôs só o Bolero’. [...] chamar essas pessoas pra ouvir outras obras era um desafio muito grande. (STOSCH, 2007)

O músico Flávio Oliveira, citado acima, foi outro ouvinte que se tornou funcionário em meados dos anos 1960 e que reconhece ter obtido através da emissora boa parte de sua educação musical e de seu conhecimento de repertório.

Eu era ouvinte da rádio desde criança. Quando começaram as transmissões em ondas médias, eu tinha 13 anos. Eu era de recortar a programação da rádio que saía no jornal. E eu e outros colegas do Julinho<sup>4</sup> marcávamos horas em que nós nos encontrávamos para escutar essa ou outra música que ia ser transmitida. [...] Isso era muito comum. (OLIVEIRA, 2007)

A emissora assumiu, assim, um papel fundamental de formação de público para o campo da música de concerto em fase de consolidação, estimulando e orientando gerações de ouvintes na escuta dessa tradição musical.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constitue certamente a Rádio da Universidade do Rio Grande do Sul o coroamento de um processo cultural, na apropriação de um moderno meio de divulgação. Sendo, o Estado do Rio Grande do Sul, um dos mais alfabetizados e politizados do País, reflete seu estágio e progresso cultural na Universidade que possui, das mais avançadas e prósperas. (PAGLIOLI, 1964, p. 76)

O relatório de Elyseu Paglioli, ao se despedir da administração naquele tumultuado ano de 1964, justifica em palavras efusivas o quanto era fundamental abrir uma frente de mediação entre a academia e a sociedade. Destaque entre as realizações da sua memorável gestão na reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e no embalo de uma década de grande efervescência cultural na capital do estado, a Rádio da Universidade estabeleceu seu lugar alternativo no circuito radiofônico no final dos anos 1950, defendendo seu caráter educativo-cultural.

---

<sup>4</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos, também chamado de Julinho, é uma tradicional escola pública porto-alegrense, na qual estudaram grandes personalidades do estado.

Na década seguinte, já com o marco regulatório nacional permitindo emissoras a operar exclusivamente na faixa de serviço educativo, outras rádios vinculadas a instituições públicas viriam a assumir esse propósito. Em Porto Alegre, por sua vez, debates provocativos como do “marasmo cultural” vão agitar ainda mais a cidade em 1960, dando origem a novas intervenções, como a criação do Ateliê Municipal da Prefeitura, por exemplo (OBINO, 2002). A Rede da Legalidade, que sustentou a posse de Jango em 1961, mostrará o potencial cívico de uma cadeia de emissoras reunidas e, em abril de 1964, um grupo de 11 estudantes vai ocupar a Rádio da Universidade em protesto ao golpe civil-militar que então se armava (OLIVEIRA, 1994).

Enfrentando os desafios da manutenção de suas atividades ao longo de mais de 60 anos, ininterruptamente, a Rádio da Universidade passou por diversas fases e modernizações técnicas. Espaço de resistência da música de concerto na radiofonia brasileira, podemos afirmar que a emissora firmou-se como referência para muitas gerações, operando na formação do gosto por essa tradição musical. Além disso, fez-se laboratório para os primeiros passos de gerações de jornalistas hoje atuantes dentro e fora do Brasil (DEUS, 2003). Terminamos aqui este percurso inicial pelos primeiros anos da Rádio da Universidade, buscando compreender as condições culturais e o espírito de época que a fez emergir como pioneira. Buscamos concretizar uma pequena contribuição para uma história cultural que ainda precisa ser devidamente estudada e contada.

## REFERÊNCIAS

**AGENDA Comemorativa dos 50 anos da Rádio da UFRGS.** Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2008. n.p.

ALMEIDA, Mario; GUIMARÃES, Rafael. **Trem de volta: Teatro de Equipe.** Porto Alegre: Libretos, 2003.

A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da rádio da universidade (ufrgs)

BENDATTI, Iara de Almeida. **Iara de Almeida Bendatti**: depoimento [1987]. Entrevistador: Sergio Stosch. Porto Alegre, 1987. 1 arquivo mp3 (1h2min3s). Arquivo da Rádio da Universidade.

BLOIS, Marlene. Rádio educativo: uma escola de vida e cidadania. In: BARBOSA Filho, André; PIOVENSAN, Angelo; BENETON, Rosane. **Rádio sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRECHT, Bertold. Teoria do rádio (1927 – 1932). In: MEDISTSCH, Eduardo. **Teorias do rádio. Textos e contextos**. v.1. Florianópolis: Insular, 2005.

BRITES, Blanca. Apontamentos sobre construções visuais. In: BRITES et al. **100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes de UFRGS. Três ensaios**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

CARO, Herbert; MORITZ, Paulo Antônio. **O Teatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Secretaria de Educação e Cultura, 1975. p. 299-400.

CHAVES, Celso Loureiro. **Memórias do pierrô lunar e outras histórias musicais**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

COSTA, Maria Carolina Xavier da **A relação entre as escolas radiofônicas e o movimento de educação de base na década de 1960**. Disponível em: [http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos\\_completos/165-31417-23052015-142153.pdf](http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos_completos/165-31417-23052015-142153.pdf). Último acesso em: 14 fev 2019.

DEUS, Sandra de. **Rádios das universidades federais: função pública e compromisso laboratorial**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (26. : 2003 : Belo Horizonte, MG). Anais. Belo Horizonte: Intercom, 2003.

FERRARETTO, Luiz Artur. **O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzatto, 2000.

FREITAS, Ana Laura Colombo de. **A formação do gosto musical na crítica jornalística de Herbert Caro no Correio do Povo (1968-1980): da torre de marfim ao rés do chão**. Porto Alegre, 2011. 143 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HAGEMANN, Lauro. **Lauro Hagemann**: depoimento [1987]. Entrevistador: Sergio Stosch. Porto Alegre, 1987. 1 arquivo mp3 (29min51s). Arquivo da Rádio da Universidade.

KISCHINHEVSKY, Marcelo et al. Por uma historiografia do rádio universitário no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.7, n.2, p. 151 – 168, jul./dez. 2018.

LIMA, José Carlos de Cavalheiro. **José Carlos de Cavalheiro Lima**: depoimento [nov. 1987]. Entrevistador: Sérgio Stosch. Porto Alegre, 1987. 1 arquivo mp3 (51min17s). Arquivo da Rádio da Universidade.

NESTROVSKI, Arthur. **Outras notas musicais**: da Idade Média à música popular brasileira. São Paulo: Publifolha, 2009.

OBINO, Aldo. **Notas de arte**. Porto Alegre: MARGS: Nova Prova; Caxias do Sul: EDUCS, 2002. (Coleção Memória Cultural)

OLIVEIRA, Flávio. A quem pertence a UFRGS? In: GUEDES, Paulo Coimbra; SANGUINETTI, Yvone T. **UFRGS: identidade e memórias - 1934-1994**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 1994. p 108-113.

OLIVEIRA, Flávio. **Flávio Oliveira**: depoimento [2007]. Entrevistador: André Grassi. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (36min37s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.

OLIVEIRA, Flávio. Rádio da Universidade: vocação e voz. In: **AGENDA Comemorativa dos 50 anos da Rádio da UFRGS**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2008. n.p.

PAGLIOLI, Elyseu. **Universidade do Rio Grande do Sul - uma fase em sua história**. Porto Alegre: Gráfica da Universidade, 1964.

ROSS, Alex. **Escutá Só**: do clássico ao pop. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SCHIRMER, Lauro. A Hora. **Uma revolução na imprensa**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da rádio da universidade (ufrgs)

SCLIAR, Moacyr. Homenagem à nossa rádio. In: **AGENDA Comemorativa dos 50 anos da Rádio da UFRGS**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2008. n.p.

SOARES, Mozart Pereira; SILVA, Pery Pinto Diniza da. **Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1934-1964**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

STOSCH, Sérgio. **Sérgio Stoch**: depoimento [2007]. Entrevistador: André Grassi. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (35min18s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.

URBIM, Carlos. **Carlos Urbim**: depoimento [2007]. Entrevistadora: Silvia Secrieru. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (40min55s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.

ZUCULOTO, Valci. **A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras**. 2010. 242 f. Tese. (Doutorado em Comunicação Social) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

# DO EXPERIMENTAL AO COMERCIAL: o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil

Carlos Gregório dos Santos Gianelli<sup>1</sup>

O início do século XX seria marcado por inúmeras invenções e desenvolvimentos tecnológicos nos mais variados setores da sociedade. A indústria bélica, por exemplo, mostrou seu potencial ao estabelecer as novas rédeas do capitalismo no desenrolar da Primeira Guerra Mundial. Pesquisas voltadas à área da saúde também ganharam impulso na virada do século, com o avanço no desenvolvimento das vacinas, por exemplo. Integrando esse rol de inovações, a radiofonia, relativamente em pouco tempo, convenceu o mundo de que ele não seria mais o mesmo após a sua intervenção. Aos poucos, diversos países, e principalmente seus líderes dos setores comerciais e industriais, e até mesmo seus chefes de estado, perceberiam rapidamente que a radiofonia – aqui inclusos tanto o rádio propriamente dito como os serviços de telégrafo e telefone – mudaria completamente a maneira como a sociedade comunicar-se-ia. Novos padrões de comunicação, a eficácia na transmissão de mensagens e principalmente a velocidade com que as novas informações chegariam às pessoas mudam totalmente a percepção de tempo e espaço nos quais a sociedade estava inserida. Seja no envio de instruções para uma tropa, na transmissão do discurso de um estadista ou na difusão de algum boletim jornalístico, a radiofonia, de uma maneira geral, encurtou distâncias, valorizando o poder da comunicação e da informação nela contidas.

Com a produção cultural não foi diferente. Músicas que antes pareciam pertencer a determinados locais não dependiam mais das barreiras físicas ou dos

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pelo PPGH/UDESC, pesquisa a música brasileira na Rádio Nacional nas décadas de 1930 a 1950. Integra o Laboratório de Imagem e Som/UDESC como pesquisador no projeto “Narrativas Radiofônicas em Walter Benjamin”.

Do experimental ao comercial:  
o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil

limites geográficos para circular. Com o passar do tempo e o aprimoramento da transmissão e da recepção das ondas curtas, seria possível um brasileiro ouvir, diretamente de Londres, a música veiculada naquele local, por exemplo. Hoje, em tempos de interconexão simultânea via internet, já nos escapa a percepção de um intenso trânsito cultural. No entanto, para uma época que, em poucos anos, saiu do envio de cartas e partituras como meio de circulação de informação para a transmissão simultânea por ondas enviadas pela atmosfera terrestre, tal salto representou uma verdadeira revolução na maneira como as sociedades iram se desenvolver nos mais variados aspectos.

Um dos primeiros países a perceber o potencial da nascente indústria radiofônica foram os Estados Unidos. Tanto no que diz respeito à produção de aparelhos como no surgimento de novas estações, o protagonismo estadunidense ficou evidente. Lia Calabre apresenta dados muito significativos dessa expansão ocorrida no período de apenas três anos:

Em outubro de 1921, foram registradas 12 (doze) novas emissoras; em novembro, mais 9 (nove); em dezembro, mais 9 (nove). Em janeiro de 1922, 26 (vinte e seis) novas emissoras entravam no ar. Ao final do ano de 1924, os Estados Unidos já contavam com 530 (quinhentas e trinta) emissoras de rádio. (CALABRE, 2002, p. 47).

Ainda sobre o desenvolvimento do rádio nos Estados Unidos, Maria Inez Borges Pinto traz observação feita por Raymond Gram Swing, em 1935, a respeito das possibilidades que a radiodifusão poderia alcançar:

O que sei é que temos no rádio um tipo especial de instrumento social, que eu diria ser mais poderoso, mais íntimo e mais promissor que qualquer outro instrumento social desde o desenvolvimento da imprensa. O rádio é definitivamente um instrumento de massas e parece que pode tornar-se, de todas as invenções modernas, a que maior coesão social produz. A qual será reconhecida como algo ao mesmo tempo benéfico e perigoso. Todos nós nos alarmamos com a utilização que tem sido dada ao rádio na Alemanha, Áustria, Itália e Rússia. E se tivermos juízo, também ficaremos alarmados como o poder

que tem dado e pode dar a determinados indivíduos neste país [EUA]. [...] Um meio que serve para a disseminação da verdade e do conhecimento serve do mesmo modo para a disseminação da perversão e da mentira.” (SWING, 1935, p. 5-6 apud PINTO, 2003, p. 4).

Percebe-se, nessa fala do editor do *The Nation*, um misto de empolgação com uma boa dose de preocupação em relação aos usos que poderiam ser feitos do rádio. É interessante perceber essa projeção de futuro contida nesse passado na medida em que ela ajuda a compreender como essa nova tecnologia foi sendo desenvolvida. Afinal de contas, sonhos e ambições, mas também medos e preocupações, acabam sendo balizas envoltas nas inovações que são apresentadas ao público.

O crescimento da radiofonia em solo estadunidense seria sentido em terras brasileiras. Foi na exposição em comemoração ao centenário da Independência do Brasil, ocorrido em 1922, que o rádio foi apresentado ao público brasileiro pela primeira vez. Em uma ação de marketing das empresas Westinghouse e da Western Electric Company, equipamentos de captação sonora e uma estação transmissora provisória foram montados. Os alto-falantes foram instalados em diversos locais dos pavilhões da exposição no Rio de Janeiro, bem como em cidades como São Paulo, Petrópolis e Niterói, para demonstrar com eficácia o caráter extraterritorial que as ondas hertzianas poderiam alcançar. O conteúdo escolhido para a transmissão teve o caráter cívico e patriótico que marcará o início do rádio no Brasil: foi veiculado um discurso proferido pelo então presidente da república, Epitácio Pessoa, e a execução da ópera “*O Guarany*”, de Carlos Gomes, do palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro até os espectadores nos mais diversos locais (CALABRE, 2002).

A qualidade da transmissão dessa primeira experiência do rádio no Brasil é no mínimo controversa. De acordo com a reportagem do jornal *A Noite*, de 8 de setembro de 1922: “a multidão teve uma sensação inédita: a ópera *Guarany* de Carlos Gomes, que estava sendo cantada ao Teatro Municipal, foi, ali, distintamente ouvida, bem como os aplausos aos artistas. Igual coisa sucedeu nas cidades acima [Niterói, Petrópolis e São Paulo].” (A NOITE, 1922, p. 8). Já Luiz Artur Ferraretto traz

Do experimental ao comercial:  
o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil

o depoimento de um dos pioneiros do rádio brasileiro, Edgar Roquette-Pinto, que demonstra um pouco o baixo impacto que teve, na feira de exposição, a irradiação do discurso ou da ópera: “Ouvindo discurso e música reproduzidos no meio de um barulho infernal, tudo distorcido, arranhando os ouvidos, era uma curiosidade sem maiores conseqüências.” (BBC, 1988 apud FERRARETTO, 2013, p. 14). No entanto, apesar deste relato de que as transmissões feitas a poucos quilômetros dali não tiveram uma qualidade sonora satisfatória, uma nota veiculada pelo jornal The New York Times apresenta o evento como um grande feito tecnológico da empresa responsável pela transmissão e pela venda de equipamentos:

CHICAGO, 29 de março – Uma transmissão de rádio proveniente da Exposição do Centenário da Independência brasileira, no Rio de Janeiro, foi captada por uma das estações do governo dos Estados Unidos, em Honolulu, a 8.000 milhas de distância [*o equivalente a 13.400 km*], estabelecendo um novo recorde. Anunciou, hoje, o escritório da Western Electric Company. (THE NEW YORK TIMES, 1923 apud FERRARETTO, 2014, p. 14).

Não nos interessa a apuração da veracidade do relato de Roquette-Pinto, da nota emitida pelo jornal A Noite ou ainda daquela veiculada no New York Times, mas perceber que havia por parte da empresa estadunidense Western Electric Company, a intenção de mostrar o potencial que seus equipamentos poderiam alcançar, tendo o Brasil como vitrine e evidenciado o alcance da transmissão pela distância geográfica entre as cidades do Rio de Janeiro e Honolulu. Seja pela baixa qualidade das transmissões, pelo alcance limitado no cotidiano das pessoas ou pelo alto custo para a compra de equipamentos, o rádio no Brasil desenvolveu-se de maneira lenta se considerados sua extensão territorial e o potencial que poderia vir a alcançar: “Foram fundadas duas emissoras em 1923, cinco em 1924, três em 1925, duas em 1926. Em 1930, o país contava com 16 emissoras” (IBGE, 1936 apud CALABRE, 2002, p. 49).

Ao analisar a primeira legislação a respeito da rádio difusão no Brasil, o Decreto n. 16.657, de 5 de novembro de 1924, observa-se, no Artigo 13, que as estações seriam divididas em dois grandes grupos: “1 - Fixas (subdividido em a)

costeiras; b) interiores ; c) internacionais, transoceânicas ou Inter territoriais); 2 – Móveis (subdividido em a) de bordo; b) terrestres)” (BRASIL, 1924). Além desses dois grupos, o Decreto designa um terceiro, voltado a “objetivos especiais”: a) radiofaróis; b) radiogonométricas; c) experimentais. As primeiras estações de rádio brasileiras funcionariam sob a última classificação de “[...] experimentais: as estações instaladas para fins científicos, para ensaios de novos tipos de construção; para fins recreativos e para radiodifusão (*broadcasting*)” (BRASIL, 1924)<sup>2</sup>.

Desse modo, observa-se, já no início do rádio no Brasil, uma relação próxima entre os estudos científicos e o desenvolvimento da radiodifusão. Sob o olhar jurídico, os dois estariam sob a mesma categoria. Esse amparo legal ajuda a explicar a aproximação das duas áreas, de modo que a primeira rádio legalizada brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, teria, na Escola Politécnica, sua primeira sede. Inaugurada no dia 20 de abril de 1923 (LOPES, 1970), teve a estação da Praia Vermelha utilizada para a primeira transmissão, como mostra o relato:

Roquette e seus colegas reunidos na Escola Politécnica, ouviram emocionados quando, da Praia Vermelha, Edgar Sussekind de Mendonça abriu a transmissão recitando um soneto do próprio Roquette [...]. Heloísa Alberto Torres, filha do abolicionista Alberto Torres, leu um conto infantil de Monteiro Lobato, de que não há registro do título. E, concluindo, Francisco Venâncio Filho leu uma página de *Os sertões*. (CASTRO In: MILANEZ, 2007, p. 73 apud FERRARETTO, 2013, p. 18-19).

A observação de Ruy Castro corrobora nesse sentido, ao afirmar que “a Rádio Sociedade parecia, a princípio, uma extensão da Academia de Ciências.” (MILANEZ, 2007, p. 76 apud FERRARETTO, 2013, p. 19). Para ter uma ideia dessa aproximação, basta citar que intelectuais do quilate do físico alemão Albert Einstein<sup>3</sup>, do escritor futurista italiano Filippo Tommaso Marinetti, do general e engenheiro francês

<sup>2</sup> O texto foi atualizado para a língua portuguesa contemporânea para melhor entendimento.

<sup>3</sup> Albert Einstein teria deixado a seguinte mensagem no livro de visitas: “Na cultura levada pela radiodifusão, desde que sejam pessoas autorizadas as que se encarreguem das divulgações quem ouve recebe, além de uma escolha judiciousa, opiniões pessoais e comentários que aplainam os caminhos e facilitam a compreensão: esta é a grande obra da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.” (LOPES, 1970, p. 42).

Do experimental ao comercial:  
o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil

Gustave-Auguste Ferrié, da físico-química francesa Marie Curie e do historiador também francês Paul Hazard chegaram a visitar a sede da Rádio Sociedade (FERRARETTO, 2013). Assim, a afirmação de Roquette-Pinto tem um significado ainda maior quando se observa o *modus operandi* dos primeiros tempos do rádio no Brasil:

Rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador dos enfermos; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (ELECTRON, 1926, p. 1 FERRARETTO, 2013, p. 18-19).

Encontra-se uma perspectiva semelhante no tocante ao rádio como ferramenta educativa também nos Estados Unidos. Em 1935, Philip G. Loucks, representante da Associação Nacional dos Profissionais de Rádio, publicou um artigo para os anais do Sexto Encontro Anual de Educação pelo Rádio e da Quinta Assembleia Anual do Conselho de Orientação sobre Rádio em educação nos Estados Unidos (PINTO, 2003), no qual afirmava:

Na produção e apresentação de programas educativos, os profissionais de rádio têm tido certos objetivos bem definidos. Tais programas, acreditam eles, devem suplementar e não suplantar o nosso vasto sistema público de educação formal. Os programas educativos devem ampliar os horizontes da sala de aula, inspirar e informar todo o tipo de pessoas e estimular a apreciação das artes, da literatura, da música e da ciência. (LOUCKS, 1935, p. 27 apud PINTO, 2003, p. 5).

Ressalta-se, todavia, que os Estados Unidos tinham uma radiodifusão de forte caráter comercial; tanto o encontro em 1935 quanto essa fala diziam respeito a um setor bem específico do sistema de rádio estadunidense.

No Brasil, aos poucos, o rádio foi saindo desse circuito mais restrito e passando a fazer parte do cotidiano dos lares cariocas. O crescimento foi lento e gradual em toda a década de 1920; além de ser uma novidade como meio de comunicação e informação para além da mídia impressa, ter um rádio – ou antes, espaço e estrutura mínima para que ele fosse instalado – já era considerado um diferencial da elite na época. Havia então a necessidade de realizar um processo de

transição entre as antigas construções e as novas tecnologias (não somente o rádio) que começavam a integrar o cotidiano na virada do século XX. Logo, surgiram empresas especializadas em adaptar instalações elétricas, telefônicas e radiofônicas (CALABRE, 2002).

Sobre essa primeira fase do rádio no Brasil, Ferraretto (2013) traz uma análise muito pertinente de Maria Elvira Bonavita Federico (1982) para que seja possível perceber o caráter restritivo e até mesmo elitista que terá a radiofonia no país em um primeiro momento. Somente no âmbito burocrático e no preparo da residência a fim de torná-la apta a receber os sinais, tem-se os seguintes custos:

[...] mil-réis para o pedido ao Ministério de Viação e Obras Públicas, outra de um mil-réis para o atestado de idoneidade, outra de um mil-réis para o esquema de instalação a ser submetido ao Departamento de Correios e Telégrafos, e, por fim, mais uma de 600 réis referente ao conjunto destes documentos. (FEDERICO, 1982, p. 47 apud FERRARETTO, 2013, p. 15).

Esses eram somente os valores e trâmites pré-instalação. Tem-se ainda o custo para a aquisição dos aparelhos receptores e o valor da joia para pertencer a alguma Rádio Clube. O valor dos aparelhos, na década de 1920, variava entre 35 mil-réis, por um sistema simples de galena<sup>4</sup>; e 400 mil-réis, no caso de um receptor valvulado do qual se obtinha uma qualidade sonora bastante superior (FERRARETTO, 2002, p. 37 apud FERRARETTO, 2013, p. 15). A respeito dessas primeiras experiências de sintonização do rádio pelo sistema de galena, apresentam-se dois depoimentos que revelam um pouco do caráter lúdico que a radiofonia possuía. Sintonizar com precisão uma estação não era tarefa simples. Saint-Clair Lopes, radialista, ex-diretor de secretaria da Rádio Nacional e professor na área de comunicação e jornalismo, relata: “[...] nos maravilhávamos com o aproveitamento de caixas de charutos e que nos permitia, depois de uma longa e penosa procura da emissora num cristal – a galena – ouvir, através de fones, sons palavras e ruídos [...]” (LOPES, 1970, p. 34). Desses

---

4 O Rádio de Galena consiste no modo mais rudimentar de captação de frequências de rádio AM, pois não necessita de energia elétrica para captação. Esse modelo necessita basicamente de uma antena, um receptor (que, em sua construção, conta com um pouco do mineral galena, origem do nome do modelo) e uma saída conectada a um alto-falante (PERON, 2016; ALMENDROS, 2018).

Do experimental ao comercial:  
o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil

primeiros tempos do rádio observa-se o relato sensível e preciso do jurista Antônio Chaves, especialista em direito autoral em radiodifusão:

[...] incômodos fones postos nos ouvidos, armado de paciência e o ânimo suspenso na expectativa de um acontecimento quase milagroso, pequeno número de amadores se reunia nas mais importantes cidades em torno de seus aparelhos procurando, à ponta de uma agulha, a faceta propícia do cristal para a recepção, desde que o permitissem o fading e a estática da maravilha: o incerto e titubeante murmúrio das ondas musicais provenientes de uma estação situada a distância relativamente pequena. (CHAVES, 1952, p. 95).

Conseguidos os registros necessários, a instalação elétrica das antenas e comprado o aparelho, faltava ainda o custo com a compra da joia e o pagamento da mensalidade. De acordo com a revista *O Observador – Econômico e Financeiro* (1938), os valores da joia e da mensalidade, relativos à Rádio Clube do Rio de Janeiro, eram de cem mil-réis e cinco mil-réis, respectivamente. Baseando-se em alguns dados relativos, a renda média de um trabalhador na fábrica ou no campo era de aproximadamente 150 mil-réis (NOSSO SÉCULO, 1982 apud FERRARETTO, 2013). Somadas todas as despesas apresentadas e considerando, no cálculo, o rádio mais simples de galena, o valor total equivale à renda média da maioria da população.

Renato Murce (1976) traz um relato bem aproximado da dinâmica do funcionamento das rádios clube, revelando o caráter ainda bem amador em que se encontrava a radiofonia brasileira. Além da contribuição com o pagamento da mensalidade, os sócios enviavam discos para auxiliar na melhora dos programas. Conforme o radialista, no final da execução do disco, cabia um agradecimento no microfone: “A seguir transmitiremos o ‘Prólogo’ da ópera *Il Pagliaci*, de Leoncavallo, em disco gentilmente cedido pelo nosso ouvinte, Dr. Arnaldo Guinle” (MURCE, 1976, p. 21). Sobre o pagamento das mensalidades, Murce (1976, p. 21) relata que nem todos cumpriam com o compromisso financeiro: “[...] muitos se inscreveram com entusiasmo, mas pagar mesmo, que era bom, nada, ou quase nada, num veso bem brasileiro.”

Sobre as novas dinâmicas sonoras que foram sendo estabelecidas no cotidiano das pessoas, Maria Inez Machado Borges Pinto (2004) traz à tona as impressões de Mário de

Andrade sobre a linguagem radiofônica, que apontava para “uma linguagem particular, complexa, multifária, mixordiosa, com palavras, ditos sintaxes de todas as classes, grupos e comunidades.” (ANDRADE, 2002, p. 210 apud PINTO, 2004, p. 141). Nas palavras da própria autora, “as experiências urbanas imiscuem-se nas transmissões dos programas radiofônicos, interagindo na elaboração das linguagens e narrativas empregadas pelos radialistas.” (PINTO, 2004, p. 14). Desse modo, o advento do rádio não se tratava apenas de uma novidade na questão do entretenimento em si, mas sobretudo no estabelecimento de novas formas de comunicação que, em uma relação dialética com as ruas, com a sociedade, vai, aos poucos, firmando novos modos de falar e de expressar ideias, contribuindo com o desenvolvimento de novos costumes.

Até a década de 1940, o registro dos aparelhos era obrigatório. Isso possibilitava ao governo um maior controle do que era vendido e utilizado pela população, sendo possível mapear quais eram os principais locais onde se ouvia o rádio. Esses e outros dados auxiliavam bastante na elaboração de um diagnóstico mais preciso da radiodifusão brasileira. Além disso, o receio da instalação de estações clandestinas, bem como de seu uso para fins paramilitares, era uma preocupação que pairava sobre o ar (CALABRE, 2002).

Com o crescente interesse pelas novas tecnologias (nessa mesma época é que ocorre a forte entrada de produtos industrializados, como geladeiras, aspiradores de pó etc.), começaram a surgir novas emissoras. Um índice desse crescimento pode ser verificado na cidade de São Paulo, que, em 1929, já contava com 60 mil aparelhos (CALABRE, 2002). Gilberto de Andrade, jornalista que atuava na redação do *A Noite*, em textos publicados no ano de 1935, já expressava suas preocupações com relação à expansão radiofônica no Brasil, principalmente na cidade do Rio de Janeiro. Uma delas dizia respeito ao número de artistas disponíveis para apresentarem-se nos programas devido ao surgimento das novas estações. “Quando estiverem funcionando as doze estações cariocas, onde irão os diretores de estúdio buscar artistas apreciáveis para os seus programas? [...] Estarão mais uma vez confiados nas improvisações?” (ANDRADE, 1935 [s.p.] apud MOREIRA; SAROLDI, 1984,

Do experimental ao comercial:  
o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil

p. 11). Outra preocupação apresentada pelo jornalista seria sobre os avanços relativos à qualidade técnica dos transmissores das rádios comerciais brasileiras em comparação às suas vizinhas sul-americanas. “Várias vezes tem-se comentado a situação de inferioridade potencial das estações nacionais em relação com as argentinas e uruguias, do que decorrerem evidentes prejuízos para a divulgação cultural [...]” (ANDRADE, 1935 [s.p.] apud MOREIRA; SAROLDI, 1984, p. 12). Essa preocupação será refletida na gestão de Andrade à frente da Nacional, tendo em vista que, já no ano de 1942, pouco depois da incorporação da emissora pelo Estado Novo, a rádio ganhará transmissores novos, passando a figurar entre as cinco maiores estações do mundo.

O país adentra a década de 1930 percebendo que o rádio já não era mais algo experimental ou restrito somente as rádios clube. Não somente em território brasileiro, mas em outros países, como Inglaterra e Alemanha (para citar os mais fortes nesse sentido), perceberam o potencial comunicativo com as massas que a radiodifusão poderia possibilitar. Vale lembrar, no entanto, que essa percepção da necessidade de comunicar-se com as massas não será desenvolvida somente em regimes totalitários ou grandes potências econômicas. Muito antes, no final do século XIX, os governantes já perceberiam tal necessidade, como assinala Hobsbawn (1984, p. 276 apud PINTO, 2003, p. 1):

[...] da década de 1870 em diante tornou-se cada vez mais evidente que as massas estavam começando a envolver-se na política, e não se poderia ter certeza de que apoiaria seus senhores. Após a década de 1870, portanto que certamente junto com o surgimento da política de massas, os governantes e observadores da classe média redescobriram a importância dos elementos ‘irracionais’ na manutenção da estrutura e da ordem social.

No Brasil, um aspecto fundamental que se desenvolve nas emissoras é o seu caráter comercial. As rádios não seriam mais financiadas apenas por sócios ou por doações esporádicas de outros contribuintes, mas por marcas, as quais passaram a anunciar seus produtos. No que dizia respeito aos modelos de radiodifusão, Getúlio

Vargas tinha praticamente dois modelos pelos quais poderia optar: o estadunidense, que era basicamente comercial, com pouca interferência estatal; ou o modelo britânico e alemão, de um rádio fortemente estatal com quase nenhuma influência dos parâmetros comerciais em seu funcionamento.

Com o avanço da radiofonia argentina, Vargas tinha que tomar essa decisão rapidamente para que o país vizinho não acabasse influenciando política e culturalmente o Brasil. Por não ter tempo hábil para o estabelecimento de uma estrutura estatal robusta para a implementação do modelo britânico ou alemão, a opção foi fortalecer o caráter comercial das emissoras brasileiras para que pudessem expandir seus negócios. (MCCANN, 2004). Mais adiante, na década de 1940, com a aquisição da Rádio Nacional pelo governo do Estado Novo, o Brasil terá uma emissora de caráter misto figurando entre os modelos de rádio estatal, mas com forte apelo comercial.

Logo no início do primeiro governo de Getúlio Vargas como presidente da república, essa expansão do rádio é amparada legalmente com a criação de dois decretos: Decreto n.20.047, 27 de maio de 1931; e Decreto n.21.111, de 1 de março de 1932 (CALABRE, 2002). Ao analisar o texto de ambos, percebe-se algumas diferenças substanciais quanto à classificação do serviço em relação ao Decreto-Lei de 1924. Da categoria “experimental” (BRASIL, 1924), as estações passam a ser classificadas como serviço de “radiodifusão” (BRASIL, 1931). No entanto, o art. 12 do Decreto n. 20.047/1931 ainda remete bastante à origem e à proposta científica e educativa que o rádio possuía ao afirmar que “O serviço de radiodifusão é considerado de interesse nacional e de finalidade educacional.” (BRASIL, 1931).

Destaca-se ainda do Decreto n.20.047/1931 o art. 14 relativo a questões voltadas aos direitos autorais. Essa discussão ganhava cada vez mais espaço e amparo legal conforme a indústria fonográfica e o incipiente sistema de broadcasting iam desenvolvendo-se. Cabe ressaltar que esses dois decretos foram editados no início do governo de Vargas, sendo que ele próprio foi o autor da primeira lei significativa a respeito dos direitos trabalhistas para músicos, compositores e demais envolvidos

Do experimental ao comercial:  
o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil

com a produção teatral brasileira, além de explicitar as obrigações relativas ao pagamento de direitos autorais. Por esse motivo, tal lei chegou a ser apelidada de “Lei Getúlio Vargas” (trata-se do Decreto n. 5.492, de 16 de julho de 1928).

Voltando ao art. 14, presente no Decreto n.20.047/1931, nota-se a preocupação de não somente veicular programas de caráter educacional e formativo, mas de que os devidos créditos fossem dados aos seus autores. Pela riqueza de detalhes e a especificidade das questões que aborda, o art. 14 é reproduzido a seguir:

Art. 14. As irradiações de conferências, aulas ou discursos de caráter educacional, científico, artístico, religioso ou político serão precedidas sempre da indicação da pessoa que os pronunciar ou que os tiver escrito, para esse fim, a qual ficará responsável pelos conceitos que emitir, na forma da legislação que regular a liberdade de pensamento. Igualmente as irradiações de quaisquer escritos, já divulgados ou não por qualquer outro meio, serão precedidas sempre da indicação dos respectivos autores, respeitados os direitos autorais e mantida a responsabilidade pelos conceitos emitidos na forma da legislação aplicável ao caso.

Parágrafo único. Se não for observado, no momento da irradiação, o disposto neste artigo, a responsabilidade pelos conceitos emitidos recairá sobre o diretor-gerente da sociedade ou da empresa permissionária. (BRASIL, 1931).

A legislação do Decreto n. 21.111/1932 é muito similar à do ano anterior, mas com uma adição muito importante para o desenvolvimento das rádios no Brasil: a autorização da irradiação de comerciais. Essa novidade possibilitará às rádios terem outra fonte de renda além do modelo de rádios clube, que dependia fundamentalmente dos sócios. Com a entrada dos comerciais, muitas marcas passarão a investir pesado no rádio como meio de comunicação, tendo em vista o alcance territorial imenso que, aos poucos, vai adquirir. O art. 73 do Decreto n. 21.111/1932 estabelece quais seriam as regras para uso dos textos comerciais nas irradiações:

Art. 73. Durante a execução dos programas é permitida a propaganda comercial, por meio de dissertações proferidas de maneira concisa, clara e conveniente à apreciação dos ouvintes, observadas as seguintes condições:

- a) o tempo destinado ao conjunto dessas dissertações não poderá ser superior a dez por cento (10%) do tempo total de irradiação de cada programa;
- b) cada dissertação durará, no máximo, trinta (30) segundos;
- c) as dissertações deverão ser intercaladas nos programas, de sorte a não se sucederem imediatamente;
- d) não será permitida, na execução dessas dissertações, a reiteração de palavras ou conceitos. (BRASIL, 1932).

Além da cota de 10% do total de irradiação para fins de propaganda, o interessante a ser observado no art. 73 é que ele propõe quais seriam os parâmetros relativos ao formato do comercial a serem seguidos. A duração máxima de 30 segundos será, por exemplo, um padrão que estabelecerá uma linguagem bem própria para a publicidade radiofônica. Não foi à toa que os primeiros roteiristas de publicidade no Brasil eram, muitas vezes, humoristas de ofício. A mesma concisão que uma piada deve ter para provocar o riso pode ser aproveitada na elaboração de uma frase de impacto para vender um produto. Para citar um dos exemplos mais emblemáticos, tem-se o humorista Bastos Tigre, que foi o responsável pela criação do slogan do laboratório Bayer que perdura até hoje: “Se é Bayer, é bom” (SALIBA, 2002, p. 86). Para registro, tem-se que o primeiro jingle publicitário veiculado no rádio brasileiro foi o da Padaria Bragança, em Botafogo:

O padeiro desta rua  
Tenha sempre na lembrança  
Não me traga outro pão  
Que não seja o pão Bragança.

(ALMIRANTE, 1956 [s.p.] apud SAROLDI; MOREIRA, 1984, p. 17).

Do experimental ao comercial:  
o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil

Nota-se que o limite imposto pela legislação é uma das balizas que guiará os responsáveis pela elaboração dos comerciais. Sobre isso, observa-se ainda que, no item “d” do art. 73 do Decreto n. 21.111/1932, é deixado bem claro que a simples repetição de palavras para anunciar algum produto ou marca não seria permitido, sendo este outro parâmetro a ser levado em conta por quem trabalhava com os textos publicitários radiofônicos. Sobre a relação entre publicidade, rádio e a extensão do território brasileiro, o trecho a seguir, do relatório elaborado por José Caó, diretor geral da Rádio Nacional em 1951 e recolhido por Ferrareto, aponta para a importância da utilização das ondas curtas como ferramenta imprescindível para o sucesso dessa empreitada:

A pedra básica sobre que se apoia a nossa publicidade é a onda curta. Com a onda curta emitida em condições técnicas satisfatórias cobrimos praticamente todo o território brasileiro. Daí se haver tornado esta emissora um veículo ideal para os anunciantes de âmbito nacional, isto é, para os que precisam vender em todos os quadrantes do país. E dessa categoria são os nossos maiores patrocinadores de programa [...]. Chegaram eles à conclusão de que é muito mais econômico e produtivo anunciar na Rádio Nacional do que espalhar anúncios em emissoras e jornais dos diferentes estados. A verba aqui empregada oferece rendimentos incomparavelmente mais satisfatórios. (CAÓ, 1951, p. 7 apud FERARETO, 2017, p. 44-45).

Para acompanhar a crescente necessidade do uso da publicidade para a manutenção das emissoras de rádio, o governo brasileiro, via Decreto-Lei n. 1.949, de 30 de dezembro de 1939, capítulo IV, referente à radiofonia, reitera as orientações estabelecidas pelo decreto anterior no que diz respeito à publicidade. No entanto, em seu artigo 94, faz alterações ao estabelecer em 20% o tempo de publicidade permitido em cada programa e limitar para 60 segundos, no máximo, o tempo de duração para cada texto publicitário – sendo que este poderia chegar, em dias úteis, entre 7h e 16h, a 75 segundos (BRASIL, 1939).

Desse momento em diante, o rádio no Brasil seguirá fortemente comercial, com o desenvolvimento das emissoras educativas e universitárias ocorrendo, de certo modo, em paralelo. Estas, por sua vez, não são de caráter estatal (porta-voz oficial do

governo federal, por exemplo) e muito menos t ma sua sobrevivência baseada em índices de audiência. As rádios educativas e universitárias configuram-se, desde a sua forma o, em espaços mais democráticos e complexos, que abrangiam a veicula o de informa es que não seriam de interesse comercial ou estatal e que funcionavam como um importante laboratório para o desenvolvimento da radiodifusão no Brasil.

O que se procurou mostrar neste breve panorama histórico foi o desenvolvimento ocorrido na legisla o brasileira em rela o ao rádio e parte do contexto relativo a cada momento. Do caráter experimental, com grande proximidade do campo da ciência e da tecnologia, ao modelo comercial, alicerçado basicamente pelo mercado publicitário, o rádio no Brasil teve seu desenvolvimento acompanhado de perto pelo governo federal que, conforme as novas necessidades apresentadas e os objetivos mirados com esse meio de comunica o, embasou legalmente e até mesmo balizou a maneira de fazer rádio até os dias de hoje.

## REFERÊNCIAS

ALMENDROS, Felipe Magalhães. **Rádio de Galena**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Física Gleb Wataghin. Disponível em: [https://www.ifi.unicamp.br/~lunazzi/F530\\_F590\\_F690\\_F809\\_F895/F809/F809\\_sem2\\_2008/FelipeMAlmendros\\_DavidSoares\\_F609\\_RF2.pdf](https://www.ifi.unicamp.br/~lunazzi/F530_F590_F690_F809_F895/F809/F809_sem2_2008/FelipeMAlmendros_DavidSoares_F609_RF2.pdf). Acesso em: 9 ago. 2018.

BRASIL. Decreto n. 16.657, de 5 de novembro de 1924. Aprova o regulamento dos serviços de radiotelegraphia e radio telefonia. **Diário Oficial da União**, 7 dez. 1924.

BRASIL. Decreto n. 5.492, de 16 de julho de 1928. Regula a organiza o das empresas de diversões e a loca o de serviços teatrais. **Diário Oficial da União**, 18 jul. 1928.

BRASIL. Decreto n. 20.047, de 27 de maio de 1931. Regula a execu o dos serviços de radiocomunica es no território nacional. **Diário Oficial da União**, 6 jun. 1931.

Do experimental ao comercial:  
o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil

BRASIL. Decreto n. 21.111, de 1º de março de 1932. Aprova o regulamento para a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional. **Diário Oficial da União**, 4 mar. 1932.

BRASIL. Decreto n. 1.949, de 30 de dezembro de 1939. Dispõe sobre o exercício da atividade de imprensa e propaganda no território nacional e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 30 dez. 1939.

CALABRE, Lia. **No tempo do Rádio: Radiodifusão e cotidiano no Brasil (1923 – 1960)**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2002.

CALABRE, Lia. Políticas públicas culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque. **Estudos Históricos**. CPDOC/FGV, n. 31, 2003/1.

CHAVES, Antonio. **Proteção internacional do direito autoral de radiodifusão**. São Paulo: M. Limonad, 1952.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. A reinvenção das tradições no cenário da modernidade: a radiodifusão e as suas raízes urbanas. **ArtCultura**. Uberlândia-MG, n.º 9, jul.-dez. de 2004.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. Cultura de Massas e a Integração Nacional pelas Ondas do Rádio. **Anais...ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa, 2003.

FERRARETO, Luiz Artur. De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)** - v.3, n.1, jan.2014-jun/2014.

FERRARETO, Luiz Artur. O modelo de negócio da Rádio Nacional do Rio de Janeiro em seu apogeu: uma leitura a partir da economia política da comunicação. In: BIANCO, Nélia Del; KLÖCKNER, Luciano; FERRARETO, Luiz Artur. **80 anos das rádios Nacional e MEC**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2017.

LOPES, Saint-Clair. **Radiodifusão hoje – Comunicação**. Rio de Janeiro: Temário, 1970.

MCCANN, Bryan, **Hello Brazil: Popular Music in the Making of Modern Brazil**. Durham, NC, and London: Duke University Press, 2004.

MURCE, Renato. **Bastidores do Rádio**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MOREIRA, Sônia Virginia. SAROLDI, Luiz Carlos. **Rádio Nacional**: o Brasil em Sintonia. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira (da belle époque aos primeiros tempos do rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

UM SUCESSO da radio-telephonia e telefone auto-falante. **A Noite**, Rio de Janeiro, 08set. 1922. p. 08.

# HISTÓRIA DAS RÁDIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello<sup>1</sup>

Roberto Montagner<sup>2</sup>

Cristiane de Paula Bachmann<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) possui duas emissoras de rádio, a Rádio Universidade AM, criada em 1968, e a Rádio Uni FM 107.9, inaugurada em 2017. A UFSM é pioneira no Brasil entre os canais públicos de radiodifusão ligados às universidades. A Rádio Universidade 800 AM é a terceira mais antiga do Brasil, fundada em 1968, quando havia apenas a Rádio Universidade da UFRGS (1960) e a Rádio Unifei (1963), da Universidade Federal de Itajubá.

A História da Rádio Universidade AM da UFSM confunde-se com a trajetória da Instituição. É um símbolo da UFSM, do seu compromisso público e comunitário, e um veículo de prestígio e legitimidade na imprensa local, regional e nacional. Cumpre um trabalho de interesse público e institucional nas dimensões de Ensino, Pesquisa e Extensão.

A Rádio Universidade AM foi ao ar pela primeira vez, oficialmente, em 27 de maio de 1968. Idealizada pelo Reitor Fundador Prof. Dr. José Mariano da

---

1 Coordenadora da Coordenadoria de Comunicação da UFSM. Doutora em Comunicação pela UFRJ. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e dos cursos de graduação em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda da UFSM.

2 Chefe do Núcleo de Rádio da UFSM. Radialista. Diretor da Rádio Universidade AM no período de 1983 a 1987 e Chefe do Núcleo de Rádio de 1997 a 2004. Atualmente cumpre o terceiro mandato.

3 Chefe do Núcleo Técnico da Coordenadoria de Comunicação da UFSM. Mestre em Organização de Gestão Pública. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na UFSM.

Rocha Filho, transmitiu em caráter experimental desde às 10 horas do dia 28 de abril daquele ano, mas a sua instalação oficial aconteceu no dia 27 de maio, às 18 horas, no terraço do prédio da Antiga Reitoria, situado na Rua Floriano Peixoto, no centro da cidade de Santa Maria. Quando da sua fundação, a emissora operava na frequência de 1320 kHz, com uma potência de 1 Kw. Em 1976, por intermédio do novo Plano Nacional de Radiodifusão, passou a operar na frequência de 800 kHz e aumentou sua potência para 10 kW.

Em 26 de novembro de 1981, a Rádio Universidade AM foi transferida para o Campus da UFSM. Em 1994, a torre de transmissão foi derrubada por um problema de infiltração na sua base, o que tirou a emissora do ar por duas semanas. Mas voltou ao ar e operou precariamente até novembro de 1995, quando foi inaugurado um novo parque de transmissões.

A partir da instalação do novo parque de transmissores no Campus Universitário, no final de 1995, o sinal foi ampliado para toda a região centro-oeste do Estado. A nova antena, com 77 metros de altura, dobrou a capacidade de alcance, melhorando a qualidade de som. No ano de 1997, a emissora ganha seu primeiro site da internet. Em junho de 1998, a Universidade AM passa a transmitir 24 horas diárias e, em 1999, inaugura o sistema de transmissão pela internet.

Nos anos 2000, acompanhando o processo de digitalização, ocorre a modernização dos equipamentos e estúdios e a reformulação da programação. Em 2013, a direção da Rádio Universidade assinou em Brasília a adesão à Rede Pública de Rádio, iniciativa da Empresa Brasil de Comunicação - EBC, e Associação das Rádios Públicas do Brasil - ARPUB.

A Rádio Universidade 800 AM, emissora pública da UFSM, tem sua programação voltada à comunidade regional, com divulgação das atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade, coberturas de eventos, espaços dedicados ao jornalismo, informações científicas e culturais, música e variedades. Detentora do prefixo ZYK 292, ocupa a frequência de 800 kHz e tem uma potência permanente de 10 Kw, com transmissor digital. Durante o dia as transmissões

atingem mais de 150 municípios da região central do Rio Grande do Sul. À noite, em virtude da Rádio não precisar diminuir sua potência, ela atinge as fronteiras do Uruguai e Argentina, Santa Catarina, e até mesmo o Paraná. A emissora está com seu som ao vivo na Internet desde 1999, 24 horas por dia (UFSM, 2019).

A programação da Rádio Universidade AM é totalmente voltada à comunidade regional e atende ao tripé ensino pesquisa e extensão com espaços dedicados ao jornalismo geral, jornalismo esportivo, informação científico-cultural, música e variedades, coberturas de eventos, e divulgação da instituição mantenedora.

Atendendo a sua vocação de ensinar, a emissora serve como laboratório aos alunos dos cursos de Jornalismo, que ocupam espaços dentro da programação. Outros cursos e departamentos da instituição também produzem programas voltados para extensão universitária, culturas étnicas, línguas e música.

Em dezembro de 2017 foi inaugurada a Uni FM, que opera na frequência 107.9, com programação própria e programação em rede com a Empresa Brasileira de Comunicação – EBC. A implantação recente da Uni FM justifica o fato de que, neste texto, de caráter histórico, predominem informações sobre a Rádio Universidade AM, que completou 50 anos.

## OS ANOS 1960

A inauguração da Rádio Universidade AM ocorreu no terraço do prédio da então reitoria da Universidade. A solenidade de abertura foi transmitida ao vivo, e contou com o discurso de inauguração do reitor fundador José Mariano da Rocha Filho:

É com imensa satisfação que declaro instalada a Rádio da Universidade, neste momento e dentro dos princípios que nortearam nossa atuação ao estabelecermos, no coração do Rio Grande do Sul, a primeira Universidade criada no interior do Brasil. (CONEXÃO UFSM, 2019)

Este fragmento do discurso do reitor fundador da UFSM na solenidade de inauguração da Rádio Universidade, no dia 27 de maio de 1968, mostra a importância da Rádio para alcançar a missão da UFSM, como responsável pelo desenvolvimento de sua região, do país e da humanidade. O reitor também afirmou “Destruímos simbolicamente as paredes de nossas salas de aula e os muros de nossa Universidade!” – o discurso foi transmitido ao vivo e evidencia a empolgação que a presença da Rádio representava para uma instituição que tinha o pioneirismo como uma de suas principais características.

Na inauguração o Diretor da Rádio, Antonio Abelin, foi representado pelo professor e radialista Quintino Oliveira que, entrevistado pela então aluna de Jornalismo da UFSM, Gláise Palma, deu o seguinte depoimento:

Eu entrei para a Rádio Universidade antes de ela abrir oficialmente. No dia da inauguração, quem representava a Rádio Universidade era eu porque o Diretor Antonio Abelin estava viajando. Então ele me deixou as credenciais para representá-lo e a abertura oficial da Rádio foi feita, com as autoridades da Universidade, Dr. Mariano da Rocha,... Mas a história começou na verdade bastante tempo antes. A rádio começou em 68, mas já em 65 eu comecei a ter algum tipo de relação com este serviço da Universidade. Em 65 eu havia me formado e fui encaminhado pela própria universidade para realizar um curso de televisão educativa no Rio de Janeiro, em que 55 brasileiros, de praticamente todos os estados, receberam este curso, porque naquela época falava-se muito em TV Educativa (...) (OLIVEIRA, 1994)

No livro USM - A Nova Universidade, que contém a proposta inovadora da Universidade de Santa Maria, já consta a menção à televisão em circuito fechado, que funcionava desde 1958 na Faculdade de Medicina, e à criação de uma rádio: “a Radio da Universidade deverá atuar com programas culturais visando à divulgação da música, de conferências, aulas de línguas alienígenas e até mesmo alfabetização”. (MARIANO DA ROCHA FILHO, 1962, p.32).

Tanto o livro fundador como o Estatuto de 1962 mostram que a UFSM possuía um setor instituído de Comunicação desde o início de suas atividades. No

organograma institucional de 1962, o setor de comunicação aparece com o nome de “Departamento de Divulgação, Intercâmbio e Expansão Cultural” contando com duas subdivisões: Seção de Divulgação e Propaganda e Seção de Intercâmbio e Expansão Cultural. Em 1969 passou a chamar-se Departamento de Comunicação, que incluía dois setores: Divisão de Imprensa e Divisão de Rádio e Televisão (BARICHELLO, 2000, 2001)

Quintino Oliveira, Coordenador Artístico e Cultural da Rádio e da TV Educativa, na época da criação da Rádio Universidade, confirma este plano da UFSM no sentido de implantar emissoras de rádio e televisão educativas já na década de 1960:

O Dr. Mariano sempre pensou em ter uma televisão educativa ligada à Universidade, aliás, o Dr. Mariano da Rocha era pioneiro na utilização de TV para o ensino, porque aqui em Santa Maria, no Hospital Astrogildo de Azevedo, funcionava o Curso de Medicina, as aulas práticas e foi colocado um sistema de TV em circuito fechado, eu não tenho nem referência disso, mas é uma coisa muito antiga, mas isso assegura à UFSM o pioneirismo de utilização no Brasil. (OLIVEIRA, 1994)

Segundo ele, a Universidade já preparava o terreno para a instalação da TV, inclusive com a compra de equipamentos. Contudo, o Governo Federal na época barrou os projetos e impossibilitou o sonho de uma TV Universitária. Ciente da negativa, o Reitor começou a lutar por um canal de rádio. Para auxiliá-lo nesse processo, designou Antonio Abelin para cuidar da parte burocrática, Wilson Aita para a parte técnica e compra de equipamentos e o próprio Quintino Oliveira para estabelecer a programação educativa da emissora.

Em 1968, quando tava pra abrir a Rádio, o Antônio Abelin, que foi chamado para dirigir a Rádio que, aliás, já era funcionário da Universidade, ele era chefe do Gabinete de Imprensa, o Abelin me chamou, já que eu tinha esta ligação né, e mais o projeto da TV, ele não havia morrido, mas apenas tinha sido protelado até que de repente surgisse uma solução. Então tinha muito a ver com a rádio, que pretendia ser rádio cultural, educativa (...) então eu acabei sendo nomeado

Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello - Roberto Montagner  
Cristiane de Paula Bachmann

Coordenador Artístico e Cultural da Rádio e TV Educativa da Universidade.  
(OLIVEIRA, 1994)

No início das atividades da Rádio Universidade foi firmado um convênio com a Fundação Padre Landell de Moura (FEPLAM) para que a emissora passasse a transmitir aulas e ter uma assessoria direta da FEPLAM. Segundo Quintino Oliveira o projeto chamado “Escola do Ar”, era um curso de alfabetização e depois uma sequência de primeiro grau pelo rádio, com monitores treinados e que chegou a ter mais de 50 tele-postos, ou seja, 50 locais espalhados pelas vilas e arredores de Santa Maria e no centro também. Na época coube ao Centro de Artes da Universidade, atual Centro de Artes e Letras (CAL), a produção de programas educativos, que tratassem de música erudita.

O professor Sebastian Benda, que na época lecionava no Centro de Artes, que era uma sumidade em música, foi uma das pessoas que teve o cuidado de preparar fitas magnéticas com peças clássicas, com explicações, e aí a gente deslanchou. (OLIVEIRA, 1994).

A Rádio também tinha em sua programação música popular e os intervalos comerciais foram substituídos por vinhetas, que informavam desde aspectos culturais até questões de saúde pública.

## AS DÉCADAS DE 1970 E 1980: uma rádio com audiência consolidada

Nos anos 1970 a rádio possuía uma audiência consolidada e era ouvida em salas de espera de consultórios e outros ambientes da comunidade. Para Antonio Abelin, Diretor da Rádio entre os anos de 1968 a 1971, foi havendo uma adaptação da programação:

Nós testávamos muitas vezes a programação e fazíamos pesquisa para testar o interesse dos ouvintes, que, em sua grande parte, eram professores, estudantes da Universidade e também profissionais liberais. Eram os primeiros ouvintes da emissora. A programação mudava periodicamente e foi dada depois uma

ênfase ao radiojornalismo, permitindo que houvesse uma divulgação maior dos fatos marcantes da vida de Santa Maria e da Universidade (ABELIN, 1995).

Foi nos anos 70 que se originou um dos projetos que mais marcaram os ouvintes da Rádio. O “Era Uma Vez”, comandado pela locutora Maria Elena Martins Mello.

Eu comecei na Radio Universidade no ano de 1974 e meu primeiro trabalho foi o programa infantil “Era Uma Vez” (...) A duração era de uma hora, aos domingos e, dentro deste programa, eu procurava levar as historinhas que as crianças gostam, as músicas infantis, mas acima de tudo transmitir cultura, informações de saúde (MELLO, 1995).

Quando a Rádio ainda funcionava no prédio da Antiga Reitoria, no centro da cidade, fazia parte da programação o programa “Querência Xucra” apresentado por José Vasseur, abordando música e cultura gaúcha.

Outro programa que marcou a trajetória da Rádio Universidade foi o programa “Antes Que a Natureza Morra”, apresentado, durante mais de 26 anos, por James Pizarro. Segundo uma matéria do Jornal Folha da Manhã, publicada em 1978, o Antes Que a Natureza Morra foi o primeiro no Brasil a pautar assuntos de ecologia através do rádio. (BACKES; FAVERO; XAVIER, 2017)

Nem sempre foi possível sintonizar a UFSM nos 800 AM. Até 1976, a emissora operava em 1320 kHz, com uma potência dez vezes menor que a de hoje, um quilowatt. No entanto, o Ministério das Comunicações deliberou uma frequência exclusiva para uso das rádios educativas no Brasil. Assim surgiram os 800 kHz e os 10 quilowatts de potência, marcas que identificam a Rádio Universidade. “Em 800 AM, não somos obrigados a baixar a potência à noite. As outras, que são comerciais, têm que baixar a potência quando chega o pôr do sol. Isso é uma norma. Nós temos um alcance muito maior quando anoitece”, afirma Carlos Roberto Dornelles, responsável técnico e, na época, operador de áudio da Rádio. (BACKES; FAVERO; XAVIER 2017)

No dia 26 de novembro de 1981 a Rádio Universidade foi transferida para o Campus da UFSM, no décimo andar do prédio da Reitoria. Em outubro de 1981, o professor Sérgio Carvalho, do Curso de Educação Física, gravou o primeiro programa Radar Esportivo, com entrevistas com Léo Batista e Fernando Vannucci, então da TV Globo, e Ruy Carlos Ostermann, da Rádio Gaúcha. Atualmente, o programa Radar Esportivo é um projeto de extensão dos Cursos de Comunicação, produzido e apresentado pelos próprios acadêmicos, sob a supervisão da professora Viviane Borelli do Curso de Jornalismo.

## ANOS 1990: o fortalecimento da Rádio como Escola

A criação do projeto “Rádio Escola”, em 1994, passou a incluir as atividades dos estudantes de Comunicação Social da UFSM na Rádio, como parte integrante do currículo do Curso de Jornalismo. Em 1995, as disciplinas de Rádio, ministradas pelo Professor Paulo Roberto Araújo, passaram a ter a sua parte prática diretamente na Rádio Universidade. As disciplinas eram Rádio I, Rádio II, Rádio III e Rádio IV e a Diretora da Faculdade de Comunicação Social, na época da implantação do projeto, era Ada Cristina Machado Silveira. Em cada uma das disciplinas de rádio, os alunos produziam programas radiofônicos, e iam treinando para o grande desafio, que era o programa Rádio Ativo, um programa de debates, transmitido ao vivo, que tratava de temas e acontecimentos marcantes para a sociedade.

Segundo Áurea Evelise Fonseca, diretora da Rádio entre 1993 a 1997, o Projeto Rádio-Escola,

(...) é a “menina dos olhos” da gente, porque a gente aposta muito nesta formação, nesta parceria de ter a rádio com esta característica de rádio-escola, assim como o Hospital Universitário é para os estudantes da área da saúde. Sempre pensei que esta era uma fórmula muito boa, que é colocar os estudantes a produzirem a programação. Então, no horário das cinco às seis horas, na terça-feira, a partir agora do segundo semestre, o programa Ciência no Ar; o programa Rádio Ativo na quarta-feira, com um detalhe, o Rádio

Ativo não vai até as seis. O Rádio Ativo ocupa todo o espaço até as sete horas por causa da Voz do Brasil, senão ele passaria. São debates que têm reunido os temas mais polêmicos e têm trazido os representantes que realmente discutem a sociedade, os problemas da nossa sociedade, tem sido um programa com a maior repercussão na comunidade. (FONSECA, 1994)

Os anos 90 foram marcados por mudanças na Rádio Universidade. O jornalismo começou a ter mais espaço na programação e passou a dividir espaço com os programas educativos. Foi a partir da gestão da diretora Áurea Evelise Fonseca, entre os anos 1993 e 1997, que a Rádio começou a criar a identidade de programação que possui atualmente. Além disso, coberturas de eventos externos também entraram na grade da emissora, como as eleições e os tradicionais festivais nativistas.

A Rádio vivia um excelente momento, quando um imprevisto aconteceu. Em fevereiro de 1994, a torre de transmissão caiu e deixou a rádio fora do ar por duas semanas. A torre ficava na sede campestre da Associação dos Servidores da UFSM (Assufsm), próximo à BR 392. Devido ao solo extremamente úmido, houve infiltração nas bases de sustentação e a estrutura não conseguiu suportar o peso da torre. Para manter a Rádio no ar durante o tempo em que a nova antena era construída, a solução encontrada foi uma antena horizontal, feita com arames e que restringia o sinal a poucos locais da cidade. (BACKES; FAVERO; XAVIER 2017)

O novo parque de transmissões seria inaugurado apenas em novembro do ano seguinte. A torre, que se localizaria na área nova da universidade, continha seis cabos verticais ao redor da estrutura metálica. “Ela se torna uma torre mais grossa e melhora a qualidade do áudio, tem uma resposta de frequência melhor que as outras, com graves melhores e agudos melhores”, explica Dornelles. Essa nova antena, aliada aos dez KW de potência, garante um raio de 200 km de alcance do sinal. “À noite reduz um pouco, mas em compensação aumenta lá na área reflexiva, acima de 300 ou 400 quilômetros”, completa Dornelles. (BACKES; FAVERO; XAVIER 2017)

No final da década de 1990 teve início o processo de modernização da emissora. Em 1997, a tecnologia Minidisk substituiu as cartucheyras. Em junho de

1998, a Rádio preencheu todas as horas do dia com programações e, em setembro de 1999, passou a transmitir ao vivo toda a sua programação também via internet.

## OS ANOS 2000: A digitalização e a criação da Uni FM

Os anos 2000 marcaram a informatização da Rádio Universidade: a emissora adquiriu uma moderna mesa de áudio e a transmissão dos programas passou a ser feita por computador. Em 2006, ocorreu a modernização dos microfones e a otimização dos estúdios, com remodelações no espaço físico. Atualmente, “tudo é digital. Não trafega mais áudio pelos fios”, lembra Dornelles. “Os consoles recebem digitalmente, tudo em bits e trafegam em bits, e só se transforma em áudio lá no transmissor. Isso nos oferece uma qualidade muito boa, uma estabilidade muito boa, uma pureza, uma fidelidade”, conclui. Em termos de equipamento, a Rádio Universidade está muito bem servida. A emissora utiliza o mesmo sistema que grandes rádios do Rio Grande do Sul e do país: “Estamos evoluindo. Eu diria que é a melhor estrutura de Rádio de Santa Maria, sem desmerecer as demais, apenas comparando”, afirma Dornelles. (BACKES; FAVERO; XAVIER, 2017)

Em 2003, a UFSM enviou um ofício ao Ministério das Comunicações pedindo um canal de rádio FM, que já havia sido previamente destinado à cidade pela Agência Nacional de Telecomunicações, a Anatel. O pedido foi registrado e, em 2017, a Uni FM se tornou realidade. A Rádio opera na frequência 107.9, com 3 KW de potência. Os morros que as ondas do AM ultrapassam, agora refletem as ondas do FM, fazendo com que os ruídos praticamente desapareçam. Vale lembrar que a Universidade irá manter sua rádio no dial do AM, pelo menos por enquanto, a UFSM ainda estará nos rincões mais longínquos, nos bons e velhos rádios à pilha e estará também cada vez mais perto da sua cidade, nos rádios dos carros e nos celulares.

Enquanto a Rádio Universidade AM comemorou, em 2018, os seus 50 anos de existência, a UFSM deu outro importante passo em sua história: a inserção de

uma rádio na faixa de transmissão FM. Em novembro de 2017, foi instalada a antena de transmissão, uma das mais importantes etapas para o funcionamento da nova emissora. Com 4,20 metros de altura, a antena foi colocada sobre uma torre de 50 metros, localizada no bairro Caturrita, na região popularmente conhecida como “Morro das Antenas”.

A Uni FM, instalada oficialmente no dia primeiro de dezembro de 2017, opera na frequência 107.9 MHz. O canal é uma consignação da Empresa Brasileira de Comunicação - EBC. A rádio já surgiu com som simultâneo na internet e presença nas redes sociais digitais. Ela não é uma migração da frequência 800 AM, mas um canal com total independência e grade de programação renovada. A FM permite uma maior qualidade na transmissão, uma vez que está menos sujeita a interferências e ruídos. Porém, o alcance da emissora é menor. Segundo o técnico em eletrocomunicações Carlos Roberto Dornelles, contratado para a assistência técnica da Rádio Universidade e responsável pela instalação da nova antena, “a área de cobertura não é tão grande, pois essa é uma emissora que está dentro de uma classe educativa, que são classes de rádio de baixa potência.” Ela não será tão potente quanto a Rádio Universidade AM, que tem um raio de alcance de cerca de 100 km. Mesmo assim, por ter sua antena de transmissão em um local privilegiado e de grande altitude, terá um significativo alcance regional. (BACKES; FAVERO; XAVIER, 2017)

A rádio FM é uma construção de várias gestões, e precisou cumprir uma série de etapas, incluindo a compra de equipamentos, licitações para montagem da antena e de um novo estúdio e a liberação de licenças pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Para a operacionalização da nova rádio, um grupo com representação de técnicos e professores trabalhou desde maio de 2017. A programação foi estruturada com base em uma pesquisa de audiência feita com a comunidade universitária. A frequência definida é de 107.9 MHz e a potência em que trabalha é de 3 kW.

## COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria foi criada em 1998, com o objetivo de integrar os veículos da instituição. Desde então reúne quatro núcleos: Núcleo de Rádio, Núcleo de Televisão; Agência de Notícias e Núcleo de Apoio Técnico. A radiodifusão tem no Núcleo de Rádio sua alocação permanente. A Universidade AM, por muitos anos, foi a única emissora vinculada ao núcleo. Desde 2017, o Núcleo também responde pela Uni FM.

A emissora Rádio Universidade AM deve ao reitor fundador, José Mariano da Rocha Filho, sua idealização e implantação. A Rádio Universidade de Santa Maria está no ar desde 27 de maio de 1968. A emissora está com seu som ao vivo na Internet desde 1999, utilizando tecnologia implantada pelo Centro de Processamento de Dados – CPD da UFSM.

A Uni FM, instalada oficialmente em no dia primeiro de dezembro de 2017, opera na frequência 107.9 MHz. O canal é uma consignação da EBC. A rádio já iniciou suas atividades com som simultâneo na internet e presença nas redes sociais.

## DIRETORES DA RÁDIO UNIVERSIDADE E CHEFES DO NÚCLEO DE RÁDIO DA COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO DA UFSM

Desde a criação da Rádio Universidade, em 1968, a denominação utilizada era Diretores da Rádio Universidade. A partir da criação da Coordenadoria de Comunicação Social, em 1998, os diretores do setor de rádio passaram a ocupar a chefia do Núcleo de Rádio.

O primeiro diretor da Radio Universidade, Prof. Antonio Abelin, foi escolhido pelo Reitor Fundador da UFSM, Prof. José Mariano da Rocha Filho, para liderar o grupo que planejou e instalou a Rádio Universidade. Desta forma, ele foi o primeiro diretor, permanecendo no cargo de 1968 a 1971. No dia da inauguração da

emissora, em 27 de maio de 1968, devido a uma viagem do Prof. Abelin à Espanha, respondia pela direção o Prof. Quintino Oliveira.

A seguir listamos os diretores da Rádio Universidade e Chefes do Núcleo de Rádio da Coordenadoria de Comunicação da UFSM desde 1968 até 2019:

Professor Antonio Abelin: de 27/05/1968 a 25/11/1971.

Radialista Paulo Carús Juliani: de 26/11/1971 a 02/03/1974.

Radialista Saulo Sérgio Dalfollo: de 03/03/1974 a 26/01/1977.

Radialista Roberto Bisogno: de 27/01/1977 a 01/09/1978.

Jornalista Nicola Chiarelli Garofallo: de 02/09/1978 a 18/04/1983.

Radialista Roberto Montagner: de 19/04/1983 a 05/11/1987.

Radialista Sérgio de Assis Brasil: de 06/11/1987 a 12/01/1990.

Jornalista Cezar Hamilton Saccol dos Santos: de 13/01/1990 a 23/12/1993.

Jornalista Aurea Evelise Fonseca: de 24/12/1993 a 22/12/1997.

Radialista Roberto Montagner: pela segunda vez, de 23/12/1997 até 15/01/2004.

Radialista Celso Augusto Fontoura Franzen: de 16/01/2004 a 15/06/2011.

Radialista Rejane da Silva Miranda: de 16/06 a 04/11/2011.

Profa. Dra. Elisângela Carlosso Machado Mortari: cumulativamente à coordenadoria, de 05/11/2011 a 11/01/2012.

Radialista Celso Augusto Fontoura Franzen: pela segunda vez, de 12/01/2012 a 20/12/2013.

Radialista Renato Leonardo Bezerra Molina: de 21/12/2013 a 17/04/2017.

Radialista. Rejane da Silva Miranda: de 11/05/2017 a 03/09/2018.

Radialista Roberto Montagner: pela terceira vez, desde 05/09/2018.

## ÁREA DE ABRANGÊNCIA DAS RÁDIOS DA UFSM

A Rádio Universidade AM, emissora pública da Universidade Federal de Santa Maria, mantém uma potência permanente de 10 kW, com transmissor digital.

Durante o dia as transmissões atingem cerca de 170 municípios da região central do Rio Grande do Sul. À noite, em virtude de não precisar diminuir sua potência, ela atinge as fronteiras do Uruguai e Argentina, e chega até mesmo em Santa Catarina.

Os municípios gaúchos que podem acompanhar a programação diurna da Radio Universidade 800 AM, levando-se em conta registros ideais de sinal, condições climáticas e configurações topográficas são:

Aceguá, Agudo, Ajuricaba, Alegrete, Alegria, Alto Alegre, Arroio do Tigre, Augusto Pestana, Bagé, Barra Funda, Barros Cassal, Boa Vista das Missões, Boa Vista do Cadeado, Boa Vista do INCRA, Bom Progresso, Bossoroca, Bozzano, Braga, Caçapava do Sul, Cacequi, Cachoeira do Sul, Caibaté, Camargo, Campina das Missões, Campo Novo, Campos Borges, Candelária, Cândido Godói, Candiota, Canguçu, Capão do Cipó, Carazinho, Catuípe, Cerro Branco, Cerro Largo, Chapada, Chiapeta, Colorado, Condor, Coqueiros do Sul, Coronel Barros, Coronel Bicaco, Cruz Alta, Dezesesseis de Novembro, Dilermando de Aguiar, Dois Irmãos das Missões, Dom Pedrito, Dona Francisca, Encruzilhada do Sul, Entre-Ijuís, Ernestina, Espumoso, Estrela Velha, Eugênio de Castro, Faxinal do Soturno, Fontoura Xavier, Formigueiro, Fortaleza dos Valos, Garruchos, Giruá, Guarani das Missões, Herval, Hulha Negra, Ibarama, Ibirapuitã, Ibirubá, Ijuí, Independência, Inhacorá, Itaara, Itacurubi, Itaqui, Ivorá. Jacuizinho, Jaguari, Jarí, Jóia, Julio de Castilhos, Lagoa Bonita do Sul, Lagoa dos Três Cantos, Lagoão, Lajeado do Bugre, Lavras do Sul, Maçambará, Manoel Viana, Marau, Mata, Mormaço, Não-Me-Toque, Nicolau Vergueiro, Nova Boa Vista, Nova Esperança do Sul, Nova Palma, Nova Ramada, Novo Barreiro, Novo Cabrais, Palmeira das Missões, Panambi, Pântano Grande, Paraíso do Sul, Passa Sete, Passo do Sobrado, Passo Fundo, Pejuçara, Pinhal Grande, Pinheiro Machado, Pirapó, Piratini, Porto Xavier, Quaraí, Quevedos, Quinze de Novembro, Restinga Seca, Rio Pardo, Rolador, Roque Gonzáles, Rosário do Sul, Saldanha Marinho, Salto do Jacuí, Salvador das Missões, Santa Bárbara do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Margarida do Sul, Santa Maria, Santa Rosa, Santana da Boa Vista, Santana do Livramento, Santiago, Santo Ângelo, Santo Antônio das Missões,

Santo Antônio do Planalto, Santo Augusto, Santo Cristo, São Borja, São Francisco de Assis, São Gabriel, São João do Polêsine, São José das Missões, São José do Herval, São Luiz Gonzaga, São Martinho, São Martinho da Serra, São Miguel das Missões, São Nicolau, São Paulo das Missões, São Pedro do Butiá, São Sepé, São Valério do Sul, São Vicente do Sul, Sarandi, Segredo, Selbach, Senador Salgado Filho, Sete de Setembro, Silveira Martins, Sobradinho, Soledade, Tapera, Tio Hugo, Toropi, Três Passos, Tunas, Tupanciretã, Ubiretama, Unistalda, Uruguaiana, Vale do Sol, Vera Cruz, Victor Graeff, Vila Nova do Sul e Vitória das Missões.

## ÁREA DE ABRANGÊNCIA DA UNI FM

A Uni FM 107.9, rádio pública da Universidade Federal de Santa Maria, emissora vinculada à EBC, mantém uma potência permanente de 500 w. Suas transmissões atingem em torno de 30 municípios da região central do Rio Grande do Sul.

Os municípios, que podem acompanhar a programação da Uni FM 107.9, levando-se em conta registros ideais de sinal, condições climáticas e configurações topográficas são:

Agudo, Caçapava do Sul, Cacequi, Cachoeira do Sul, Dilermando de Aguiar, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Formigueiro, Itaara, Ivorá, Jaguarí, Jarí, Júlio de Castilhos, Manoel Viana, Mata, Quevedos, Restinga Seca, Santa Margarida do Sul, Santa Maria, São Francisco de Assis, São Gabriel, São João do Polêsine, São Martinho da Serra, São Pedro do Sul, São Sepé, São Vicente do Sul, Silveira Martins, Toropi e Vila Nova do Sul.

## CONSIDERAÇÕES PONTUAIS

Atualmente o Núcleo de Rádio, que coordena as atividades das duas rádios da UFSM, Rádio Universidade 800 AM e Uni FM 107.9, conta com a parceria de renomadas rádios e instituições, e também produtores independentes, trazendo ao

público diversas produções de qualidade. Entre outras, as emissoras da EBC e as rádios Senado e Câmara.

O Núcleo possui dezesseis funcionários, sendo quatro jornalistas, um diretor de programa, um diretor de som, três programadores, um técnico em audiovisual, cinco sonoplastas e um locutor. As duas emissoras contam, ainda, com bolsistas dos cursos de Jornalismo, Relações Públicas, Produção Editorial, Engenharia Acústica e Música e Tecnologia.

Para a discussão e manutenção das grades de programações das emissoras, o atual Chefe de Núcleo, Roberto Montagner, constituiu o GT Rádios UFSM – Grupo de Trabalho de Gestão e Acompanhamento das Programações das Rádios Universidade AM e Uni FM.

O GT Rádios tem trabalhado, em sintonia com a Coordenadoria de Comunicação da Universidade, no sentido de alinhar a produção das rádios: às atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFSM; aos desafios postos pelo Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI); às metas da atual gestão administrativa, coordenada pelo Reitor Paulo Burmann e pelo Vice-Reitor Luciano Schuch; e à Política de Comunicação da UFSM, aprovada em 2018.

Ao finalizar este texto queremos dedicá-lo a todos os personagens que fizeram ou fazem parte da trajetória das rádios da UFSM e que, mesmo não citados aqui neste texto, são os alicerces e a base desta história.

## REFERÊNCIAS

ABELIN, Antonio. Entrevista concedida à Gláise Bohrer Palma em setembro de 1995. In: Anexos. PALMA, Gláise Bohrer. A História Oral na Captação de uma Reportagem Documental da Rádio Universidade. Projeto Experimental de Conclusão de Curso (Jornalismo). Universidade Federal de Santa Maria, 1995.

BACKES, Felipe; FAVERO, Rafael; XAVIER, Amanda. Rádio Universidade: meio século de história. **Revista TXT** – Revista Laboratório do 3º semestre do Curso

de Jornalismo da UFSM – Professora Viviane Borelli, Ano X, n.22, Santa Maria, UFSM, julho de 2017.

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. **Comunicação e Comunidade do Saber**. Santa Maria: Pallotti, 2001.

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. Universidade e Comunicação: Identidade Institucional, Legitimidade e Territorialidade na cena da nova ordem tecnocultural. **Tese** (Doutorado em Comunicação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

CONEXÃO UFSM. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/revista/numero05/index.html>  
Acesso em: 12 fev. 2019.

FONSECA, Áurea Evelise. Entrevista concedida à Gláise Bohrer Palma em Agosto de 1995. In: Anexos. PALMA, Gláise Bohrer. A História Oral na Captação de uma Reportagem Documental da Rádio Universidade. Projeto Experimental de Conclusão de Curso (Jornalismo). Universidade Federal de Santa Maria, 1995

MARIANO DA ROCHA FILHO, José. **USM. A Nova Universidade**. Porto Alegre: ASPES/GLOBO, 1962.

MELLO, Maria Helena. Entrevista concedida à Gláise Bohrer Palma em Julho de 1995. In: Anexos. PALMA, Gláise Bohrer. A História Oral na Captação de uma Reportagem Documental da Rádio Universidade. Projeto Experimental de Conclusão de Curso (Jornalismo). Universidade Federal de Santa Maria, 1995.

PALMA, Gláise Bohrer. A História Oral na Captação de uma Reportagem Documental da Rádio Universidade. **Projeto Experimental de Conclusão de Curso** (Jornalismo). Universidade Federal de Santa Maria, 1995.

OLIVEIRA, Quintino. Entrevista concedida à Gláise Bohrer Palma em Julho de 1994. In: Anexos. PALMA, Gláise Bohrer. A História Oral na Captação de uma Reportagem Documental da Rádio Universidade. Projeto Experimental de Conclusão de Curso (Jornalismo). Universidade Federal de Santa Maria, 1995.

UFSM. RÁDIOS, EMISSORAS PÚBLICAS DA UFSM. Disponível em: <https://www.ufsm.br/orgaos-suplementares/radio/>. Acesso em: 12 fev. 2019.

Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello - Roberto Montagner  
Cristiane de Paula Bachmann

**E-mails do Núcleo de Rádio da UFSM**

Direção – Roberto Montagner: [robertomontagner57@gmail.com](mailto:robertomontagner57@gmail.com)

Recepção de áudios: [rd.universidade@gmail.com](mailto:rd.universidade@gmail.com)

Agendamento de gravações – Jordan Junges: [jordan.junges@ufsm.br](mailto:jordan.junges@ufsm.br)

Coordenação GT Rádios UFSM – Milton Oliveira: [miltoncamobi@yahoo.com.br](mailto:miltoncamobi@yahoo.com.br)

Responsável técnico – Carlos Roberto Dornelles: [crdornelles@terra.com.br](mailto:crdornelles@terra.com.br)

**Telefones**

Estúdio Universidade AM: (55) 3220-8377 e 3220-8660

Estúdio Uni FM: (55) 3220-8106

Agendamento de gravações: (55) 3220-6168

Coordenação GT Rádios UFSM: (55) 3220-6161

Direção: (55) 3220-8191

# RÁDIO USP: dos ideais de Mário Fanucchi ao Programa Universidade 93,7

Luciano Victor Barros Maluly<sup>1</sup>  
Gustavo Xavier Ferreira da Silva<sup>2</sup>

Em setembro de 1950, entrou no ar o primeiro programa de rádio da Universidade de São Paulo. Chamava-se “Momento Universitário” e era transmitido pela PRE-4, Rádio Cultura.

O idealizador dessa audição semanal, destinada a divulgar as atividades da USP, foi o Prof. José Ferreira Carrato que, em 1967, iria figurar no primeiro quadro de docentes da Escola de Comunicações e Artes. O Prof. Carrato chefiava a Seção de Radiodifusão da Reitoria, instalada na Rua Helvétia, 55, onde eram gravados, em discos de acetato de 16 polegadas, os boletins informativos, musicais e entrevistas que compunham o “Momento Universitário”. Vários desses discos foram localizados, em 1988, e todos os “scripts” produzidos durante o ano que durou o programa estão num arquivo organizado pelo Prof. Carrato. Tanto nos registros fonográficos como nos textos é possível constatar a forma clara e objetiva com que o programa se dirigia ao público.

Na primeira edição, por exemplo, é definido o papel da universidade brasileira e se contava a história da USP, com a economia de palavras que caracterizava a linguagem radiofônica. Prosseguindo no exame do material em ordem cronológica, nota-se que houve uma gradativa evolução do texto, cada vez mais simples e sintético. O desempenho dos locutores, dentro de uma linha de sobriedade que contrastava com os padrões da época, parecia obedecer a uma firme diretiva: a de materializar a “voz da Universidade”, com uma inflexão e tons parecidos.

Ainda quanto ao conteúdo do programa, mesmo nos instantes de entretenimento, fica clara a preocupação de sempre acrescentar algo ao conhecimento do ouvinte: na apresentação de peças musicais dos mais variados gêneros analisava-se o significado da composição, eram fornecidos dados biográficos do autor e outros detalhes.

As entrevistas eram, também, de grande interesse, se levarmos em conta que muitas das personalidades, geralmente ouvidas apenas no âmbito da Universidade, encontraram no programa um meio de ampliar a divulgação de suas ideias. Para isso, foi necessário que modificassem a terminologia, reduzissem o número de informações e adotassem uma didática baseada tão somente na palavra falada. Foi, provavelmente, o primeiro exercício sistemático do uso de um meio de comunicação de massa para a divulgação científica na Universidade de São Paulo.

Por suas características, o “Momento Universitário” representa um capítulo importante não só como precursor da presença da USP no rádio, mas também como uma proposta alternativa no panorama radiofônico dos anos 50.

“USP informações”, uma publicação quinzenal editada pela Coordenadoria de Atividades Culturais, trazia na primeira página do No. 30, relativo à segunda quinzena de setembro de 1977, a seguinte notícia:

“A Rádio Universidade de São Paulo, que faz parte do projeto mais amplo de comunicação audiovisual a partir do ‘campus da Capital’ entrará no ar, em caráter experimental, nos próximos dias, no horário das 8 às 24 horas, assim permanecendo até o final do ano. A emissora operará em FM estéreo com potência de 60 KW, na frequência de 93,7 MHz ... (FANUCCHI, 1990, pp.4-5)

Essas palavras do professor e pesquisador Mário Fanucchi iniciam um dos poucos documentos que revelam a história da radiodifusão na Universidade de São Paulo, especialmente sobre a Rádio USP<sup>3</sup>, que foi criada em 11 de outubro de 1977<sup>4</sup>. *Uma proposta de Rádio Alternativo* foi protocolado em 4 de maio de 1990, como relatório da pesquisa aplicada desse docente no antigo Departamento de Teatro, Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O documento discorre sobre o pioneirismo do professor José Ferreira Carrato até o início do projeto de reformulação iniciada pelo próprio Fanucchi, como diretor da emissora: “Foi uma Rádio USP com seis anos de existência - em que, além

---

3 RÁDIO USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio/>. Acesso em: 21 dez.2018.

4 JORNAL DA USP. **História da Rádio USP**. 26 de abril de 2016. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/historia-da-radio-usp/> Acesso em: 12 dez. 2018.

da estagnação técnica, era visível o esvaziamento dos objetivos - que recebi no início de 1983”. (FANUCCHI, 1990, p.6). O relatório revela pontos essenciais sobre os primeiros anos da Rádio USP, desde a infraestrutura, programação, radiojornalismo e projetos.

A Rádio USP teve, logo no ano de estreia, um dos programas mais populares de sua grade até hoje, *O samba pede passagem*. A importância desse programa não aconteceu por acaso, já que foi um dos pilares da proposta de programação alternativa, que foi sugerida por Mário Fanucchi:

A proposta resumia-se nos seguintes pontos:

- aumento significativo do coeficiente de música popular brasileira, inclusive instrumental, até atingir 80% da programação local;
- ampliação do programa “O Samba pede passagem”, com o objetivo de acentuar ainda mais o contraste com o gênero musical da maioria das emissoras;
- retomada da produção mais elaborada, que exige pesquisa, roteiros preciosos, além da gravação e edição;
- conteúdos desenvolvidos por especialistas ou estudiosos em torno de assuntos incomuns no rádio;
- experimentação constante, no sentido de testar formatos e adequar a linguagem de moda a explorar todas as possibilidades do meio;
- obter, por emulação, a excelência do produto e despertar vocações para a profissão de radialista;
- exatidão na informação, com o objetivo de valorizar o veículo, contribuindo para sua maior credibilidade. (FANUCCHI, 1990, p.18)

Entre as principais iniciativas, inclui-se o fato de ter sido uma das primeiras emissoras educativas paulistanas a trabalhar com radiojornalismo em FM. E, seguindo pelos primeiros anos da década de 80, passou a ter como diretriz a realização de um trabalho apurado de pesquisa na produção de seus programas, reforçando a ideia de uma programação aberta para novas experiências radiofônicas. “Quanto mais você conseguir avançar nessa programação elaborada, bem feita, que constrói alguma coisa, mais espaço de qualidade a sociedade ganha”, revelou Mário

Fanucchi em entrevista à Roseli Fígaro, que foi publicada na Revista Comunicação & Educação. (1997, p.86)

Agora, a sede atual está localizada na Cidade Universitária do *Campus* Butantã e conta com seis estúdios (um central para transmissões ao vivo e cinco de apoio para produção e gravação), salas de redação, produção, atendimento aos ouvintes/redes sociais, desenvolvimento e manutenção, discoteca, sala de reunião, sala de descanso, copa e administração/coordenação, além dos banheiros, incluindo o de deficientes físicos. Os estúdios ficam no primeiro andar do prédio e as salas de produção e redação ficam no térreo, justamente para facilitar o trabalho das equipes, já que os estúdios precisam de silêncio para gravação e as salas convivem com o barulho, decorrente de processos, como a captação de informações, atendimentos, entre outras.

Para viabilizar o funcionamento, a emissora possui profissionais fixos como jornalistas, radialistas, sonoplastas, profissionais de manutenção, discotecários, produtores, locutores, responsáveis pelo Serviço de Atendimento ao Ouvinte (SAC) e pelo site, técnicos específicos para cuidar do controle da transmissão e da antena no Pico do Jaraguá, coordenadores e secretaria, sem contar os contratados temporariamente, entre eles os estagiários (selecionados segundo os critérios oficiais da USP) e os profissionais de limpeza e de segurança (estes dois últimos terceirizados). A equipe também está disponível para o atendimento aos ouvintes e aos interessados em visitar à emissora ou enviar pautas e sugestões, entre outras solicitações, como chamados para a equipe de reportagem.

A base da programação da Rádio USP está alicerçada no jornalismo e na música. A equipe de jornalismo alimenta a grade<sup>5</sup> com a produção de boletins, veiculados às 11, 14, 15 e 16h, e também com a versão em áudio do *Jornal da USP*, transmitido ao vivo durante as manhãs, de segunda a sexta-feira. Já a equipe musical, que envolve discotecária, programador musical, coordenador de programação e estagiários de música, é responsável pela maior parte da programação musical,

---

<sup>5</sup> A descrição da grade toma como referência as atualizações até dezembro de 2018. Regularmente ocorrem modificações próprias ao caráter dinâmico de sua programação.

geralmente brasileira, com destaque para o *Som da USP*, transmitido em diversos horários ao longo do dia, e do *Madrugada USP*, das 3 às 5h30 da manhã. Além da rotina, a equipe da emissora ainda produz programas dos mais variados formatos, como a radiorrevista *Via Sampa*, transmitida das 12 às 13h, com coordenação de Heloísa Granito, vencedora do Prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), na categoria *Melhor Produtor (Jornalístico) de Rádio*, em 2017.

A produção de especiais também é uma marca da emissora, como as premiadas reportagens do jornalista Fábio Rubira. A reportagem especial *Milho: alternativa alimentar*, veiculada no radiojornal USP Notícias (Primeira e Segunda Edição) de 30 de abril de 2008, foi contemplada pelo III Prêmio Abimilho de Jornalismo, que é promovido pela Associação Brasileira das Indústrias do Milho, na categoria Rádio. A matéria *50 anos da União Europeia* recebeu o Prêmio de Jornalismo 50 Anos de União Europeia, que é concedido pela Delegação da Comissão Europeia no Brasil. O programa foi contemplado na categoria Rádio por uma série especial de reportagens veiculada na emissora em março de 2007. O repórter também foi finalista da IX Edição do Prêmio Líbero Badaró de Jornalismo, na categoria Radiojornalismo, pela série de reportagens Especial Eleições 2002, veiculada de junho a setembro daquele ano.

Vários projetos, produzidos tanto pela equipe interna quanto por produtores independentes, chamaram a atenção nesses anos de programação, marcando a relevância dessa emissora universitária.

## PANORAMA DA RÁDIO USP AO LONGO DE TEMPO

Mário Fanucchi (1990, pp. 22-41) relata que alguns programas já chamavam a atenção logo após a fase de implantação dos novos estúdios, em 1984, especialmente o *Vamos ler*, projeto de Marcelo Bittencourt, radialista que permanece na emissora até hoje, e que contou com colaboração de Luiz Roberto Galizia. O programa de estreia foi transmitido em 13 de janeiro de 1984, focalizando o livro *1984*, de George

Orwell. O sucesso foi tanto que, logo no primeiro ano, o *Vamos ler* foi premiado com o Prêmio Jabuti, oferecido pela Câmara Brasileira do livro.

Outros programas foram mencionados por Fanucchi como: *Música Independente* (Martinho Francisco Neto), *Rapazes da Banda* (Alberto Bonanomi e Paulo de Ávila), *Mutirão* (Ana Nórdia Portela - ou Lili Portela), *América do Sol* (Abílio Manoel), *Instrumental Brasileiro* (Matias José Ribeiro), *Música para todos* (Ciro Gonçalves Dias), *História do Rádio no Brasil* (Valvênio Martins), *Encontro com Roberto Corte Leal*, *Concerto de Rock* (com o antigo aluno da ECA e agora famoso William Bonner), entre outros. Fanucchi também revela as surpresas oferecidas aos ouvintes na época, como o programa humorístico *Rádio Banguela*, réplica do famoso PRK-30, e o *Debates Folha* (parceria com o jornal *Folha de S. Paulo*).

O perfil universitário fez com que vários projetos, que eram frutos de atividades curriculares e/ou de pesquisas desenvolvidas na Escola de Comunicações e Artes, fossem veiculados pela emissora, entre eles: *Sempre Concerto* (Fábio Cintra), *Terra Brasilis* (Wagner de Paula), *Interação* (Luiz Baggio, Rui Bianchi do Nascimento e Wagner Fonseca), *O Lado Escuro da Lua* (Juan Rossel), *Tome Ciência* (equipe de radiodifusão da SBPC, que contava com ex-alunos da ECA) etc. Nesse contexto universitário, Fanucchi destaca o programa *Quintal Encantado*, projeto coordenado pelos professores Ângelo Piovesan e Maria Helena Rennó junto com os alunos do Curso de Rádio e Televisão da ECA, bem como os programas *Cáspite!* (Silvio Pinheiro) e *Nova Terra* (Getúlio Alencar e Eugênio Araújo). Diante de propostas inovadoras para a época, os programas *Clip Informática* (Alexandre Fejes Neto), *Programa de Índio* (Ângela Pappiani e Aílton Krenak), *Memória* (Milton Parron) e, particularmente referente ao radiojornalismo, o *Repórter do Campus*, foram fundamentais para a consolidação de uma programação alternativa. (FANUCCHI,1990, pp. 22-41)

Após essa fase de consolidação, os jornalistas e radialistas da Rádio USP foram responsáveis por programas e boletins diferenciados como *É bom saber* (Cido Tavares), *Biblioteca Sonora* (Marcelo Bittencourt) e *Dance Night Away* (Celso dos

Santos Filho), *Momento Grandes Mulheres* (Annete Moreira), *É o Bicho!!* (Silvana Pires), entre outros. Também teve destaque o *Toque outra vez*, espaço em que a equipe de programação musical veiculava *playlists* indicadas pelos ouvintes.

Já os produtores independentes marcaram presença com programas de diferentes gêneros, entre eles, *Saúde Feminina* (Alexandre Faisal), *Agente 93* e *Rock\_Brazuca* (Régis Tadeu), *Alquimia* (Simone Moon), *Vira e Mexe* (Paulinho Rosa), *Olhar Brasileiro* (Omar Jubran), *Sons do Brasil* (Sérgio Sagitta), *O Sul em Cima* (Kleiton Ramil), *Jazz Caravan* (Ricardo Corte Real), *Rádio Base*, *Urgente!* (Marco Ribeiro), *Radiocaos* (Samuel Lago e Rodrigo Homem Del Rei), *Blues Power* (Cáio Ávila), *Mobilidade* (Lupércio Tomaz) etc.

Os programas *O Samba pede passagem*, coordenado por Moisés da Rocha, e *Rádio Matraca*, de Laerte Sarrumor, Alcione Sanna e Ayrton Mugnani Júnior, ainda são os espaços de maior audiência da emissora, hoje com média de 20 mil ouvintes por minuto.

A Rede USP de Rádio engloba também a Rádio USP FM 107,9 de Ribeirão Preto<sup>6</sup>, que produz programas especiais e boletins educativos e informativos. A emissora do interior funciona nas mesmas instalações inauguradas em 1988, onde fica o Serviço de Comunicação Social da Coordenadoria do Câmpus (CCRP), que tem dois estúdios, além de operador de som, locutor e estagiários. O Serviço de Comunicação conta ainda com jornalistas, técnico administrativo, fotógrafo e diagramador que, além das atividades da Rádio, executam também um jornal semanal, alimentam diariamente o portal *www.ribeirao.usp.br* e atendem a imprensa local e nacional. Algumas propostas dos profissionais de Ribeirão Preto foram fundamentais para a Rádio USP manter o diferencial como emissora educativa e universitária, especialmente a grade musical e os boletins jornalísticos, como o *Minuto da Notícia*, ambos com base na região, além dos programas *FEA Comunidade*, *O Ambiente é o Meio* e *Minuto do Agronegócio*, em parceria com as unidades da USP em Ribeirão Preto, e *Dica Legal*, com dicas culturais e de lazer na cidade.

---

<sup>6</sup> PORTAL USP REBEIRÃO PRETO: <http://www.ribeirao.usp.br/>. Acesso em: 02 dez.2018.

A iniciativa da Rede USP foi premiada, logo no primeiro ano, como destaque na categoria Rádio pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), que também contemplou a emissora em 2000 como melhor programação musical, melhor programação de cultura geral e melhor programa de variedades. No mesmo ano, a Rádio USP também foi premiada com o Prêmio Jabuti da Câmara do Livro e o Terceiro Concurso Internacional de Programas de Rádio, que foi promovido pela Rádio Cubana e vencido pelo *Clip Atualidades*. Em 2012, o programa *Palavra do Reitor* foi o vencedor do Prêmio APCA na categoria melhor programa de rádio na área de cultura.

Os mais variados gêneros jornalísticos e musicais possibilitaram ao ouvinte ter acesso a uma série de produtos radiofônicos variados, sem ficar limitado ao modelo usual música-informação, base da programação de diversas emissoras brasileiras.

A seleção dos programas é de responsabilidade da equipe da rádio e da Superintendência de Comunicação Social da USP, por meio de critérios de qualidade para uma emissora educativa<sup>7</sup>. A dinâmica de avaliação normalmente ocorre da seguinte maneira: o produtor interessado manda uma proposta, que é analisada pelo aspecto da inovação (se não tem nada da mesma linha já sendo veiculado), além da pertinência educativa, cultural e informativa do conteúdo. A articulação do conteúdo com a estrutura formal do programa também é avaliada.

Este contexto possibilitou a ampliação - junto com os estágios - da parceria entre a Rádio USP e a Escola de Comunicações e Artes (ECA), por meio da veiculação de programas e projetos dos alunos dos cursos de Comunicação Social, em especial, os de Audiovisual, Música e Jornalismo.

## UMA EMISSORA A SERVIÇO DO ENSINO, DA PESQUISA E DA EXTENSÃO

---

<sup>7</sup> OBSERVATÓRIO DA RADIODIFUSÃO PÚBLICA NA AMÉRICA LATINA – RÁDIO USP. Disponível em: <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/index.php/tvs/355-brasil/radios/1185-radio-usp-fm> Acesso em: 12 dez.2018.

Especiais como *Trilhas & Rolos*, *Rock s/Dono* e *Nova Trilha* foram produzidos pelos alunos do Curso Superior de Audiovisual, por iniciativa do professor Eduardo Vicente, e possibilitaram a abertura da grade da programação. Esta política fomentou outras iniciativas como a transmissão de Trabalhos de Conclusão de Curso, produções independentes ou didáticas dos alunos e professores, entre outras.

A iniciativa da Rádio USP culminou com a manutenção e transmissão, sem interrupção desde 2008, do Programa *Universidade 93,7* (Universidade Noventa e Três vírgula Sete)<sup>8</sup>, que é veiculado sempre aos domingos, das 11h às 11h30. O programa é produzido pelos alunos do curso de jornalismo, que exploram temas do cotidiano, por meio de uma linguagem jornalística e criativa. As gravações e produções são realizadas no Departamento de Jornalismo e Editoração<sup>9</sup>, com a finalização e supervisão da Rádio USP. Além do site da emissora, os produtos são disponibilizados para *download* no site do programa [www.eca.usp.br/radiojornalismo](http://www.eca.usp.br/radiojornalismo), onde é possível ter acesso a outros conteúdos como vídeos, cartazes e textos produzidos pelos alunos de jornalismo. Já são mais de quinhentos programas transmitidos nesses anos de veiculação.

A parceria não parou de crescer. Projetos de cultura e extensão foram viabilizados por meio de parcerias entre a ECA e a Rádio USP, como foi o caso dos programas *Momento Grandes Mulheres* e *Você no Esporte*. Os projetos visavam ensinar aos alunos de outros cursos (sem ser de Comunicação Social) o planejamento para a produção de programas em emissoras educativas. Na mesma direção, a Rádio USP veicula as produções dos alunos do Grupo de Estudos Radiofônicos do Departamento de Música da ECA, que são incorporados no espaço do USP Especiais.

A emissora também foi objeto de diversas pesquisas acadêmicas, com destaque para o pioneirismo da Profa. Dra. Gisela Swetlana Ortriwano (1948-2003),

---

8 PROGRAMA UNIVERSIDADE 93,7. Disponível em: <http://usp.br/cje/radiojornalismo/>. Acesso em: 01 nov.2018.

9 DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/>. Acesso em: 01 nov.2018.

que elaborou importantes artigos sobre a emissora, como *Rádio USP – procurando sua história*. (FFLCH-USP, 1997) e *Rádio USP – fazendo história* (Jornal da USP, 05 de outubro de 1998, pp.13/14). Além disso, aliou ciência e produção no planejamento do programa *Cantores Bons de Bico*, transmitido pela Rádio USP, inclusive sendo manchete no Programa Repórter ECO da TV Cultura, que foi transmitido em 27 de junho de 2004.

A emissora também inspirou o aperfeiçoamento de profissionais da casa, como é o caso do radialista Luiz Marcello Bittencourt, que desenvolveu a Dissertação de Mestrado *Ficção e Realidade – o Rádio como mediador cultural* no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom) da ECA-USP, em 1999.

A emissora também foi objetivo de pesquisas em Pós-Doutorado, com destaque para os projetos *Entre a Rádio USP e a Rádio UFMS – A consolidação de modelos educativos de programação nas emissoras universitárias* de Daniela Cristiane Ota, em 2015, *Radiojornalismo Multiplataforma – os desafios do meio em tempos de convergência*, de Janine Marques Passini Lucht, em 2018, ambos desenvolvidos na ECA-USP, e *O Ensino do Radiojornalismo no Brasil e em Portugal – Experiências Luso-Brasileiras* de Luciano Victor Barros Maluly, que foi realizado em 2011, em Braga (Portugal). Publicado em livro em 2013, esse projeto revela o trabalho pedagógico da Rádio USP e da Rádio Universitária do Minho (RUM FM 97,5).

## PROGRAMA UNIVERSIDADE 93,7

Em 2008, um grupo de alunos do curso de jornalismo - formado por Tadeu Breda, João Peres, Guilherme Balza e Tatiane Klein - solicitou ao então Chefe de Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, José Luiz Proença, e aos professores das disciplinas voltadas ao radiojornalismo, Luiz Fernando Santoro e Luciano Victor Barros Maluly, que marcassem uma reunião junto à Coordenadoria de Comunicação Social

(atualmente Superintendência) da USP. O objetivo era o de reivindicar um espaço na Rádio USP para a transmissão dos programas produzidos por universitários.

A reunião aconteceu na CCS com o então coordenador, Wanderley Messias da Costa; o diretor da rádio na época, Celso dos Santos Filho; a coordenadora de programação da emissora, Silvana Pires; os representantes do CJE, entre outros presentes. A conversa foi rápida e produtiva, com a CCS atendendo, imediatamente, a solicitação.

Naquele momento, nascia o programa *Universidade 93,7*, que é transmitido pela Rádio USP, aos domingos, às 11 horas. O primeiro programa foi ao ar em 28 de setembro de 2008, devido às comemorações do Dia Nacional da Radiodifusão, data que homenageia o Pai do Rádio no Brasil, Edgard Roquette-Pinto (1884-1954). A edição já estava gravada e teve a participação especial de Milton Parron, jornalista das rádios USP e Bandeirantes. O título era *Palavras Cruzadas* e teve a produção dos alunos André Albert, Ana Paula Bezerra Severiano, Daniele Assalve, Henrique de Brito Garcia, Natália Favrin Ferri e Marcelo Augusto Spinel de Souza Cargano.

São mais de quinhentos programas produzidos nesse período de transmissões, sendo que o apoio operacional da emissora é fundamental ainda hoje, com destaque para as atuações de Dagoberto Alves e Aparecido Tavares, respectivamente, coordenador de operações e coordenador de locução e plástica da emissora. Da mesma forma, a dedicação dos funcionários do CJE, como Ulisses Rodrigues de Paula, idealizador do site do programa; dos técnicos Roberto Samarão Guimarães, Alexandre Munhoz Vieira, Carlos Alberto Martins Netto (já aposentados), além dos atuais técnicos Djalma Ferreira de Moraes, Alexandre Gennari de Aguiar e Willian Mathias de Oliveira, tornou-se um diferencial para a produção do programa, justamente por facilitarem o trabalho dos alunos.

Os programas são gravados no velho Laboratório de Rádio João Walter Sampaio Smolka que, apesar das deficiências, ainda é um espaço de produção e convivência entre alunos, professores, funcionários e a comunidade externa.

A proposta didática alia o conhecimento dos conceitos em radiojornalismo e o compromisso para com os ouvintes. Assim, são produzidos radiojornais, especiais, entrevistas, entre outros formatos.

Dentro desse ideal, foram produzidos programas variados, desde o dia a dia do Hospital das Clínicas até a atual situação das escolas no Brasil. Da mesma forma, diversos artistas se apresentaram no programa, como o músico e professor da USP, Ivan Vilela, e o grupo *cover* da cantora norte-americana Janis Joplin. Temas complexos também foram debatidos, desde o aborto até os controversos testes em animais.

Diante da pesquisa, o *Universidade 93,7* foi um dos objetos de análise da tese de doutorado *O futuro hoje: a formação em radiojornalismo na era da convergência de mídias*, defendida por Lourival Galvão Júnior, também no PPGCom da ECA/USP, em 2014.

O programa conquistou o *Troféu São Paulo – Capital Mundial da Gastronomia*, como melhor Reportagem Difundida em Emissora de Rádio em duas oportunidades. Em 2017, os alunos Alexandre Amaral, Bianca Kirklewski, Carolina Pulice, Felipe Fabrini, Helena Mega e Larissa Lopes venceram com o Especial *Gastronomia em São Paulo*. Já no ano seguinte, a equipe formada por Fernanda Giacomassi, Letícia Fuentes, Mariana Mallet Pires, Nara Siqueira, Vinícius Bernardes e Vinícius Sayão conquistou o prêmio com a cobertura sobre o *Festival de Inverno com Jazz e Fondue*, que aconteceu no Bairro da Vila Madalena, em São Paulo.

A linha editorial aborda pautas do cotidiano voltadas ao interesse público e à cidadania, sempre com a intenção de defender os direitos humanos, especialmente a liberdade de expressão. Logo, o programa *Universidade 93,7* da Rádio USP FM é uma conquista da Universidade de São Paulo, justamente por ser um espaço aberto, plural e democrático.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de existência e resistência da *Rádio USP* é marcado pela dedicação de seus profissionais - fixos, contratados e colaboradores. Afinal, foram eles que mantiveram, apesar da pressão das agendas da indústria fonográfica e jornalística, uma programação alternativa e diferenciada das demais emissoras.

A demanda da Universidade de São Paulo foi respeitada, sendo a rádio um meio de divulgação das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Mesmo em épocas de greve e de dificuldades financeiras, a estação continuou funcionando. Assim, ganhou respeito e credibilidade, tornando-se um instrumento cultural por respeitar as diversidades.

Músicas que abarcam múltiplas sonoridades e notícias variadas determinaram uma oportunidade ao ouvinte de fugir da estagnação das emissoras comerciais. Ou seja, é possível ter acesso a conteúdos diversos, expressos tanto no aspecto musical quanto nas notícias.

A função educativa e cultural sempre se manteve como um dos pilares da emissora, com programas ancorados por professores e alunos. Com isso, a *Rádio USP* transformou projetos em programas, divulgando o trabalho que ficava restrito ao universo acadêmico, principalmente na Escola de Comunicações e Artes da USP.

Assim como outras propostas, o programa *Universidade 93,7* modificou a realidade do ensino do radiojornalismo na Universidade de São Paulo, com os trabalhos dos estudantes transformando exercícios em produtos jornalísticos de qualidade.

Esta linha de conduta fortaleceu os funcionários que desejavam conduzir seus próprios programas, assim como abriu uma oportunidade aos produtores independentes. Esse planejamento foi fundamental para a integração ao projeto de convergência das mídias, por meio do projeto do Portal *Jornal da USP*.

Com isso, a emissora ganhou crédito dentro e fora da Universidade, sendo, de um lado, objeto de ensino, pesquisa e extensão; e, de outro, respeitada pelo

público. Assim, a Rádio USP continua tendo o espírito, ao mesmo tempo pioneiro e de vanguarda, em torno de um *viés* alternativo à cultura e à educação no Brasil, como já salientou Mário Fanucchi:

O fato de o projeto haver atraído para sua zona de influência e oficina de execução tanta gente criativa, bastaria para justificá-lo em boa parte. Mas não se pode esquecer, também, o intercâmbio de ideias - um constante entre o que faziam os programas; ou a convivência dos produtores com os ouvintes que os incentivavam; nem tampouco o reconhecimento da crítica, que, ao premiar a programação, sempre o fez sob as chancelas “revelação” ou “valor cultural”. (FANUCCHI, 1990, p.44)

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Luiz Marcello. **Ficção e Realidade** – o Rádio como mediador cultural. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PPGCom- ECA/USP, 1999.

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/>. Acesso em: 01 nov.2018.

FANUCCHI, Mário. A nossa próxima atração. Entrevista concedida à Roseli Fígaro. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, set./dez. 1997, pp.69-87.

FANUCCHI, Mário. **Uma proposta de rádio alternativo** - Rádio USP. Relatório de pesquisa aplicada - cópia 2 - Departamento de Teatro, Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP. São Paulo: ECA-USP, 1990.

GALVÃO JÚNIOR, Lourival. **O futuro hoje**: a formação em radiojornalismo na era da convergência de mídias. Tese de doutorado. São Paulo: PPGCom- ECA/ USP, 2014.

JORNAL DA USP. **História da Rádio USP**. 26 de abril de 2016. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/historia-da-radio-usp/> Acesso em: 12 dez. 2018.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Radiojornalismo Multiplataforma** – os desafios do meio em temas de convergência. Pesquisa de Pós-Doutorado. São Paulo: ECA-USP, 2018.

MALULY, Luciano Victor Barros. **O Ensino do Radiojornalismo no Brasil e em Portugal**. Experiências Luso-Brasileiras. Pesquisa de Pós-Doutorado. Braga (Portugal): Universidade do Minho, 2011.

MALULY, Luciano Victor Barros. **O Ensino do Radiojornalismo no Brasil e em Portugal**. Experiências Luso-Brasileiras. São Paulo: ECA-USP, 2013.

OBSERVATÓRIO DA RADIODIFUSÃO PÚBLICA NA AMÉRICA LATINA – RÁDIO USP. Disponível em: <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/index.php/tvs/355-brasil/radios/1185-radio-usp-fm> Acesso em: 12 dez.2018.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Rádio USP** – fazendo história. *In*: *Jornal da USP*, 05 de outubro de 1998, pp.13/14.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Rádio USP** – procurando sua história. São Paulo: FFLCH-USP 1997.

OTA, Daniela Cristiane. **Entre a Rádio USP e a Rádio UFMS** – A consolidação de modelos educativos de programação nas emissoras universitárias. Pesquisa de Pós-Doutorado de Daniela Cristiane Ota São Paulo: ECA-USP, 2015

PORTAL USP REBEIRÃO PRETO: <http://www.ribeirao.usp.br/>. Acesso em: 02 dez.2018.

PROGRAMA UNIVERSIDADE 93,7. Disponível em: <http://usp.br/cje/radiojornalismo/>. Acesso em: 01 nov.2018.

RÁDIO USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio/>. Acesso em: 21 dez.2018.

## PARTE 3

# FORMAÇÃO PROFISSIONAL, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

# RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS DA UFPE: rádios escolas e espaços para democratização da comunicação

Ana Veloso<sup>1</sup>

Sheila Borges de Oliveira<sup>2</sup>

Paula Reis Melo<sup>3</sup>

Yvana Fechine<sup>4</sup>

Diego Gouveia<sup>5</sup>

Na Capital pernambucana e na Região Metropolitana do Recife<sup>6</sup> (RMR) existem 31 emissoras de rádio em atividade<sup>7</sup>: 27 comerciais e 4 educativas. Nesse trabalho, definimos emissoras educativas como sem fins lucrativos, cujas concessões se destinam – em linhas gerais – para fundações privadas, órgãos e fundações ligadas aos governos de estados e municípios, além das universidades. Têm a função de, em sua programação, conferir destaque à veiculação de conteúdos de caráter educativo e cultural. De acordo com Cristiano Lopes:

---

1 Jornalista e professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: anavelosoufpe@gmail.com

2 Jornalista, publicitária e professora adjunta do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: sheilaborges12@gmail.com

3 Jornalista e professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: preismelo@yahoo.com.br

4 Jornalista e professora associada do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail:yvanafechine@uol.com.br

5 Jornalista e professor adjunto do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: dgmguouveia@gmail.com

6 A Região Metropolitana do Recife é composta pelos seguintes municípios: Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Paulista, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, São Lourenço da Mata, Abreu e Lima, Ipojuca, Moreno, Itapissuma, Itamaracá e Araçoiaba, além de Recife, a capital do Estado de Pernambuco.

7 Este quadro foi formatado com base nas informações repassadas em 2011 pelos Ministérios das Comunicações e da Educação, pelos Sindicatos das Empresas de Rádio e Televisão de Pernambuco e dos Empregados das Emissoras de Rádio e Televisão de Pernambuco.

Os três principais documentos que regram a outorga de rádios e TVs educativas são o Decreto-Lei 236, de 28 de fevereiro de 1967, o Decreto nº 2.108, de 24 de dezembro de 1996, e a Portaria Interministerial nº 651, de 15 de abril de 1999. Estes documentos estabelecem que a radiodifusão educativa é o Serviço de Radiodifusão Sonora (rádio) ou de Sons e Imagens (TV) destinado à transmissão de programas educativo-culturais, que, além de atuar em conjunto com os sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, vise à educação básica e superior, à educação permanente e à formação para o trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional (LOPES, 2011, p. 8).

Das 31 emissoras em funcionamento, em Pernambuco, 10 são AM e 21, FM. O levantamento mais recente está registrado no Panorama do Rádio no Brasil, livro organizado por Nair Prata (2011). Para operar como educativas em Pernambuco, no *dial* AM e FM, receberam a chancela oficial as rádios Universitárias AM e FM, a Folha FM e a Cabo FM – as três primeiras estão localizadas no Recife e a quarta no município do Cabo de Santo Agostinho. As emissoras universitárias estão vinculadas ao campus Recife da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Ao avaliarmos os grupos que detém essas autorizações no Estado, sem nos aprofundarmos nas atuais grades de programações da Folha e da Cabo FM, veículos ditos educativos, já podemos sinalizar para o estratégico papel que as rádios universitárias, analisadas mais à frente, precisam desempenhar no campo público em relação à promoção do direito à comunicação e à oferta de alternativas de acesso à informação plural. Só assim, podem assegurar alternativas de espaços de representações aos mais variados segmentos da sociedade diante de empresas de comunicação que, muitas vezes, integram conglomerados de veículos cujas concessões estão atreladas à influência política, como detalharemos neste artigo quando tratarmos do conceito do coronelismo eletrônico.

A Rádio Folha 96,7 FM, fundada em 2004, faz parte do grupo do jornal impresso Folha de Pernambuco, que pertence ao conglomerado de comunicação do empresário Eduardo de Queiroz Monteiro. Já a Rádio Cabo FM 101,1 é uma emissora educativa que pertence a uma organização não governamental: Fundação

Vicente Pinzón do Cabo de Santo Agostinho, muito embora a permissão recebida do Congresso Nacional tenha sido para a instalação do serviço de radiodifusão no município vizinho, em Ipojuca. A emissora sofre influência política dos grupos que atuam no Cabo e tem uma forte audiência nas cidades do Cabo, Jaboatão dos Guararapes, Escada e Ipojuca.

As duas emissoras educativas estão vinculadas a grupos políticos e empresariais, que exercem o poder de filtrar o que será e o que não será abordado nos programas veiculados pelas rádios. Dessa forma, os espaços da grade ficam submetidos aos interesses que estão à frente dessas mídias radiofônicas. Quando a pesquisa de Prata (2011) foi publicada, a programação da Cabo FM era composta por duas horas diárias de jornalismo. A maior parte da grade era ocupada por programas musicais de variados gêneros. Na época, destacavam-se o programa regional do “Véio Abidoral”, o “Conexão 101”, de Allan Souza; e o “Super Manhã”, de Dudu Lima. O slogan “Quem sintoniza fica” foi trocado pelo “Aqui é bem melhor”.

Já a Rádio Folha FM, na mesma época, dedicava 80% de sua grade à notícia, produzindo reportagens próprias veiculadas ao longo da programação e no jornal Folha Notícias. Além das notícias, são apresentadas entrevistas ao vivo. Faziam parte da grade os programas “Folha na manhã”, “Folha na tarde” e “Folha na noite”. Na tentativa de cumprir o seu caráter educativo, a cultura é enfocada nos programas “Momento cultura”, “Pagode da Folha”, “Alô Nordeste”, “Voz do Sertão e Forró”. Os três últimos tratam da cultura nordestina, que a emissora tenta valorizar por meio de entrevistas com artistas locais. Os responsáveis pela emissora afirmaram na época que tinha um grande potencial de crescimento e, para atingir o objetivo, buscavam um perfil mais popular, tentando aliar, segundo os responsáveis na época, “informação e música de qualidade”.

Para atualizar esses dados e ampliar o mapeamento organizado por Nair Prata (2011), parte dos autores deste artigo integra a equipe de pesquisadores que está, desde 2018, realizando um trabalho inédito em Pernambuco “O Inventário do rádio em Pernambuco: memória, atualidade e perspectivas”, que apresentará perfis das

rádios que operam em Pernambuco. Não há registro de levantamento semelhante no Estado. Nele, os pesquisadores querem responder à seguinte pergunta: quais são os perfis das rádios comerciais, educativas e comunitárias que operam legalmente no Estado de Pernambuco?

Neste artigo, o grupo se propõe a trazer um panorama das rádios universitárias da Universidade Federal de Pernambuco, apontando os traços históricos e as perspectivas de atuação. Isso porque faz parte do escopo desse trabalho de pesquisa analisar o papel das emissoras universitárias como rádios escolas que contribuem para a democratização da comunicação. A pesquisa utiliza o método qualitativo com a realização de entrevistas em profundidade e a consulta de fontes oficiais, com base nos registros das rádios em Pernambuco que estão nos Ministérios das Comunicações e da Educação e nos arquivos das rádios universitárias, para ter acesso às informações que subsidiam os perfis aqui apresentados.

As concepções das entrevistas em profundidade podem ser estudadas a partir dos trabalhos desenvolvidos por Bauer e Gaskel (2002), Duarte (2005) e Bourdieu (1999). Estes autores nos auxiliam a entender como o problema, levantado por nosso estudo, pode ser trabalhado por essa técnica metodológica de pesquisa. Isso porque os dados coletados pelo investigador não são apenas identificados, mas, sobretudo, interpretados e reconstruídos dentro de uma perspectiva crítica e realista, considerando sempre a fidelidade do contexto da entrevista e das informações registradas nos documentos acessados.

As entrevistas com os atores envolvidos nos projetos, produzidos pelas rádios universitárias, foram realizadas ao longo do ano de 2018. Algumas delas foram feitas por telefone. Outras, de forma presencial. Elas duraram em média uma hora e meia. Ainda como parte da metodologia, as programações dos veículos foram acompanhadas de forma detalhada antes e após as entrevistas com os indivíduos que atuam nas rádios e produzem os projetos aqui abordados. Foi a partir dessa metodologia, que se acessou as informações que irão subsidiar as análises das emissoras universitárias. Antes de apresentar os perfis dos veículos, no entanto,

é importante conhecer a história das emissoras de rádio em Pernambuco e sua vanguarda na radiodifusão brasileira.

## PERNAMBUCO FALANDO PARA O MUNDO

O surgimento do rádio no Brasil passa por Pernambuco. Das 31 emissoras de rádio em atividade no Estado em 2011, de acordo com Prata (2011), duas delas se destacam pelo pioneirismo: as rádios Clube e Jornal do Commercio. No Recife, em 6 de abril de 1919, um apaixonado grupo de radioamadores decidiu criar a Radio Club – a Associação de Amadores de Radio-Telegraphia<sup>8</sup>. O entusiasmo desses visionários com a possibilidade de se comunicar à distância, através de aparelhos que eles mesmos criavam, pode se comparar à reação que Bertolt Brecht (2005) teve quando conheceu o meio de comunicação.

Em artigos publicados em 1927 e 1932, o filósofo declarou que “a nova invenção” provocaria um “verdadeiro furacão” na sociedade. Essa coragem e ousadia foram imortalizadas no próprio slogan da Clube, conhecida como “a pioneira”. Em 1923, foi reorganizada, transformando-se em emissora (MARANHÃO FILHO, 1991). Passou da recepção radiotelegráfica para a radiodifusão.

A Rádio Jornal também marcou os Anos de Ouro do rádio no Brasil. Inaugurada em 3 de julho de 1948, no Recife, para concorrer com a Clube, era a única estação das Américas do Sul e Central a dispor de oito transmissores que possibilitaram sua veiculação para diferentes países. Apesar da modernização da emissora, necessária para acompanhar as mudanças da radiodifusão nas últimas décadas, a empresa conserva o slogan que a fez tão famosa: “Pernambuco falando para o mundo”.

De acordo com Figueiredo, Pereira, Gomes e Oliveira (2011), a importância de Pernambuco na história da radiodifusão brasileira se amplia com o surgimento da Rádio Evangélica, em 1977, primeira emissora do País a ter uma programação

---

<sup>8</sup> Foi desta forma que o nome da emissora foi registrado por seus fundadores. A notícia foi veiculada no Jornal do Recife, na edição do dia 7 de abril de 1919.

integralmente voltada para esse público. Naquela época, a Evangélica descobriu um nicho de mercado que, ao longo dos anos, cresceu e ganhou novos veículos: empresas de rádio foram arrendadas e igrejas conseguiram concessões públicas. Em 2011, 35,5% das empresas radiofônicas AM e FM do Grande Recife seguiram essa tendência, direcionando suas programações para o segmento evangélico. O pioneirismo de Pernambuco também se deu na operação das rádios universitárias, como mostraremos adiante.

## AS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL: uma alternativa ao coronelismo eletrônico

Em maio de 2011 o Governo brasileiro<sup>9</sup> divulgou a relação das concessões de radiodifusão dadas pelo Estado e que estavam em operação. Já a pesquisadora Fabíola Mendonça de Vasconcelos (2010) observou que algumas delas têm a licença do Governo Federal para administrar essas concessões públicas há mais de 30 anos, como o ex-deputado federal Inocêncio Oliveira<sup>10</sup>, que exerce o controle da rádio “A Voz do Sertão”, no município de Serra Talhada, desde 1978. Além da emissora, ele ainda recebeu a autorização para explorar comercialmente outras duas rádios, ambas no Sertão de Pernambuco, e uma televisão, a TV Asa Branca, em Caruaru, Agreste do Estado. Acrescido a esse plantel, o deputado possuía várias licenças para RTVs e figurava, ao menos até 2010, como acionista em outras rádios.

A literatura aponta dois grandes momentos na história política brasileira que acentuaram a liberação de outorgas de radiodifusão para políticos, as chamadas farras

---

9 Os nomes de sócios e diretores das concessões públicas de radiodifusão sempre foram tratados de forma nada transparentes pelo Estado brasileiro, que hesitava em divulgá-los. Em 2006, o governo disponibilizou no endereço eletrônico do Ministério das Comunicações a relação com estes nomes, mas em muito pouco tempo a retirou, atendendo uma solicitação dos próprios radiodifusores, muitos deles políticos tradicionais.

10 As empresas do então deputado federal Inocêncio Oliveira foram estudadas na pesquisa “Coronelismo Eletrônico ou Indústria Cultural – uma análise das empresas de radiodifusão do deputado federal Inocêncio Oliveira” (2010), dissertação de mestrado de Fabíola Mendonça de Vasconcelos.

das concessões, como descreve Israel Bayma (2007) na pesquisa “A concentração da propriedade de meios de comunicação e do coronelismo eletrônico no Brasil”. O coronel eletrônico é o ator que é dono de várias concessões, concentrando o controle de todas as mídias em um único grupo, um poder que é dado ao indivíduo por influência política. Bayma define o final do governo José Sarney e o final do primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso como os dois principais episódios que marcaram a farra das concessões e a instituição, de fato, do coronelismo eletrônico.

No primeiro caso, a liberação das outorgas ocorreu como uma premiação aos deputados constituintes que votaram a favor do quinto ano do mandato de Sarney e do presidencialismo como sistema de governo, dois projetos votados durante a discussão da Constituição de 1988. Em meio às barganhas políticas, foram liberadas 1.048 concessões públicas de radiodifusão. Foi nesse período que Inocêncio Oliveira (deputado federal entre 1975 e 2014) garantiu a concessão da primeira rádio FM, a Líder do Vale, em Serra Talhada. No final do governo Sarney, o parlamentar ainda recebeu as outorgas da segunda rádio FM, a Transertaneja, em Afogados da Ingazeira, e da TV Asa Branca. A outorga da rádio Líder do Vale é de 1988, enquanto a da Transertaneja é de 1989. A concessão da televisão é do início de 1990,<sup>11</sup> antes do então presidente eleito, Fernando Collor de Mello, assumir o governo.

Em relação à farra das concessões do período de Fernando Henrique Cardoso (FHC), Bayma afirma que, na votação da emenda constitucional garantidora de sua reeleição, o ex-presidente da República liberou uma série de concessões de estações retransmissoras de TV, que não precisavam ser licitadas, em troca da votação da reeleição do seu mandato.

Outro caso que Fabíola Mendonça de Vasconcelos ressalta de coronelismo eletrônico em Pernambuco está associado à família do ex-governador José

---

11 As concessões das duas rádios e da televisão foram liberadas no final do governo Sarney, porém a TV Asa Branca e a Transertaneja precisaram da apreciação do Congresso Nacional, determinação que passou a valer a partir da promulgação da Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988. A Líder do Vale foi liberada antes da Constituição, quando a prerrogativa de conceder outorgas era apenas do presidente da República.

Mendonça Filho, que ocupou o Ministério da Educação no governo de Michel Temer entre maio de 2016 e março de 2018. Ele é herdeiro político do ex-deputado federal José Mendonça Bezerra, falecido em abril de 2011, que chegou a fazer parte da Comissão de Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informática (CCTCI) da Câmara dos Deputados nos anos de 2003 e 2004 (LIMA, 2006). As empresas de radiodifusão da família Mendonça Bezerra estão em nome da mãe de Mendonça Filho, Estefânia Maria Bezerra, e de duas irmãs, Andrea Moura Bezerra e Isabela Bezerra Coutinho. Segundo consta no Ministério das Comunicações, os familiares de Mendonça têm a outorga de duas rádios AM, nos municípios de Belo Jardim e Santa Cruz do Capibaribe.

Outra oligarquia pernambucana que controla outorgas de radiodifusão é a Coelho, com forte tradição política no Sertão do São Francisco. Liderada pelo ex-deputado federal Oswaldo Coelho – político que já ocupou vários cargos no estado, morto no final de 2015 -, a família tem a concessão de três rádios AM, quatro FM e uma televisão, a TV Grande Rio, afiliada da Rede Globo que cobre toda a região do Sertão de Pernambuco. Os Coelhos também fizeram parte da equipe ministerial de Temer, tendo como representante Fernando Bezerra Coelho Filho, na pasta de Minas e Energia. Outro coronel eletrônico, com predominância no rádio, é o ex-deputado estadual e ex-prefeito de Vitória de Santo Antão, município da Zona da Mata, José Aglailson: ele controla cinco rádios FM e uma AM. Como vemos, a manutenção do poder político não prescinde da propriedade dos meios de comunicação.

Além desses políticos locais, algumas rádios instaladas no Estado têm como concessionários parlamentares de outras regiões, como é o caso do ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Segundo matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo<sup>12</sup>, o parlamentar consta como sócio da Rádio Satélite, sediada na Região Sudeste. O texto afirma que Cunha teria vendido a emissora em 2011 a Romildo Rodrigues Soares, religioso fundamentalista, conhecido como RR Soares, que teria como sócio Victor Soares Marques Ferreira, apresentador

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/12/1720519-eduardo-cunha-ven-deu-emissora-de-radio-sem-ter-o-aval-de-ministerio.shtml>>. Acesso em: 9 mai. 2016.

de programas evangélicos. No entanto, de acordo com a reportagem da Folha, na Anatel ainda consta o deputado – que também é evangélico – como concessionário da Rádio Satélite.

O cenário de coronelismo eletrônico pode ser ainda maior se for considerado o número de laranjas ou empresas fantasmas controladas por políticos radio-difusores. Em reportagem veiculada no jornal Folha de S. Paulo nas edições de 27 e 28 de março de 2011, a jornalista Elvira Lobato aponta dados que mostram ser uma prática comum em utilizar terceiros nas licitações para concessão de rádio e televisão. Das 91 empresas que obtiveram concessões entre 1997 e 2010, 44 não funcionam nos endereços informados ao Ministério das Comunicações. “Entre seus ‘proprietários’ constam, por exemplo, funcionários públicos, donas de casa, cabeleireira, enfermeiro, entre outros trabalhadores com renda incompatível com os valores pelos quais foram fechados os negócios” (LOBATO, 2011).

É diante desse quadro de concentração de poder das rádios em grupos vinculados a políticos e empresários que o papel da rádio universitária cresce como promotora da democratização da informação como um direito público a todo o cidadão. Isso porque, em tese, elas não estariam reféns dos interesses econômicos dos coronéis da mídia, como mostramos nos exemplos concretos das concessões ofertadas pelo Estado às emissoras de rádios que operam em Pernambuco, principalmente no interior.

As rádios universitárias, segundo Sandra de Deus (2003), normalmente ligadas às instituições de ensino superior públicas, operam como laboratórios para complementar o conhecimento adquirido em sala de aula, em projetos de extensão ou em atividades de pesquisa. Muitas delas, inclusive, se convertem em espaços para os discentes realizarem a produção de projetos de iniciação científica, como é o caso desta pesquisa. Parte do trabalho de campo do Inventário, feito em 2018, é realizado por meio de projetos contemplados com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento

Científico e Tecnológico (CNPq). Deus (2003) sintetiza o que os pesquisadores consideram ser uma rádio universitária.

[...] ligadas às universidades públicas, portanto, devem ser laboratórios para o complemento da formação e, por pertencerem a universidades federais, configuram-se, em última análise, em emissoras públicas determinadas a permitir a participação dos mais diferentes segmentos sociais e garantir o debate de ideias heterogêneas (DEUS, 2003, p. 309).

As emissoras universitárias, assim, são espaços públicos nos quais a comunidade acadêmica, em diálogo com o cidadão comum, pode de forma democrática representar a pluralidade de vozes que integram os diferentes grupos que estão presentes nas sociedades. De acordo com Pedrinho Guareschi e Osvaldo Biz (2005, p.17), não se tem uma sociedade democrática na qual as pessoas possam exercer seu pleno direito de cidadania enquanto não houver a possibilidade concreta de as pessoas expressarem sua opinião e manifestarem seu pensamento. Mas como ampliar o som das vozes da sociedade em um país onde os veículos de comunicação estão nas mãos de uma pequena elite empresarial e política? As rádios universitárias se transformam, dentro desse cenário, em focos de luta por uma comunicação de luta e resistência.

## AS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS DA UFPE: uma alternativa de enfrentamento e resistência

Com a ausência de uma ação mais robusta do Estado para enfrentar a hegemonia nas concessões de emissoras de rádio por grupos políticos, perpetua-se o modelo de uma mídia concentrada na administração de poucas empresas, e que serve aos interesses privados das elites. Tal sistema favorece o estabelecimento de filtros econômicos e políticos impostos pelos administradores dos veículos em detrimento de uma comunicação pública para todos, independentemente de classe

social, raça, religião, gênero e outros fatores que tornam as sociedades cada vez mais plurais.

A pesquisadora Eula Dantas Cabral (2015) reforça essa relação entre propriedade de mídia e poder ao afirmar: “Dada a concentração do setor, sua ampla expansão em dimensões territoriais, incluindo ramificações regionais e locais, os grupos midiáticos exercem uma influência determinante na elaboração de políticas em suas áreas de atuação (p. 20). Nesse cenário, as rádios universitárias da UFPE, AM e FM, surgem como possibilidade de rompimento com programações que expressam a ideologia do coronelismo eletrônico.

A partir de agora, vamos analisar os perfis das rádios universitárias, focando na diversidade de sua programação, que procura dar espaço aos diversos segmentos da sociedade, e do caráter laboratorial delas.

## RÁDIO UNIVERSITÁRIA 99,9 FM E O FORA DA CURVA

A Rádio Universitária 99,9 FM foi criada há 38 anos, como forma de complementar as atividades do Núcleo de Rádio e TV da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Inicialmente, a proposta da rádio era difundir a MPB de qualidade, assim como a música clássica, mas ao longo dos anos absorveu outros papéis como a defesa e a divulgação dos ritmos regionais e da cena artística local. No livro *Panorama do Rádio no Recife*, organizado por Prata (2011), as pesquisadoras Figueiredo, Pereira, Gomes e Oliveira (2011) registraram que a emissora assumiu a missão de democratizar o acesso à informação, dando ênfase à divulgação da cultura local e ao que denominavam “jornalismo inclusivo”, uma tentativa de dar espaço a ações de movimentos sociais e campanhas educativas.

Entre 2006 e 2011, o debate sobre a comunicação como direito humano atingiu a marca de 200 horas de programação, segundo os dados do *Panorama*. A Universitária FM integrou e incentivou a participação das comunidades nas Conferências Estadual e Nacional de Comunicação de 2009, transmitindo os

principais debates e boletins. Informações sobre cinema e teatro também foram incluídas na programação. O objetivo de tais mudanças foi o de atender a uma demanda reprimida por programas locais de qualidade. O slogan antigo da rádio “A rádio mais cultural da cidade” foi substituído, naquela ocasião, por “A melhor imagem de rádio em Pernambuco”.

Os principais programas da emissora eram o “Redator comunitário”, o “Som do Brasil”, o “Almoço musical”, o “Forró, verso e viola”, o “Conexão UFPE Saúde”, o “Coquetel Molotov” e o “Tema é frevo”. A rádio divulgava 15 boletins jornalísticos diários, fornecido pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

Atualmente, a grade da programação da emissora é ocupada majoritariamente por programas musicais. Entre eles, podemos destacar o Sexta Frequência, produzido pelo Departamento de Comunicação da UFPE e vinculado às disciplinas “Elementos da Linguagem Musical 1 e 2”. Ele é coordenado pelo professor Bruno Nogueira, que ministra as disciplinas.

Os cursos de graduação e pós-graduação da UFPE também são parceiros em projetos que promovem o direito universal à comunicação e o respeito aos direitos humanos. Entre eles, destacam-se os programas “Fora da Curva”, “Circulatório”, “O Grito” e “Realidades”, só este último não é produzido em parceria com professores e alunos do Departamento de Comunicação. O “Realidades” é um programa elaborado pelo Departamento de Filosofia da UFPE. A rádio também exibe um boletim informativo, o Conexão UFPE, feito pela Assessoria de Comunicação (ASCOM) da universidade. Outros programas também são realizados por parceiros externos à UFPE, boa parte deles recebe fomentos de editais públicos de promoção à cultura local, como é o caso do Funcultura, um fundo de incentivo concedido pelo governo do Estado de Pernambuco. Esses programas estão na grade exibida abaixo, fornecida pela emissora:

Rádios universitárias da UFPE:  
rádios escolas e espaços para democratização da comunicação

Tabela 1 – Grade de programação da Universitária FM

HORÁRIO – SEG, TER, QUA, QUI E SEX	HORARIO - SÁBADO DOMINGO
05:00 - 06:00 Seleção Musical (redator)	07:00 - 08:00 Evocação Evocação
06:00 - 07:00 Redator Comunitário	08:00 - 09:00 Forróbodô O bloco tá na rua
07:00 - 08:00 Bom Dia, Bom Dia Mesmo	09:00 - 10:00 Forróbodô Seleção Musical
08:00 - 08:30 RFI Noticiário	10:00 - 11:00 Simetria Seleção Musical
08:30 - 11:00 O Som Do Brasil	11:00 - 12:00 O Fole Roncou Então foi assim
11:00 - 12:00 Fora da Curva	12:00 - 13:00 Almoço Musical Almoço Musical
12:00 - 13:30 Almoço Musical	13:00 - 14:00 Almoço Musical Almoço Musical
13:30 - 14:00 Frevo Patrimônio Conexão UFPE	14:00 - 15:00 Coquetel Molotov Café colombo / Música do cinema
14:00 - 15:00 Faixa Livre	15:00 - 16:00 Coquetel Molotov Dicionário da MPB
15:00 - 16:00 Coquetel Molotov (Agenda P.)	16:00 - 17:00 O tema é frevo O tema é frevo
16:00 - 17:00 Forró Verso e Viola	17:00 - 18:00 Hoje é Dia de Reggae Memória de nossa gente
17:00 - 18:00 Forró Verso e Viola (N. do Campus)	18:00 - 19:00 Interdependente Realidades
18:00 - 19:00 E o espetáculo continua	19:00 - 20:00 Seleção Radiocaos
19:00 - 20:00 A voz do Brasil	20:00 - 21:00 Disc Jôquei Radiocaos
20:00 - 21:00 Séries Especiais Aplauso; Circulatório; O Grito; 80 Por Hora	21:00 - 22:00 Disc Jôquei Fim de Noite Especial (Local)
21:00 - 22:00 Fora da Curva (Reprise)	22:00 - 23:00 Verso e Melodia Fim de Noite Especial (Nacional)
22:00 - 23:00 Clássicos de Todos os Tempos	23:00 - 00:00 Seleção de Clássicos Fim de Noite Especial (Internacional)
23:00 - 00:00 Clássicos de Todos os Tempos	00:00 - 07:00 Madrugada Especial
00:00 - 05:00 Madrugada Especial	

Fonte: Núcleo de Rádios e TV Universitária (NRTVU)

O “Fora da Curva” é fruto de uma experiência coletiva de produção, ensino e aprendizagem entre professores e estudantes, e também de articulação com a sociedade civil. É realizado, em regime de temporadas, pelo Departamento de Comunicação Social da UFPE, com apoio do Departamento de Sociologia e NRTVU, em parceria com Marco Zero Conteúdo, Centro de Cultura Luiz Freire, Centro das Mulheres do Cabo, Coletivo Terral de Comunicação, Centro Sabiá e SOS Corpo. É veiculado ao vivo, de segunda a sexta-feira, das 11h às 12h, com retransmissão pela Universitária Paulo Freire AM 820 KHz e *streaming* pelo Facebook e, no primeiro semestre de 2019, entra na sua quinta temporada.

O Fora da Curva considera que a credibilidade jornalística depende da autenticidade de seu lugar de fala. Por isso, os seus slogans são: “Programa Fora da Curva: a gente fala o que maioria cala!”; “Jornalismo crítico, analítico e posicionado. Jornalismo honesto”; “Programa Fora da Curva: jornalismo, crítica e diversidade!”.

Até setembro de 2018, o programa tinha 5.733 seguidores no Facebook e os conteúdos foram visualizados mais de 560 mil vezes e foram recebidos no *feed* de notícias de 244 mil pessoas ligadas à rede. Mais de 13 mil pessoas falaram da página, houve 3.700 compartilhamentos dos conteúdos do programa e mais de 24 mil consumiram efetivamente os conteúdos. O programa também tem 2.918 seguidores no Instagram, 1.098 seguidores no Twitter e 1.323 inscritos no YouTube.

O programa é produzido diariamente e veiculado ao vivo, contando com a participação de estudantes do Departamento de Comunicação da UFPE que atuam na produção e gestão de redes sociais. O objetivo é permitir a experimentação das rotinas de produção em radiojornalismo nas suas diversas funções. Os alunos têm a oportunidade de aprimorar apuração, entrevista, texto, edição e locução. Produzem os “cards” de divulgação do programa, além de outros conteúdos exclusivos para as redes sociais, como vídeos com os entrevistados. Eles realizam as coberturas de eventos nos campi da UFPE e nas ruas, quando há protestos e mobilizações sociais. Assim, os estudantes participam de todo o processo de produção, inclusive vivenciando a experiência de fazer flashes ao vivo durante o programa. Também divulgam eventos a partir de notas que eles mesmos elaboram com a orientação dos professores-coordenadores.

A análise que o “Fora da Curva” faz dos mais variados assuntos sempre remete também à maneira como tais temas são tratados pela mídia corporativa, de modo que o ouvinte vai se habituando a fazer a leitura crítica da mídia e a discutir a importância da democratização da comunicação. Dessa forma, a discussão sobre o assunto do dia permeia o contexto da Comunicação, como concentração da mídia, oligopólios e monopólios midiáticos, e a necessidade da crítica e participação da sociedade na produção de conteúdos de qualidade.

Após a transmissão online pelas páginas do programa, dos parceiros e da Unviersitária FM, os programas ficam disponíveis em um canal no YouTube, permitindo outras formas de acesso e constituindo um banco de vídeos capaz de alimentar discussões em salas de aula, como constatado por comentários de professores. Para estimular esse uso, todo ao acervo está sendo organizado por categorias temáticas em outro projeto de extensão denominado “Sociologia Fora da Curva” que propõe organização e a disponibilização dos links de acesso em um site próprio a ser utilizado, sobretudo, por estudantes de licenciatura da UFPE e professores do ensino médio como material paradidático. Os vídeos do Fora da Curva estão entre os mais acessados também na página da Universitária FM no Facebook.

Além da Rádio Universitária FM, a UFPE detém a emissora AM, sobre a qual iremos tratar em seguida.

## RÁDIO UNIVERSITÁRIA PAULO FREIRE, “A RÁDIO QUE FAZEMOS JUNTOS”

A Rádio Universitária Paulo Freire é a nova denominação da Universitária AM 820 e está sob a gestão do Departamento de Comunicação Social da UFPE. A partir de 2019, a emissora vai funcionar como rádio escola, balizada pelas ideias do seu fundador Paulo Freire, o Patrono da Educação brasileira. A proposta da rádio foi apresentada ao público no dia 22 de novembro de 2018, quando foi exibido o programa Especial de Lançamento da Rádio Paulo Freire, na Universitária FM 99,9 e pelas redes sociais e também durante a 2ª SEPEC – Semana de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura da UFPE – na seção comemorativa dos 50 anos da “Pedagogia do oprimido”, principal obra de Paulo Freire, no dia 23 de novembro de 2018, no auditório do Centro de Tecnologias e Geociências (CTG/UFPE).

O estúdio da Rádio Universitária Paulo Freire, em fase de conclusão, está situado em uma unidade anexa ao prédio da Reitoria da UFPE, na mesma área onde

ficam também seu transmissor e antena. Está em tramitação, junto ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, o processo de migração da emissora de AM para FM. A nova programação da Rádio Universitária Paulo Freire está prevista para entrar no ar no primeiro quadrimestre de 2019. A rádio veiculará programas e conteúdos produzidos pela comunidade acadêmica, por outras emissoras universitárias e pela sociedade civil por meio de chamadas públicas.

A Universitária AM 820 foi criada em 1962 quando Paulo Freire esteve à frente do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife (SEC/UR), um projeto que envolveu intelectuais progressistas, o então reitor da Universidade do Recife (denominação da UFPE à época), João Alfredo e outros entusiastas da educação como forma de liberdade. Teve início o embrião do que veio a se transformar depois na Pró-Reitoria de Extensão da UFPE, primeira experiência extensionista, implementada no Brasil, com a institucionalização da SEC/UR, em 8 de fevereiro de 1962 (MENDONÇA; VERAS, 2004, p.15).

De tal sorte, a Extensão já nasceu articulada com as ações de modernização da própria universidade. Denominada na época de sua criação como Rádio Universidade, a emissora foi inicialmente coordenada pelo integrante do Coletivo de Artes Gráficas da Cidade, José Laurênio. “Tendo trabalhado em anos anteriores na BBC de Londres, Laurenio dedicou sua juventude à inovação cultural da cidade participando do Teatro de Estudantes de Pernambuco e do Gráfico Amador” (MENDONÇA; VERAS, 2004, p.16).

A rádio também fazia parte de um projeto educacional liderado por Paulo Freire e prova disso foi a veiculação do programa radiofônico “Cultura Popular e Alfabetização”, levado ao ar pelo Movimento de Cultura Popular, uma ação criada em 13 de maio de 1960 com a missão de emancipar as classes populares por meio da alfabetização e educação. A partir de então, a emissora direcionou a sua programação em produções radiofônicas com foco na extensão universitária e na educação para a mídia.

A mudança do nome, que marca a sua nova fase a partir de 2019, justifica-se não apenas pela homenagem ao seu fundador, mas também pelos princípios do pensamento freireano na concepção da emissora: de um lado, a identificação e valorização da cultura e saberes das classes populares, e, de outro, a aposta em um conhecimento que se constrói junto, a partir de mecanismos de participação e reconhecimento do outro. Esta orientação é evidenciada pelo slogan: “Rádio Paulo Freire, a rádio que fazemos juntos”.

A nova caracterização e modo de funcionamento são o resultado de uma proposta elaborada pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Pró-Reitoria de Comunicação, Informação e Tecnologia (PROCIT) e composto por representantes do Departamento de Comunicação Social, Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias e Pró-reitoria de Extensão e Cultura. Depois de realizar reuniões regulares entre junho e novembro de 2017, o GT promoveu uma escuta pública no dia 23 de novembro do mesmo ano, depois da qual foi finalizada a nova caracterização da rádio. A identidade visual e as peças promocionais da Rádio Universitária Paulo Freire foram elaboradas por estudantes dos cursos de Publicidade, Jornalismo e Rádio, TV e Internet do Departamento de Comunicação Social, com orientação dos professores e apoio técnico do Laboratório de Imagem e Som (LIS-DCOM).

## PAULO FREIRE: uma rádio como escola

A Rádio Paulo Freire impulsionará o ensino das disciplinas vinculadas aos cursos de Comunicação da UFPE por meio da produção e difusão dos seus conteúdos. Atualmente, ela está repetindo a programação da Rádio Universitária FM 99,9. Também funcionará como espaço de formação de novos agentes de comunicação popular, podendo, a partir do acompanhamento de docentes da UFPE, acolher integrantes de coletivos e rádios comunitárias em atividades de formação. Além disso, vai atuar como fomentadora de novos formatos e receberá colaborações dos diversos setores e segmentos da comunidade acadêmica, acolhendo propostas

de programas e ações mediante critérios e procedimentos a serem propostos pela Equipe Gestora por meio de chamada pública. Também buscará atuar em rede, com a interlocução com grupos de veiculação de rádios universitárias, comunitárias e/ou públicas.

Já em relação aos conteúdos, a Rádio Paulo Freire vai aproveitar os produzidos ao longo das atividades das disciplinas e projetos do Departamento de Comunicação (DECOM), situado no Campus do Recife, do Curso de Comunicação Social do Núcleo de Design e Comunicação (CAA), do Campus de Caruaru, e do Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias (NRTVU), sempre de acordo com os eixos de atuação da rádio como escola e laboratório. Além disso, a Paulo Freire poderá veicular produções oriundas da inserção da emissora nas redes de veiculação de rádios universitárias, comunitárias e/ou públicas. Compete à Equipe Gestora avaliar e autorizar a inclusão na programação.

Também serão difundidos conteúdos produzidos pela comunidade acadêmica e sociedade civil e acolhidos por meio de chamadas públicas, que garantam a participação de modo transparente e equânime. As chamadas públicas serão realizadas anualmente, a partir de edital a ser elaborado pela Equipe Gestora da rádio. Os programas serão selecionados por critérios que incluem, entre outras coisas, a contribuição da proposta para diversificar os atores sociais no debate público inclusivo, bem como a observância aos princípios da comunicação pública, laicidade, respeito aos direitos humanos, participação social, pesquisa e inovação, estimulando o diálogo e a troca de saberes entre a Universidade e os diversos segmentos da sociedade. A seleção caberá a uma comissão que conta com a participação de representantes da UFPE e da sociedade civil (organizações de referência em Comunicação e na defesa dos Direitos Humanos). Em função de todo esse trabalho de organização, a grade da Paulo Freire ainda estava em elaboração até a redação deste artigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a perpetuação das relações de poder por meio da lógica cultural e econômica que move os grupos de mídia brasileiros desfavorece a apropriação dos meios pela população, destituída de estrutura para “competir” com o poderio das grandes corporações. Observamos que a lógica comercial não favorece à abertura de um espaço democrático para pluralidade de vozes que formam as sociedades locais, que ficam reféns dos filtros políticos dos grupos que integram o chamado coronelismo eletrônico.

Mas, qual a conexão de tal debate com o papel das rádios públicas e, conseqüentemente, com as rádios universitárias? A Associação das Rádios Públicas no Brasil (Arpub), entidade sem fins lucrativos, fundada em 2004 e que tem mais de 40 consorciadas, define, em seu portal, como emissoras públicas:

Aquelas mantidas com recursos de governo (federais, estaduais e municipais), identificadas como educativas, culturais e universitárias. São rádios de sinal aberto que atingem uma cidade, uma região metropolitana, ou um estado, algumas estão com seu sinal no satélite e trabalham com um corpo de colaboradores composto por jornalistas, radialistas e administrativos (AR PUB, 2019)<sup>13</sup>.

Também com base nessa conceituação, podemos compreender que, dentre os passos para a necessária reestruturação do sistema de comunicação o investimento nas rádios universitárias poderá favorecer a criação de um oásis de diversidade cultural em meio ao deserto da produção de sentidos que a massificação de formatos provocou. Podemos citar como exemplos concretos o Programa Fora da Curva, exibido na grade da Rádio Universitária 99,9 FM, e a nova programação da Rádio Paulo Freire, que se transformará em um laboratório dentro do conceito de rádio escola. São ações necessárias no contexto da homogeneização da produção jornalística sob a lógica da mercantilização, do lucro máximo; e de comercialização

Ana Veloso - Sheila Borges de Oliveira - Paula Reis Melo - Yvana Fechine Diego Gouveia  
de informações elaboradas em alta velocidade sem uma visão crítica, características preponderantes em boa parte das emissoras brasileiras.

Esse cenário complexo do campo da comunicação radiofônica exige cada vez mais a resistência e a mobilização das rádios universitárias para acolher as demandas comunicacionais da sociedade. Em Pernambuco, a UFPE detém duas emissoras, uma AM e outra FM. É nelas que se deposita o desafio de criar caminhos alternativos para a superação do bloqueio erguido pelas emissoras comerciais e por parte das educativas, no sentido de dar ao cidadão o direito a uma comunicação pública, diversa e inclusiva. Instituir programas democráticos, como o Fora da Curva e uma programação feita de forma laboratorial, por meio de rádio escola, como a Rádio Paulo Freire, é a resposta que a comunidade acadêmica da UFPE apresenta à sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARPUB. Disponível em: <https://arpub.wordpress.com/>. Acesso em: 8 jan. 2019.

BAUER, M. W. e GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002

BAYMA, Israel. **A concentração da propriedade de meios de comunicação e do coronelismo eletrônico no Brasil**. Brasília: Bancada do PT na Câmara dos Deputados, 27 de novembro de 2007.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927 – 1932). In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.

CABRAL, Eula. **Mídia no Brasil: concentração das comunicações e telecomunicações**. Revista Eptic. Vol. 17, n. 3, p. 16-28, set-dez, 2015.

CUNHA, RODRIGO. Rádios universitárias: Potencial a ser explorado para divulgação da ciência. Cienc. Cult, São Paulo, 2010, v. 62, n.

Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252010000100005](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000100005). Acesso em: 10 jan. 2019.

DEUS, Sandra de. Rádios Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. **Em Questão**, Porto Alegre, 2003, v. 9, n. 2, p. 327-338.

DUARTE, J. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, J. e BARROS, A. (org.) Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 64-82.

FIGUEIREDO, Carolina; PEREIRA, Éden; GOMES, Fábila & OLIVEIRA, Borges Sheila. Panorama do rádio no Recife. IN: PRATA, Nair (org.). **Panorama do rádio no Brasil**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2011.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. **Mídia e democracia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

LIMA, Venício. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

LOBATO, Elvira. **Laranjas compram rádios e TVs do governo federal**. Folha de São Paulo, 27/03/11. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2703201102.htm>. Acesso em 24/06/2011.

LOPES, Cristiano Aguiar. **Regulação da radiodifusão educativa**. Brasília: Consultoria Legislativa, 2011. Disponível em: [http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/estudos-e-notastecnicas/areas-da-conle/tema4/2011\\_63.pdf](http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/estudos-e-notastecnicas/areas-da-conle/tema4/2011_63.pdf).

MARANHÃO FILHO, Luiz. **Memória do rádio**. Recife: Editorial Jangada, 1991.

MENDONÇA, Djanyse Barros de Arruda; VERAS, Dimas Brasileiro. Educação popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962-1964). **Estudos Universitários, revista de cultura da Universidade Federal de Pernambuco**, v. 24/25, n. 5/6 p. 1 – 78. Recife, dezembro de 2004.

VASCONCELOS, Fabíola. **Coronelismo Eletrônico ou Indústria Cultural** – uma análise das empresas de radiodifusão do deputado federal Inocêncio Oliveira. Recife: Mimeo, 2010.

PRATA, Nair (org.). **Panorama do rádio no Brasil**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2011.

# CIÊNCIA EM PROGRAMAS VEICULADOS POR RÁDIOS DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Adriana Maria Donini<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Abordagens científicas no rádio existem desde os primórdios desse meio de comunicação no Brasil. Havia estreita ligação da primeira emissora, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com a Academia Brasileira de Ciências. No entanto, em decorrência do aspecto comercial e a massificação de conteúdos, programas com esse teor passaram a ser mais escassos e presentes em emissoras educativas, como as atreladas ao governo.

Com a ampliação do número de universidades e, conseqüentemente, da produção científica, algumas descobertas extrapolaram o universo acadêmico e foram inseridas, principalmente em noticiários. As instituições de ensino superior também passaram a obter outorgas de canais de rádio. Com a popularização da Internet, as que não dispunham de um espaço no dial, tiveram a oportunidade de implantar web rádios. A primeira a aderir a esse avanço tecnológico foi a Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), atual Escola de Comunicação, Artes e Design.

Neste capítulo, apresentamos estudo referente a programas sobre ciência veiculados por três emissoras universitárias do Estado de São Paulo, sendo duas que operam em Frequência Modulada (FM) e uma web rádio. Fazemos uma caracterização das produções, analisamos a linguagem empregada, incluindo

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação pela Unesp e Graduada em Jornalismo pela Universidade do Sagrado Coração (USC). Autora do livro “No ar: rádio em Botucatu, anos 1950 a 1970”

relação estabelecida com os ouvintes, explicação sobre aplicabilidade das pesquisas apresentadas e dos assuntos ao cotidiano da sociedade. Em quadro comparativo, são expostos duração, periodicidade, áreas do conhecimento contempladas e atores envolvidos na produção e apresentação dos programas. O estudo teve por base conteúdos veiculados nos meses de outubro a dezembro de 2018, disponibilizados nos arquivos dos sites das emissoras e classificados com datas nesse período.

Os canais contemplados na pesquisa são Rádio UFSCar, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Unesp FM, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp); e Rádio Unicamp, web rádio da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Essas instituições de ensino superior além de destaque na geração de conhecimento em níveis estadual e nacional, em algumas áreas, também se sobressaem em âmbito internacional. Para se ter uma ideia da produção científica, relatório da organização *Clarivate Analytics*, disponibilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que teve por base o período de 2011 a 2016, apontou o seguinte resultado em relação a documentos dessas universidades presentes no banco de dados Web of Science<sup>2</sup> e respectivos impactos da citação: Unesp (20.023 e 0,79); Unicamp (17.279 e 0,94); UFSCar (5.794 e 0,72).

## PRESENÇA DA CIÊNCIA NO RÁDIO

A ciência esteve presente no rádio brasileiro desde os primórdios do veículo, com diferentes abordagens e formatos. A primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, aliás, foi implantada nas dependências da Academia Brasileira de Ciências. Na fase inicial do veículo, marcada por um caráter menos massivo, eram transmitidos cursos e palestras proferidos por membros da referida Academia, professores do Museu Nacional e de outras instituições, os quais falavam

---

<sup>2</sup> Plataforma multidisciplinar de reconhecimento mundial

sobre temas das áreas de Física, Química, Botânica, História Natural. (FIOCUZ, 2019)

Sobre essa relação inicial entre rádio e ciência, Werneck (2002, p. 80) lembra que: “Os acadêmicos produziam, escreviam e apresentavam os programas. Assim, os cientistas foram os primeiros radialistas brasileiros, ainda que amadores”.

A emissora recebeu visita de Albert Einstein, que esteve na rádio em 1925. Conferências ministradas por Marie Curie - responsável pela descoberta da radioatividade - quando ela esteve no Brasil em 1926, também foram transmitidas pela Rádio Sociedade.

Mas, em decorrência do caráter comercial que esse meio de comunicação adquiriu nas décadas seguintes, de maneira geral, foi em programas jornalísticos que os avanços científicos acabaram sendo levados ao ar. Produções específicas passaram a ser contempladas por emissoras de cunho educativo, como a Rádio MEC (antiga Rádio Sociedade).

No Projeto Minerva – transmissão de programação educativa em caráter obrigatório por todas as emissoras e que era complementada com fascículos - entre o final de 1978 e meados de 1979, por exemplo, foram irradiados episódios do programa O Céu do Brasil. Essa produção abordava introdução à astronomia e teve os roteiros redigidos pelo pesquisador Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, idealizador e ex-diretor do Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Sobre essa série, em entrevista concedida ao professor Paulo Bretones, em 26 de janeiro de 2011, o redator recorda o programa Céu do Brasil:

A ideia inicial era fazer com que a pessoa pudesse usar o rádio e, na mesma hora, estar olhando o céu. Aí isso ficou muito difícil porque [...] as condições atmosféricas não podiam ser boas em todo o território nacional na hora que as pessoas tivessem escutando. Então, adotamos o seguinte: fazer uma coisa que fosse uma introdução à astronomia, não é? ao céu do Brasil. O objetivo era esse. E era não usar muita música clássica para que atingisse o público em geral. E usasse um pouco de música clássica, um pouco de música carnavalesca, samba, popular e também [...] efeitos especiais que eram escolhidos conforme eu anotava. (MOURÃO, 2011)

Outros exemplos de programas dedicados à ciência que integram a história do rádio são Tome Ciência e Encontro com a Ciência produzidos no período de 1984 a 1989 por meio de parceria entre a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Rádio USP, Rádio Cultura e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Com a concessão de canais de rádio a instituições de ensino superior públicas e privadas e, mais recentemente, criação de web rádios, várias experimentações da linguagem radiofônica foram irradiadas, incluindo programas de divulgação científica. Embora a maioria dessas emissoras veiculem produções sobre a temática tratada neste artigo, consideramos que ela deveria ter espaço mais relevante nas grades de programação, considerando que pertencem a instituições que geram ciência.

## CARACTERÍSTICAS DO RÁDIO QUE FAVORECEM A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Apesar de, como dissemos anteriormente, a divulgação científica ainda não ocupar papel de destaque, é importante salientar que a popularidade do rádio e a linguagem desse meio de comunicação favorecem a veiculação de programas com esse enfoque e o objetivo de aproximar a população das inovações.

O rádio tem mantido audiência ao longo de sua história. De acordo com o Book de Rádio 2018 do Kantar Ibope Media, divulgado em 2018, esse meio de comunicação alcançou, 86% da população, sendo que 85% dos participantes da pesquisa - realizada nos meses de abril a junho de 2018 - têm o hábito de utilizar 18% pelo celular, 4% por meio do computador e 5% dizem utilizar outros equipamentos. (KANTAR IBOPE MEDIA, 2018)

A recomendação de clareza na elaboração de conteúdos que serão veiculados por meio do rádio é ainda mais essencial ao se abordar temas específicos como, muitas vezes, ocorre em relação a informações sobre ciência.

McLeish (2001, p. 18) destaca a importância de uma linguagem de fácil compreensão: “o produtor deve portanto esforçar-se pelo máximo de lógica e ordem na apresentação de suas ideias e pelo uso de uma linguagem de fácil entendimento”.

O diálogo com o ouvinte é outro ponto bastante explorado em manuais de redação destinados a esse meio de comunicação. Nesse caso, McLeish (ibid. p. 61) faz a seguinte observação: “De um modo geral, o processo deve dar ao ouvinte a impressão de que o radialista está falando com ele e não lendo para ele”.

A possibilidade de despertar a imaginação é uma peculiaridade desse meio de comunicação. Cada ouvinte estabelece um “diálogo mental” com o rádio e dá forma e sentido tendo por base seu repertório e a maneira como o conteúdo transmitido é apresentado.

Assim, explorar adequadamente os recursos sonoros é um fator essencial em produções radiofônicas. Prado (1989) afirma que a música, os ruídos e os efeitos especiais são parte substancial da linguagem radiofônica. No caso das canções, é recomendável selecionar a composição mais adequada ao conteúdo, que contextualize o assunto. Sobre os efeitos sonoros, Parada (2000, p. 32) diz que o impacto dele no ouvinte pode ser maior do que um longo relato, por mais bem escrito que seja.

Outro aspecto que diferencia o rádio dos demais meios de comunicação é a mobilidade, impulsionada com as novas tecnologias como os celulares.

## RÁDIO UFSCAR

A UFSCar - primeira instituição federal de ensino superior instalada no interior do Estado de São Paulo - foi criada em 1968 e iniciou as atividades em 1970. Atualmente conta com quatro câmpus: São Carlos, Araras, Sorocaba e Lagoa do Sino. Oferece 64 cursos de graduação e possui 56 programas de pós-graduação. Na área de Comunicação, há graduação e mestrado em Imagem e Som.

A Rádio UFSCar foi concedida pelo Ministério das Comunicações à Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico da UFSCar e iniciou suas transmissões em 23 de agosto de 2007. A emissora se autoapresenta da seguinte maneira: “a Rádio UFSCar se constitui como um importante espaço para o incentivo ao aprendizado, para a divulgação científica e para promoção de eventos nas áreas de cultura e cidadania”.

Quanto aos atores envolvidos na programação da emissora, ela é aberta a propostas da comunidade. Por meio de chamada pública, são selecionadas produções. Esse processo conta com participação do Conselho Assessor de Comunicação da Diretoria de Fomento à Cultura e Comunicação da FAI-UFSCar (CAC-FAI).

Além de poder ser ouvida na frequência 95,3 FM, na página <https://www.radio.ufscar.br/> também é possível ter acesso à programação ao vivo e arquivos de áudios já veiculados. A emissora está presente nas seguintes plataformas: Facebook, Instagram, Twitter e Youtube.

No guia de programação de 2018 constam as seguintes produções de divulgação científica: Minuto Vítreo; Paideia; Todo Dia é Dia de Ciência; Em Resumo. Como não encontramos arquivos do programa Todo Dia é Dia de Ciência, ele não foi incluído nas análises referentes a esse canal e que faremos na sequência.

## MINUTO VÍTREO

Iniciativa do Centro de Pesquisa, Educação e Inovação em Vidros (CeRTEV), composto por pesquisadores na área de vidros que visam compartilhar suas pesquisas com o público e também divulgar a ciência desse material e curiosidades, aspecto este último bastante presente no período estudado.

Na vinheta de abertura é explorado som que remete ao vidro e, durante a apresentação, utilizada música de fundo (BG) pertinente à abordagem do tema. No entanto, são pouco usados elementos recomendados em produções radiofônicas. A leitura do texto é rápida - e em alguns momentos com falas mais baixas - não sendo adotada a recomendação de se dar a impressão de que está conversando

com o ouvinte. Esse ritmo de apresentação pode dificultar um pouco também a assimilação do ouvinte em relação ao conteúdo transmitido.

Divulgações de estudos do CeRTEV são enfatizadas em algumas edições como na que abordou composições do vidro. A aplicabilidade da ciência é destaque nessa produção. As vantagens de celular de vidro apresentadas em dos programas é um exemplo:

A adoção da traseira de vidro tem motivos que vão além da estética, há uma forte aposta dos fabricantes no carregamento sem fio, tecnologia que não é possível nos smartphones com corpo metálico. Outra vantagem é a redução na interferência das ondas de rádio que chegam ao celular, trazendo ganhos na recepção de redes 4G, Wi-Fi e Bluetooth. A questão financeira também está entre os motivos para adoção. (MINUTO VÍTREO, 14/11/2018)

Ao final do programa, a locutora convida os ouvintes a conhecer mais acessando o site do grupo de pesquisa que é [www.vidro.ufscar.br](http://www.vidro.ufscar.br). Para se ter uma ideia, nos meses de outubro e novembro, foram apresentados os seguintes assuntos: Caixão de vidro; Vidros curiosos em exposição; Composições do vidro; Celular de vidro; Roupas de vidro.

## PAIDEIA

Voltado à divulgação do conhecimento científico em todas as áreas do conhecimento. É veiculado desde 2009 e está sob responsabilidade da equipe do Laboratório Aberto de Interatividade para Disseminação do Conhecimento Científico e Tecnológico (LABI) da UFSCar, que tem ampla atuação na elaboração de produtos comunicacionais de divulgação científica, e pelo Centro de Desenvolvimento de Materiais Funcionais (CDMF).

Em formato de programa informativo, que se assemelha a um radiojornal, estabelece proximidade com o público. Ele é dividido em três partes principais: Mídia e análise, em que é realizada uma análise crítica sobre um tema atual do universo científico abordado pela mídia; Click Ciência, seção na qual um docente

apresenta sua atuação e principais linhas de atuação do departamento ou grupo de estudo em que atua para depois expor etapas do estudo desenvolvido e, no qual, são incluídos metodologia e resultado; e Entrevista, em que docentes respondem perguntas feitas pelos apresentadores. No início do bate-papo, os convidados apresentam as áreas de pesquisa com as quais trabalham e incluem aplicabilidade dos estudos. O programa é transmitido ainda em vídeo. Para 2019, está prevista a inserção de debates.

## EM RESUMO

Entrevista com pesquisadores de todas as áreas do conhecimento científico e de diversas titulações. Na abertura, o apresentador destaca que o objetivo é evidenciar a importância e aplicabilidade da ciência no cotidiano das pessoas e que os convidados são da UFSCar e de outras universidades públicas instaladas em São Carlos e região. Os convidados são de diferentes etapas acadêmicas (graduandos, mestrandos, doutorandos, docentes). A produção é de responsabilidade da própria emissora.

O entrevistador adota uma linguagem coloquial na interlocução com o ouvinte e pesquisadores. Quanto ao conteúdo, em geral, em poucos casos não é empregada pelos convidados uma elucidação de termos mencionados, sendo necessário ao ouvinte, nessas situações, dominar certas palavras as quais seus significados podem não ser de amplo conhecimento.

Em uma das edições, um docente comparou o objeto estudado a um jogo, facilitando a compreensão: “O que nós fazemos lembra muito um jogo [...] a gente no começo desenha um mundo que são moléculas, proteínas, nanopartículas...”, “O que que são as regras do jogo? As leis da natureza”. (EM RESUMO, 08/11/2018)

O apresentador também pergunta como os pesquisadores descobriram suas áreas de investigação. No caso de um professor de capoeira, ele questionou de que maneira ocorreu a transformação de sua prática em objeto de estudo.

Nas edições analisadas, percebe-se a preocupação do entrevistador em tentar extrair do convidado informações em linguagem acessível, aplicação do estudo em desenvolvimento, contribuições que pode ter para a sociedade e ainda utilização dos resultados dos estudos em São Carlos e região. Esta pergunta é um dos exemplos: “O que é química computacional, pensando no leigo?” (EM RESUMO, 8/11/2018)

Outro caso foi esse: “como essas pesquisas contribuem e facilitam a vida dessas pessoas que não estão necessariamente na universidade?”. (EM RESUMO, 22/11/2018)

Já no programa de 15 de novembro do mesmo ano - que abordou sondas educacionais e científicas e nano-satélites - ele pergunta como pessoas de outras áreas que se interessem pela atuação do grupo podem proceder.

## RÁDIO UNESP

A Unesp foi criada em 1976 e encampou institutos isolados. Ela conta com 34 unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo que oferecem 136 cursos de graduação e 148 programas de pós-graduação. No câmpus de Bauru, há os cursos de Comunicação Social com habilitações em Jornalismo, Radialismo e Relações Públicas, e mestrado e doutorado em Comunicação e também em Mídia e Tecnologia. Os graduandos em Comunicação dispõe da Rádio Unesp Virtual (<http://radiounespvirtual.org/>), projeto de extensão universitária do Departamento de Comunicação Social.

A instituição detém a concessão da Rádio Unesp FM, unidade complementar da Reitoria vinculada ao Centro de Rádio e Televisão Cultural e Educativo. As transmissões da Rádio Unesp tiveram início em 13 de maio de 1991.

No site <http://www.radio.unesp.br>, a rádio faz a seguinte apresentação:

A UNESP FM mantém uma grade de programação diversificada, oferecendo aos seus ouvintes cultura, educação, prestação de serviços, informações e orientações, veiculando programas temáticos nas mais diferentes áreas.

[...] A prestação de serviços com o aprofundamento das informações também conta com a colaboração de docentes e pesquisadores da Universidade Estadual Paulista como fontes de informação, dando vida aos acontecimentos por meio de pesquisas científicas e eventos do mundo acadêmico. (RÁDIO UNESP FM, 2019)

A emissora se diz aberta a acolher projetos de alunos e docentes da universidade. Além de estar disponível em 105,7 FM, há a possibilidade de ouvir a programação ao vivo por meio do site [www.radio.unesp.br](http://www.radio.unesp.br). Mantém página atualizada no Facebook.

Na grade da Unesp FM, há programas que incluem divulgação científica como os jornalísticos – mas não são dedicados integralmente a essa finalidade. Assim, para a análise, elegemos produções que consideramos ter dedicação mais integral na aproximação da ciência com a sociedade e que eram veiculadas no período estudado. São elas: Viver Bem, Que canto é esse? e Mundo Astronômico.

Embora a divulgação científica possa estar presente em diversos programas jornalísticos, para a análise elegemos produções que consideramos ter dedicação mais integral na aproximação da ciência com a sociedade e que eram veiculadas no período estudado. São elas: Viver Bem, Que canto é esse? e Mundo Astronômico.

## VIVER BEM

Descrito como um programa de medicina preventiva, hábitos saudáveis e longevidade, no qual docentes e pesquisadores da Unesp compartilham seus conhecimentos. Em relação à apresentação não é estabelecido um diálogo mais direto da locutora com o ouvinte, possui caráter mais objetivo. Em cada edição são veiculadas sonoras de um docente. O que identificamos é que se trata de um programa de abordagem geral sobre o assunto com destaque para inserção de prestação de serviços à população, aspecto evidenciado em dicas oferecidas aos ouvintes e dados de trabalhos de assistência realizados pela instituição.

Nos programas analisados, notamos que não são divulgados resultados de pesquisas específicas da Unesp, nem avanços recentes nas áreas tratadas. Dados apresentados, em geral, são de órgãos governamentais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em poucos casos é feita menção a estudos científicos. No programa em que isso ocorreu foram abordados riscos do uso de plantas medicinais por gestantes. No entanto, a locutora citou “segundo estudiosos”, sem incluir dados mais precisos das fontes. A entrevistada também expôs de maneira genérica informação sobre investigações: “[...] está na literatura que a camomila usada em grande quantidade, ela pode causar sangramento”. (VIVER BEM, 01/10/2018)

Quanto à clareza, notamos que, em alguns casos, procura-se esclarecer expressões e palavras: “Aumento das taxas de açúcar no sangue - hiperglicemia”; “variações no PSA, medidas sequenciais que indicam a velocidade do aumento ou não do marcador sanguíneo”. Mas isso não é uma constante e varia de acordo com o entrevistado e mesmo em relação à apresentadora.

Na descrição da produção, consta que é uma parceria multicâmpus, incluindo alguns cursos e unidades. No entanto, no período analisado 69,2% dos programas tiveram como fonte professores ou profissionais da Faculdade de Medicina de Botucatu.

## QUE CANTO É ESSE?

Realizado em parceria com o projeto de extensão universitária Passarinhando do Instituto de Biociências, localizado no câmpus de Botucatu. Explora efeito sonoro na vinheta de abertura e o canto do pássaro, tema do programa, é inserido ao longo do boletim. Há tentativa de interação com o ouvinte, principalmente, na pergunta comum em todos os programas “Você já sabe de quem é esse canto?”.

A linguagem adotada pode ser considerada atraente. São explorados suspense e estímulo à imaginação ao descrever a espécie para depois apresentar a denominação do pássaro destacado em cada edição. Elementos esses desfeitos quando o áudio é

disponibilizado no site da emissora porque, nesse caso, são publicados nome e foto da ave. Não há utilização de música, recurso que poderia ser incluído na produção.

Este trecho, de um dos boletins, ilustra um pouco dos elementos que mencionamos acima:

Este canto rouco é de uma ave peculiar e muito curiosa. Além disso, ela alimenta-se principalmente de folhas novas. Isso mesmo, folhas! Quando jovem, não consegue voar, assim usa garras situadas nas asas para escalar os galhos que ficam bem em cima da água. Esta ave é símbolo do estado do Tocantins e é encontrada principalmente na bacia amazônica. Você já sabe de quem é o canto? Quem disse Cigana, acertou. (QUE CANTO É ESSE?, 24/10/2018)

Em geral, procura-se elucidar denominações mais específicas como em um dos programas em que foi inserido um exemplo: “Invertebrados, como a minhoca”.

## MUNDO ASTRONÔMICO

Começou a ser veiculado em agosto de 2018. Desenvolvido em parceria com o Observatório Didático de Astronomia do câmpus de Bauru. O programa é descrito como produção que abrange informações científicas e curiosidades da astronomia. É apresentado por jornalista da Rádio Unesp e pelo coordenador do Observatório Didático de Astronomia.

Procura-se estabelecer diálogo com o ouvinte, conforme observamos neste trecho: “Você já deve ter visto o planeta Vênus um pouco antes do amanhecer ou talvez logo após o por do sol. [...] Se você já ouviu falar da estrela Dalva, na verdade não é uma estrela. É o planeta Vênus”. (MUNDO ASTRONÔMICO, 31/10/2018 – data de publicação no site)

A locução possui um ritmo que facilita a explanação dos conteúdos. O programa também incentiva a imaginação ao realizar as descrições: “Gigantes, as galáxias fascinam pela variedade de formas, pelos fenômenos que ocorrem e pelas interações entre elas”; As galáxias têm em geral o formato de um rodaminho, como

se fosse água escorrendo em um ralo, rodopiando e caindo no buraco do ralo”. (MUNDO ASTRONÔMICO, 31/10/2018 – data de publicação no site).

O apresentador se vale de comparações e repetições de ideias e palavras para elucidar os assuntos, sem se tornar monótono: “Mas de onde vêm os cometas? Acredita-se que os cometas venham de uma longa distância. Na verdade, nos confins do sistema solar. Nas partes mais distantes do sistema solar”; “Se por ventura o planeta terra atravessar esses restos de cometa, então, nós teremos milhares de partículas que vão cair na atmosfera da terra, ou seja, nós teremos muitos meteoros acontecendo no mesmo tempo. Essas são as famosas chuvas de meteoros”. (MUNDO ASTRONÔMICO, 31/10/2018 – data de publicação no site)

No final dos programas, o ouvinte é convidado a observar o fenômeno descrito no Observatório Didático de Astronomia da Unesp. Exemplo: “Então, se você quiser assistir um dia uma belíssima chuva de meteoros a olho nu, nós disponibilizamos o nosso Observatório Didático de Astronomia da Unesp”.

## WEB RÁDIO UNICAMP

A Unicamp oferece 66 cursos de graduação e 153 programas de pós-graduação nos municípios de Campinas, Piracicaba e Limeira. Em 31 de agosto de 2004 foi constituída a Rádio e TV Unicamp (RTV), aproveitando-se instalações e recursos humanos empregados em atividades de comunicação anteriores. A RTV passou a estar subordinada à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. A Rádio Web iniciou os trabalhos em 2009 e, em 2013, foram inauguradas novas instalações, ampliando-se a atuação do canal.

Entre os princípios da RTV definidos pelo Conselho Universitário estão: produzir programas ou série de programas de interesse cultural, social e científico; promover, estimular e produzir material audiovisual contendo atividades de pesquisa, de reflexão crítica e de produção do conhecimento; instituir e apoiar

projetos que ampliem a informação sobre os domínios e manifestações da arte e da comunicação, das humanidades e da divulgação científica. (CONSU, 2004)

Na seção da Web Rádio no site da RTV encontramos os seguintes programas com dedicação mais exclusiva à divulgação científica: Ciência Informativa; Conexão Ciência; Pesquisa Brasil; e Oxigênio. Em decorrência do acesso ao arquivo dos últimos três programas citados, eles foram escolhidos para nossa investigação.

## OXIGÊNIO

Programa produzido por pesquisadores do Laboratório de Estudos Avanços em Jornalismo (Labjor) em parceria com a Rádio Unicamp. O Labjor é um centro de pesquisa que contempla divulgação científica e cultural e oferece formação por meio de curso de Especialização em Divulgação Científica e de mestrado em Divulgação Científica e Cultural. A equipe que elabora o programa radiofônico é multidisciplinar. Além de possuir o site <http://oxigenio.comciencia.br/sobre/>, o Oxigênio também conta com página no Facebook.

Nos arquivos de áudios já veiculados, observa-se que eles são divididos em OxiLab, descrito como produto integrante do projeto “Divulgação científica das pesquisas do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam) e integrado ao programa Mídia Ciência financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), e OxiDoc, radiodocumentário que compõe o projeto “Narrando ciências, linguagens e comunicações”. Nesse caso, o objetivo é divulgar pesquisas do Labjor e do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb), também é financiado pela Fapesp, por meio do programa Mídia Ciência.

Nos episódios que analisamos, percebemos que são exploradas adequadamente as características do rádio de diversas maneiras - tendo em vista que os formatos e responsáveis pelos conteúdos variam em cada produção. No programa que enfocou “Serviços ecossistêmicos” foram entrevistadas pessoas de diferentes instituições e campos de atuação, dando pluralidade ao assunto. Nas outras edições,

optou-se por ouvir menos fontes sobre o tema abordado. A linguagem adotada é atraente e percebe-se a interação com o ouvinte por meio de expressões como, por exemplo, “Você sabe?”. O diálogo quando há mais de um apresentador também é um recurso utilizado: “Mas isso é artificial, Alessandra?”; “Sabe, Simone”.

Identificamos que palavras ou conteúdos que os produtores consideram que não sejam de domínio da maioria dos ouvintes ou julguem ser adequado elucidar melhor, são seguidos de explicações. Exemplo: “Rizomas secundários – aqueles bracinhos do gengibre”.

No episódio 63, que foi dedicado a Bastos Tigre, um dos pioneiros da publicidade no Brasil, ao mencionar slogans criados por ele são incluídos áudios com esses anúncios reforçando o que está sendo dito, conforme recomendado em programas de rádio.

Em outra edição, a apresentadora se vale de narração de um momento vivenciado para depois introduzir o tema e, durante o programa, esse formato se mantém ao ser detalhada a maneira como ocorreu o contato com a entrevistada e interação com a mesma, se utilizando, inclusive, de efeito sonoro do ambiente.: “[...] eu acordei e, ainda na cama, ativei o Wi-Fi do celular, li algumas mensagens e, como sempre, fui entrar no Facebook para ver o que aconteceu. [...] De volta à sala da Marta [...] Enquanto arrumava o armário. (OXIGÊNIO, 30/10/2018). Nesse mesmo programa, é descrita e colocada em prática experiência que interfere na comunicação com o celular.

## PESQUISA BRASIL

Descrito como programa que contempla destaques da ciência, cultura e tecnologia. É transmitido pela Web Rádio desde março de 2018 por meio de acordo celebrado pela Unicamp e Revista Fapesp, responsável pela produção. Também é veiculado pela Rádio USP.

Quanto à estrutura, na abertura há notícias apresentadas no formato de rádio-jornal. O conteúdo tem por base edições anteriores da Revista Fapesp. Após essas

informações, é veiculada uma música escolhida pela produção do programa. Em seguida, há entrevistas realizadas por telefone. Depois de responder as questões do apresentador, o entrevistado escolhe uma canção para ir ao ar. Ou seja, o programa mescla informação e música.

Outro diferencial é a presença de temas de diferentes áreas do conhecimento e de fontes de diversas instituições. Nas conversas, além de aspectos gerais sobre os assuntos tratados, são feitas perguntas que conduzem a avanços e aplicabilidade.

Notamos tentativa da entrevistada elucidar o assunto nesse comentário:

[...] a gente ilumina a pele da criança num lugar muito específico: a sola do pé, com um sensor capaz de emitir dentro de determinados comprimentos de onda [...] a luz a vai ser refletida ou absorvida na proporção do quanto esta pele está espessa [...] isso significa o seguinte: o bebê muito prematuro vai ter uma pele mais fina, com menor densidade proteica e vai absorver, então, uma grande quantidade de luz e o sensor, então, capta a resposta da pele como baixa luminosidade, baixa reflexão[...] (PESQUISA BRASIL, 8/10/2018)

O uso da ferramenta é explicitado neste trecho:

[...] isso significa que: pra que um bebê prematuro consiga sobreviver, tenha chance de sobreviver e de preservar toda sua capacidade intelectual no futuro, na sua saúde, ele precisa ser reconhecido no momento do nascimento e receber suporte adequado, e aí que entra a nossa tecnologia”. (PESQUISA BRASIL, 8/10/2018)

## CONEXÃO CIÊNCIA

Programa em formato de entrevista e que tem como convidados pesquisadores da Unicamp. Pelo fato de ser apresentado por jornalista, o profissional procura durante o diálogo estimular o entrevistado a explicar termos técnicos ou tornar conteúdos mais claros para os ouvintes. Em uma das edições, na qual a pesquisadora mencionou a sigla NOA, em seguida à conclusão da frase, ele interveio: “Deixa eu esclarecer uma coisa, o NOA é Administração

Nacional Oceânica e Atmosférica [...] Estado Unidos, né?” (CONEXÃO CIÊNCIA, 23/10/2018)

Um exemplo de tornar mais claro o que era dito ao ouvinte, em outro programa o entrevistado mencionou: “cretáceo, que um acho que todo mundo escutou falar, que é o período dos dinossauros”.

Os resultados proporcionados pelo investimento, aplicabilidade na inovação enfocada, inclusive na formação de alunos – é outro aspecto que o apresentador questiona. Assim, a participante pôde contextualizar a aplicabilidade do financiamento de seu trabalho:

Essa antena vai dar o suporte com as imagens para fazer a previsão do tempo real porque nós teremos uma imagem a cada 15 minutos [...] Então, além da previsão do tempo em tempo real, nós também podemos ter um investimento de previsão de safra, então, a gente vai fazer pesquisa para a agricultura [...] previsão e monitoramento de safra, parte de meio ambiente e também a gente pode trabalhar nesse centro que está sendo pensado junto à defesa civil com alertas e mensagens pra população. (CONEXÃO CIÊNCIA, 23/10/2018)

Em outro caso, o entrevistado também explica a importância da investigação:

[...] pra entender como era a paisagem a 90, 80 milhões de anos atrás [...] Mas porque é interessante eu entender o passado? A gente vive de história [...] Muitas coisas que a gente observa no fóssil ou no sedimento e a gente consegue reconstruir a paisagem, a gente consegue entender também como foi essa evolução durante o tempo. E esse tipo de informação, ela ajuda a gente a entender ou prever, prever situações futuras. (CONEXÃO CIÊNCIA, 23/11/2018)

Quadro 1 – Comparativo entre os programas

Programa	Duração Aproximada	Periodicidade	Responsável pela elaboração do conteúdo	Apresentador	Área do conhecimento
Minuto Vítreo	2'	Semanal	Pesquisadores	Pesquisadores	Exatas

Ciência em Programas Veiculados por Rádios de Universidades Públicas  
do Estado de São Paulo

Paideia	50'	Semanal	Pesquisadores/ profissionais de Comunicação do LABI Centro de Desenvolvimento de Materiais Funcionais	Pesquisadores/ profissionais de Comunicação do LABI	Multidisciplinar	
Em Resumo	25'	Semanal	Rádio UFSCar	Pesquisador	Multidisciplinar	
Que canto é esse?	2'30	Três vezes por semana	Semanal	Pesquisadores	Profissional da Unesp	Ciências Biológicas
Viver Bem	3'30"	Semanal	Jornalista	Jornalista	Ciências da Saúde	
Mundo Astronômico	3'30" a 4'	Duas vezes por semana	Rádio Unesp e Observatório Didático de Astronomia	Jornalista e pesquisador	Exatas	
Conexão Ciência	35' (variável)	Semanal	Jornalista	Jornalista	Multidisciplinar	
Pesquisa Brasil	60'	Semanal	Produtora	Jornalista	Multidisciplinar	
Oxigênio	de 8' a 30'	Quinzenal	Equipe Multidisciplinar do Labjor	Equipe Multidisciplinar do Labjor	Multidisciplinar	

Fonte: elaborado pela autora

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de programas sobre ciência em emissoras universitárias públicas é uma das formas de as instituições tornarem acessíveis à população as pesquisas que desenvolvem e que são custeadas pela sociedade.

As grades de programação dessas rádios são atualizadas com frequência, geralmente todo ano há mudanças, portanto se torna mais difícil estabelecer uma conclusão sobre a efetiva presença e formatos explorados em um período mais longo. No entanto, tendo por base programação recente, acreditamos que o espaço para divulgação científica poderia ser ampliado. É importante destacar que algumas produções já se consolidaram e têm apresentado permanência maior como é o caso dos programas Paideia, Oxigênio e Minuto Vítreo.

Identificamos que predominam programas no formato jornalístico, sendo que 65,1% utilizam entrevistas. Tendo em vista as potencialidades do radioteatro e da radionovela, esses gêneros, que não encontramos nas grades atuais, deveriam ser explorados para divulgar ciência. Também notamos que entre os assuntos prevalecem as áreas de ciências biológicas e exatas. Cinco programas têm caráter multidisciplinar.

A participação de laboratórios e grupos de pesquisa nas três rádios é um aspecto positivo. Nesse estudo, descrevemos as características gerais de produções que contemplam abordagens sobre ciência, proporcionando um panorama de programas da atualidade.. Consideramos importante ampliação de pesquisas aprofundadas sobre esse segmento e que, inclusive, contemplem a recepção.

## REFERÊNCIAS

CONSU - CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNICAMP. Deliberação CONSU-A-004/2004, de 30/03/2004. Cria a Rádio e Televisão UNICAMP e estabelece o seu Regimento Interno. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**. São Paulo, 19 maio 2004. Disponível em [https://www.pg.unicamp.br/mostra\\_norma.php?id\\_norma=2778](https://www.pg.unicamp.br/mostra_norma.php?id_norma=2778). Acesso em fev. 2019.

FIOCRUZ - FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Ciência & Educação**. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=33>. Acesso em: jan. 2019.

KANTAR IBOPE MEDIA. Book de Radio, 2018. Disponível em <https://aerp.org.br/novo/wp-content/uploads/2018/09/Book-de-R%C3%A1dio-2018.pdf>. Acesso em: dez. 2018. MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. Projeto Minerva - O céu do Brasil. Entrevistador: Paulo Bretones. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=gMPtdG\\_G0kk&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=gMPtdG_G0kk&feature=youtu.be). Acesso em: fev. 2019.

PARADA, Marcelo. **Rádio**: 24 horas de Jornalismo. 1.ed. São Paulo: Panda, 2000.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. Tradução: Marco Antonio de Carvalho. 2.ed. São Paulo: Summus, 1989.

RÁDIO UNESP. **Sobre a Rádio Unesp**. Disponível em <http://www.radio.unesp.br/historia>. Acesso em: jan. 2019.

WERNECK, Erika Franziska. **E por falar em Ciência... no Rádio!** Disponível em: [http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art06\\_eporfalar.pdf](http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art06_eporfalar.pdf). Acesso em jan. 2019.

# PRIMEIRA HORA, A WEB RÁDIO DO IELUSC: prática da teoria

Ciro Augusto Francisconi Götz<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

A vivência prática é tão importante quanto o processo de estudo teórico. E, sem dúvida alguma, a instituição de ensino que propicia aos seus alunos a experimentação, aliada à reflexão, certamente, forma profissionais capazes de enfrentar as dinâmicas do exigente mercado de trabalho. No Brasil muitas universidades e faculdades, além da concessão governamental para emissão, dispõem em seus respectivos cursos de jornalismo de estrutura adequada para produção, edição e locução radiofônica. A proximidade com o mundo acadêmico permite o desenvolvimento laboratorial que emissoras, muitas vezes, não exercem, por diferentes motivos. Ainda assim, não são todas as faculdades que desfrutam ou, melhor dizendo, possuem a permissão para irradiar por ondas hertzianas, seja em amplitude ou frequência modulada. Contudo, atualmente, há uma importante solução para o “problema”: as web rádios.

Com a evolução tecnológica da internet e, por consequência, de softwares que estão disponíveis gratuitamente ou não, o ato de “fazer rádio” tornou-se mais acessível. As web rádios não são apenas novos modelos de negócio. Estão cumprindo um importante papel: colaboram para a composição de parte da nova geração de jornalistas e radialistas. Cabe ressaltar que a diferença entre o rádio tradicional e o universo web está, justamente, na plataforma. O importante é que, tanto em um meio como no outro, a função da linguagem radiofônica segue, praticamente, os mesmos padrões.

Este capítulo trata de um relato da experiência ensino-aprendizagem, aplicada na prática, por alunos de jornalismo do Instituto Luterano de Santa Catarina (Ielusc), de Joinville, a partir da elaboração do projeto intitulado “Primeira Hora, a web rádio do Ielusc”, com autoria de Bruna Agnes Ferreira Hammes e Yan Pedro Kuhnen Medeiros, orientandos deste pesquisador, em 2016. Apesar de o Ielusc manter há mais de 13 anos uma forte parceria com a Rádio Udesc FM, emissora educativa da Universidade do Estado de Santa Catarina, ambos estudantes desenvolveram o objetivo de criar e implementar uma rádio ainda mais próxima do cotidiano da faculdade. A ideia era de promover, ainda mais, as produções realizadas pelos alunos de comunicação, mas, também, utilizar a emissora como ferramenta multidisciplinar, em parceria com cursos vinculados à instituição. O projeto, por fim, não teve prosseguimento e, ao contrário da expectativa, não foi implementado para utilização dos alunos. Ainda assim, entende-se a importância da divulgação dessa iniciativa, principalmente, pela qualidade científica e prática.

O seguinte texto descreve, objetivamente, as etapas de elaboração e experimentação, relevantes tanto como prática jornalística quanto pedagógica. Na primeira parte, este trabalho aborda alguns conceitos básicos (que para os estudiosos e especialistas em rádio, fazem parte da rotina geral de conhecimento), os quais foram importantes para a reflexão introdutória. A segunda parte é destinada ao processo de construção efetiva do projeto, que será apresentado em conjunto com o contexto histórico da instituição, sob a perspectiva científica que justificou a atividade.

## RÁDIO, LINGUAGEM E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Antes de abordar sobre o tema principal deste capítulo, entende-se a importância de compreender o significado da expressão rádio. Nair Prata (2008, p. 53) define o meio em dois modelos: radiofonia analógica e radiofonia digital. Ferraretto (2014, p. 19) compartilha e amplia a ideia dizendo que “o termo genérico rádio compreende, portanto, manifestações diversificadas, a saber: rádio de antena ou hertzia-

no e rádio on-line”. O rádio hertziano, como explica o autor, é o rádio tradicional, isto é, aquele transmitido por ondas FM ou AM. No caso do rádio on-line, este pode ser dividido em três tipos: rádios na web, emissoras que são retransmitidas pela internet, web rádios, que disponibilizam conteúdos exclusivos na internet e as práticas de *podcasting*, que difundem a linguagem radiofônica através de arquivos. “Trata-se, portanto, de um meio que extrapola sua base tecnológica inicial, configurando-se em um ‘rádio expandido’, na oportuna expressão de Marcelo Kischinhevsky” (FERRARETTO, 2014, p. 19).

Como destaca Ferraretto, neste atual século, o rádio hertziano não é mais meio exclusivo de difusão do som, de músicas, de notícias ou de uma transmissão esportiva, por exemplo. Contudo, mesmo com a variedade de recursos tecnológicos disponíveis, percebe-se que a linguagem radiofônica ainda apresenta muitas similaridades entre as plataformas. Grande parte dos conteúdos disponibilizados via *podcast* ou através de web rádios, têm uma natureza comum aos formatos tradicionais, independentemente de estilo ou segmento. A grande diferença está, justamente, no acesso, no manuseio, tempo e espaço. Ao contrário da limitação de espectro de ondas eletromagnéticas do rádio tradicional, a internet pode abrigar inúmeras emissoras, que podem ser ouvidas pelo aparelho celular, através de aplicativos, sites ou links. As conexões de internet, cada vez mais rápidas, e a portabilidade, também permitem que os usuários possam acompanhar as web rádios da mesma forma como faziam há algumas décadas, nos estádios de futebol. O radinho de pilha, antigo companheiro de apaixonados torcedores, materializou-se nos telefones, assim como as emissoras de rádio que foram introduzidas às seguintes tecnologias. O rádio hertziano possui novos concorrentes na difusão de mensagens e, por consequência, no mercado.

Já quanto à linguagem radiofônica, como explica Ferraretto (2014, p. 31), esta “engloba o uso da voz humana (em geral, na forma de fala), da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, atuando isoladamente ou combinados entre si”. A dinâmica da mensagem radiofônica, explica, acontece conforme um processo de codificação da mensagem pela emissora, que chega ao ouvinte com o trabalho de

decodificá-la. Segundo Ferraretto, “quem produz o conteúdo radiofônico e quem está apto a recebê-lo precisam compartilhar um campo e experiências comuns”. A voz humana, ou as palavras faladas, as músicas, os efeitos sonoros e o silêncio, que caracteriza a ausência do som na elaboração da mensagem, são elementos de linguagem radiofônica. Cyro César (2009, p. 131) corrobora com Ferraretto e entende que a mensagem quanto mais clara for, mais eficaz: “O ouvinte deve entendê-la, captá-la. Logo, a escolha dos elementos se dá justamente segundo esse objetivo: fazer-se entender pelo ouvinte. Isso ocorre em qualquer comunicação radiofônica, seja em AM, seja em FM”. E seja em web.

Conforme César, o avanço tecnológico permitiu que o aparelho de rádio fosse despreendido das tomadas para circular livremente entre ouvintes. Foi uma importante revolução, pois o rádio se tornou um meio de comunicação bastante popular. A tecnologia, conforme Ferraretto, é uma das condicionantes da mensagem radiofônica, assim como a capacidade auditiva do receptor, a linguagem radiofônica, a fugacidade, os tipos de público e as formas da escuta. Conclui-se, portanto, que o rádio não representa um objeto simplesmente oral. Os elementos e conexões objetivamente citados, demonstram que o rádio e, por sua vez a linguagem, apresentam uma articulação bem mais complexa.

Explica Nair Prata (2008, p. 60), objetivamente, que web rádio é uma “emissora radiofônica que pode ser acessada através de uma URL (*UniformResourceLocator*), um endereço na internet, não mais por uma frequência sintonizada no dial de um aparelho receptor de ondas hertzianas”. Nair Prata aponta também que a internet abriu as portas para algumas reconfigurações na forma de se irradiar, em relação às emissoras hertzianas, apesar das similaridades de linguagem. A autora indica oito características do rádio tradicional que foram mantidas ou alteradas, através da utilização de plataformas on-line:

[...] citamos as oito características clássicas do rádio hertziano definidas por Ortriwano (1985). Com o suporte internet, constata-se que algumas destas

marcas permanecem, mas outras perdem sentido, enquanto outras são reconfiguradas. Vamos repassar uma a uma:

1. Linguagem Oral: Essa característica deixa de existir, pois a webradio<sup>2</sup> é também textual e imagética;
2. Penetração: Essa característica se expande, pois a webradio tem alcance mundial, podendo ser acessada em todo o planeta;
3. Mobilidade: A webradio ainda se parece com o velho rádio dos anos 40, mas é uma questão apenas de tempo. Com certeza, brevemente o rádio na internet terá a mobilidade que possui hoje o aparelho receptor de ondas hertzianas;
4. Baixo Custo: A webradio ainda é inacessível para boa parte da população, excluída digitalmente. Com o tempo, também se espera que a webradio tenha o baixo custo do receptor tradicional;
5. Imediatismo: Essa característica se mantém na webradio;
6. Instantaneidade: Essa característica ganha novidades na webradio, pois os arquivos, tanto de áudio quanto de vídeo, permitem o acesso posterior do usuário;
7. Sensorialidade: Essa característica permanece apenas com relação ao aspecto sonoro da webradio. No tocante aos recursos textuais e imagéticos, a sensorialidade perde o sentido;
8. Autonomia: A webradio ainda é presa a fios e tomadas, mas o emissor pode falar a toda a sua audiência como se estivesse falando com cada um em particular. (PRATA, 2008, p. 54-55)

Nos que diz respeito à formação profissional, César é enfático ao afirmar que não é a qualidade do equipamento ou a modernidade de um estúdio que desenvolverá um radialista ou jornalista. O rádio é o meio e as tecnologias são ferramentas à disposição humana. Sendo assim, justificam-se as experiências adquiridas através

---

2 Neste trabalho, adotou-se a expressão web rádio. Porém, optou-se por manter o termo original webradio, nas citações provenientes da citada obra da autora.

de esforço pessoal, compartilhadas entre profissionais da área, alunos e professores de cursos técnicos e universitários. “A vivência no rádio me mostrou que o melhor professor é o tempo e a melhor escola é a busca do conhecimento” (CÉSAR, 2009, p. 34). Uma emissora de rádio é feita por pessoas que, geralmente, obedecem hierarquias e funções, na busca do funcionamento equilibrado, como um sistema de engrenagens. E como César afirma, é através do estudo e da prática que são preenchidas as diversas competências de locutores a apresentadores, repórteres, produtores ou narradores esportivos.

## A WEB RÁDIO DO IELUSC: ELABORAÇÃO DO PROJETO

Em seu bacharelado em Jornalismo, o Instituto Luterano de Santa Catarina oferece disciplinas de rádio que, como geralmente ocorre nos demais cursos brasileiros, abordam questões históricas, teóricas e práticas. Além da sala de aula, os alunos usufruem da estrutura de um estúdio de rádio, nos moldes atuais, onde podem ser realizadas locuções, produções e apresentações de programas, normalmente reproduzidos pela Rádio Udesc. Em 2016, este autor esteve à frente das disciplinas de Radiojornalismo 1, 2 e 3, e, além disso, orientou projetos experimentais e de conclusão de curso. Um desses projetos era, justamente, da criação de uma web rádio da faculdade. Incentivados pelo coordenador de curso Sílvio Melatti, os alunos Bruna Agnes Ferreira Hammes e Yan Pedro Kuhnen Medeiros apresentaram a proposta, prontamente aceita para o processo de orientação.

O projeto experimental, uma das etapas obrigatórias de curso, consiste em uma atividade que apresenta similaridades de construção metodológica com os trabalhos de conclusão. Mas a teoria, neste caso, serve de base reflexiva para justificar escolhas e caminhos para a elaboração prática que, no caso do rádio, pode ser de um programa especial, uma série de entrevistas, um produto jornalístico comercial ou, como no caso deste estudo, uma web rádio. No processo de avaliação dos projetos, é formada uma banca de examinadores que, após a leitura e observação do projeto

escrito, seus resultados e reflexões, apresentam suas considerações. A banca é formada por um professor da instituição, um profissional da área prática, coordenada pelo professor orientador.

Segundo Melatti, a criação de uma rádio do Ielusc “era um sonho antigo”. Porém, tentativas foram feitas e, até aquele momento, todas sem sucesso. Sendo assim, Hammes e Medeiros iniciaram os primeiros passos, com a definição do objetivo geral: estabelecer a estrutura física e digital de uma web rádio, com programação produzida pelos alunos de jornalismo do Ielusc.

Tendo em conta o objetivo definido, ainda foram pensadas outras necessidades para a efetivação da emissora, entendidos como objetivos específicos:

- Permitir que os alunos de jornalismo pratiquem a vivência prática do radiojornalismo.
- Integrar as disciplinas de televisão, impresso, online e demais vertentes jornalísticas ao universo do rádio.
- Divulgar informações e criar parcerias com outros cursos da instituição
- Conceber a rádio como um instrumento informativo à comunidade de Joinville.

Os estudantes também definiram o público alvo da emissora, com base nos objetivos, e concluíram que “tendo em vista o alcance possível com a internet e a programação ter um formato híbrido, com espaço para música, esporte e notícia, ouvintes pertencentes a outros públicos poderão ser atingidos” (HAMMES; MEDEIROS, 2016, p. 10). A definição do público foi fundamental para a sequência da elaboração da futura grade de produtos. De acordo com Ferraretto (2014, p. 40), “o rádio, em qualquer de suas manifestações comunicacionais, objetiva criar uma relação de empatia com o público. É algo que envolve sentimentos de pertença”.

A Primeira Hora – a web rádio do Ielusc baseou-se no modelo tradicional de rádio hertziano. Como destacado nos objetivos deste texto, a principal ideia era de permitir a vivência e a prática do rádio. Contudo, se pensou em estabelecer uma programação diária. Futuramente, haveria a necessidade de estabelecer o projeto

experimental como projeto de extensão, integrando, pelo menos, um aluno bolsista, com a coordenação de um professor. Compreendeu-se que seria a estrutura humana básica para a manutenção da programação e administração da produção de conteúdo. Dessa forma, esperava-se que a estrutura da rádio fosse organizada da seguinte forma:

1 – Projeto de Extensão – O professor coordenador e o aluno bolsista dariam o suporte necessário para que a rádio web mantivesse uma programação diária. Inicialmente, se entende que o ideal seria uma grade que contemplasse seis horas, de segunda a sexta-feira, com produções gravadas e ao vivo. Eventualmente, com o Necs<sup>3</sup>, se pretendia realizar coberturas esportivas.

2 – Produção acadêmica – Boletins, reportagens, documentários, *podcasts*, debates, programas, noticiários, radiojornais, são alguns dos produtos jornalísticos que os alunos das disciplinas de Radiojornalismo 1, 2 e 3 desenvolveriam para incluir na programação da rádio. Todos esses conteúdos seriam desenvolvidos ao longo dos semestres, conforme o cronograma e o conteúdo de cada uma das disciplinas.

## SEGMENTO, PROGRAMAÇÃO E MEMORIAL DESCRITIVO

A ideia de projeto experimental ampliou-se para um espectro macro, no que diz respeito ao cotidiano acadêmico da instituição. Isso porque incluiu a participação de outros setores competentes da área de jornalismo, publicidade e propaganda, tecnologia da informação e direção. O projeto da emissora ganhou um status de notoriedade por seu potencial e, uma das primeiras medidas, foi o desenvolvimento de uma marca.

O nome da web rádio, ‘Primeira Hora’, e o slogan, a ‘Web Rádio do Ielusc’, foram concebidos em uma reunião dos alunos que propuseram o projeto e o

---

3 Núcleo Esportivo César Santos é um grupo criado por alunos do Ielusc em homenagem ao professor César Augusto Azevedo dos Santos, falecido em 2015. O núcleo desenvolveu atividades relacionadas com o jornalismo esportivo.

coordenador do curso de Jornalismo, Slvio Melatti, com a Agência Experimental de Publicidade (AEP). Neste encontro, os estudantes de Publicidade ficaram responsáveis por criar logotipo e imagens para divulgação no Facebook e site. O setor de Tecnologia da Informação do Ielusc criou uma área no endereço eletrônico da faculdade ([ielusc.br/primeirahora](http://ielusc.br/primeirahora)) onde o link do *streaming* da web rádio foi colocado junto com a programação. (HAMMES E MEDEIROS, 2016, p. 16).

A figura 1 mostra um dos logotipos elaborados por alunos da Agência Experimental de Publicidade do Ielusc, utilizado para a divulgação na página de *streaming* e no perfil oficial do Facebook da emissora, criado para o compartilhamento de informações, fotos e vídeos.

Figura 1 – Logotipo Web Rádio Primeira Hora



Fonte: Agência Experimental de Publicidade IELUSC (2016)

A web rádio passou por dois importantes períodos de difusão. O primeiro, uma etapa de testes, que já estava prevista no projeto. A emissora entrou ar no dia no dia 27 de junho de 2016, com um prazo de uma semana de atividades. O segundo período ocorreu entre 19 e 23 de setembro, durante a VI Semana Integrada de Comunicação, tradicional evento promovido pelo Ielusc, todos os anos.

Durante a etapa de testes, definiu-se que a programação da emissora deveria iniciar a partir do meio dia, com cinco faixas de horários e com atrações com duração de meia e uma hora, entre intervalos. Quanto ao segmento, se organizou uma programação linear em um misto de rádio jornalístico, esportivo, musical (dedicado ao *pop rock*) e cultural. Os seguintes programas, conforme Hammes e Medeiros (2016, p. 19-20) foram apresentados nesse período, conforme descrições na Tabela 1:

Tabela 1 – Programas da Rádio Web Primeira Hora - Ielusc

Programas	Descrição
Política em Movimento	Segunda-feira, às 21h - discussão sobre os assuntos políticos que envolvem a comunidade, para mostrar que política é coisa séria, mas pode ser tratada de forma leve e com bom humor. Entrevistas e debates com convidados.
Painel Ielusc	Quinta-feira, 21h- Uma mesa redonda sobre os principais assuntos da semana ligados aos cursos de ensino superior do Ielusc.
Mais Café do que Leite	Sexta-feira, 21h– Programa que aborda, de maneira leve, a literatura.
Esporte em Pauta	Segunda-feira, 18h, produção do Necs - Programa que aborda esportes com menos difusão, em Joinville.
Zona Mista	Segunda a sexta, 17h30, produção do Necs-Mesa redonda ao vivo que debate os assuntos do dia no futebol.
Mistureba	Quarta-feira, 21h- Programa de entretenimento musical Novidades do mundo da música. Confira informações sobre cinema, televisão e, claro, música.
Sem Filtro	Terça-feira, 21h - Programa que se propõe a falar de cultura de forma ampla, com foco nos artistas locais.
Revista Ielusc	Segunda a sexta, 16h, produção dos estudantes de Radiojornalismo 1 –Radionovelas produzidas pelos alunos do Ielusc.

Notícias das Seis	Segunda a sexta, 18h30 - Curadoria geral. Notícias da região de Joinville e também de âmbito nacional, com reportagens de agências. Informação sobre trânsito, previsão do tempo e agenda cultural.
Arena Esportiva	Segunda a sexta, às 17h - Um diário esportivo sobre Brasil e mundo, com destaque também para o futebol local.
Rádio Poste	Segunda a sexta, às 20h45 - mescla músicas, notícias relacionadas à faculdade, durante os intervalos de aulas do Ielusc.
Baú do Ielusc	Segunda a sexta, às 15h, 30 minutos, produção de estudantes e egressos do Ielusc - É o espaço na programação que resgata as produções feitas por estudante e ex-alunos da faculdade. Documentários, grandes reportagens, radionovelas.

Fonte: Hammes; Medeiros (2016)

Em um primeiro momento, decretou-se local provisório para abrigar a estrutura da web rádio, pelo menos durante o período de observação. A rádio foi instalada no prédio da *Deutsch Schule*<sup>4</sup>, a antiga Escola Alemã, fundada em 1866. Com a criação do logotipo, marca, obtenção de *streaming*<sup>5</sup> e divulgação nas redes sociais, através do Facebook<sup>6</sup>, ainda foram definidas duas questões importantes, quanto ao memorial descritivo: a jurisdição no campo dos direitos autorais e a instalação de toda a estrutura técnica da emissora. Em princípio, os alunos propuseram a veiculação de músicas, durante a programação. Sendo assim, Hammes e Medeiros buscaram detalhes junto ao Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD)<sup>7</sup>. Naquele período, as rádios exclusivas para internet ainda eram consideradas uma modalidade em observação<sup>8</sup>. Consta ainda que, caso efetivada, a web passaria por período de análise de seis meses e, após então, o ECAD iniciaria a cobrança de valores, conforme estabelecido.

Com a liberação de uma sala específica para a emissora, auxílio e supervisão do departamento técnico da instituição, o sistema básico para o funcionamento da Primeira Hora contou com uma mesa de áudio analógica, cabos, microfones e computadores com acesso à internet para as transmissões via *streaming*. Os alunos ainda utilizaram um aparelho de televisão de tela plana, para transmissões esportivas via

*off-tube*, que também estavam programadas para a semana de testes. Na concepção do projeto, inclusive, foram definidos os *softwares* que seriam empregados para as emissões. No gerenciamento e automação, o projeto contou com o programa ZARA-Radio, um sistema gratuito e popularmente adotado por emissoras de rádio de todas as naturezas, no mundo todo. Para edição, os estudantes tiveram, pelo menos, três opções. SoundForge e Vegas, programas que devem ser adquiridos, e Audacity, segundo Brad Chacos (2013) “um poderoso editor de áudio *Open Source* que oferece excelentes recursos por um preço bastante razoável: grátis”.

## WEB RÁDIO PRIMEIRA HORA: EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS

No dia 16 de junho de 2016, realizou-se a primeira publicação no perfil da rádio no Facebook, indicando a contagem regressiva para a estreia da Primeira Hora. Após ajustes necessários, no dia 27 de junho, ao meio dia, a web rádio entrou no ar. A semana de experimentação enfatizou a vivência de alunos das três disciplinas de rádio do Ielusc e estudantes interessados. Cada um dos alunos participantes cumpriu funções que foram designadas antecipadamente nos setores de produção, edição, reportagens e apresentação. Entre as apresentações de programas, um dos destaques do período de testes ficou para a cobertura de debate público sobre o projeto Escola Sem Partido, que foi uma das pautas daquele momento na Câmara de Vereadores de Joinville, uma oportunidade para os alunos da instituição de praticarem as regras gerais do jornalismo, discutidas e refletidas em sala de aula. A transmissão repercutiu, inclusive, pela qualidade e pelo fato de ter sido acompanhada com a facilidade de acesso, através da internet. Valeu também o cumprimento de um dos objetivos do projeto, isto é, de ampliar o leque de interesses acadêmicos para a comunidade geral do município do norte catarinense.

O projeto experimental idealizado por Hammes e Medeiros ultrapassou os limites de uma atividade individual. É interessante ressaltar que a emissora funcionou graças aos alunos colaboradores que, através da produção de programas,

trouxeram assuntos ligados ao cotidiano de Joinville, mas sem esquecer de uma dinâmica mais ampla dos âmbitos estadual, nacional e internacional. Com trabalho em equipe, os estudantes vivenciaram dinâmicas semelhantes ao mercado de trabalho, tanto quanto à responsabilidade e ética na apuração jornalística, quanto no relacionamento com as fontes e no trato com uma das questões mais importantes do radiojornalismo informativo: o tempo.

Um dos grupos de estudantes do Ielusc especializados em rádio, o Núcleo Esportivo César Santos, que já havia promovido outras importantes atividades extra classe, encaixou-se perfeitamente naquilo que se definiu como um segmento da Primeira Hora: Jornalismo e esporte. Não deixa de ser uma receita usualmente explorada pelas emissoras tradicionais hertzianas. No dia 1º de julho de 2016, o Necs comandou a transmissão de uma partida de futebol, válida pela Eurocopa, entre País de Gales e Bélgica.

Após o período de testes, contemplado na confecção do projeto escrito por Hammes e Medeiros, com base em análise teórica, a web Primeira Hora teve sua reativação em um segundo importante momento, desta vez, com caráter muito mais prático do que experimental. Com a desativação do *streaming*, vinculou-se o link da página oficial a uma página no Youtube, um site de compartilhamento de vídeos, atualmente, popular e amplamente utilizado por emissoras de rádio de todo o planeta, que unem o recurso do som com imagens. Como atividade acadêmica, os alunos da disciplina de Radiojornalismo 2 realizaram a cobertura da VI Semana Integrada de Comunicação (SIC), de 19 a 23 de setembro. Durante a SIC, um dos momentos de imersão na atividade jornalística integrada ocorreu com o acompanhamento de um debate entre candidatos à prefeitura de Joinville, no dia 23 de setembro, data de encerramento da Semana. Na oportunidade, este pesquisador professor propôs a divisão de grupos por afinidade de funções, em times de: produtores, repórteres e apresentadores. Assim, foram aplicadas as tarefas de mediação e acompanhamento dos candidatos na chegada à instituição e, no final, a repercussão das discussões. Com a desativação do *streaming* e da estrutura montada no *Deutsch Schule*, parte

das equipes ocuparam o estúdio de rádio dos cursos de comunicação, enquanto isso, repórteres se posicionaram em pontos estratégicos, portando microfones e retorno de áudio para comunicação.

## A EXPERIÊNCIA E A APLICAÇÃO TEÓRICA NA PRÁTICA DE RÁDIO

Ao longo da execução do projeto “Primeira Hora, a web rádio do Ielusc”, elaborado por Bruna Hammes e Yan Pedro Medeiros, e no processo macro que incluiu alunos das disciplinas de radiojornalismo da instituição, durante os momentos destacados neste texto, os estudantes vivenciaram, na prática, os seguintes conceitos teóricos:

- 1 – História do rádio – Brasileiro e Mundial
- 2 – Elementos de linguagem radiofônica e mensagem
- 3 – Programação, formatos e segmentação
- 4 – Gêneros jornalísticos e radiofônicos
- 5 – A produção jornalística, redação e cobertura
- 6 – A reportagem e suas variações e entrevistas
- 7 – Editorias jornalísticas
- 8 – Elaboração do roteiro (informativo, documentários e programas especiais)
- 9 – Jornalismo Esportivo
- 10 – Edição (reportagens, entrevistas e efeitos sonoros)

Cada um dos 10 pontos foram temas de encontros divididos no cronograma de datas dos semestres, conforme apresentação de bibliografia específica definida entre a coordenação de jornalismo e este professor. Durante o processo de integra-

ção entre estudantes de diferentes graus, houve um trabalho de colaboração entre alunos e a consultoria deste docente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Primeira Hora – a web rádio do Ielusc” comprovou, mesmo em caráter experimental, que havia uma lacuna a ser preenchida na instituição. Por um lado, se reconhece a importância da parceria do curso de Jornalismo do Ielusc com a Rádio Udesc, que, de fato, segue muito proveitosa, o que verificou-se durante as dinâmicas, principalmente, na disciplina de Radiojornalismo 3, no primeiro semestre de 2016. Mas, por outro lado, apenas a Rádio Udesc não é suficiente para atender às necessidades de uma relação necessária entre prática e teoria. Em uma semana, o projeto experimental dos alunos Bruna Agnes Ferreira Hammes e Yan Pedro Kuhnen Medeiros superou muitas expectativas. Durante o período de testes, foram produzidos e transmitidos programas gravados de diferentes segmentos culturais, informativos, musicais, debates e esportivos. Destacaram-se as transmissões externas de eventos relacionados diretamente ao desenvolvimento do estudo do rádio, como o debate acadêmico sobre o tema Escola sem Partido, tema social recorrente, a palestra acadêmica do narrador da 89 FM Charles Fischer, e a transmissão de uma jornada esportiva da Eurocopa, protagonizada pelo Núcleo Esportivo César Santos, entre Bélgica e País de Gales. Aliás, esse um dos principais legados do projeto praticados pelos alunos. Assim como houve integração do Necs, o mesmo aconteceu com alunos, inclusive, não matriculados nas disciplinas de rádio, que participaram das experimentações, justamente pela oportunidade de “fazer” rádio. A principal ideia é essa: oportunizar aos alunos a vivência. Dessa forma, entende-se que os estudantes, além de mais confiantes, teriam mais chances de obter oportunidades nos meios de comunicação, justamente pela compreensão ampla que uma estrutura física possibilita. Entende-se que a Primeira Hora – A Web Rádio do Ielusc, seria imprescindível para as disciplinas de Radiojornalismo do curso.

Com mais possibilidade de experimentalismo, com uma estrutura própria, os futuros profissionais poderiam desenvolver uma rádio não apenas destinada ao curso, mas, pensando de uma forma mais ampla, atenderiam, inclusive, demandas informativas comunitárias em Joinville. É importante enfatizar que, pelo fato de ser uma rádio por internet, o alcance é muito mais amplo. Se espera que o curso de Jornalismo e a diretoria do Ielusc revejam, futuramente, a possibilidade de reativação desse projeto que, sem sombra de dúvidas, se trata de um modelo que funciona e que pode colaborar muito na formação de jornalistas éticos e bem preparados para assumir funções de mercado.

A essência do projeto pode ser resumida em uma das definições de jornalismo dos autores Barbeiro; Rangel (2013): “Apurar e divulgar notícias, contar uma boa história, que seja verdadeira, que tenha sido checada e que responda às perguntas básicas do o quê, quando, onde, como, quem e por quê é o dever de todo bom jornalista”. O mundo prático é indispensável para atingir esse objetivo. Além disso, trabalhar com a plataforma web é trabalhar com uma ferramenta que ganha cada vez mais espaço, pois, como ressalta Luiz Artur Ferraretto (2014, p. 16), “sob a vigência da internet, já não vale mais o conceito de rádio que, antes, se constituía em uma verdade incontestável tanto entre pesquisadores como entre profissionais”.

## REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. Manual do jornalismo esportivo. São Paulo: Contexto, 2013.

CAROS OUVINTES. Rádio Udesc FM Joinville e curso de Jornalismo mantêm parceria em produções radiofônicas há 13 anos. 2018. Disponível em: <http://www2.carosouvintes.org.br/radio-udesc-fm-joinville-e-curso-de-jornalismo-mantem-parceria-em-producoes-radiofonicas-ha-13-anos/> Acesso em: 08/01/2019.

CÉSAR, Cyro. Como falar no rádio: prática de locução AM e FM. São Paulo: Summus, 2014.

CHACOS, Brad. Conheça o Audacity, um editor de áudio livre e gratuito. 2013. Disponível em: <https://pcworld.com.br/conheca-o-audacity-um-editor-de-audio-livre-e-gratuito/>. Acesso em: 12/01/2019

ESTADÃO CONTEÚDO. Serviços de streaming devem pagar taxas ao Ecad, decide STJ. 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/servicos-de-streaming-devem-pagar-taxas-ao-ecad-decide-stj/>. Acesso em: 10/01/2019.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: Teoria e Prática. São Paulo: Summus, 2014.

HAMMES, Bruna; MEDEIROS, Yan Pedro. Primeira Hora – a web rádio do Ielusc. 2016. 25 f. Projeto Experimental – Curso de Jornalismo, Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina – Faculdade Ielusc, Joinville, Santa Catarina. 2016.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. 2008. 395 f. Trabalho de conclusão de curso (Tese) – Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Minas Gerais, 2008.

# RÁDIO UESC: ensino, pesquisa, extensão e protagonismo social

Eliana Albuquerque<sup>1</sup>

Blenda Cavalcante<sup>2</sup>

Mateus de Albuquerque Ferreira<sup>3</sup>

Isis Santiago Lins<sup>4</sup>

Viviane Paiva<sup>5</sup>

O curso de Comunicação Social - Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) iniciou seu funcionamento em 1999, afinado com os objetivos da universidade de “promover atividades de inclusão social, exercícios de promoção do conhecimento e da cidadania, gerar discernimento crítico, articular saberes, formar cidadãos, além de utilizar o seu espaço educacional como fonte laboratorial de aprendizado” (LAVINSKY; REZENDE, 2017, p.30).

Nessa perspectiva, em 2002, os professores começaram a discutir a criação de projetos de extensão que possibilitassem a experimentação em rádio e em televisão. No ano seguinte, começou a funcionar o Projeto de Rádio Experimental do Curso de Comunicação (RADCOM), embrião para o que é hoje a Rádio UESC, e o Projeto de Televisão Experimental, a TV UESC. Com coordenações independentes, os dois projetos foram criados quase simultaneamente, irmanados pelos mesmos objetivos

---

1 Jornalista; professora da Universidade Estadual de Santa Cruz; diretora geral da Rádio UESC; coordenadora do Projeto RADCOM; membro do GP de Rádio e Mídias Sonoras da Intercom e da diretoria científica da Rede de Rádios Universitárias Brasileiras; pesquisadora-líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Observatório da Comunicação e das Culturas Contemporâneas (GOCC). E-mail: nanealbuquerque@hotmail.com.

2 Graduanda de Comunicação Social e estagiária da Rádio UESC. E-mail: blendacavalcante.09@hotmail.com

3 Graduando de Comunicação Social e estagiário da Rádio UESC. E-mail: teco.albuquerque.rtv@gmail.com

4 Graduanda de Comunicação Social da UESC.

5 Graduanda de Comunicação Social da UESC.

de promover aprendizado, novas experiências e aproximar os estudantes do fazer radiofônico e televisivo, abrindo caminho para o mercado de trabalho.

O Projeto RADCOM passou por diversas fases até se tornar como é hoje a Rádio UESC: começou com pequenos programas, restritos ao curso de Comunicação; passou pela experiência de funcionamento na frequência FM, com capacidade de transmissão restrita ao Campus e, em 2009, começou o processo para obtenção da concessão como rádio FM educativa, concorrendo a edital do Governo Federal cujo resultado preliminar foi publicado em dezembro de 2014, destinando à UESC o canal 105,1 FM.

Com este novo fato, a partir de 2015, o projeto tomou novo impulso. O que era algo apenas experimental revestiu-se de outras obrigações e responsabilidades porque o RADCOM estava se tornando Rádio Educadora UESC FM e, como tal, precisava se organizar para entrar no ar, atendendo às exigências da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) e do então Ministério das Comunicações.

A primeira delas, dizia respeito às providências técnicas que a universidade precisava tomar para liberação do transmissor, da torre de transmissão e da antena, entre outros detalhes. Após o Governo Federal publicar os resultados em Diário Oficial, a reitoria da UESC providenciou a contratação de profissionais qualificados para elaborar o projeto técnico exigido, que foi enviado a Brasília ainda em 2015. No ano seguinte, o projeto retornou à UESC para os ajustes necessários, sendo devolvido em 2017 para o Ministério, onde permanece transitando até a escrita desse texto, em voltas sem fim. Segundo consta, espera a autorização de funcionamento que precisa passar pelo Congresso Nacional e, em seguida, pela presidência da República para, só então, de ser encaminhada à Anatel, que vai liberar o transmissor. Enquanto isso, a cada ano, o Ministério vem pedindo novos documentos em intermináveis atualizações que resultam por não concluir o processo.

A segunda exigência para conseguirmos a autorização de funcionamento, dizia respeito à programação, que precisava ser em tempo integral, com conteúdo

educativo, de qualidade, voltado para a multiplicidade identitária e cultural da região.

Até esse momento, a rádio não estava em funcionamento e, logo, não tinha qualquer programação organizada. Então começamos praticamente do zero, estruturando programas para serem transmitidos via *web*<sup>6</sup>. Aliás, como a maioria das emissoras universitárias brasileiras, que surgiram a partir dos projetos de extensão, com finalidade educativa, mas, sobretudo, a partir da Internet e como alternativa aos meios tradicionais de comunicação (PRETTO; TOSTA, 2010, p. 23).

A *radioweb* é “a emissora radiofônica que pode ser acessada através de [...] um endereço na internet, não mais por uma frequência sintonizada no dial de um aparelho receptor de ondas hertzianas” (PRATA, 2008, p.60). Utiliza outras linguagens comunicacionais como fotografias, vídeos e infografia e é transmitida por *streaming*<sup>7</sup> em tempo real.

Dessa forma, é *radioweb* toda e qualquer atividade radiofônica que use site ou aplicativo para propagar o seu conteúdo sonoro, imagético, textual, videográfico e fotográfico. São caracterizadas pela interação direta com o ouvinte, pela diversidade cultural de conteúdos, pelo hibridismo midiático (foto, vídeo, som) e, algumas delas, pela sua programação destinada a um determinado nicho social (LAVINSKY; REZENDE, 2017).

Para organizar uma programação para a *radioweb*, era necessário formar uma equipe eclética, ágil, capaz de dar conta da grande demanda que estava sendo colocada. E precisava ser composta por professores, estudantes e funcionários da própria universidade, já que esta não dispunha de cargos funcionais para contratar profissionais de rádio e/ou jornalismo.

A equipe foi estruturada com uma professora responsável, dois técnicos administrativos e estagiários que receberam bolsas de extensão. Tais bolsas foram somadas, depois, a outras, oriundas dos programas “Primeiro Emprego”, “Partiu

---

<sup>6</sup> World Wide Web, ou simplesmente *web*, é a designação comum para a rede mundial de computadores (Disponível em <https://www.lexico.pt/web/>, acesso em 16.Jul.2018).

<sup>7</sup> Tecnologia de transmissão de dados pela internet

Estágio” e “Mais Futuro”, todos do Governo da Bahia. Com a equipe montada, foi necessário prepará-la rapidamente para produzir os conteúdos com qualidade, operar tecnicamente a emissora, além de traçar as estratégias para alcançar o público intra e extramuros da universidade.

Para isso, desde 2015, a universidade investiu em treinamentos para a equipe que foi a Salvador, observar o funcionamento da Rádio Educadora da Bahia, e participou de diversas oficinas no Campus da UESC, entre 2015 e 2018: de locução e apresentação (com o jornalista Abel Dias, da TV Santa Cruz); interpretação textual no rádio (com o jornalista e ator Pedro Albuquerque, da TVE e Rádio Educadora da Bahia); gravação e mixagem de som (com o DJ Danley Rodrigues); interpretação de personagens e direção de atores (com o radialista José Ignácio Vigil, do grupo Radialistas Apaixonados, do Equador), além de edição de som; transmissão ao vivo; cobertura de eventos ao vivo e outros.

Vários programas estrearam nesse percurso: o jornal diário *UESC em Pauta*; o histórico-musical *Enciclomúsica*; o de debates *Papo Reto*; o temático *Conversa Afiada*; o esportivo *Três Pontos*; o musical de rock *Hora do Peso*; de música e língua estrangeira *Expresso Uesc*; de música e cinema *Cinetons*; os musicais *Sexta Livre* e *Aperte o Play*; o programa ao vivo, com artistas regionais, *Estúdio Uesc* e outros, que foram sendo testados na sequência. Entre programas, manteve uma *playlist* musical diferenciada e que permanece assim: não toca composições com duplo sentido e conteúdos pejorativos ou discriminatórios; contempla artistas locais, nacionais e internacionais, além de destacar novos talentos. Essa programação garantiu, no primeiro momento, uma audiência diária média de 200 pessoas, com picos esporádicos de 500 ouvintes que se conectaram nas mais diversas plataformas de acesso à rádio (aplicativo próprio, página da universidade, página do Facebook, RádioTube, entre outros).

No panorama nacional, a Rádio UESC despontou pela sua atuação no Congresso Nacional da **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação** - INTERCOM (2015); Congresso da Sociedade Brasileira para

Progresso da Ciência - SBPC (2016) e Simpósio Nacional de Rádio (2018), quando transmitiu e fez coberturas ao vivo dos eventos.

No panorama internacional, se destacou pela adaptação literária da radionovela *Laudatto Si*, para a Rede Panamazônica (REPAN), em trabalho dirigido por José Ignacio López Vigil. Também participa da Rede de Rádios Universitárias Brasileiras (RUBRA), organizada pelo Grupo de Pesquisas em Rádio e Mídia Sonora da INTERCOM.

Embora tenha muito a comemorar, o fato de ser transmitida apenas pela Internet (o que permite a audiência global e de dentro da universidade) restringe, em parte, a audiência local, já que nem todos têm acesso à rede. Segundo o IBGE (2015), quase metade da população do sul da Bahia não consegue essa conexão. E é esse público que, prioritariamente, nos interessa. Por isso, é importante fazer a rádio entrar no ar também através do modo convencional da transmissão radiofônica.

Mas, enquanto isso não é possível, a forma que se apresentou como mais viável e eficiente para chegar às populações excluídas da Internet foi estruturando ações de extensão que levassem a Rádio UESC para essas localidades, interagindo com esses públicos e incorporando suas vivências à programação. Em permanente diálogo, como proposto por Paulo Freire (1967; 1970), com emissores e receptores envolvidos no mesmo processo de trocas de experiências e aprendizagens mútuas.

Aqui destacamos três dessas ações: a primeira, denominada de “Rádio UESC nas Quebradas”, destinada ao público das comunidades rurais e periféricas, que no sul da Bahia corresponde a quase 40% da população regional (IBGE, 2017), onde a emissora se desloca para as comunidades e promove cursos de formação, oficinas e vivências em radioweb, além de fazer reportagens em áudio e vídeo para posterior utilização, alcançando, com isso, um público médio de três mil pessoas.

A segunda, destinada à população urbana, especialmente dos bairros populares, denominada de “Bonde da Rádio UESC”, onde a rádio sai dos estúdios para mostrar aos diversos públicos como ela funciona, proporcionando uma maior

proximidade destes com a emissora e a universidade e alcançando em torno de mil pessoas.

Por fim, a última delas, destinada ao fomento da cultura musical regional e descoberta/destaque de novos talentos: o Festival Universitário de Música da Rádio UESC, que ocorre anualmente, no segundo semestre de cada ano e reúne artistas de diversas universidades e cidades regionais, alcançando um público médio de dez mil pessoas.

É sobre estas experiências que este artigo se debruça. Para isso, começamos por situar a importância do rádio para a região de entorno da universidade.

## A FORÇA DO RÁDIO NO SUL DA BAHIA

A Pesquisa Brasileira de Mídia desenvolvida pela Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República em 2016 traz informações importantes sobre a mudança de hábitos de consumo da população sobre o rádio e outras formas midiáticas. Segundo apurado (p.11), 57% confiam (sempre ou muitas vezes) no que ouvem no rádio, 59% nos jornais e 54% na TV. Já a Internet aparece com 20% de credibilidade nos sites e 14% nas redes sociais. Isso confirma o rádio, a televisão e os impressos como mídias preferenciais para informações factuais, enquanto a internet se consolida como meio de interação, entretenimento e lazer. Adiante, a mesma pesquisa revela que 66% dos entrevistados ouvem rádio ao menos um dia na semana; 35% escutam todos os dias (p. 30).

Na Bahia, foram realizadas 475 entrevistas das 15.050 pessoas ouvidas em todo o país e o quadro encontrado não foi diferente: 62% confiam muito nas informações do rádio, o que respalda a ideia que, por suas características únicas de proximidade e intimidade com o público; de rapidez e agilidade nas informações; de acessibilidade, entre outras, o rádio chega até aqui sendo considerado “um meio de comunicação de massas muito próximo do público, promovendo como nenhum

outro os valores e discutindo os problemas da região ou localidade onde atua (COMASETTO, 2007, p.68).

No sul da Bahia, isso é confirmado por pesquisa realizada com 390 pessoas em Ilhéus e Itabuna, seus dois maiores municípios, onde se constata que “96% gostam de rádio e 94% o ouvem constantemente, sendo que 40% ouvem todos os dias e várias horas por dia” (ALBUQUERQUE, 2014, p. 153).

A pesquisa também aponta o rádio como principal porta de acesso às notícias locais e dono de grande credibilidade junto às populações: 22% acredita completamente no que o rádio diz por que, como a maioria das informações são locais, podem ser facilmente checadas, mas também pelo carisma e confiança que depositam nos radialistas. Outros 72% acreditam parcialmente nessas informações porque reconhecem as relações que o meio mantém com o poder político e econômico regional que, muitas vezes, é o que determina as pautas e enfoques das informações veiculadas. Somando os dois percentuais, é possível perceber que o rádio regional conta com 94% de boa credibilidade e sua relevância é ainda maior se pensarmos que é pelo rádio que milhares de pessoas se informam sobre o que acontece principalmente em sua rua, seu bairro e sua cidade. É também através do rádio que essas pessoas – destacadamente aquelas que vivem em zonas rurais ou periféricas e, logo, à margem dos centros urbanos – encontram sua principal fonte de entretenimento, lazer e companhia. Torna-se, desta maneira, a principal ligação desses cidadãos com o mundo que está para além das suas fronteiras, da sua realidade diária e do seu universo particular .

No âmbito da universidade, a audiência da Rádio Uesc pode ser medida de duas maneiras: através do monitoramento diário das páginas e aplicativos através dos quais ela é acessada – página oficial da universidade; aplicativo para celulares e páginas próprias nas redes sociais Facebook; Radiotube e Youtube – e também através de pesquisas de opinião pública, direcionada a estudantes, professores e funcionários.

A última dessas pesquisas foi realizada em junho de 2017, por Felipe Lavinsky e Victor Rezende, para Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social. Através de questionários respondidos via Internet por 123 pessoas, a pesquisa mostrou que 90% ouvem a rádio, sendo que, desses, 75% estão vinculados de alguma forma à universidade, seja como estudante, professor ou funcionário. 77% consideram que programação da emissora tem a vínculo com a realidade da universidade e do ouvinte; apontam como eixos preferidos o jornalismo (43%); as músicas (36%) e o esporte (11%) e 100% delas reconhecem o esforço que a equipe e a instituição fazem para manter a rádio no ar. Em resposta aberta e não estimulada, 98% apontaram a liberdade de conteúdo como motivo principal da audiência e acham fundamental a postura da reitoria, que “deixa a rádio botar no ar as assembleias de professores, funcionários e alunos e dar notícias sobre as lutas internas” (LAVINSKY; REZENDE, 2017, p.40).

No total das respostas de quem já ouviu a Rádio UESC, percebe-se que a emissora tem empatia com o público: 98% desses acham a rádio uma necessidade; 100% dizem que é um diferencial para a universidade e para o rádio regional e um orgulho para o sul da Bahia porque é a sua única emissora com caráter educativo.

## PRA VOCÊ QUE ESPERA MAIS DE UMA RÁDIO

Embora os meios tradicionais tenham enorme influência na opinião pública, as emissoras universitárias, como parte dos meios alternativos, contribuem para uma nova forma de recepção: mais crítica, questionadora e participativa.

O termo alternativo, tal como compreendido na atualidade, designa as práticas e concepções de rádio “que se contrapõem a uma política dominante”, são livres e desvinculadas de “interesse comercial e/ou político-conservador” (PERUZZO, 2006, p. 133). Diz respeito, portanto, às emissoras cuja forma de produção, transmissão, programação, linha editorial e atuação social expressam uma visão alternativa ao modo tradicional de fazer rádio e contra-hegemônica sobre as po-

líticas, prioridades e perspectivas da sociedade (DOWNING , 2002, p.34). Por se posicionar além do modelo comunicativo dominante, o rádio alternativo questiona inclusive o modo de produção mediático e busca outras formas de fazer rádio. Tal como faz a Rádio UESC.

Nessa perspectiva, a programação da emissora procura contemplar a diversidade temática, os múltiplos conhecimentos e modos de ver, as diversas abordagens e os públicos tradicionalmente não representados pela mídia, como indígenas, negros, populações periféricas e grupos sociais excluídos. Faz isso também sem perder de vista que está situada numa região específica, com culturas e identidades próprias e peculiares, mas também em permanente transição e refazimento (HALL, 2006, p.19).

Por isso, a grade de programação é eclética: possui uma *playlist*<sup>8</sup> de música regional e brasileira de qualidade, além de clássicos da música mundial; tem um programa esportivo diversificado, que fala do campeonato brasileiro, mas também do interbairros, de surf, skate, basquete, lutas marciais e outras modalidades esportivas; tem programas musicais de vários ritmos; de adaptações literárias infantis e de outras obras da literatura regional; vários produtos de radiodramaturgia sobre história regional e da Bahia; tem o radiojornal diário com blocos de divulgação de eventos, pesquisas e ações da universidade, perguntas do público para a reitoria, entrevistas, reportagens e o fala povo, com microfone aberto para a comunidade acadêmica sobre diversos assuntos, entre outros quadros.

Trabalha na perspectiva de que “a rádio educativa precisa atender a maioria da população” (BLÓIS, 2003, p. 9) e que é um instrumento auxiliar na construção da cidadania, aqui entendida como “a participação dos indivíduos de uma determinada comunidade em busca da igualdade em todos os campos que compõe a realidade humana” (MARTINS, 2000, p.58).

Também é nessa perspectiva que a Rádio UESC sai dos estúdios e ganha a rua para formar, informar e se formar. Ao tempo em que forma e fortalece saberes

---

<sup>8</sup> Lista de músicas reproduzida em emissoras de rádio, em ordem aleatória ou organizada pelo programador musical.

através dos cursos e treinamentos que ministra para setores da população, também está pesquisando fatos e sujeitos para a captação de notícias que se destinam a informar o público. Com isso, também está contribuindo para a formação da equipe, composta por graduandos de Comunicação Social. Podemos dizer que, em trabalho de extensão, termina por contemplar também as dimensões de ensino e pesquisa, formando o tripé que sustenta a universidade.

## RÁDIO UESC NAS QUEBRADAS

Segundo o dicionário de significados<sup>9</sup>, *quebrada*, na linguagem informal, é uma gíria usada para designar comunidades que habitam as periferias das cidades; uma vizinhança ou um local humilde. Por isso foi o nome escolhido pela Rádio UESC para suas primeiras ações fora da Universidade, com finalidade de conhecer os locais e as pessoas que os constroem, possibilitando a troca de conhecimentos e experiências.

A ideia de fazer uma ação de extensão voltada para os públicos periféricos e em geral excluídos dos processos comunicacionais midiáticos surgiu a partir de duas demandas indígenas, em 2016: a solicitação para que fôssemos a Olivença realizar um treinamento para mulheres de diversas tribos, que estavam interessadas em organizar uma rádio própria<sup>10</sup> e o encontro da juventude Tupinambá, na Serra do Padeiro, evento para o qual a Rádio UESC foi convidada para realizar a cobertura jornalística e participar de uma mesa de debates sobre a importância do rádio na educação popular.

Para ambos, a rádio mandou sua equipe. E a sensação de quem foi era de que precisávamos ir mais, fazer mais, interagir mais com esses públicos porque essa era uma necessidade mútua. Eles, porque não tinham acesso constante aos nossos conteúdos, por falta de internet ou por outras dificuldades. E nós, porque queríamos

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.significados.com.br/>, acessado em 10.Jul.2018.

<sup>10</sup> A rádio foi organizada por elas, com apoio da ONG Thidewá. Está em funcionamento e se chama Rádio Cunha.

estar próximos daquelas comunidades, percebendo suas realidades e aprendendo com elas.

Começaram a chegar muitas demandas para a Rádio sair do lugar: solicitação que fôssemos à Lagoa Encantada, em Ilhéus, fazer matérias sobre destruição ambiental e condições de saúde e educação no povoado; convite para que fôssemos a Coroa Vermelha e Caraíva, no extremo sul do Estado, para acompanhar o dia a dia e as lutas pela sobrevivência da comunidade indígena da Aldeia Xandó, além de realizar oficinas para crianças e adultos indígenas que queriam aprender a usar equipamentos de rádio, fotografia e vídeo; convite para fazermos oficinas de rádio no assentamento Terra à Vista, no município de Arataca, na Comunidade de Terreiro Caxuté, em Valença, para alunos do Curso de Comunicação Social da UNEB, em Coité e para secundaristas do Colégio Modelo, em Ilhéus e Itabuna. Outra dessas experiências é o curso de atualização profissional oferecido a cada dois anos para o Sindicato dos Radialistas de Ilhéus e que envolve quase uma centena de profissionais por curso.

Essas atividades fizeram com que a Rádio UESC se consolidasse também como instrumento facilitador de competências em rádio, contribuindo para formar pessoas e auxiliar no empoderamento de comunidades sobre as técnicas radiofônicas, fortalecendo os saberes locais e a cidadania, além de fortalecer a autonomia destas na elaboração de seus próprios conteúdos.

Para cada um desses deslocamentos, além de oficinas e treinamentos realizados, a Rádio também produziu matérias jornalísticas sobre os locais visitados e fez o *making off*<sup>11</sup> das experiências, registrando a ação em fotografias, sonoras e vídeos que são posteriormente exibidos em outros eventos e nas redes sociais, também se constituindo em registro para memória da Rádio e da universidade. Além disso, foram experiências ricas em aprendizado para os estagiários, que vivenciaram situações muitas vezes ignoradas ou, pelo menos, distantes. O público direto que

---

<sup>11</sup> Registro de bastidores do trabalho dos comunicadores sociais, o passo a passo das produções realizadas no exercício profissional.

esta ação alcançou está estimado em três mil pessoas. Indiretamente, calcula-se o dobro.

## O BONDE DA RÁDIO UESC

Para além de um antigo transporte de passageiros, “bonde” é uma gíria surgida nos bairros da periferia do Rio de Janeiro para designar grupos de amigos que andam juntos, conforme explica o dicionário de significados<sup>12</sup>. Muito utilizada nas letras do *funk* carioca, nasceu inspirada por movimentos culturais dos guetos americanos, que se espalharam rapidamente pelo mundo alcançando as periferias, os morros e favelas das cidades brasileiras, inclusive nas localidades regionais.

O Bonde da Rádio UESC é uma ação de extensão direcionada para o público em geral, seja ele de periferia ou não, interessado em saber como se faz uma rádio. Consiste na elaboração e transmissão ao vivo do radiojornal Uesc em Pauta, onde se mostra (ao vivo) como é feito o trabalho dos repórteres, apresentadores, produtores, diretores, editores e técnicos. Também são convidados os artistas que participaram de atividades anteriores da rádio, como o Festival de Música, para se apresentarem ao vivo. Os repórteres fazem entrevistas com o público e os apresentadores permitem que este participe também fazendo apresentações culturais de improviso.

Durante a intervenção, são oferecidos outros produtos da rádio, como exposições fotográficas das atividades já realizadas pela equipe, vídeos sobre as experiências da Rádio UESC nas Quebradas e do Festival de Música, entre outros.

Iniciado em 2017, o Bonde da Rádio UESC é realizado uma vez por ano em locais estratégicos da UESC como o Restaurante Universitário, a Torre Administrativa, a Biblioteca, as cantinas dos pavilhões de aulas e espaço aberto denominado de CEU, onde estão o Diretório Central dos Estudantes e a Associação dos Docentes. Também se apresenta em locais regionais, como escolas e centros

---

12 Disponível em:<https://www.significados.com.br/>, acessado em 10.Jul.2018.

culturais, sempre que a rádio é convidada. O público total alcançado por esta ação está calculado em mil pessoas.

## FESTIVAL DE MÚSICA DA RÁDIO UESC

Como rádio educadora, a Rádio UESC sempre teve a preocupação de colocar na sua programação as músicas e produtos que não reforçassem os preconceitos e criminalizações existentes, como a homofobia, o racismo e o machismo, entre outros. Além disso, como já foi dito, tem apostado no fortalecimento cultural do sul da Bahia, principalmente através do incentivo e divulgação do trabalho de artistas regionais. Para isso, criou o programa Estúdio UESC que, quinzenalmente, trazia uma banda ou artista local para uma apresentação nos estúdios da rádio. O programa era gravado e exibido três vezes por semana, colocando o artista em evidência e divulgando seu trabalho. Com o tempo, as dificuldades estruturais para fazer o programa ao vivo - como o transporte de equipamentos e o aparato necessário para colocar uma banda completa e seus instrumentos numa sala pequena - fizeram com que o programa não tivesse mais condições de ir ao ar. Como esse era um espaço significativo para a divulgação dos artistas regionais, outra forma de promover e divulgar esses trabalhos precisava ser criada. Foi assim que surgiu a ideia de realizarmos na universidade o Festival Universitário de Música da Rádio UESC (FESUMU).

Com objetivo de incentivar e difundir a música realizada por professores, funcionários e estudantes de instituições de ensino superior da região sul da Bahia, o Festival teve sua primeira edição em 2016, com a etapa final no dia 6 de dezembro, no auditório Paulo Souto.

Eram dias difíceis porque as universidades estavam em greve contra a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241<sup>13</sup> e havia inúmeras dificuldades para acesso ao auditório porque a universidade estava ocupada pelo movimento

---

<sup>13</sup> A PEC 241 criava novo regime fiscal para o país, reduzindo gastos em educação e outros setores básicos

estudantil. Além disso, a experiência de organização de um evento era nova para a maioria dos integrantes da equipe da Rádio UESC. Mesmo assim, a data foi mantida e o Festival foi um êxito que marcou a cena musical regional porque apresentou a um público diverso e heterogêneo a qualidade musical que vem sendo produzida localmente.

A variedade também ficou representada nos artistas premiados e seus estilos, que iam do *folk*, passando pelo *reggae* até o metal extremo da Kerberus, a banda vencedora. E também na composição das bandas participantes, que tinham representações de estudantes de diversos cursos e funcionários das várias instituições de ensino superior do sul da Bahia. Ou seja, a ideia funcionou.

A primeira edição do Festival envolveu na sua produção cerca de 50 pessoas, entre pessoal da UESC e contratados para serviços de som e outros. O público alcançado diretamente (artistas e assistência) foi de 300 pessoas. Indiretamente, através da divulgação e das reportagens em televisão, rádio e impressos, pode ser calculado em duas mil pessoas.

A segunda edição do FESUMU foi realizada em 7 de dezembro de 2017, consolidando o festival como um espaço de integração cultural por juntar em um único evento os mais variados estilos musicais: desde os mais periféricos, como o *Rap* (o *rapper* Cijay foi o primeiro colocado nessa edição), os alternativos (a Banda Insalobre ficou em segundo lugar), até a música gospel (com Gabriel Nascimento sendo o terceiro colocado), além de apresentações de *rock*, MPB, samba, entre outros estilos.

Além dos músicos finalistas, houve uma programação de artistas e grupos convidados que deram destaque especial ao evento: as bandas percussivas Gongombira e Negras Perfumadas; o Coral da UESC; a banda Ayam Ubrais e O Bando do Mar e a performance poética de Daniela Galdino, que tornaram o Festival uma grande festa de todos os ritmos e expressões.

Com mais experiência em organização de eventos, a equipe da rádio se desdobrou na organização, cobertura e transmissão ao vivo, registros de som,

imagens e reportagens, assessoria de imprensa, apresentação e outras tarefas. Ao todo, a organização envolveu cerca de 50 pessoas e o público diretamente alcançado foi de 500 pessoas, incluindo os artistas participantes. Indiretamente, pelo tamanho da cobertura e divulgação feita em todas as mídias regionais, acredita-se que esse número possa ser calculado em cinco mil pessoas.

A terceira edição do Festival, dia 4 de outubro de 2018, já deu ao evento feição de grande encontro cultural da região. Houve parceria com todas as emissoras da grande mídia regional, que o divulgaram; contou com quase uma dezena de empresas que apoiaram o evento e mobilizou mais de uma centena de artistas que se organizam para participar da curadoria, do júri, das atrações e dos grupos concorrentes. Além disso, foi transmitido ao vivo pela Rádio Uesc e gravado, para posteriores apresentações em vídeo. A organização permaneceu mobilizando 50 pessoas; o público diretamente alcançado foi superior a 500 pessoas e o público indireto, que toma contato com evento através da cobertura midiática ou dos artistas envolvidos, está calculado em 10 mil pessoas.

## POR FIM...

Com consequência das ações desenvolvidas, a maior parte dos estagiários que conclui sua passagem pela emissora adquire competências diversas: para liderar treinamentos e compartilhar sua rotina de atividades práticas; operar tecnicamente uma rádio e dominar as técnicas de gravação, edição e mixagem de som; produzir e executar reportagens, entrevistas, coberturas e transmissões ao vivo, locução e apresentação, entre outras atividades radiofônicas. Além disso, desenvolve a capacidade de realizar produtos e eventos de naturezas diversas, o que lhes abre caminho para várias alternativas profissionais.

Para o público interno da UESC, a rádio é fruto do esforço de uma equipe e de uma geração nova, que faz as coisas acontecerem, mas também uma conquista da Instituição. As entidades e os diversos grupos de opinião e atuação ai existentes,

se unificam ao falar da rádio, o que indica que a proposta é assimilada e integrada à vida acadêmica.

Para o público externo, a rádio se destaca por promover eventos como o Festival Universitário de Música; pelas ações Rádio Uesc nas Quebradas e Bonde da Rádio Uesc, que levam a rádio para a praça pública e promovem treinamentos, cursos e consultorias para a comunidade externa à UESC, além de mostrar como se faz rádio. Todas essas ações incentivam o exercício social, a sentido de cidadania e a oportunidade de visibilizar histórias não contadas e vozes não ouvidas.

Por fim, é compreendido que a importância maior da rádio está no seu potencial para estimular, dentro e fora da universidade, o pensamento diverso, o respeito pelas diferenças e pelas múltiplas visões sobre o mundo. E nisso a Rádio Uesc dá show!

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Cristina Paula Tenório de. **Entre o global e o local: rádio e identidades culturais no sul da Bahia**. Tese(doutorado) -Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2014.

BLOIS, Marlene. Rádio educativo no Brasil: Uma história em construção. In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte – MG, 2003. Disponível em: [http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP06\\_blois.pdf](http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP06_blois.pdf). Acesso em: 25 mar. 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama das cidades brasileiras**. Brasília: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/panorama>. Acessado em 19.jul.2018

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios - PNAD**. Brasília: IBGE, 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/pesquisa/44/47044>. Acessado em 15.jul.2018

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** – Brasília: Secom, 2016.

COMASSETTO, Leandro Ramires. **A Voz da Aldeia: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global.** Florianópolis: Editora Insular, 2007.

DOWNING, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.** São Paulo: Senac, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAVINSCKY, Felipe e REZENDE, Victor. **Rádio UESC: o ecoar de todas as vozes.** 2017. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, 2017

MARTINS, Marcos Francisco. **Ensino Técnico e Globalização – cidadania ou submissão?** Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão.** In: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (Orgs). **Mídia Cidadã, utopia brasileira.** São Bernardo do Campo: UEMESP, 2006.

PRATA, Nair. **Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação.** 2008. 395 f. Tese - Faculdade de Letras (UFMG). Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/AIRR-7DDJD8>. Acesso em: 15 mar. de 2017.

PRETTO, Nelson Luca de; TOSTA, Sandra Pereira. **Do MEB à WEB: o rádio na educação.** Belo Horizonte – MG: Autêntica Editora, 2010.

# RÁDIO UERJ: a universidade sem fronteiras.

## Relato de uma experiência

Eneida Leão Teixeira<sup>1</sup>

Ana Cláudia Theme<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A proximidade do rádio com a ciência remonta à primeira emissora brasileira. No dia 1º de maio de 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Edgard Roquette-Pinto e outros membros da Academia Brasileira de Ciências, fez sua primeira transmissão experimental. “A partir de agora, todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão livremente o conforto moral da ciência e da arte pelo milagre das ondas misteriosas que transportam, silenciosamente, no espaço, as harmonias”, anunciava o antropólogo e educador, na ocasião. A Rádio Sociedade funcionava nas dependências da própria Academia e a programação era produzida pelos cientistas.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que completa 70 anos em 2020, consolidou-se como uma das mais importantes instituições de ensino, pesquisa e extensão do país, presente nos principais rankings nacionais e internacionais. Com vasta produção de conhecimento nas diferentes áreas do saber, dispõe de um grande acervo de informações e fontes, o que favorece, assim como na pioneira Rádio Sociedade, a produção de uma programação radiofônica voltada à divulgação científica e cultural.

---

1 Graduada em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é mestre em Educação (UFRJ) e especialista em Sociologia Urbana (UERJ) e em Design de Interfaces (UniCarioca). Servidora concursada pela Uerj desde 2002, atualmente coordena a Rádio Uerj.

2 Graduada em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é mestre em Ciência Política (UFRJ) e doutora em História (UERJ). Servidora concursada pela Uerj desde 1997, atualmente dirige o Centro de Tecnologia Educacional da Universidade.

Neste sentido, a Rádio Uerj, instituída pelo Centro de Tecnologia Educacional (CTE), é uma das primeiras rádios universitárias brasileiras com programação contínua, na web desde 2005. Ao longo desses anos, vem divulgando serviços e ações da universidade em ensino, pesquisa, cultura e extensão, 24 horas por dia. Com caráter educativo/informativo, consiste em um valioso canal para divulgação científica, tanto internamente, nos distintos *campi* da universidade, como para a sociedade.

A democratização do conhecimento faz parte da responsabilidade social de todas as universidades e institutos de pesquisa, principalmente das instituições públicas que têm ainda na divulgação científica uma fundamental aliada para a garantia da sua sustentabilidade pela sociedade. Para que sejam reconhecidas e valorizadas, é imprescindível que essas instituições promovam ações de comunicação voltadas à transparência e ao acesso à sua produção. E este tem sido o compromisso e o desafio assumido pela Rádio Uerj.

## PROMOVER O CONHECIMENTO E A CIDADANIA – O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Em “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”, o pensador Edgar Morin já alertava, no início dos anos 2000, para a necessidade de se ensinar o que realmente é o conhecimento e também o conhecimento pertinente, contextualizado, não fragmentado (MORIN, 2003). Da mesma forma, a educação deveria possibilitar ao sujeito o entendimento de sua condição humana, de sua identidade terrena, de reconhecer as incertezas e desenvolver novos conhecimentos a partir delas, como se autoconhecer e compreender o outro e agir sob uma ética do gênero humano, pautada na democracia, na cidadania e na solidariedade global. A educação do futuro deveria, então, contribuir para a formação de um cidadão pleno, consciente de seu lugar no tempo e no espaço, capaz de refletir sobre sua realidade e de buscar formas de transformá-la junto com o outro.

Sem dúvida, trata-se de um desafio e tanto para as instituições de ensino e também aos profissionais que nelas atuam lecionando, pesquisando e produzindo conhecimento. E uma pergunta logo surge: como fazer isso hoje?

A sociedade atual, globalizadora e globalizante, derruba fronteiras, inibe as diferenças e estabelece valores gerais, impostos pelas políticas de mercado e fomentados pelo marketing, pela publicidade, pelo estímulo ao consumir cada vez mais. O cidadão dá lugar ao consumidor global. Trata-se de uma globalização perversa, como conceituada por Milton Santos (SANTOS, 2002).

No entanto, as mesmas bases que possibilitam essa globalização perversa, sustentada pelo uso intenso das tecnologias de comunicação da sociedade em rede, podem igualmente propiciar as condições para uma 'outra' globalização, como ele mesmo destaca.

Talvez essa outra globalização seja um caminho para que se consiga promover a educação preconizada por Morin. “No plano teórico”, diz Santos, “o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um grande relato”, o que possibilita ao cidadão consciente, por meio de suas experiências cotidianas, “escrever uma nova história”.

Certamente, não há uma receita pronta, nem mesmo uma fórmula única que possa promover os saberes enunciados por Morin, mas sim um conjunto de ações e de atitudes que contribuam para a reflexão, apropriação e desenvolvimento do conhecimento, por meio dessa outra globalização.

Neste aspecto, as universidades, por meio da divulgação científica e cultural, desempenham um papel importantíssimo na promoção e gestão do conhecimento, não somente para dar visibilidade à produção acadêmica, mas, principalmente, para tornar os resultados de suas pesquisas acessíveis ao cidadão, para que este possa refletir sobre eles, aplicá-los no seu cotidiano ou mesmo questioná-los.

Como destacado por Santos (2002), as bases materiais já estão disponíveis, é preciso utilizá-las agora para esse propósito. Tornar esse conteúdo pertinente, contextualizado, não fragmentado e democrático deve ser visto como uma obrigação

Rádio UERJ: a universidade sem fronteiras. Relato de uma experiência pelas universidades e institutos de pesquisa — tanto pela utilização de um meio de comunicação acessível, como pela adoção de uma linguagem adequada ao seu público.

Traduzir esse conteúdo para uma linguagem radiofônica, de forma compreensível e atraente para o ouvinte, cumpre um duplo papel: educativo/informativo, possibilitando ao cidadão acesso a esse conhecimento e a possibilidade de aplicá-lo ao seu cotidiano; e de promoção e fortalecimento da imagem institucional da universidade frente à sociedade, dando maior transparência à sua produção e demonstrando a aplicação dos recursos.

Como destaca Margarida Krohling Kunsch:

“No mundo em que vivemos hoje, a universidade tem não só o dever mas a responsabilidade social de reproduzir sua pesquisa, de forma aberta, a toda a sociedade. Não se justifica mais uma produção científica enclausurada em arquivos e prateleiras, com restrito acesso de uma minoria privilegiada. É preciso democratizar a universidade”. (KUNSCH,1992)

Nada mais coerente com a história da Uerj, uma universidade pioneira em ações afirmativas no ensino, que se orgulha de ser socialmente referenciada, em promover também o acesso democrático à sua produção. E a Rádio Uerj é um dos canais existentes com esse objetivo, o que não é nada simples.

## RÁDIO UERJ – TECNOLOGIA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

Neste artigo, apresentamos a experiência vivida em 2018 na gestão da Rádio Uerj, alinhada a esse compromisso com a educação que se deseja promover. Para compreender a Rádio é necessário, primeiramente, apresentar o contexto em que ela está inserida: o Centro de Tecnologia Educacional (CTE).

O CTE da Universidade do Estado do Rio de Janeiro foi criado em 1976, com a atribuição de administrar os auditórios e salas de recursos audiovisuais do recém-inaugurado campus universitário Francisco Negrão de Lima. Nesses locais,

os técnicos do CTE operavam retroprojetores, monitores de TV, mesas de áudio, microfones e aparelhos de videocassete – tudo o que havia de mais moderno no âmbito tecnológico na época, a serviço de professores e alunos no processo de ensino e aprendizado.

Mais tarde, o CTE passou a dedicar-se também à gravação em áudio e vídeo das atividades universitárias: aulas, visitas ilustres, congressos, homenagens, palestras e eventos culturais foram registrados ao longo dos anos, num processo de construção da memória institucional e cotidiana da universidade. Assim, o Centro de Tecnologia Educacional constituiu um acervo diversificado, hoje à disposição para consulta da comunidade interna e do público em geral por meio de sua Videoteca.

Mas foi somente ao longo da década de 1990, que o CTE ampliou sua atuação, indo além do registro documental e suporte às atividades acadêmicas, passando também à produção de conteúdos em TV e vídeo, com uma equipe multidisciplinar composta por profissionais técnicos, estudantes e professores. A partir de então, diferentes materiais didáticos e programas foram criados, em parceria com as faculdades e institutos da Uerj.

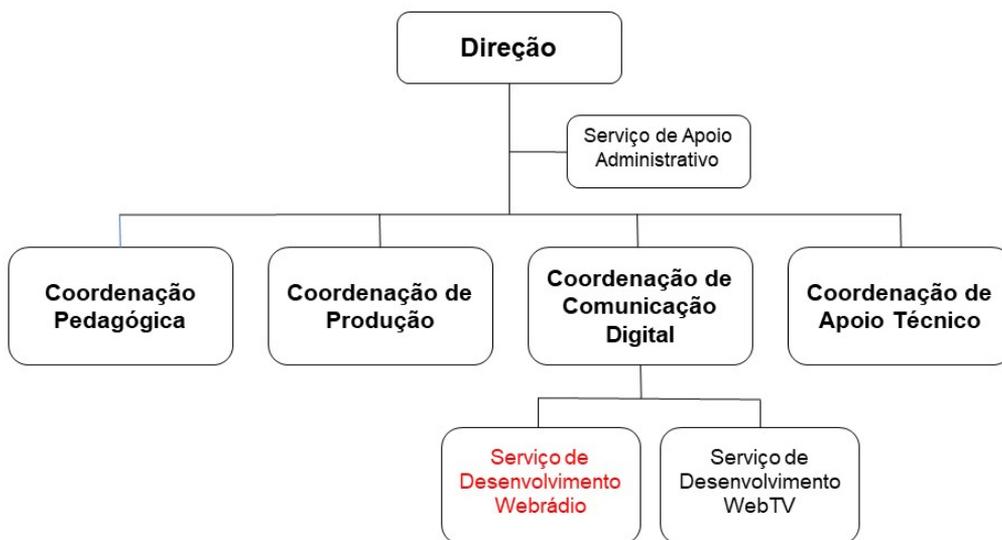
A partir dos anos 2000, a administração dos auditórios e salas de recursos audiovisuais foi transferida para a Prefeitura do campus e o CTE fortaleceu sua identidade como setor protagonista na produção de vídeo e de programas televisivos, veiculados tanto na TV aberta como a cabo, por meio do Canal Universitário do Rio de Janeiro (um pool de emissoras universitárias presente na grade de programação da Net Rio). A qualidade de sua produção foi reconhecida com a conquista de prêmios no Festival de Cinema e Vídeo de Gramado, em 2007 e 2008, e com o Prêmio Visibilidade das Políticas Sociais e do Serviço Social em 2014.

Contudo, só em 2005, buscando investir nas novas possibilidades abertas pela confluência dos campos da tecnologia e da educação, o CTE criou a sua webrádio, como mais um canal para a divulgação das atividades universitárias. Alguns anos depois, em 2012, seria a vez de a produção televisiva também ganhar o ciberespaço, com a estreia da TV Uerj na internet.

Durante toda essa trajetória, o Centro ampliou suas atividades e as parcerias com os demais setores da Uerj, visando contribuir para o aperfeiçoamento das atividades universitárias, adotando a tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico – além de investir em diferentes possibilidades multimidiáticas de produção e circulação da informação.

Vinculado à Sub-reitoria de Extensão e Cultura, o CTE (ver organograma) atua hoje no campo das tecnologias de educação e comunicação como um setor especializado na produção e divulgação do conhecimento por meio audiovisual. Aliado às atividades universitárias de ensino, pesquisa e extensão, busca contribuir para o diálogo da Uerj com a sociedade ao possibilitar que a universidade produza seus próprios conteúdos midiáticos, além de ampliar o acesso do público aos conhecimentos por ela produzidos.

Figura 1: Organograma do Centro de Tecnologia Educacional.



Fonte: Centro de Tecnologia Educacional da Uerj.

Em 2019, o CTE completou 43 anos de atuação como relevante ator na estrutura de extensão e cultura da universidade. Como a história demonstra, o Centro de Tecnologia Educacional da Uerj sempre teve uma ligação muito estreita

com a mídia audiovisual, televisiva. Sua experiência recente com o mundo do rádio já começa em um novo ambiente, a web. Trata-se de um duplo aprendizado, estruturar uma programação radiofônica e de forma convergente com os novos recursos apresentados pela internet e pelas redes sociais que ela oferece.

Desta forma, a Rádio Uerj nasce com os seguintes objetivos:

- Democratizar o acesso à produção de conhecimento da Uerj;
- Ampliar o diálogo entre a universidade e a sociedade;
- Contribuir para uma educação voltada a uma formação cidadã;
- Promover e fortalecer a imagem institucional da universidade, dando maior transparência à sua produção.

Para desempenhar seu papel, atualmente a Rádio Uerj conta com uma equipe bem reduzida, mas extremamente compromissada com a qualidade do trabalho.

Além da coordenadora, com formação em Comunicação Social, o time é formado por três técnicos de áudio, duas bolsistas graduandas em Comunicação Social e um bolsista de nível superior, também formado em Comunicação, que veio integrar a equipe em janeiro de 2019.

## DA TEORIA À PRÁTICA – UM ANO DE EXPERIÊNCIAS POSITIVAS

Em 2017, a crise fluminense iniciada no ano anterior atingiu duramente a Uerj e provocou uma inevitável descontinuidade nas atividades usuais do Centro de Tecnologia Educacional, e também da Rádio Uerj. Em 2018, no entanto, superado o pior momento da crise e regularizados os salários, foi possível retomar a produção e fazer desse ano um período muito produtivo. Mas não foi nada fácil. Entre os desafios enfrentados e soluções encontradas, destacam-se:

a) Estímulo à equipe – após mais de um ano de crise econômica e moral – com atraso e parcelamento no pagamento dos salários, períodos de paralisação, interrupção dos serviços básicos da universidade, como a limpeza do campus, etc –, era fundamental estimular a equipe para a retomada das atividades. Felizmente, o

CTE enfrentou os piores momentos da Uerj realizando uma grande reestruturação tecnológica e do seu espaço físico, graças à implementação de um projeto com recursos garantidos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), além da doação de mobiliário e outros itens obtida junto ao Comitê das Olimpíadas Rio 2016. Assim, foi possível reestruturar as instalações físicas do setor, que foi reinaugurado em julho de 2018. Todo esse movimento de renovação do CTE e da própria Rádio, que passou a dispor de modernos equipamentos e estúdios, garantindo melhores condições de trabalho, contribuiu para manter os profissionais (mesmo com a falta de salários) esperançosos por dias melhores. Com a retomada efetiva das atividades no início de 2018, a nova coordenação que assumiu a Rádio propôs como estímulos à equipe a reformulação editorial dos programas existentes e a criação de outros. Desde então, a relação com a equipe vem se dando por meio de um diálogo franco e democrático, em que críticas, sugestões e iniciativas são fomentadas, ouvidas e discutidas, em reuniões periódicas e mesmo no dia a dia. O *feedback* constante entre coordenação e equipe é uma prática muito positiva. Neste processo, há uma proximidade muito grande entre gestor e colaboradores. Percebe-se muito claramente que a gestão se coloca como parte da equipe e é vista por todos como tal, o que facilita o diálogo. A adoção desta forma de trabalho vem se refletindo no bom ambiente profissional e na qualidade das produções.

b) Reformulação da programação – a retomada dos programas existentes, com sua reestruturação editorial, e a criação de novos programas foram outros desafios. A partir de fevereiro de 2018, foi feita uma sondagem de opinião com os ouvintes por meio de divulgação de enquete na programação da rádio e pelo Facebook. A pesquisa colheu insumos que embasaram uma ampla revisão editorial da grade de programação e da dinâmica de produção dos programas. Evidenciou-se a necessidade de rever temas, periodicidade e duração dos programas existentes, de criar novas produções e dar mais visibilidade à Rádio tanto interna como externamente à Uerj. Após a reformulação editorial, a primeira estratégia adotada foi a divisão dos programas em temporadas, seguindo o cronograma do semestre

letivo. Com isso, os programas iniciaram a primeira temporada de 2018, veiculada durante todo o primeiro semestre letivo, composta por 9 episódios; e a segunda temporada, transmitida no segundo semestre, com 8. Um total de 17 episódios inéditos por programa, veiculados quinzenalmente, e reprisados em diferentes horários da grade.

c) Fortalecimento do compromisso com as unidades parceiras – a retomada da rotina de produção exigiu uma nova aproximação com as unidades parceiras e seus representantes. Inicialmente, foi realizada uma reunião com cada um dos parceiros, na qual foi apresentada a nova proposta editorial dos programas e a dinâmica das temporadas. Esta estratégia garantiu a periodicidade da programação e o compromisso dos parceiros com os prazos. As pautas passaram a ser discutidas em conjunto, com a equipe da Rádio participando não só da viabilização técnica dos programas, mas de toda a produção.

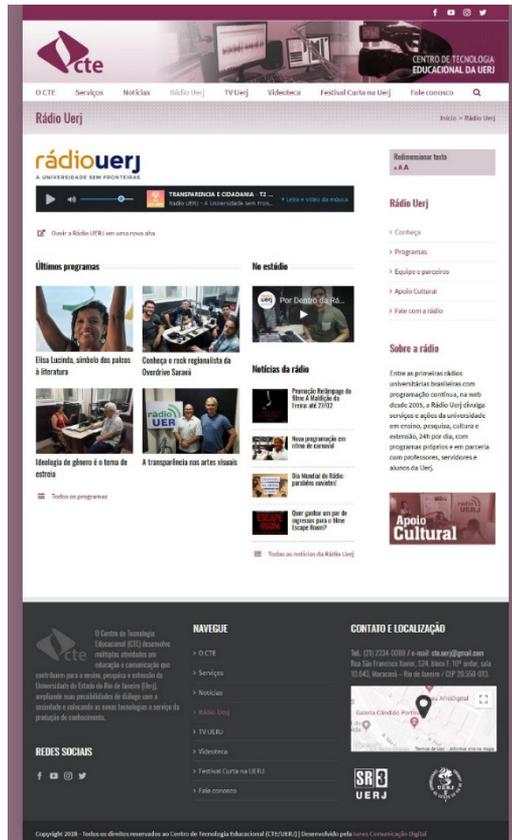
d) Criação de novos programas – com base nos insumos da pesquisa, iniciou-se um processo de identificação e contato com potenciais parceiros, o que viabilizou a criação de novos programas. Ao final de 2018, a Rádio já contava com o dobro de produções do primeiro semestre: de quatro programas regulares, passou para oito. E, atualmente, estão em produção mais quatro programas, subindo o número para 12.

e) Aproximação com as demais unidades e com a Faculdade de Comunicação Social (FCS) – a Rádio Uerj vem buscando se manter também como um espaço aberto para a participação dos alunos, tanto dos seus bolsistas, como daqueles vinculados aos programas parceiros, que podem atuar em nossas produções e receber apoio técnico para produções próprias ou de suas unidades acadêmicas. Essa proximidade é fundamental para uma rádio universitária, que também deve exercer um papel educativo. Os estudantes recebem orientação e são integrados aos setores de atividades da rádio. Além de terem uma visão técnica da rotina de uma emissora de rádio, os estudantes têm contato com diversos temas e realidades diferentes, adquirindo maior bagagem cultural e social. A Rádio tem buscado oferecer mais do que uma atividade laboratorial, constituindo uma experiência capaz de contribuir

Rádio UERJ: a universidade sem fronteiras. Relato de uma experiência para a formação de profissionais e cidadãos com visão crítica, abertos à pluralidade e comprometidos com o bem comum. Neste sentido, vale ressaltar a parceria com a FCS, reafirmada em 2018 com a retransmissão do programa A Gente da Ciência, produzido pelo AudioLab/FCS, e a veiculação ao vivo de produções discentes na programação da Rádio, como parte da disciplina de Radiojornalismo. Uma das propostas da Rádio é reforçar ainda mais os laços com a Faculdade de Comunicação em 2019, por meio de produções conjuntas.

f) Divulgação – uma das revelações da pesquisa realizada no início de 2018 pela *fanpage* da Rádio Uerj no Facebook foi o fato de que as pessoas seguiam a página da Rádio nesta mídia social, mas não ouviam efetivamente a programação da webrádio. Essa indicação evidenciou a necessidade de se adotar novas estratégias de divulgação, tanto interna como externamente. Na verdade, trata-se de um desafio contínuo. Com o *site* do CTE e o espaço reservado à Rádio no novo portal da Uerj, a audiência atingiu marcos nunca antes alcançados. Só em novembro de 2018, foram mais de 100 mil ouvintes. A média anual está em 20 mil ouvintes/mês. Outro fator importante foi a adoção de estratégias de SEO (*Search Engine Optimization*) nas postagens no novo *site* e nas mídias sociais, que certamente trarão resultados futuros positivos. Toda a produção da Rádio fica disponível para acesso a qualquer tempo em seu *site*, com sinopses e áudios de todos os programas: [www.cte.uerj.br/radiouerj](http://www.cte.uerj.br/radiouerj). Os áudios também são disponibilizados no MixCloud e toda a produção é divulgada na página do Facebook da Rádio e no seu novo canal no YouTube. A página no Facebook já conta com mais de 4 mil seguidores e o recém-criado canal do YouTube muito rapidamente atingiu a marca de 100 inscritos, obtendo URL própria: [www.youtube.com/radiouerj](http://www.youtube.com/radiouerj). Mas o trabalho de divulgação não se esgota nessas ações. O planejamento para 2020 já prevê a estruturação de uma campanha interna de divulgação.

Figura 2: Página da Rádio Uerj no novo site do CTE.



Fonte: Site do CTE (www.cte.uerj.br/radiouerj).

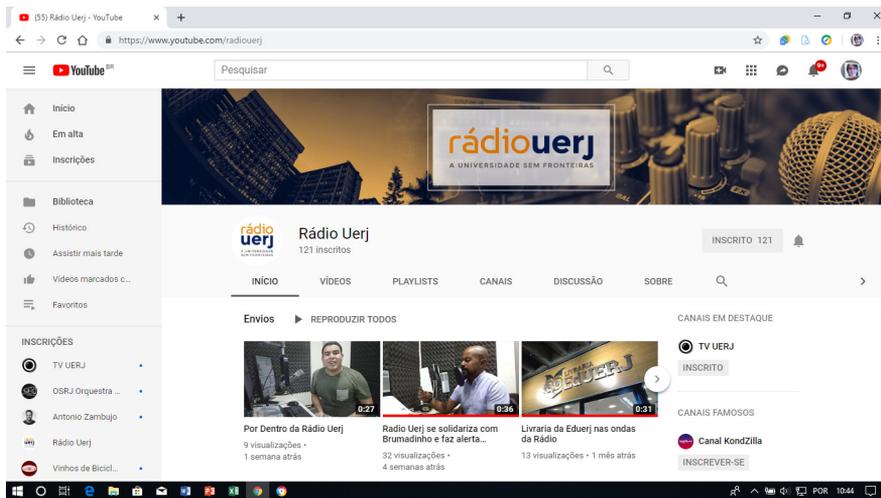
## Rádio UERJ: a universidade sem fronteiras. Relato de uma experiência

Figura 3: Fanpage da Rádio Uerj no Facebook.



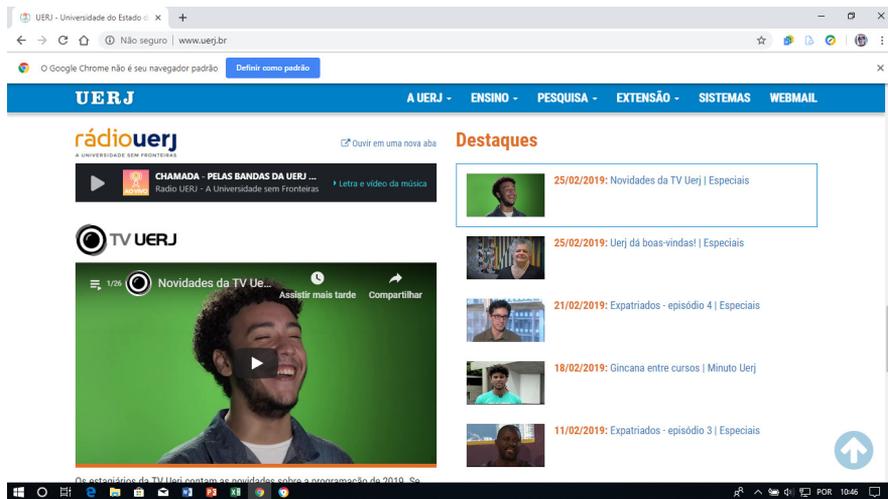
Fonte: Facebook ([www.facebook.com/radiouerj](http://www.facebook.com/radiouerj)).

Figura 4: Canal da Rádio Uerj no YouTube.



Fonte: YouTube ([www.youtube.com/radiouerj](http://www.youtube.com/radiouerj)).

Figura 5: Player da Rádio Uerj no novo portal da Universidade.



Fonte: Portal da Uerj (www.uerj.br).

g) Manutenção e ampliação da infraestrutura tecnológica e desenvolvimento da equipe – embora a webrádio tenha passado por todo um processo de reestruturação recentemente, é necessário garantir a manutenção e a ampliação dessa infraestrutura para que seja possível atender às expectativas de crescimento e abrangência da Rádio. Com a implementação de novos equipamentos, é possível transmitir a programação em espaços definidos no campus Maracanã, ampliando a divulgação da Rádio, bem como o acesso à sua programação. Com a aquisição de um transmissor 25 watts foi definido como espaço-piloto a nova livraria da universidade, inaugurada em janeiro de 2019. O projeto prevê ainda o mapeamento de outros pontos estratégicos no campus, para a posterior instalação de equipamentos que permitam a veiculação da Rádio Uerj. Outro desafio é o desenvolvimento de competências da equipe. Inicialmente, por demanda da Superintendência de Recursos Humanos (SRH), foi realizado um levantamento de necessidades de treinamento, que deverá ser viabilizado ao longo do ano. Mas o desafio maior será a obtenção de recursos

Rádio UERJ: a universidade sem fronteiras. Relato de uma experiência para ambas as frentes, que dependem de investimento da própria instituição e/ou externos.

O resultado de todo esse trabalho pode ser materializado nos números alcançados pela Rádio Uerj em 2018, mesmo contando com uma equipe enxuta. São eles:

- 99 programas produzidos, divididos em: Uerj Entrevista, Conteúdo Concreto, Pelas Bandas da Uerj, Idoso em Foco, Letras Pretas, Transparência e Cidadania, Uerj dá Samba e Technoite.
- 200 notas da Agenda de cursos, eventos, concursos e demais atividades da universidade divulgadas na programação da Rádio.
- 22 transmissões ao vivo de reuniões dos Conselhos Universitário e de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consun e Csepe).
- 6 especiais de *shows* ao vivo gravados do Teatro Odylo Costa, filho (no campus da Uerj).
- 3 programas especiais durante a Copa do Mundo - Da quadra ao quadro (física dos esportes).
- Total: 330 produções

## EXPERIÊNCIAS E ESPERANÇAS

Espera-se que este breve e objetivo panorama de um ano de experiências na Rádio Uerj possa contribuir para outras iniciativas similares, que, certamente, enfrentam desafios muito semelhantes. As “soluções” aqui apresentadas estão sendo testadas na prática e só o tempo e avaliações constantes demonstrarão sua validade e se realmente contribuem para o processo educativo conforme preconizado por Morin. No entanto, embora não se constituam como receita de sucesso, abrem caminho para a interlocução com outras experiências na área por meio da comparação de situações, dificuldades e resultados alcançados.

A opção por apresentar este relato de experiências se deu justamente neste sentido, de trazer os conceitos idealizados para a prática cotidiana, de erros e acertos, de desafios e conquistas. Gerir uma rádio universitária com objetivos tão desafiadores requer investimentos de longo prazo, que não apresentam resultados imediatos. Trata-se de uma longa e intranquila jornada em que surgem dificuldades muito além do fazer técnico da comunicação, como escassez de recursos e políticas internas e externas nem sempre positivas, além de vaidades pessoais e institucionais. Mas a perseverança e a crença de que vale a pena todo o esforço empreendido são o que motiva a continuidade no caminho. A Rádio Uerj está certa de que não está sozinha e espera trocar muitas experiências com outras emissoras universitárias, com fones e microfones abertos, sempre!

## REFERÊNCIAS

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e Comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo : Edições Loyola, 1992.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo : Cortez, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo : Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2002.

# RÁDIO UNIVERSITÁRIA 100,7 FM COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E EXPERIMENTAÇÃO

Kátia Fraga<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Estudantes da Universidade Federal de Viçosa (UFV) contam com um importante espaço para práticas acadêmicas e experimentações sonoras: a Rádio Universitária 100,7 FM. Neste artigo, destacaremos experiências relacionadas ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, diante da oportunidade de atividades radiofônicas desenvolvidas pelas ondas dessa mídia sonora.

A Rádio Universitária 100,7 FM é uma emissora Educativa, a qual com comprovada contribuição na formação acadêmica dos universitários. A concessão da emissora, inaugurada em 29 de agosto de 1996, é da Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural de Viçosa (FRATEVI)<sup>2</sup>, mas funciona em parceria com a UFV. A fundação, criada em 02 de janeiro de 1990, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, também detém a concessão da TV Viçosa, inaugurada em 5 de junho de 1992.

---

1 Doutora em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV); mestre em Comunicação, imagem e informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFV e membro do DIZ - Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença (UFV). E-mail: katiagraufv@gmail.com

2 A Fundação, segundo o site da entidade, funciona regularmente, com todos os Conselhos (Administração e Fiscal) devidamente compostos e ativos. A administração fica a cargo da Diretoria Executiva, aprovada no Conselho de Administração, sendo constituída pelo Diretor Presidente, pelo Diretor de Administração e Financeiro e pelo Diretor de Programação e Transmissão. Informações obtidas em <http://Fratevi.org.br/pagina-sobre>. Acesso: 20 de jan. 2019.

Os estúdios da Rádio Universitária e da TV Viçosa, bem como a sede administrativa da Fratevi funcionam nas casas 42 e 43 da Vila Giannetti, no Campus da UFV. A utilização dessa estrutura na Universidade foi possível mediante convênio de cooperação e parceria firmado com a Universidade Federal de Viçosa. É exatamente isso que torna possível a utilização dos espaços das mídias da Fundação para as práticas e experimentações acadêmicas.

A finalidade da Fundação, de “produzir e veicular programas de rádio e de televisão educativos e culturais, contribuindo assim, para a melhoria do ensino e da cultura regional, em todos os níveis”<sup>3</sup>, se coaduna com o caráter educativo da mídia radiofônica defendido por Roquette-Pinto desde a implantação da primeira emissora no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923.

Blois (2003, p.12) reitera a perspectiva de Roquette-Pinto e defende esse papel fundamental dessas mídias “no respeito à diversidade cultural e na identidade local nesses tempos de globalização”. Esse princípio é seguido pela 100,7 FM, conforme garante o diretor de programação e transmissão, Felipe Lopes Menicucci<sup>4</sup>.

O conceito de rádio educativo, todavia, vai além da concepção de rádio instrutivo, como seria classificado inicialmente, já que “as próprias emissoras estatais, educativas, culturais e universitárias, antes integrantes do Sistema Educativo do Rádio, buscam ampliar essa visão ao se classificarem como rádios públicas” (BAUMWORCEL, 2016, p. 4). A mídia contemporânea extrapola a circulação de saberes específicos, ocupando um lugar mais amplo no cotidiano dos sujeitos. “O rádio influencia a formação de mentalidade, de hábitos, de atitudes, de identidades, afetando a constituição de valores, conhecimentos e referências culturais”, sentencia Baumworcel (2016, p. 4).

Nesta pesquisa, o objetivo geral é apresentar experiências de ensino-aprendizagem desenvolvidas por estudantes de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) mediante a oportunidade de experimentação e ampliação de atividades acadêmicas. Para tanto, recorreremos, inicialmente, a

---

<sup>3</sup> Informações obtidas em <http://Fratevi.org.br/pagina-sobre>. Acesso: 20 de jan. 2019.

<sup>4</sup> Entrevista concedida à autora em fevereiro de 2019.

memória de ações coordenadas pela própria autora, como professora de Jornalismo da UFV e coordenadora de Comunicação da instituição por sete anos. Lançaremos mão, ainda, de depoimentos do diretor da emissora e de jornalistas, ex-alunos, que tiveram espaço na emissora por meio da veiculação de programas e/ou participação como estagiários.

## ESPAÇO UNIVERSITÁRIO COMO EXPERIÊNCIA PIONEIRA

A parceria entre a Rádio Universitária e o curso de Comunicação Social/Jornalismo viabilizou, dentre outras práticas, a criação do *Espaço Universitário*, que foi ao ar pela primeira vez no dia 16 de junho de 2007. O programa, com 15 minutos de duração, veiculado aos sábados, às 13 horas, foi o projeto pioneiro no ensino de radiojornalismo da UFV, por ser a primeira experiência permanente da produção radiofônica dos estudantes de Jornalismo (FRAGA, 2008).

A abertura do *Espaço Universitário* e de outras formas de experimentação na Rádio Universitária, o que veremos a seguir, reforça o processo de aprendizagem previsto nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo<sup>5</sup>, instituídas pelo Ministério da Educação (MEC), em 2013.

A ideia do projeto surgiu da necessidade de um espaço para dar visibilidade para as peças radiofônicas resultantes das atividades desenvolvidas na disciplina de Laboratório de Radiojornalismo<sup>6</sup>, sob a orientação da professora idealizadora do *Espaço Universitário*. Também passaram a ganhar visibilidade, produções resultantes de outras disciplinas relacionadas ao rádio, de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de projetos de extensão.

Nos programas, os estudantes utilizam as técnicas e os recursos do cenário radiofônico, com base nas discussões teóricas e práticas acadêmicas. As atividades de Radiojornalismo propiciam aos estudantes o exercício das rotinas da profissão,

---

5 Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category\\_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192)

6 Nomenclatura atual da disciplina, que na grade curricular anterior era Radiojornalismo I e II

com uma dinâmica real da produção da notícia, desde a elaboração da pauta, a realização de reportagens até a edição de programas de vários formatos e gêneros (BARBOSA FILHO, 2003), que podem ser veiculados na 100,7 FM.

O momento da realização de entrevistas e reportagens é sempre ponto alto das práticas, afinal, “é na reportagem que o jornalista se diferencia, levanta a notícia, investiga fatos, encontra novidades, gera polêmica e esclarece o ouvinte” (JUNG, 2004, p. 114). Essas atividades propiciam aos universitários a experimentação da criatividade com o uso de efeitos sonoros, músicas, informação, criação de quadros, vinhetas, dentre outras possibilidades, dentro de princípios éticos da área profissional.

Nessa experimentação, os estudantes aprendem com a teoria e a prática, diversas especificidades do processo midiático, entre eles o fato de que a locução ocupa no ato comunicacional lugar central de mediação (BARBERO, 2003), consolidada pela figura do locutor-apresentador ou âncora e também do repórter. Por isso, os alunos aprendem os mecanismos da performance (ZUMTHOR, 2000) para tornar mais eficaz o processo de comunicação, principalmente em relação as condições de expressão e de percepção.

## O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO PROGRAMA

O *Espaço Universitário* foi viabilizado exatamente por representar uma possibilidade de experimentação e visibilidade para os estudantes e para estimular a inserção de novos conteúdos e formatos dentro do caráter educativo da emissora. De acordo com Fraga (2008), após uma conversa prévia com a direção da Rádio Universitária em 2006, resultando na parceria que viabilizou o projeto, foi criado um concurso como parte das atividades da disciplina de Radiojornalismo para que os estudantes definissem um nome e o perfil do programa.

A turma foi dividida em seis grupos, cada um responsável por planejar o gênero e o formato da peça sonora e realizar a edição do programa piloto. A metodologia

incluía todo o processo de produção, desde a reunião de pauta, divisão de funções de pauteiros, repórteres, âncoras, diretor(a) e editor(a). Cada equipe discutiu linha editorial, importância e contribuição social no contexto radiofônico. Os grupos participaram de uma banca examinadora para defender relevância do programa. Todos os seis grupos apresentaram programas compatíveis com a proposta inicial e a partir dessa constatação, todos foram levados ao ar, não limitando a veiculação apenas ao modelo de um único projeto.

Por isso, o espaço semanal destinado para o Curso de Jornalismo na emissora não teve um nome específico de um programa, passando a ser demarcado como *Espaço Universitário*. A cada sábado, portanto, os estudantes teriam aproximadamente quinze minutos para apresentação de um programa, com título, formato e gêneros distintos, a partir de atividades realizadas em sala de aula.

## EXEMPLOS DE ALGUNS PROGRAMAS VEICULADOS

O *Pílula Científica*<sup>7</sup> abriu a primeira série de programas produzidos pelos alunos de jornalismo. Num formato atrativo e dinâmico, esse programa buscou aproximar o público do mundo da ciência. Os outros programas da primeira série do Espaço Universitário foram: *Feijoada*, *Viçosa em Ondas*, *Rádio Ciência*, *Cultura Ativa e Raízes da Cultura*.

Depois foi a vez dos primeiros documentários seriados, com a temática “Os Sentidos”: *Audição*, *Visão*, *Tato*, *Paladar*, *Olfato* e *o Sexto Sentido*. No segundo semestre de 2007, o *Espaço Universitário* apresentou uma série de radiojornais: *Esporte cast – o radiojornalismo esportivo como você nunca viu*, *Terra em transe*, *Identidades Culturais*, *Calimba*, *Rádio Foca*, *Intimidade e Ambiente em Foco*.

Ao longo dos anos, outras séries foram apresentadas no *Espaço Universitário*. Dentre elas, o que enfocou a temática “preconceitos”: *A Graça da Diferença*; *Maria Bonita - História e luta das mulheres*; *Todas as cores do amor*; *Um povo, muitas vozes*;

---

<sup>7</sup> Esse programa foi produzido pelos estudantes, na época, Ana Paula Camelo, Gerlice Rosa, Izabel Pompermayer, Rebeca Morato, Tarciane Vasconcelos, e Vinicius Wagner.

*Vaidade nossa de cada dia*. Depois desses documentários foi veiculada uma nova série de radiojornais: *Arte corporal, Caminho das Minas, Frigideira, Gol de placa – uma tabelinha com a História, Mulher Ativa, Tô dentro e Sobre o natural*.

Outro radiodocumentário seriado de destaque intitulado “Coisas de Minas”, vencedor do prêmio Expocom<sup>8</sup> Nacional 2011, contou com cinco episódios: *Dedin de Prosa, Pindurado no vapor, Minas de Fé; Delícias de Minas; e ih, pretensão nesse som, sô!*. A série buscou desvendar o que é “ser mineiro”, analisando as características da música, culinária, linguagem, da contação de causos, além da religiosidade, identificando peculiaridades do cotidiano desse povo acolhedor (SOUZA et al., 2011).

Os ouvintes da Rádio Universitária também descobriram questões cotidianas de trabalhadores que passam despercebidos. Na série de radiodocumentários *Profissões Invisíveis*, os estudantes retrataram a vida de garis, garçons, frentistas, empacotadores, motoristas e profissionais do ramo de segurança, evidenciando a importância de suas atividades e ao mesmo tempo a invisibilidade social dessas profissões (CAMPANHA et al., 2013).

Peças sonoras resultantes de Trabalho de Conclusão de Curso também têm espaço nesse programa. Um exemplo foi o radiodocumentário premiado *Nova Viçosa foi a gente quem fez*<sup>9</sup> (COUTINHO; FRAGA, 2014), rememorou a história de formação do bairro localizado numa região periférica de Viçosa. A luta pelos direitos básicos, a cultura com seus artistas locais e as histórias de superação foram levadas ao ar como forma de retorno e valorização desses moradores. Esse espaço de veiculação dificilmente seria possível numa emissora comercial.

Em muitas atividades de Radiojornalismo as turmas se dividiam e os grupos faziam trabalhos unitários, não seriados. Um exemplo é o radiodocumentário<sup>10</sup>, *Residentes da República*, retratando a vida em repúblicas, o dia-a-dia de quem

---

<sup>8</sup> Expocom é a maior exposição de trabalhos acadêmicos na área de Comunicação do país. O evento que faz parte do Congresso de Ciências da Comunicação - Intercom regional e nacional.

<sup>9</sup> *Nova Viçosa foi a gente quem fez* recebeu o prêmio Expocom Nacional 2014.

<sup>10</sup> Este radiodocumentário foi premiado no Expocom Regional Sudeste 2015.

mora em comunidades estudantis, as histórias e experiências de algumas repúblicas viçosenses (SANTOS FILHO, 2015).

Mais recentemente, o Espaço Universitário<sup>11</sup> transmitiu novas séries<sup>12</sup> com perfis diferenciados. *Brasil de prosa e verso*, levou ao público ouvinte, em 2017, informações sobre autores, personagens e obras marcantes da literatura brasileira - *Vinicius de Moraes: vida de poeta*; *Acorda antes da aurora: os sertões de Guimarães Rosa*; *O homem que morreu menino* (biografia de Fernando Sabino); *Voz da Seca* (especial sobre a obra de Graciliano Ramos); *A vida e a vida de Ana C.* (biografia da poeta Ana Cristina Cesar); *Cada qual que cuide do seu terreno: relatos e histórias de Quincas Borba*; *No Velho Trapiche* (história baseada no livro “Capitães de Areia” de Jorge Amado). E, ainda, a série de documentários sobre cultura popular, em 2018: *Acordes de Queluz*; *Maracatu: o bloco em Viçosa*; *Congado: cultura da fé, profano do povo*; *Nico Lopes: 88 anos de história*; *Marchinhas carnavalescas*; *Estação do Samba*; *Acampamento 13*; *Batendo na porta do céu*; *Dia de feira*; *For the benefit of music: os 50 anos do Sgt. Peper's*.

## FICÇÃO COMO INSTRUMENTO DE INFORMAÇÃO E ENTRETENIMENTO

No viés jornalístico, algumas produções utilizam ficção para dar uma roupagem diferenciada nas peças sonoras. Foi o caso de um programa jornalístico voltado para crianças. “*Uai, Trem!*” utilizou uma atmosfera lúdica de um trem voador que percorre vários países, destacando peculiaridades de cada um (NOGUEIRA et al., 2010). O diferencial desse radiojornal foi levar ao público do *Espaço Universitário* informação com ficção, efeitos sonoros, músicas e pesquisa histórico-cultural. Dessa

11 Muitas peças ou programas atemporais são reprisados algumas vezes, incluindo no período de férias escolares. A reprise é uma estratégia de conteúdo para o *Espaço Universitário* tendo em vista que nem sempre o curso dispõe de material para ocupar esse ambiente. Algumas vezes, esse ambiente é ocupado por programação musical, quando da ausência de produtos para irradiação.

12 Essas duas séries foram orientadas, excepcionalmente, pelo jornalista Felipe Menicucci, então professor substituto do Curso de Jornalismo, quando assumiu as disciplinas obrigatórias ligadas ao jornalismo radiofônico no período de treinamento para doutorado da coordenadora das disciplinas, Kátia Fraga.

forma, foi possível “transformar pensamentos, palavras e ações em imagens na mente do ouvinte” (MCLEISH, 2001, p.20).

A concepção do “*Uai, Trem!*” seguiu técnicas jornalísticas aliadas à criatividade e ludicidade. O âncora é um maquinista de um trem voador, que conduz os passageiros, no caso o público infantil, por países dos cinco continentes. Em cada país – México, Itália, África do Sul, Austrália e Japão – um repórter especial representa um cidadão e fala sobre curiosidades das regiões de forma leve e divertida.

Além da perspectiva jornalística, o entretenimento também ganhou força nas produções, principalmente com as atividades realizadas nas disciplinas optativas Ficção em Rádio; e Apresentação e Interpretação em Rádio e Televisão. As primeiras produções apresentadas nessa vertente na 100,7 FM incluíram as ficções *Turma das Laranjeiras*; *Dedo de Prosa*; *Não Vá se Perder por aí*; dentre outras.

As primeiras radionovelas produzidas por alunos que cursaram a disciplina “Ficção em Rádio” – *O homem que não existia* e *Pilastras do destino* – também chamaram a atenção dos ouvintes pela criatividade e inovação. Outro exemplo de entretenimento foram as dramaturgias oriundas de adaptações de contos, em 2010, como *A cigarra e a formiga*.

Algumas experimentações imbricaram narrativa ficcional com produção jornalística, a exemplo da peça sonora intitulada *Arthur Bernardes: o viçosense que ganhou o Brasil*, a qual conta a trajetória do ex-presidente do Brasil, nascido em Viçosa. O programa infantil começa com a visita de uma turma de estudantes ao museu Arthur Bernardes, em Viçosa. Durante a excursão, o guia José e a professora Márcia transportam os alunos para história de Bernardes. A peça sonora é marcada pela presença da rica imaginação do garoto Lucas, que recria em sua mente as cenas da trajetória do viçosense (FIALHO et al., 2013).

A dramatização em rádio é uma ferramenta valorizada por López Vigil (2003) em seu Manual Urgente para Radialistas Apaixonados. Dentre as várias possibilidades em encenações que dão vida aos personagens, o autor menciona que o ator no rádio

tem a possibilidade de experimentar os mais variados e finos matizes da interpretação sonora. Pode deleitar-se com as palavras, tem a disposição desde as inflexões mais sutis até as mais estridentes. Com o suspiro de amor ou um sussurro de agonia, poderá transmitir uma emoção intensa (LÓPEZ VIGIL, 2003, p. 164).

Portanto, o recurso da dramatização em algumas peças é propício para o desenvolvimento de várias técnicas da profissão como a locução, a criatividade e até mesmo a emoção. Além de contar histórias para divertir, a ficção também foi usada como instrumento de pesquisa, como na radionovela “Vivendo a Agroecologia”<sup>13</sup>, uma produção independente apresentada na 100,7 FM. Dividida em cinco capítulos, a radionovela conta a história de uma família de agricultores do interior de Minas Gerais que herdou o modo de produção com a utilização de agrotóxicos, defensores e maquinários agrícolas. Com o tempo, eles aprendem que existe a agroecologia, uma maneira diferente de cuidar do meio ambiente e da saúde, e de trabalhar a terra (PEREIRA; MOURA; FRAGA, 2015). Essa radionovela foi agraciada com o prêmio *Expocom Nacional 2015*, durante o *XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)*, no Rio de Janeiro.

Outro programa que associou ficção e pesquisa foi o radiojornal intitulado *De mala e cuia: um radiojornal educativo sobre a chegada da Família Real ao Brasil*. O radiojornal, premiado no *Expocom Nacional*, retratou com bom humor e ficção a vinda da Família Real para o Brasil, com reportagens e entrevistas fictícias sobre fatos da época, levando ao ar informações a respeito de um fato histórico de maneira lúdica (PAIVA *et al*, 2009). O *De Mala e Cuiá* pode ser classificado ao mesmo tempo como um radiojornal ao utilizar elementos da produção de notícias (FERRARETO, 2014; BARBEIRO; LIMA, 2001) e um programa do gênero educativo-cultural (BARBOSA FILHO, 2003).

---

13 A equipe responsável pela radionovela foi liderada pelo estudante Weliton Mateus e contou com a participação de Alerf Dornel, Angélica Almeida, Cleiton Campos, Larissa Cristina, Leandro Vieira, Lilian Moura, Paula Pereira, Ronan Santos, Tiago Rates, Vitor Meirelles e Wanessa Marinho. A orientação foi da professora Kátia Fraga, com o apoio, do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA).

## OUTRAS EXPERIMENTAÇÕES

Além do *Espaço Universitário* outras formas de experimentação de estudantes de Jornalismo da UFV tomaram corpo na programação da 100,7 FM. Uma das experiências pioneiras foi o *Alternativa 100*, programa semanal independente<sup>14</sup> de uma hora de duração, apresentado ao vivo<sup>15</sup> pelo então estudante de Jornalismo, Leonardo Pereira<sup>16</sup>, da primeira turma do curso de Jornalismo da UFV, em 2001. Segundo ele, o foco era tocar um tipo de música diferente da programação convencional, entremeando com fatos e curiosidades sobre canções e artistas, incluindo famosos e bandas desconhecidas.

O gosto comum pela música uniu três amigos no Adegas Musical<sup>17</sup>, em 2008. A iniciativa de Lúcio Érico, Saulo Rios e Matheus Lima<sup>18</sup> resultou na resenha semanal sobre discos e artistas importantes para a música brasileira e mundial, mas que perderam espaço para a produção musical presente nos meios de comunicação. Um dos idealizadores detalhou a produção:

Consistia em apresentar a cada edição um disco, músico ou banda, e falávamos sobre seu estilo e sua importância histórica para a música. Fazíamos comentários e intercalávamos com canções. Não nos prendemos a uma época ou estilo, era uma produção muito livre a esse respeito. Por exemplo, Lenine foi um compositor abordado num programa inteiro; outro, trouxe somente o disco Tim Maia; Racional; depois, Hendrix; Los Hermanos; Clube da Esquina; Sgt. Peppers; Mutantes (Mateus Silva, entrevista concedida à autora em janeiro de 2019).

---

14 Independente aqui significa iniciativa(s) de estudante(s) sem vinculação com disciplinas do Curso.

15 Ao vivo significa que a transmissão ocorre no momento em que o programa vai ao ar, sem gravação prévia.

16 Informações obtidas por depoimento enviado à autora em janeiro de 2019.

17 Informações fornecidas por Lúcio Érico e Mateus Lima da Silva. Outros detalhes disponíveis em <http://adega-musical.blogspot.com/>

18 Na ocasião da criação do programa, dois idealizadores, Lúcio e Saulo eram estudantes de jornalismo e Mateus já tinha concluído o curso.

O Adegas Musical teve 26 edições, transmitidas na 100,7 FM ainda em 2008. Em alguns casos, programas produzidos como parte de atividades acadêmicas tornaram-se independentes em edições posteriores veiculadas na Rádio Universitária. *Território Livre*, por exemplo, foi uma das experimentações inovadoras. O radiojornal criado na disciplina de Radiojornalismo foi veiculado no *Espaço Universitário* e tornou-se um piloto para novas edições com as temáticas *Liberdade, Proteção, Música, Rótulos, Diversão, Ciência, Tempo e Energia*. Para tanto, em 2009, ganhou espaço diferenciado na grade da 100,7 FM. *Território Livre* explorava aspectos da linguagem hipertextual, com reportagens de interesse local e global. O diferencial era a exibição simultânea pela Rádio Universitária (no dial e na internet<sup>19</sup>) e pelo *blog*<sup>20</sup> criado pelos estudantes produtores.

Seguindo a linha de reportagem multimídia, o programa propiciava ao ouvinte-internauta acompanhar vários ângulos de um mesmo fato pelos conteúdos complementares desde entrevistas na íntegra, relatos dos repórteres sobre suas experiências de apuração, galeria de fotos e vídeos dos locais das reportagens, até dicas de postagens externas para ampliar o potencial de conhecimento sobre um determinado assunto (ARAÚJO, 2010). *Território Livre* foi premiado na modalidade Produção Multimídia da Expocom Nacional 2010.

Uma das integrantes da equipe do *Território Livre* relatou que esse espaço foi de extrema importância na sua formação:

A proposta do *Território* era, a cada programa, pegar uma palavra ou expressão e explorar os diversos significados e possibilidades dele(a). Foi a primeira oportunidade que tive de vivenciar na prática a produção, reportagem e edição para rádio. Era uma alegria enorme escutar o programa no ar. Além do aprendizado proporcionado, o *Território Livre* nos valeu um prêmio nacional (Fernanda Pônzio, jornalista. Entrevista concedida à autora em janeiro de 2019).

---

<sup>19</sup> [www.rtv.ufv.br](http://www.rtv.ufv.br)

<sup>20</sup> <https://programaterritorialivre.blogspot.com/>

Já na área de jornalismo científico, uma experiência de destaque que uniu pesquisa e ficção foi o *Fala Mundico*. O programa de divulgação científica rompeu as barreiras entre a UFV e a comunidade, facilitando o acesso ao conhecimento produzido em pesquisas na Universidade. As inovações científico-tecnológicas eram apresentadas aos ouvintes pelo personagem Mundico, um típico homem rural que acompanha as pesquisas realizadas na UFV.

Atualmente, fazem parte da grade da 100,7 FM outros programas independentes de estudantes de Jornalismo. *Disco Voador* apresenta os lançamentos da música nacional e internacional, divulgando singles e álbuns mais novos de vários artistas e bandas. Os lançamentos explosivos podem ser conferidos toda terça, de 10:30 às 11:30. Já o *New Game* é um programa dedicado ao mundo games, abordando os jogos eletrônicos, de cartas, de tabuleiro. Fruto de um projeto de extensão da UFV, criado em 2016, vai ao ar toda sexta, às 20h com reprise nos sábados às 13h. Para quem gosta de esporte, pode conferir o *Na Área*, segunda e quarta, 18 horas; e o *Resenha da Luve*<sup>21</sup>, quinta, 18h30. Já o *100, Rock*, resultado de um TCC, é dedicado ao Rock, apresentando toda quarta, às 10h30, sucessos nacionais e internacionais e histórias de bandas<sup>22</sup>.

## ESPAÇO PARA EXTENSÃO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL

Anteriormente, já mencionamos alguns projetos de extensão de estudantes da UFV que conquistaram espaço na grade de programação da 100,7 FM. Todavia, vale destacar o Radiojornal “O Expresso”, uma ramificação do projeto de mesmo nome na versão de jornal-mural<sup>23</sup>, voltado para usuários de transporte coletivo de

---

21 Associação Atlética Acadêmica da UFV.

22 <http://fratevi.org.br/programas/radio>

23 O projeto de extensão “O Expresso” no formato jornal-mural foi criado pela professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo, Laene Mucci, em 2011. Em 2016, o projeto foi expandido para o rádio, sob a coordenação da professora Kátia Fraga. Em 2017, o então professor substituto, Felipe Menicucci integrou a equipe e orientou a oficina realizada no Presídio de Viçosa.

Viçosa. O programa foi veiculado na Rádio Universitária em 2016 e 2017, sempre na primeira quinta-feira de cada mês, com reprise no domingo.

Em cada edição, a equipe do projeto, conversava com os passageiros dentro dos ônibus ou nos pontos de parada e eles sugeriam assuntos que gostariam de ouvir no programa, além de serem entrevistados, de contarem suas histórias, fazerem desabafos, etc. As práticas seguiram os preceitos da Comunicação Comunitária (PERUZZO, 1999). Na comunidade Vau Açu, por exemplo, onde a equipe realizou uma oficina de capacitação, os adolescentes do local faziam entrevistas nos pontos de ônibus sobre os assuntos mais falados na comunidade naquele mês (MAGALHÃES et al., 2016).

Com sua vocação comunitária, a Rádio Universitária apoia iniciativas que valorizem o regionalismo, a cultura local. Dentre elas, a série de radiodocumentários intitulada *Gengibre: raízes da cultura popular nas ondas sonoras*<sup>24</sup> vencedora do prêmio Roquette-Pinto<sup>25</sup>, promovido pela Associação de Rádios Públicas do Brasil (ARPUB), com apoio do Ministério da Cultura e patrocínio da Petrobras. A série teve doze episódios sobre a cultura popular na Zona da Mata mineira: Ancestralidade e cultura popular; Guardiões da Memória; Manifestações e festividades populares – folguedos e eventos; Artistas; Personagens populares do cotidiano da comunidade; Juventude e identidade cultural; Religiosidade; Comida; Causos; Brincadeiras; Ruralidade e urbanização; e Influência da mídia na cultura popular. O trabalho contribuiu para a valorização dos saberes e expressões culturais da cidade de Viçosa e das regiões circunvizinhas (BRAZ; FRAGA, 2012). BLOIS (2003, p.12) defende exatamente que as programações das rádios educativas devem ser construídas “com as raízes de uma comunidade - a de cada uma - que tem história, valores, cultura

---

24 Os autores do radiodocumentário seriado premiado são: Fernanda Mendes Viegas; Luiz Nemer Neto; Monizy Amorim da Rocha Brás; Murilo Rodrigues Alves; Pedro Ivo Nunes Almeida; Samanta Martins Nogueira; Titina Maia Cardoso (estudantes do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo na época da produção) e Kátia Fraga, coordenadora do projeto e professora de Radiojornalismo do Curso.

25 O Prêmio Roquette-Pinto foi o I Concurso de Fomento à Produção de Programas Radiofônicos, em 2010.

e, mais do que tudo, identidade que se espera preservada”, sem perder a visão de mundo.

## ESTÁGIO COMO OPORTUNIDADE DE PRÁTICA E FORMAÇÃO

O estágio<sup>26</sup>, obrigatório na formação dos estudantes de Comunicação Social<sup>27</sup>, também é oferecido pela Fratevi em três núcleos: de jornalismo da Rádio Universitária; de jornalismo da TV Viçosa; e de produções especiais. É um momento em que a rotina da redação jornalística é colocada em prática de forma dinâmica, com a produção de pautas, realização de reportagens e entrevistas numa mesma jornada, e cumprimento de horários de entradas estabelecidos na grade de programação. Outro aspecto importante no estágio é a oportunidade de integração as dinâmicas coletivas. Para além das técnicas do jornalismo, é fundamental a adequação a rotina do trabalho em equipe.

O estudante passa a valorizar mais os ensinamentos de sala de aula, como reconhece Menicucci, que aproveitou todos os espaços oferecidos na época de estudante, desde a veiculação de programas de rádio até a participação no estágio:

Estar na rádio na época de estudante foi um dos motivos que me fizeram continuar no curso, inclusive. Tive um gás novo, uma vivência diferente. Foi um complemento de formação que a gente tinha em sala. Era um espaço de renovação do que eu entendia ser jornalista (...) aí foi esse espaço mesmo de confirmação e de renovação que eu queria ser jornalista.

---

26 A obrigatoriedade do estágio para estudantes de Jornalismo está prevista nas novas Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação (MEC), de 2013. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category\\_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 20 de jan.2019.

27 Mesmo antes da obrigatoriedade, os estudantes faziam estágio remunerado na Rádio Universitária e na TV Viçosa, quando essas mídias integravam a Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) da UFV. Em 2017, as mídias ficaram exclusivamente ligadas a Fratevi, fundação que tem a concessão da rádio e da televisão, conforme mencionamos anteriormente. Atualmente, a Fundação oferece estágio não remunerado em função da situação financeira da entidade, segundo Felipe Menicucci.

A experiência de estágio deixa marcas a partir das vivências de ex-alunos, como menciona o jornalista Marco Túlio Câmara:

Fiz um ano de estágio na rádio, passando por todas as áreas (produção, reportagem e edição) e foi uma experiência inesquecível e enriquecedora. A gente pôde ver, na prática, a rotina jornalística com desafios diários em grandes coberturas e entradas ao vivo. Foi uma excelente oportunidade de colocarmos em prática tudo que aprendemos na sala de aula em relação ao dinamismo, linguagem, roteiro e a produção do rádio. Amadureci muito como profissional e pessoa, a partir dos contatos com diversos assuntos e pessoas, sempre com o dinamismo que o rádio prega” (Marco Túlio Câmara, jornalista. Entrevista concedida à autora em janeiro de 2019).

A diversidade de atividades foi um ponto forte destacado por outro estagiário:

Na Universitária passei por diversos processos da construção da notícia: apuração, produção, gravação e divulgação. Atuei como repórter, produtor, editor e apresentador. Foi também pelas ondas da 100,7 FM que cobri grandes eventos como eleição municipal e Semana do Fazendeiro. Tive a oportunidade de exercer na plenitude o jornalismo estando junto à população em pautas cotidianas dando voz aos ouvintes e cobrando o poder público (Pablo Campos, jornalista. Entrevista concedida à autora em janeiro de 2019).

Para a jornalista Fernanda Viegas, atuar como bolsista foi uma possibilidade de imersão. Ela destacou o fortalecimento das teorias na prática, a habilidade de lidar com a parte técnica, além do “relacionamento com a equipe de trabalho, das experiências com fontes diversas em pautas e também na condução em estúdio”. Outra sinalização positiva foi “a troca de conhecimento com professores, orientadores e profissionais do rádio me ofereceu um combo estratégias e ajuda na formação como profissional”<sup>28</sup>.

O estágio tem contribuído, ainda, para a inserção no mercado de trabalho. O jornalista Pablo Campos, por exemplo, concluiu a graduação no curso de

---

<sup>28</sup> Entrevista concedida à autora em janeiro de 2019.

Jornalismo da UFV e desde então atua no meio radiofônico. “A bagagem que o estágio da Universitária me proporcionou foi essencial para abrir as portas como jornalista formado”, sentencia Campos. A mesma situação foi vivida pelo jornalista Marco Túlio Câmara. “Com o dinamismo e a experiência obtida na rádio, foi fácil me adaptar às exigências do mercado e conseguir desenvolver trabalho ético e profissional”, frisa Câmara, que foi contratado depois de alguns meses de formado como coordenador de jornalismo da Rádio Universitária.

É muito gratificante voltar onde aprendemos tanto e poder passar um pouco para os outros estagiários nossas vivências, experiências e olhares. Estar à frente de uma rádio tão respeitada no meio acadêmico e Viçosense foi um desafio e uma honra! Sem dúvida, a experiência anterior me construiu como profissional e fez com que eu galgasse essa e outras oportunidades tão ricas à minha formação e experiência. Levar uma extensa programação jornalística ao ar não é fácil, mas é extremamente prazeroso. Receber o retorno da população é gratificante e é a certeza que o trabalho feito com muito amor e empenho não é em vão. A Rádio Universitária é uma escola e uma emissora de extrema qualidade e respeito, com grande potencial! (Marco Túlio Câmara, jornalista. Entrevista concedida à autora em janeiro de 2019).

A também jornalista graduada na UFV e ex-estagiária, Fernanda Pônzio, foi mais uma contratada pela Fratevi logo após a colação de grau. Depois de atuar alguns anos na área de televisão, atualmente é assessora de comunicação da Seção Sindical dos Docentes da UFV (ASPUV), entidade que permitiu a retomada do vínculo com a Rádio Universitária. Fernanda produz, com a ajuda de estagiários, um radiojornal quinzenal da entidade.

O sentimento de reconhecimento por parte de ex-estudantes da UFV que tiveram a oportunidade de estagiar na Universitária FM é comum nos depoimentos, a exemplo do que destacamos aqui:

Carrego uma gratidão enorme aos profissionais que trabalharam e trabalham na rádio, que tanto me ajudaram/ajudam e ensinaram/ensinam! **Reafirmo ainda a minha crença no potencial gigante que a *Universitária* tem enquanto canal educativo, capaz de levar informação e conteúdos de qualidade à**

**comunidade viçosense** (Fernanda Pônzio, jornalista. Entrevista concedida à autora em janeiro de 2019, grifo nosso).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo apresentamos algumas oportunidades de experimentação na Rádio Universitária 100,7 FM. As práticas acadêmicas desenvolvidas por estudantes de Jornalismo são possíveis em função da parceria entre a Fratevi, que tem a concessão da emissora, e a UFV. A mídia oferece um importante espaço auxiliar, potencializando as atividades de ensino, principalmente. A direção da 100,7 FM abraça projetos e programas coordenados por professores e também aqueles de caráter independente, desenvolvidos por iniciativa de estudantes.

Trata-se de um espaço privilegiado e, ao mesmo tempo, uma forma de incentivo para que os estudantes tenham sua produção valorizada com a veiculação de produções acadêmicas. O estágio também foi apontado como um ponto forte na experimentação dos estudantes, no qual os estudantes bolsistas podem atuar em diferentes etapas da produção da notícia, desde pautas, reportagens, entrevistas, apresentação de radiojornais, etc. Nos relatos desta pesquisa, ex-estagiários demonstraram reconhecimento pelo fato de atuar no ambiente real das rotinas de produção jornalística ter contribuído para a vida profissional.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Thiago Oliveira de; PÔNZIO, Fernanda do Carmo; NEMER NETO, Luiz; COUTINHO, Maristela Guedes Leão; ODA, Michelly Akemi; NOGUEIRA, Samanta Martins; FRAGA, Kátia de Lourdes. **Território Livre: Experimentação Radiofônica Hipertextual**. In: XVII Prêmio Expocom 2010 – Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação, Caxias do Sul, 2010.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio. São Paulo, Paulinas, 2003.**

BAUMWORCEL, Ana. **Desafios do Rádio Educativo no Brasil.** In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2601-1.pdf>. Acesso em: 20 de jan.2019.

BLOIS, Marlene. **Rádio educativo no Brasil: uma história em construção.** In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/125264023715941274770374088408981912085.pdf>. Acesso em: 20 de jan.2019.

BRAZ, Monizy; FRAGA, Kátia. **Gengibre: raízes da cultura popular nas ondas sonoras.** In: XIX Prêmio Expocom 2012 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, Fortaleza, CE, 2012).

CAMPANHA, Isabela Careta; CAMPOS, Pablo Coutinho; MATTOS, Marina Carvalho Valadão; SANTANA, Jéssica; CÂNDIDO, Cristiane Raquel Ferreira; GOMES, Laura Rosa; FRAGA, Kátia de Lourdes. **“Profissões Invisíveis”: produção seriada de radiocdocumentários.** In: XX Prêmio Expocom 2013 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, Manaus, 2013.

COUTINHO, Pablo Campos; FRAGA, Kátia de Lourdes. **Nova Viçosa foi a gente quem fez.** In: XXI Prêmio Expocom 2014 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, Foz do Iguaçu, 2014.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2014.

FRAGA, Kátia. **Espaço Universitário: uma sintonia com a produção acadêmica.** In: Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) - 11º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, São Paulo, 2008.

FIALHO, Rafael; PONTELO, Betânia; PACHECO, Felipe; NUNES, Ana Paula; DALLA, João; FRAGA, Kátia. **Arthur Bernardes: o viçosense que ganhou o Brasil.** In: XX Prêmio Expocom 2013 – Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação, Manaus, 2013.

MAGALHÃES, Letícia Gusmão Oliveira; SILVA EPIFANIA, Maria Clara da; FRAGA, Kátia. **Radiojornal O Expresso** In: XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Salto-SP, 2016.

MAGALHÃES, Letícia Gusmão Oliveira; SILVA EPIFANIA, Maria Clara da; FRAGA, Kátia; MENICUCCI, Felipe. **Radiojornal O Expresso – A prática do jornalismo comunitário**. In: XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste –Volta Redonda-RJ, 2017.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo Paulinas, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

NOGUEIRA, Samanta; PÔNZIO, Fernanda; NEMER NETO, Luiz; COUTINHO, Maristela; ODA, Michelly; ARAÚJO, Thiago; FRAGA, Kátia. **“Uai, Trem!”: uma experimentação radiofônica para o público infantil**. In: XVII Prêmio Expocom 2010 – Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação, Caxias do Sul, 2010.

PAIVA, Maristela; NUNES, Ana Paula; BENTO, Mônica; MACIEL, Gabriela; AZEVEDO, Mariana; FRAGA, Kátia. **De Mala e Cuia: um radiojornal educativo sobre a chegada da Família Real no Brasil**. In: XVI Prêmio Expocom 2009 – Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação, Curitiba, 2009.

PEREIRA, Weliton Mateus; MOURA, Lílian Christiane; FRAGA, Kátia de Lourdes. **Vivendo a Agroecologia: uma radionovela alternativa**. In: XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS FILHO, Robson Evangelista dos; MACIEL, Laryssa Cristina Rocha; PEREIRA, Weliton Mateus; OLIVEIRA, Jorge Luiz; ABREU, Larissa; FRAGA, Kátia de Lourdes. In: XXII Prêmio Expocom 2015 – **Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação**, Rio de Janeiro, 2015.

SOUZA, Nayara Luiza de; ARAÚJO, Murilo Silva da; CORSINO, Maria Clara; OLIVEIRA, Erick Ulysses Alves de; DIAS, Samantha Gomes; FERNANDES, Daniel; FRAGA, Kátia de Lourdes. **Coisas de Minas: Série Radiofônica sobre as particularidades do “ser mineiro”**. In: XVIII Prêmio Expocom 2011 – Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação, Recife, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

## AGRADECIMENTOS

Aos estudantes e ex-alunos de Jornalismo da UFV, que colaboraram enviando informações sobre suas produções e para quem veiculou e/ou continua apresentando programas na Rádio Universitária.

Ao diretor da Fratevi, Felipe Lopes Menicucci, pela entrevista concedida.

# ÓBVIO ULULANTE: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária<sup>1</sup>

Luiza Aguiar dos Anjos<sup>2</sup>

Marina de Mattos Dantas<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

No dia 20 de maio de 2010, foi ao ar pela primeira vez o programa Óbvio Ululante, primeiro programa da Rádio UFMG Educativa<sup>4</sup> a tratar especificamente de futebol. Desde então, o programa mantém-se com veiculação semanal, alcançando em 2019 sua décima temporada.

Participando desse percurso integrando a equipe de produção e apresentação, vivenciamos o desafio de dar conta da proposta tão indefinida quanto necessária de realizar algo diferente das emissoras comerciais. Ao longo desses nove anos, testamos formatos e conteúdos, e avaliações a cada temporada nos permitiram trabalhar a ideia de “fazer diferente”.

---

1 Este trabalho é uma versão atualizada de: DANTAS, M.; ANJOS, L. Óbvio Ululante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária. *Pensar em Prática*, v. 22, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/48818>. Acesso em: 02 out. 2019.

2 Professora de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG). Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

3 Psicóloga. Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Pós-Doutoranda em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

4 A Rádio UFMG Educativa surgiu em 2005 como fruto de uma parceria entre a UFMG e a Empresa Brasil de Comunicação. A emissora pode ser sintonizada na frequência 104,5FM ou através da internet pelo sítio eletrônico [www.ufmg.br/radio](http://www.ufmg.br/radio).

Esse capítulo propõe uma análise dessa trajetória, refletindo não apenas acerca do produto que veiculamos, mas também sobre as condições e processos que permitiram e motivaram sua constituição e as perspectivas políticas que o apoiam.

Para isso, em um primeiro momento do texto, traçamos um breve histórico sobre as rádios educativas e universitárias e quais conceitos as norteiam. Posteriormente, falamos um pouco sobre a presença do futebol no rádio e, em seguida, apresentamos o Programa Óbvio Ululante e as principais mudanças na sua produção até o ano de 2018, nove anos após a sua estreia, expondo reflexões sobre esse processo.

## EDUCAÇÃO NO RÁDIO: as rádios educativas e as rádios universitárias

O fato do programa Óbvio Ululante ser veiculado na Rádio UFMG Educativa não é irrelevante ou ocasional. Criado como ação de extensão universitária, o desenho e o conteúdo do programa visaram, desde sua origem, respeitar os princípios que uma emissora universitária deve atender.

Em termos legais, uma rádio universitária é uma das configurações possíveis de uma rádio educativa<sup>5</sup>, emissoras fruto de concessões oferecidas a instituições diversas – universidades, fundações ligadas a empresas privadas, governos federal, estadual ou municipal – para implementação de serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens com objetivo exclusivo de produção educativa<sup>6</sup> (CARMO-ROLDÃO, 2006).

---

5 Na legislação, uma emissora de rádio pode ser classificada como educativa, comercial ou comunitária. As funções e particularidades de uma rádio universitária não são apontadas no Código Brasileiro de Telecomunicações, limitando-se a enquadrá-las como rádios educativas, apesar delas representarem 40% da rede de radiodifusão educativa do país (CARMO-ROLDÃO, 2006). As funções de uma emissora universitária apontadas ao longo do texto são, dessa maneira, reflexões a partir da literatura acadêmica que trata do tema, e não apontamentos a partir de determinações legais. Não há menção específica às rádios universitárias que, por suas características, se inserem no primeiro grupo. Carmo-Roldão (2006) destaca que elas representam cerca de 40% da rede de radiodifusão educativa do país.

6 A outorga de concessões, permissões e autorizações é regulamentada pela Portaria Interministerial n°651, de 1999.

Óbvio Ululante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária

Apesar das rádios educativas hoje representarem uma minoria no total de emissoras em funcionamento no país, cabe destacar que intenções educativas estiveram presentes desde os primórdios desse meio de comunicação. Notório exemplo disso é o caso da Rádio Sociedade, reconhecida como a primeira emissora nacional, que apresentava como objetivo a democratização da informação de forma barata, rápida e eficaz, que possibilitasse educar toda a população (MASSARANI, 1998; ORTRIWANO, 1985). Outras rádios similares vieram a ser criadas e foi apenas a partir de meados da década de 1930 que as emissoras adquiriram um caráter mais popular (MELLO, 2005). Ainda assim, iniciativas como o Universidade no Ar (década de 1940), o Movimento Educação de Base (década de 1960) e o Projeto Minerva (década de 1970) são exemplos de como o rádio continuou a ser explorado para fins educacionais (CARMO-ROLDÃO, 2006).

Cabe ressaltar que tal investimento na educação através do rádio não se deu por acaso. O rádio e a imprensa foram instrumentos privilegiados de estímulo do patriotismo nos anos 1930, uma vez que fortemente controladas e utilizadas em benefício próprio pelo Estado. Assim, a educação oferecida nessas emissoras emergentes se insere em um projeto de formação do cidadão brasileiro, mais ilustrado e que pudesse adequadamente compor essa nação que queria se fazer moderna. Da mesma maneira, os esportes, sobretudo o futebol, eram apropriados como mecanismo na formação de uma identidade nacional (DRUMOND, 2009).

Na legislação atual, são reconhecidos como programas educativo-culturais aqueles que atuam junto à sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, ou ainda aqueles que contemplam ações de divulgação educacional, cultural, pedagógica ou orientação profissional (BRASIL, 1999). Como previamente mencionado, as emissoras educativas devem dedicar-se integralmente a tais programações, e não devem ter fins lucrativos. Sabe-se, contudo, que muitas emissoras educativas reproduzem o que é feito nas rádios comerciais, assim como emissoras funcionando sem concessão podem ser caracterizadas como educativas, pelo conteúdo que veiculam. Nesse sentido, concordamos com Carmo-Roldão

(2006) que a conceituação de uma rádio educativa não deve ter como referência apenas a forma de concessão, mas principalmente a sua programação<sup>7</sup>.

Para alcançar o formato, o conteúdo e a programação que forjem seu caráter educativo, acreditamos que uma emissora deve: oferecer uma programação variada, de modo a atender um público diverso e colaborar com na democratização de múltiplos e diferentes saberes; contribuir para a educação não-formal, oferecendo programas não apenas informativos, mas que estimulem a reflexão; valorizar questões regionais (acontecimentos, problemas sociais, tradições culturais); dar visibilidade para as diferentes formas de expressão artística. Ademais, a perspectiva educacional pode (e deve) atravessar toda a programação, afetando, de diferentes modos, programas musicais, jornalísticos e culturais (CARMO-ROLDÃO, 2006). Tais esforços possibilitam que a rádio educativa concretize seu interesse público, considerando o ouvinte um cidadão e não primordialmente um consumidor, seu grande diferencial perante as rádios comerciais (BARBEIRO; LIMA, 2003).

Uma rádio universitária, por sua vez, além de primar pelos princípios educativos já mencionados, ao nosso ver, apresenta duas outras demandas. A primeira é a de funcionar como laboratório aos estudantes, sobretudo do curso de Comunicação, servindo de espaço de experimentação no processo produtivo e na formação do “saber fazer” (DEUS, 2003), além de concretizar-se como espaço de reflexão acadêmica sobre a prática profissional. Nessa tarefa, é fundamental que os estudantes estejam acompanhados de profissionais que os orientem, tendo em vista tanto a formação profissional desses alunos quanto a qualidade do conteúdo a ser veiculado (MELLO, 2005). A segunda demanda é a difusão do conhecimento científico produzido na universidade, estabelecendo-se como um canal de comunicação entre essa instituição e a sociedade, permitindo que o público não acadêmico também usufrua do que ali é gestado (DEUS, 2003; MELLO, 2005).

---

7 A inspeção do cumprimento das normas relativas a questões técnicas – como limites de potência, local de instalação da antena, por exemplo – e a respeito ao caráter educativo do conteúdo veiculado, são de responsabilidade da Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações. Não é interesse desse trabalho, discutir a competência da Anatel na fiscalização de tais diretrizes e determinações.

Óbvio Ululante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária

São sobre essas bases que a equipe de produção busca alicerçar os princípios educativos que norteiam o Óbvio Ululante.

## O FUTEBOL NO RÁDIO

Há evidências de que o futebol era tematizado no rádio, no Brasil, desde os seus primórdios, na década de 1920, quando eram apenas noticiados resumos dos jogos, ainda não transmitidos integralmente (SILVA e MEDEIROS, 2007). A primeira transmissão ao vivo de uma partida completa, segundo Soares (1994) e Ortriwano (1985), foi feita por Nicolau Tuma, na Rádio Educadora Paulista, em 1931. Naquela época, tanto o rádio quanto o futebol, estavam em processo de profissionalização e popularização, se distanciando do caráter elitista que detinham em seu momento de chegada ao país (SOARES, 1994). Em 1938, a Copa do Mundo da França ficou marcada como a primeira transmissão diretamente da Europa (ORTRIWANO, 2000). Já na década de 1940, surge a primeira emissora com conteúdo exclusivamente esportivo, a chamada Emissora dos Esportes, na qual o futebol possuía destaque (ORTRIWANO, 1985). Para Soares (1994, p.17), “o rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e em um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa”.

Guerra (2002, p.2) afirma que o encontro do futebol com a narração esportiva foi “a celebração de dois grandes espetáculos”. Isso porque, por meio da narração, são ampliadas as possibilidades de vivência do esporte dentro e fora dos estádios. O autor defende que, a partir dessa união, a oralidade se incorporou à experiência esportiva, perpetuando-se até os dias atuais.

Anjos (2011) destaca o fato das transmissões futebolísticas no rádio não terem se extinguido, apesar do surgimento e popularização da televisão, como ocorreu com as radionovelas e radioteatros, por exemplo. As transmissões radiofônicas de jogos parecem justificar sua existência não mais pela impossibilidade de assistir a

uma partida, algo menos recorrente na atualidade, mas pela emoção que produzem, por uma relação afetiva que constroem junto aos ouvintes.

Na ausência de imagens os acompanhando, os locutores de futebol do rádio desenvolveram um estilo bastante particular em que cada lance parece oferecer perigo ao goleiro, em que há apelidos para jogadores e jargões entoados em momentos específicos, como uma bola chutada muito longe da meta, um erro de passe ou, claro, um gol. Esse estilo aprimorado se tornou típico das locuções radiofônicas e pode ser considerada parte dos atrativos de suas transmissões (ANJOS, 2011, p.106).

Nos programas de comentários, por sua vez, informação e opinião são valorizados em um contexto que, não raro, se destaca pela informalidade, fazendo o ouvinte se sentir em uma roda de conversa entre amigos.

Vieira e Silva (2014) destacam ainda a importância do rádio no acompanhamento de clubes locais que possuam menor expressão em nível nacional ou regional. Os autores mencionam três rádios da cidade de Mossoró (RN) – uma FM e duas AM – que divulgam e realizam transmissões das partidas das equipes da cidade, Baraúnas e Potiguar, jogos que dificilmente são veiculados na televisão. No caso das emissoras AM, os clubes ainda são acompanhados por repórteres setoristas que informam suas notícias diariamente em programas esportivos que contam, também, com a participação de torcedores desses clubes.

Apesar da relação entre rádio e futebol, e mais genericamente entre as diversas mídias e esse esporte, trazer elementos que se apresentam como motivo de celebração, há autores que também oferecem um outro olhar sobre o tema.

Criticando a midiaticização e mercantilização do esporte, Eco (1984) afirma que os discursos sobre essas práticas, chamados por ele de **falação esportiva**, e os discursos sobre esses discursos, se tornaram a essência do esporte atual, deixando a vivência em segundo plano.

O autor, então, diz que:

Óbvio Ululante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária

Se por uma diabólica maquinação do governo mexicano e do senador Brundage, aliados com as cadeias de televisão do mundo inteiro, as Olimpíadas não acontecessem, mas fossem contadas dia a dia e de hora em hora com imagens fictícias, nada mudaria no sistema esportivo internacional, nem os que falam de esporte se sentiriam logrados (ECO, 1984, p.223-224).

Nessa direção, Betti (1998) descreve a falação esportiva como o discurso que se restringe a informar e atualizar (gols, contratações, vida dos atletas), a contar histórias (melhores momentos), a fazer previsões, a explicar e justificar (vitórias e derrotas, escolhas), a prometer (emoções, gols), a criar polêmicas e construir rivalidades, a criticar, a eleger ídolos e dramatizar.

As críticas de Eco, contudo, parecem não reconhecer possibilidades outras ao esporte e à mídia esportiva. Buscando contrapor tal visão, Marques (2002) dá luz às ideias de uma série de autores de forma a evidenciar, também, a importância do futebol enquanto fenômeno social no qual o homem brasileiro se coloca em contato permanente com seu mundo, sendo uma importante fonte de sua identidade. Assim, para o autor, o futebol não pode ser analisado unicamente por aspectos ligados à sua mercantilização e midiaticização.

Apesar de compartilharmos de muitas das críticas construídas por Eco (1984), assumimos uma postura de enfrentamento quanto às possibilidades de concretização de modos de comunicação esportiva que se apresentem como uma alternativa à mídia tradicional que privilegia a falação esportiva. Acreditamos que as emissoras universitárias são espaços privilegiados para essas novas formas de comunicação.

Evidência de tal possibilidade, a portaria que normatiza as rádios educativas versa que “Os programas de caráter recreativo, informativo ou de divulgação desportiva poderão ser considerados educativo-culturais, se neles estiverem presentes elementos instrutivos ou enfoques educativo-culturais identificados em sua apresentação” (BRASIL, 1999).

Na Rádio UFMG Educativa, o interesse em abordar o esporte de forma alternativa (e educativa) ocorreu logo no ano de fundação da emissora, em 2005,

com o programa Bumerangue, que tratava de esportes pouco contemplados nas mídias tradicionais, com o intuito de dar visibilidade a essas modalidades, em parte, ignoradas. Em 2007, a emissora cobriu os Jogos Pan-Americanos e, desde então, vêm cobrindo os principais megaeventos esportivos, também priorizando esportes menos difundidos. É apenas em 2009 que o futebol aparece com algum destaque, com uma coluna semanal no programa diário Expresso 104.5. E, finalmente, em 2010, por meio do Óbvio Ululante, o futebol ganha um programa semanal na emissora.

## A CRIAÇÃO DO ÓBVIO ULULANTE

O Programa Óbvio Ululante foi ao ar pela primeira vez em 2010, mas surgiu como projeto ainda em 2009, a partir de um convite da Rádio UFMG Educativa ao Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) para a produção de um programa sobre futebol na emissora. O GEFuT havia sido criado em 2006 com o objetivo de pensar o futebol e o torcer a partir das perspectivas das ciências humanas e sociais, abarcando temas como torcidas organizadas, relações de gênero, violência, Estatuto de Defesa do Torcedor, história do torcer em Belo Horizonte, futebol amador, etc<sup>8</sup>. O convite foi prontamente aceito, tendo em vista que a proposta se apresentava como oportunidade de ampliar os espaços de visibilidade do grupo e suas pesquisas, além de poder se constituir como um local no qual poderiam dialogar com um público não acadêmico (ANJOS, 2010).

A Rádio UFMG Educativa, por sua vez, foi fundada em 2005, por meio de uma parceria entre a UFMG e a Empresa Brasil de Telecomunicação. A emissora apresenta uma programação diversificada incluindo programas jornalísticos, musicais e educativos. Ela é dividida em dois núcleos, o de jornalismo e o de produção. O núcleo de jornalismo é formado por professores e alunos exclusivamente da área de

---

8 O grupo é composto por professores, estudantes de graduação e pós-graduação, graduados, mestres e doutores, que para além de suas competências individuais, têm em comum a paixão pelo futebol. Para saber mais sobre o GEFuT acesse: [www.gefut.com.br](http://www.gefut.com.br).

Óbvio Ululante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária

Comunicação e, como o próprio nome diz, é responsável pela cobertura jornalística da rádio. O núcleo de produção, por sua vez, é onde os programas de conteúdos mais diversificados, numa lógica mais cultural e menos factual, são criados. Há programas produzidos apenas por alunos e professores da Comunicação e outros que se encaixam no que é chamado de sistema de colaboração. Nesse sistema, no qual o Óbvio Ululante se enquadra, pessoas ou grupos podem propor a realização de um programa. Se a proposta vier ao encontro dos objetivos e interesses da Rádio, ela dispõe de sua estrutura e orientação para colocar o projeto em prática. Por meio desse sistema, professores e grupos de estudos e pesquisas vinculados às mais variadas áreas do conhecimento produzem programas na emissora, como, por exemplo, “Toque de Poesia”, da Faculdade de Letras, “Que música é essa”, da Escola de Música, “Prosa de Bicho”, da Escola de Veterinária e “Pensar Educação, Pensar o Brasil”, da Faculdade de Educação. Tais programas colaborativos ocorrem, assim, na perspectiva de uma comunicação pública da ciência, entendendo que “a divulgação de ciência e tecnologia, não deve ser apenas responsabilidade de jornalistas, mas também dos pesquisadores que devem estar comprometidos com a realidade na qual estão inseridos” (MELLO, 2005, p.5).

A maioria dos programas advindos do modelo colaborativo tratam de temas pouco comuns em rádios comerciais, diferente do caso do Óbvio Ululante. Nesse caso, o desafio que tínhamos era o de criar uma perspectiva diferente para um tema recorrente. Para o então coordenador executivo da Rádio UFMG Educativa, Elias Santos, a parceria com o GEFuT na produção do programa foi justamente a forma que a emissora encontrou para construir um modo alternativo de abordar o futebol na emissora, o que ele entendia ser fundamental para tratar desse esporte<sup>9</sup> (ANJOS; SOUZA, 2011).

Anjos (2010) conta que aqueles envolvidos com a construção do desenho inicial do Óbvio Ululante definiram como meta produzir um programa que fosse ao

---

<sup>9</sup> Em entrevista para Anjos e Souza (2011, p.8) ele diz “Será que vale a pena a gente fazer o mesmo tipo de cobertura que as outras estão fazendo? Não é interessante em termos de linha de programação fazer a mesma coisa”.

mesmo tempo crítico e atrativo mesmo aos mais desconfiados, àqueles que vivem o mundo do futebol, mas estão pouco dispostos a refletir sobre ele e a questioná-lo. Tendo como *slogan* a premissa de que “no futebol nada é tão óbvio assim” defendia-se que o futebol tem muito a ser pensado, debatido, problematizado.

A estreia do programa ocorreu em maio de 2010 e sua primeira configuração incluía quadros de três tipos.

Um primeiro de caráter mais emocional, que inclui histórias pessoais contadas por quem as viveu e também crônicas e poesias sobre o esporte. Um segundo voltado à história e tradição do futebol, relatando momentos marcantes e descrevendo personalidades e espaços célebres do universo futebolístico. O terceiro tem caráter mais argumentativo e factual, incluindo entrevistas, debates e discussões sobre assuntos que estão em voga (ANJOS, 2010, p.4).

Ao longo dos nove anos de sua existência, o Óbvio Ululante sofreu uma série de transformações: mudamos o dia e o horário da transmissão; o programa passou a ser transmitido ao vivo; alguns quadros foram extintos, outros foram criados; tivemos trocas de âncoras e dos integrantes do GEFuT que fazem parte da equipe do programa. As maiores modificações, contudo, dizem respeito ao conteúdo. Nesse sentido, no próximo item, avaliando os nove anos de veiculação do programa, descrevemos o seu desenho até o ano de 2018 e apresentamos algumas questões que norteiam sua produção.

## ÓBVIO ULULANTE: MUDANÇAS E AVALIAÇÕES NOVE ANOS APÓS A ESTREIA

Apesar da proposta original do Óbvio Ululante se manter, durante o seu fazer e após autoavaliações frequentes, algumas mudanças foram sensíveis durante esses nove anos de programa.

Algumas dessas alterações foram frutos do amadurecimento do GEFuT como grupo de pesquisa. Quando o programa foi criado, o GEFuT tinha um perfil jovem,

Óbvio Ululante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária que incluía, além de seu coordenador, apenas estudantes de graduação e mestrados da área da Educação Física. Durante esses anos, o grupo adquiriu uma característica interdisciplinar, com pesquisadores de outras áreas do conhecimento passando (e alguns permanecendo) pelo coletivo. Além disso, o coletivo foi se tornando mais experiente, incluindo também doutorandos, doutores e pós-doutorandos.

Ademais, o número de pesquisas concluídas e em andamento relacionadas ao futebol e/ou ao torcer aumentou, fornecendo mais elementos para a produção dos quadros que se conectam de maneira direta com a experiência dos pesquisadores envolvidos na produção do programa.

Também contribui nesse processo a ampliação da equipe de produção de conteúdo, que até 2018 contava com onze pesquisadores do grupo. Mais do que a possibilidade de dividir as tarefas, essa equipe ampliada traz ao programa uma maior pluralidade de olhares, pontos de vista, trajetórias pessoais e profissionais. Esses integrantes estão, ainda, envolvidos em pesquisas individuais e coletivas, que fornecem subsídio às discussões feitas ao vivo.

Atualmente, a maioria dos pesquisadores que compõem a equipe do programa participam de sua produção há mais de dois anos. Tendo em vista a formação desses sujeitos (pesquisadores de temas relacionados ao futebol formados em Educação Física e Psicologia, além de um jornalista e dois estudantes de jornalismo), esse tempo foi fundamental para a aquisição de uma experiência no ofício da comunicação no rádio e do processo de comunicação pública da ciência.

Sobre os quadros, todos aqueles criados nos anos iniciais do programa permanecem. A esse escopo, cinco novos quadros foram acrescentados à programação. Se somam a eles, discussões sobre acontecimentos da semana e entrevistas, cujo tempo e regularidade variou ao longo dos anos de veiculação do programa<sup>10</sup>.

---

10 Atualmente, o programa é composto por 3 blocos. Contando com dois quadros por programa, além de entrevistas e duas colunas: o *Hat-Trick*, que aborda três acontecimentos da semana relacionados ao mundo da bola; e o *Mulheres em Campo*, que traz notícias sobre o futebol jogado por mulheres.

Entre os quadros mais antigos, temos o 1900 e Bolinha que traz algum acontecimento antigo relacionado ao futebol, não restringindo a episódios de sua “história oficial”, geralmente retratado a partir de alguma notícia de jornal antiga. Temos também o De Onde Vem, com as proveniências possíveis de palavras e jargões utilizados no universo futebolístico. O Futebol e Arte engloba resenhas de obras da literatura, do cinema, da música e de outras artes que tematizam o futebol. Ainda nessa série, o Meu Time de Botão traz a análise de equipes que marcaram uma geração, um momento ou a uma pessoa. O Perfil traz algumas informações sobre um personagem, um clube ou instituição ligada ao esporte. No Meu Gol de Placa um torcedor (que pode ser um ouvinte ou comentarista do programa) narra um gol que marcou a sua vida. O Causos de Futebol é destinado às anedotas, lendas e outras histórias. E, por último, dessa primeira geração de quadros, a Frase da Semana, dita, escrita ou profetizada por quem entende (ou não) de futebol.

A nova geração de quadros é composta pelo Momento Taffareel, que, na mesma linha do Meu Gol de Placa, faz referência a defesas marcantes protagonizadas pelos goleiros. O Estádios pelo Mundo traz dados e histórias sobre esse equipamento de lazer e suas curiosidades. A Dica Ululante indica *sites*, eventos e vídeos sobre futebol, privilegiando os acadêmicos, os literários e os políticos. O Pelada Acadêmica consiste em uma breve resenha sobre artigos, teses e dissertações que abordem o futebol sobre o âmbito das ciências humanas e sociais. Por último dessa série, temos as Reflexões Ululantes que são quadros que expressam opinião sobre algum aspecto do futebol.

Mais do que ampliar a possibilidade de quadros, o programa segue atento à qualidade, à criatividade e à diversidade em relação aos temas tratados.

Tendo isso em vista, no ano de 2013, começamos a pensar em diminuir o espaço reservado ao noticiário e comentários voltados aos três times mineiros de maior expressão midiática para abrir espaço no programa para mais conteúdos de clubes e agentes do futebol (jogadores e jogadoras, outros profissionais do meio, torcedores, etc) que têm menos espaço na mídia convencional. Nossa intenção era

Óbvio Ululante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária trazer para a Rádio UFMG os infames do futebol, as “existências destinadas a passar sem deixar rastro” (FOUCAULT, 2012, p.203) senão pelo encontro com o poder, evitando discursos retóricos e assumindo a impossibilidade do lugar de neutralidade na comunicação.

Pensando no espaço de invisibilidade que as mulheres ainda ocupam no futebol (seja como jogadoras, árbitras, dirigentes ou em outras atividades ligadas ao esporte), em 2015, foi elaborado um quadro reservado ao futebol jogado por elas – denominado Mulheres em Campo –, que passou a figurar mensalmente na programação. Esse foi o primeiro passo para a ampliação da presença das temáticas relacionadas às mulheres no Óbvio Ululante que, com o tempo, foram deixando de se restringir ao quadro e ganharam espaço em meio ao restante da programação. Assim, ao invés de nos limitarmos a falar sobre as mulheres no Mulheres em Campo, passamos a fazer perfis de jogadoras, tratar de memórias de grandes lances, jogos e equipes do futebol de mulheres, falar sobre artigos escritos por elas, entrevistar mulheres (atletas, jornalistas, árbitras, etc.) com maior frequência do que fazíamos nos anos iniciais do programa.

Também buscamos equilibrar os assuntos mais relacionados às pesquisas do grupo com os que se impõem pela agenda da mídia hegemônica, nos quais entendemos que podemos oferecer uma discussão crítica condizente com nossos propósitos e tentando, na medida da duração de uma hora de programa, trazer mais questões, problemas relacionados ao universo do futebol do que simples interrogações.

Vemos essa diferenciação, entre questões e interrogações, no verbete Q de Questão do Abecedário de Deleuze (DELEUZE; PARNET, 2017):

CP: Qual é a diferença entre uma pergunta na mídia e uma pergunta em filosofia? GD: É difícil dizer. Na mídia, na maior parte do tempo e nas conversas correntes, não há questões, não há problemas. Há interrogações. Se eu digo “Como vai você?”, isso não é um problema, mesmo se você estiver mal. Se eu digo “Que horas são?”, isso não é um problema” (p.66).

Deleuze comentava que os jornais já não dizem nada e que se aprende cada vez menos com eles. A proposta do Óbvio Ululante é ir ao contrário. É o exercício de transformar as interrogações do jornalismo esportivo em questões.

Dessa maneira, diminuimos a parte dos comentários sobre partidas, embora as noticiemos, para dar mais peso e valor ao que foge ao óbvio em termos de jornalismo esportivo. Passamos, assim, a praticar mais a proposta de não seguir a agenda da grande mídia ou abordá-la com outro olhar, exercitando a discussão qualitativa das pautas: sobre o que falar? Por que falar? Quando falar e também quando silenciar-se sobre algum tema que a agenda da mídia hegemônica traga apenas como sensacionalismo? Avaliamos que, eventualmente, abordar certos temas pode promover propaganda maior do que temos a acrescentar sobre ele.

Se por um lado o esforço é sair das interrogações para as questões, por outro, o desafio é trazer essas questões para um público não acostumado à linguagem acadêmica. É trazer questões elaboradas pela universidade para o cotidiano do estudante e do trabalhador ouvintes.

Ao encontro dessa proposta, com o intuito de ampliar a articulação de saberes entre a universidade e a comunidade proporcionadas pelo programa, em 2016 foi desenvolvido um projeto de extensão junto a escolas que propunha participações dos estudantes no Óbvio Ululante. Alunos de duas escolas de Ensino Médio (uma federal e outra estadual) participaram de oficinas elaboradas pelo GEFuT, abordando temas como a relação entre futebol e história, gênero, violência, profissão e outros. A partir dessas oficinas, eles produziam quadros e participavam ao vivo do programa. Tal ação contribuía, dessa maneira, para a participação efetiva de pessoas da comunidade na construção de saber sobre futebol, para além dos aspectos técnicos e táticos, mas como elemento cultural e de transformação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como programa de uma rádio universitária, o Óbvio Ululante encontra liberdade e facilidade para tratar certos temas e a partir de abordagens alternativas, sem censura e sem se preocupar com questões mercadológicas, pois o ouvinte, para nós, não se resume a um consumidor. Essa situação, por outro lado, lhe impõe o dever de exercer sua condição de veículo de comunicação educativo com a tarefa de servir de ponte entre universidade e comunidade local.

É também por fugir de uma concepção mercadológica de futebol que o programa consegue afirmar diferenças, fugindo da falação esportiva e de concepções utilitaristas de educação.

Acreditamos que falar sobre futebol é falar também sobre a sociedade no qual esse futebol é praticado, e é sobre essas relações que tratamos em nossos quadros. Falar disso é, então, também um caminho para refletir como se vive e que relações estabelecemos nessa sociedade.

Nessa linha, o Óbvio Ululante contribui para reconhecer, produzir e estimular outros e novos modos de olhar, pensar, analisar e viver o futebol.

As modificações ocorridas em oito anos de programa apontam para o amadurecimento do GEFuT nas pesquisas, no ensino e na extensão, o que nos fornece subsídios para, também em seu programa de rádio, ir cada vez mais na direção das diferenças, de abordar temáticas infames nesse esporte que é o mais famoso no Brasil, se estabelecendo como uma ponte entre a produção universitária e o saber popular, buscando cada vez mais fazer isso a partir da interatividade e da interseção entre diversas temáticas de interesse social.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, L. A. Óbvio Ululante: falando de futebol no rádio. In: Congresso Sudeste do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 3, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2010, v.1, p.1-6.

ANJOS, L. A. Reflexões sobre o futebol nas ondas do rádio. **Rádio-Leituras**, Ouro Preto, v.2, n.1, jan./jul., 2011.

ANJOS, L. A.; SOUZA, T. C. O futebol nas ondas do rádio: a experiência da Rádio UFMG Educativa. In: Seminário Futebol nas Gerais, 1, 2011, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: GEFuT, 2011, v.1, p.1-13.

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. **Manual de Radiojornalismo**: Produção, Ética e Internet. São Paulo: Editora Campus, 2003.

BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, Florianópolis, v.7, n. 17, set. 2001.

BRASIL. **Portaria interministerial nº651**, de 15 de abril de 1999. Diário Oficial, Brasília, 19 abr. 1999. p.19. Disponível em: <[http://www2.mcti.gov.br/index.php?option=com\\_mtree&task=att\\_download&link\\_id=127&cf\\_id=24](http://www2.mcti.gov.br/index.php?option=com_mtree&task=att_download&link_id=127&cf_id=24)>. Acesso em: 08 abr. 2017.

CARMO-ROLDÃO, I. C. O rádio educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006, v.1, p.1-15.

DELEUZE, G.; PARNERT, C. **O abecedário de Giles Deleuze**. Disponível em: <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

DEUS, S. F. B. Rádios das Universidades Federais: função pública e compromisso laboratorial. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003, v.1, p.1-14.

DRUMOND, M. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.22, n. 44, p.398-421, jul./dez., 2009.

ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Óbvio Ululante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: Estratégia, Poder-saber.** Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. v.4. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 201-222.

GUERRA, M. O. **A persistência da oralidade no futebol:** o afeto do torcedor pela transmissão radiofônica de uma partida. *Lumina*, v.5, n.2, jul./dez. 2002.

MARQUES, J. C. A falação esportiva (o discurso da imprensa esportiva e aspecto mítico do futebol). In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25, 2002, Salvador. *Anais...* Salvador: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002, v.1, p.1-22.

MASSARANI, L. **A divulgação científica no Rio de Janeiro:** Algumas reflexões sobre a década de 20. 1998. 177f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

MELLO, V. P. Em busca de uma política de programação diferenciada e de qualidade: o desafio para as rádios universitárias. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005, v.1, p.1-10.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio:** os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, G. S. França 1938, III Copa do mundo. O rádio brasileiro estava lá. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação.** 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-copa1938.pdf>>. Acesso em 08 abr. 2017.

SILVA, G. L. P.; MEDEIROS, T. A. R. M. Radiojornalismo Esportivo: Juventude e Experiência nas Transmissões Esportivas da Rádio Universidade de Santa Maria – 800 AM. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul, 8, 2007, Passo Fundo. *Anais...* Passo Fundo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, v.1, p.1-13.

SOARES, E. **A bola no ar:** o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

VIEIRA, A. L.M.; SILVA, F. J. M.. O Papel do Rádio na Divulgação do Futebol Local. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 16, 2014, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014, v.1, p.1-12.

# NAS ONDAS DA REDE: Web Rádio Porto do Capim

Olga Tavares<sup>1</sup>

Norma Meireles<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

A Web Rádio Porto do Capim (RPC) - <http://www.radioportodocapim.ufpb.br/3> - foi criada como projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Jornalismo, em 2013, idealizado pela jornalista Edileide Vilaça, sob a orientação da Professora Doutora Olga Tavares. Atualmente, a RPC está vinculada ao Departamento de Comunicação (DECOM), do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como espaço de estágio para alunos/as de Radialismo. Como fruto dessa pesquisa, a ideia foi criar uma webrádio que agregasse a comunidade acadêmica a alguma comunidade local, que aceitasse participar, também, como protagonista de um instrumento de comunicação comunitária para trabalhar suas demandas socioculturais e ambientais.

O nome ‘Porto do Capim’ foi uma homenagem à comunidade onde originou-se a cidade Parahyba e, assim, estabeleceu-se uma parceria universidade-sociedade civil com o cotidiano da área do Varadouro-Centro Histórico de João Pessoa, Paraíba. Este esforço conjunto dava ênfase à comunicação comunitária

---

1 Professora-titular do bacharelado em Radialismo do DECOM/UFPB. Jornalista e radialista. Mestre e Doutora em Comunicação e Semiótica (PUCSP). Pós-doutora em Comunicação (UFRJ). Pesquisadora do Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom.

2 Professora-adjunta do bacharelado em Radialismo do DECOM/UFPB. Radialista, jornalista, Mestre e Doutora em Educação (CE/UFPB). Pesquisadora do Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom.

3 Inicialmente hospedada no endereço [www.radioportodocapim.com.br](http://www.radioportodocapim.com.br), migrou para o domínio da UFPB: <http://www.radioportodocapim.ufpb.br/>

que a proposta contemplava, de modo a inserir aqueles/as cidadãos/ãs nas práticas radiofônicas, juntamente com alunos/as do curso de Radialismo da UFPB.

Para isso, então, foram dadas oficinas de rádio por professores e profissionais da cidade que se disponibilizaram a preparar a comunidade também para dividir as atividades com alunos/as. No começo, esses/as jovens participaram ativamente das ações e chegaram a criar um programa próprio, voltado às questões da comunidade Porto do Capim. Contudo, mesmo depois de o estúdio da rádio, situado na Casa de Cultura da comunidade ter sido presenteado a eles/as, o grupo desistiu de participar da programação. Assim, a RPC passou a funcionar somente na UFPB.

## UM LABORATÓRIO DE EDUCOMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

O exercício radiofônico diário que alunos/as empreendem tem sido muito positivo no que se refere à possibilidade de eles/as aliarem as teorias às práticas na aplicação da aprendizagem com uma ferramenta que eles/as estão, ao mesmo tempo, construindo em forma de programas e a tudo que lhes concerne (produção, edição etc.), em uma perspectiva, inclusive, de também ser um campo profissional no futuro, haja vista estarem se qualificando para usar todo o instrumental webradiofônico.

Serve como laboratório de práticas para os alunos do curso de Radialismo, que podem exercitar o que aprendem em outras disciplinas teóricas e práticas. Por permitir a experimentação, dentro dos limites previstos no regimento da rádio, abre um leque de possibilidades de aprendizado para os estudantes que devolvem à toda a sociedade os programas que disponibilizam discussões úteis além dos muros acadêmicos. (MUZI, 2018)

Para Tavares e Bezerra (2014, p. 4) “o modelo que a web rádio assume é o educativo-cultural-comunitário”. Tavares e Bezerra (2014, p.5-6) discorrem como a RPC atende à comunicação comunitária:

Os conceitos que definiram a tradicional rádio comunitária são os mesmos para a webrádio comunitária: é o veículo de expressão social dos membros

de uma comunidade; é produzida a partir da interação dos fatos locais e das demandas socioculturais e ambientais dos/as moradores/as do local; é gerida por um Conselho Gestor Comunitário sem fins lucrativos. Os objetivos também são os mesmos: criar uma comunicação entre pessoas que estão juntas pelas mesmas causas; agregar mais um serviço à comunidade; desenvolver consciência coletiva; cuidar de temas que não têm espaço em outros meios – a saúde, a segurança da comunidade, os eventos socioculturais, o meio ambiente, o patrimônio natural e cultural; estimular os/as artistas locais, os/as artesãos/ãs, os/as doceiros/as; promover a integração da comunidade; destacar os direitos e deveres dos/as cidadãos/ãs na comunidade, na cidade e no país; não discriminar religião, sexo, ideologia. (TAVARES; BEZERRA, 2014, p.5-6)

Ou seja, “é o uso da web rádio para divulgar questões de interesse coletivo, tais quais saúde, educação, mobilidade pública, meio ambiente, eventos artísticos etc.” (TAVARES; BEZERRA, 2014, p.4). E foi exatamente sob esse princípio que a RPC surge para adequar as experiências radiofônicas à comunicação comunitária, tendo como fundamentação teórico-metodológica a Educomunicação.

A RPC privilegia a relação com a comunidade universitária e toda a rede de usuários/as da internet, de modo a enfatizar a importância “de se compartilhar os saberes que o curso oferece de forma democrática, pontual e próxima ao entendimento coletivo” (MUZI, 2018). Neste sentido, a Educomunicação aponta para o desenvolvimento das trocas de habilidades e competências que possam construir um novo sujeito da comunicação. Como destacam Melo e Almeida (2016, p.4): “para entender a gênese da educomunicação, é preciso refletir sobre a tríade: prática social, juventude e representatividade dos meios, tendo como elo a cidadania”. Acrescentando ainda a perspectiva de Rios e Silva (2015, p.1), de uma Educomunicação que colabora para a “formação do indivíduo coletivo”. De acordo com as autoras:

A educomunicação presente no ecossistema comunicativo das escolas propicia a formação de novos indivíduos comprometidos com a vida, com a justiça, com a solidariedade, com a liberdade e com a construção de um novo cenário. Possibilitando a esses indivíduos ao qual denominamos de alunos já que se

definiu por explorar apenas o contexto escolar comunicarem ao mundo o que pensam e sentem sobre temas de seu interesse e da comunidade. (RIOS; SILVA, 2015, p.2)

Em nível educucomunicativo, a metodologia dos programas também desenvolve o material partindo de uma proposta de comunicação crítica em relação às temáticas e aos resultados pretendidos. Os programas são peças educucomunicativas porque fortalecem a polifonia dialógica e reforçam uma produção que traz igualmente potencial de reflexão e de conscientização para a equipe, que consegue, assim, compartilhar melhor com o/a usuário/a.

Esse entrelaçamento da comunicação e da educação nas práticas educucomunicativas redimensiona atitudes participativas e colaborativas, que enfatizam a concepção de uma ação para a mudança; por consequência, alunas/os estão cientes de serem modificadoras/es dos processos socioculturais e políticos que compõem a agenda da programação (MUZI, 2018).

Tavares (2017, p. 05) afirma que:

A prática educucomunicativa potencializa o rádio como instrumento de transformação do cotidiano, de modo a também modificar a dinâmica acadêmica do alunato, no sentido de dar-lhe novas diretrizes para seu fazer profissional. A linguagem radiofônica no contexto educucomunicativo desenvolve características que a tornam instrumento de mobilização e conscientização para desafios em todos os campos do saber e do fazer. O caráter de compartilhamento que a Educomunicação oferece nas suas práticas webradiofônicas se replica nas redes da Internet e possibilita diálogos maiores e dimensões sem par das interrelações socioculturais.

## UM FAZER WEB RÁDIO

A metodologia aplicada na RPC é a mesma para todos os programas, que são todos gravados e têm seus arquivos próprios no site da RPC. As gravações dos programas são feitas no estúdio do Laboratório de Rádio 1 do Centro de

Comunicação Turismo e artes (CCTA) da UFPB. Contudo, em alguns momentos as gravações se realizam fora do estúdio, utilizando recursos como o celular ou gravador de voz para a captação de áudio, inclusive entrevistas; neste contexto, o aplicativo *WhatsApp* também está sendo usado para a realização de entrevistas com pessoas que moram fora de João Pessoa, ou que por algum motivo não podem encontrar a equipe pessoalmente.

As edições dos programas são feitas utilizando softwares de edição de áudio e vídeo Adobe Premiere e Sony Vegas. Também são adicionadas vinhetas da Rádio Porto do Capim, além dos spots públicos que em geral estão voltados a temáticas como a proteção da mulher contra a violência, vacinações, práticas socioambientais, indicações do trânsito, condições das estradas, entre outros. Tudo isso é elaborado por alunos/as, tanto quanto suas escolhas de spots, a feitura dos banners-anúncios (ver Figura 1) etc... Os roteiros são escritos em modelo de lauda adotado pela emissora (ver Figura 2).

Figura 1- Banners de programas.

WEB RÁDIO PORTO DO CAPIM - RFP  
RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA PARAIBA

HOJE Especial

Toda terça-feira às 20 horas

Essência de **MULHER**

"Outubro Rosa"

Apresentação: ISABELA REMÍGIO - NORMA MEIRELES  
Participação Especial: JANEIRA ROSARIO  
Produção: JULIANA MARAS - CAROLINE BARROS  
Tema: Saúde da Mulher  
Programa: ANAÍDE FÉLIX  
Supervisão: OLGA TAVARES

DESTAQUES:  
A Secretária de Saúde Dr.ª **IVONETE CASATI** fala durante a abertura da Campanha "OUTUBRO ROSA" no Paraná.  
Na voz da cantora italiana Dr.ª **ROSANNE MACHADO**, Diretora do ICBIC, Dr.ª **ELIANA REZENDE**, Assistente de Dr.ª **ROSELENE LIMA** - Supervisora do Centro Especializado de Diagnóstico do Câncer (CEDIC).  
No "Quadro Relacionamento em Prática" a Psicóloga **LEONARTE BARRALDO** pergunta: Por que o casamento acaba?  
Ela conversa sobre a separação de casal Filiana Bernardes e Wilson Dantas, Apresentadores do TV Globo.

aceso: [www.radioportodocapim.com.br](http://www.radioportodocapim.com.br)

PROGRAMA PRODUZIDO EM COLABORAÇÃO COM O CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE SAÚDE E DE EPIDEMIOLOGIA UNIVERSITÁRIA DA PARAIBA

Programa RFP

CIÊNCIA SUSTENTABILIDADE & meio AMBIENTE

NESTE PROGRAMA: apresentação

ENTREVISTA

Lígia Tavares fala sobre Rede de Monitoramento Cidadão

NOTÍCIAS DA REDE

NOTÍCIAS DE JP SUSTENTÁVEL

PRODUÇÃO: JULIANA MARAS - CAROLINE BARROS - LUZIANA WARELLA  
APRESENTAÇÃO: ADILSON SANTIANA - JANAINA MIZO  
EDIÇÃO: LUIZ CARLOS BRAGA - ANTONIO DE ESTEREO MARTINS DO MEDEIROS  
SOM: A SU PERÍVIO DE OLIVEIRA ACCIOLY E OLGA TAVARES

[www.radioportodocapim.com.br](http://www.radioportodocapim.com.br)

Programa especial

DIA INTERNACIONAL DA Mulher

Escute em: [radioportodocapim.com.br/programa/negricia](http://radioportodocapim.com.br/programa/negricia)

Coordenação: Lhuenya Valesa  
Edição e apresentação: Carlos Junior  
Supervisão: Olga Tavares  
Arte gráfica: Isabela Remígio

VRAA 2

TEMPORADA

O PROGRAMA LGBT MAIS

LIVRE LEVE SOLTO

SÁBADO 15H

reprise Quartas, às 15h

[WWW.RADIOPORTODOCAPIM.COM.BR](http://WWW.RADIOPORTODOCAPIM.COM.BR)

Fonte: Acervo da Web Rádio Porto do Capim.

Figura 2 – Modelo de lauda para Roteiro do Programa.<sup>4</sup>



ROTEIRO DO PROGRAMA:	EDIÇÃO:	PAUTA:	
PRODUÇÃO:	RETRANCA:	DATA:	DURAÇÃO
EDIÇÃO:			
DIREÇÃO:			
APRESENTAÇÃO:			
ESTRUTURA	TEXTO	TEMPO	

Fonte: Acervo da Web Rádio Porto do Capim.

Os programas seguem etapas básicas de pré-produção, produção e pós-produção para rádio, acrescentando-se a divulgação nas redes sociais. Desta forma as equipes realizam os seguintes passos para realizar cada programa: escolha da temática a ser abordada; escolha da(s) pessoa(s) entrevistada(s); convite e agendamento da gravação de entrevista(s); pesquisa de textos e notícias; elaboração dos textos radiofônico; revisão/aprovação dos textos pela professora-supervisora; preparação do *script* do programa (ver Figura 2); gravação (que por vezes ocorre em etapas devido às agendas das entrevistadas); edição dos arquivos de áudio; envio para a *playlist* da Web Rádio Porto do Capim (ver principais programas: Figura 3); divulgação nas redes sociais; veiculação; arquivamento no acervo da rádio.

<sup>4</sup> Adota-se a lauda inteira.

Figura 3: *Banner* de destaques da Programação da Web Rádio Porto do Capim.



ACESSE:  
**www.radioportodocapim.com.br**  
acompanhe a nossa programação, ela foi feita especialmente pra você

PRINCIPAIS PROGRAMAS

 Terça-feira às 20h	 Sábado às 16h	 Quinta-feira às 20h	 Fim de Semana	 Domingo às 10h
 Quarta-feira às 20h	 Domingo às 12h	 Diariamente 5/17h	 Sábado às 10h	 Segunda-feira às 20h

  
**PORTO DO CAPIM**  
WEB RADIO

**RÁDIO PORTO DO CAPIM**  
RÁDIO UNIVERSITÁRIA FEDERAL DA PARAÍBA  
CCTA/Departamento de Comunicação, Campus I - João Pessoa/Paraíba  
www.radioportodocapim.com.br - radioportodocapim.web@gmail.com  
Supervisão: OLGA TAVARES e SHEILA ACCIOLY  
Técnico de Estúdio: MARTILIANO MEDEIROS  
Colaboradores Externos:  
GENÉSIO VIEIRA - Coord. Técnico/Gerente de Monitoramento e Análise de Mídia  
EDILEIDE VILAÇA - Gerente de Site

  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA  
UFFPB

Fonte: [www.radioportodocapim.com.br](http://www.radioportodocapim.com.br). Acesso em: dd mês 2018.

Todas as etapas de produção de programas contam com a supervisão das professoras das disciplinas de Estágio Supervisionado (I, II, III e IV), visto que os/as alunos/as que produzem programas para a Porto do Capim são discentes dos quatro períodos de estágio, a serem cumpridos no currículo do curso de Radialismo na UFPB, a partir do quarto período.

Aliando ensino pesquisa e extensão, a RPC, além de estar no projeto de pesquisa do GEDIC/CnPq – Grupo de Estudos de Divulgação Científica (2006-2017), coordenado pela professora Olga Tavares -, também sedesenvolveu enquanto projeto de extensão FLUEX e PROBEX, intitulado em ambos: “Webradio 5 Cabe destacar que o site, como domínio inicial [com.br](http://com.br), atualmente está em migração para a UFPB.



Andréa Gisele Nóbrega da Silva (2015), no TCC (Radialismo) “Programa de webrádio Negrícia: Uma expressão do povo negro no combate ao racismo”, evidencia a relação entre a temática em questão e o exercício da cidadania via emissora:

Os principais objetivos deste modelo de programas é contemplar a discussão sobre a negritude[...] A interação social e a construção positiva da identidade negra utilizando a ferramenta da webrádio fomentando o conhecimento sociocultural ajuda a evidenciar, através das temáticas dos programas, a valorização da cidadania e dignidade humana. (SILVA, 2015, p.7)

A cidadania também é elencada como ponto crucial na dissertação “Espaço Ambiental”: A divulgação do Meio Ambiente na webrádio Porto do Capim”, de Antonia Iranilde de Souza (2016), desenvolvida no Mestrado Profissional no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJOR); no entanto, as lentes são da educomunicação ambiental:

O programa Espaço Ambiental firma-se também pelo campo da educação como um espaço aberto às reflexões cotidianas. Veio para suprir uma lacuna nos meios de informação local e cumprir a função socioambiental na Web rádio Porto do Capim. Para tanto, o desafio na produção dessa ferramenta de cunho educativo é aproximar-se da população de João Pessoa, com a finalidade de esclarecer o cidadão sobre o seu papel como gerador de lixo e gerenciador de resíduos e alertar sobre a responsabilidade da ação dos agentes sociais (governo, órgãos, empresas e sociedade) e, naturalmente, divulgar todas as políticas públicas existentes relacionadas à temática, contribuindo para que as pessoas tenham acessos e exerçam a cidadania. (SOUZA, 2016, p.20)

Já no trecho em destaque do TCC em Radialismo de Genésio Pereira Vieira (2017), intitulado: “Vida no Trânsito: Programa de Rádio”, o que se ressalta, para além dos vínculos educativos, culturais e comunitários, é a característica de atemporalidade da escuta em uma emissora na web:

A intenção do programa Vida no Trânsito é de disponibilizar o seu conteúdo para todos os seguimentos sociais e culturais, sempre observando o lado educativo de trânsito, de forma a estimular as pessoas quanto à prática de

segurança pública, em especial à própria segurança no trânsito [...] (VIEIRA, 2017, p. 11)

Enquanto o TCC (Radialismo) “Webrádio Porto do Capim: Programa Essência de Mulher”, Janaina Muzi (2018) enfatiza e necessidade de pauta a questão de gênero:

O programa Essência de Mulher nasceu da constatação da necessidade de abertura de espaços para as discussões relacionadas ao universo feminino. A ideia é apresentar temas que auxiliem no entendimento e resolução de diversas problemáticas deste universo. Também possibilita espaço para divulgação e discussão sobre eventos e adventos relacionados ao público feminino, como o Dia Internacional da Mulher, a campanha contra a violência doméstica com base na Lei Maria da Penha, entre outros. (MUZI, 2018, p. 2)

A produção científica a partir da experiência da RPC ainda inclui artigos publicados em anais de eventos (ver Quadro 1).

Quadro 1 – publicações em anais de evento ou periódico

Anais ou periódico	Título	Autoria
Intercom NE 2014	Web Rádio Porto do Capim: a perspectiva acadêmica em sintonia com a comunidade	BEZZERA, Edileide; TAVARES, Olga (2014)
Expocom NE 2017	Essência de Mulher no ar: rádio e gênero no ciberespaço	MUZI, Janaina. et al. (2017)
Intercom 2017	Comunicação & Gênero: práticas educacionais em webrádio	TAVARES, Olga (2017)
Rádio Leituras (2017)	Uma experiência webradiofônica: a dialogia polifônica das novas vozes no ar	TAVARES, Olga; ACCIOLY, Sheila (2017).

Fonte: própria

A Web Rádio Porto do Capim é uma das emissoras fundadoras da Rede de Rádios Universitárias Brasileiras (RUBRA), sob a coordenação-geral do professor Marcelo Kischinhevsky. A indicação para integrar a comissão de criação da Rubra aconteceu em 2017, durante o I Fórum da Rádios Universitárias, na cidade de Curitiba (PR), no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom nacional 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão das rádios universitárias no Brasil é campo de alguma polêmica e muitas lacunas. A UFPB, por exemplo, não tem uma rádio universitária em ondas heztzianas, muito embora tenha feito responsável pela programação da Rádio Universitária FM (107,7 Mhz), entre o final da Década de 1980 e início da década de 1990, mas a concessão da emissora é da Fundação Virgínio da Gama e Melo, FUNVIR. (MEIRELES, 2018). O curso de Radialismo tem um estúdio de rádio, mas não tem como aproveitar todas as suas produções, ficando na dependência de parcerias com rádios públicas locais. Embora a primeira experiência com web rádio no Departamento de Comunicação da UFPB tenha sido com a Web Rádio Intercampus UFPB, o projeto foi descontinuado no final de 2012, embora com perspectiva de futuro retorno (MEIRELES, 2013), o que não ocorreu. A criação da Web Rádio Porto do Capim foi um meio que se achou para suprir esse vácuo comunicacional. Apesar das limitações ainda existentes, o projeto foi se firmando e, hoje, está no processo de migração para o domínio ufpb.br, a fim de efetivar-se como uma webrádio universitária, de utilidade pública e campo experimental de alunos/as de Comunicação Social da UFPB.

Uma emissora de rádio pública é aquela que se diferencia em sua programação, buscando prezar pela participação direta da sociedade na sua gestão; é, ao mesmo tempo, autônoma e fiscalizada quanto ao cumprimento dos seus fins; tem independência editorial na elaboração de seus conteúdos e programação, mantendo-se atraente, plural, diversificada, diferenciada, próxima do cidadão; e com um sistema de financiamento público transparente, não-comercial, mas criativo e, na medida do possível, dinâmico, no sentido de estar aberto a busca dos convênios previstos em lei. (PINHEIRO, 2016, p.9)

Sob essas premissas acima descritas, a RPC vem trabalhando com corpos docente e discente no objetivo comum de atuar para a democratização da comunicação, acima de tudo, a fim de promover transformações paradigmáticas

nessas novas configurações tecnológicas. O mundo da internet ainda é uma surpresa quanto a todas as possibilidades que ela apresenta; entretanto, o potencial que uma webrádio pode oferecer é também uma caixa de Pandora para alunos/as que estejam dispostos a abri-la e descobrir suas inúmeras vantagens. Como já descreveu Prata (2008, p.60-61):

Várias novidades são oferecidas pelas webrádios, como serviço de busca, previsão do tempo, *chats*, *podcasts*, biografias de artistas, receitas culinárias, fóruns de discussão, letras cifradas de músicas etc.. Há também fotografias na *homepage* e nas outras páginas, tanto imagens publicitárias, quanto fotos de artistas e de funcionários da emissora. Há também vídeos e infografia. [...] Um detalhe, porém, difere o site da webrádio de tantas outras páginas da internet: um botão para a escuta sonora da rádio.

Sem perder o sentido da sonorização que o rádio tem como marca fundamental, há todo tipo de dinâmicas que podem ser exploradas na navegação radiofônica. Sendo a Webrádio Porto doCapim “um pólo tradutor das discussões locais sob a perspectiva de uma interlocução global” (TAVARES;BEZERRA, 2014, p. 2), certamente nesse novo cenário midiático a RPC poderá contribuir para essas trocas dialógicas em todos os **níveis**:

A produção de conteúdo da webrádio Porto do Capim vai ainda apresentar as características fundamentais que a definirão como uma rádio da rede, que são o tratamento da linguagem oral em nível de ciberespaço; as temáticas audiovisuais; a flexibilidade da grade; e a inserção nas redes sociais. As ferramentas de interatividade são: a página da webrádio; chats; webcam; e redes sociais. (TAVARES;BEZERRA, 2014, p.4)

A popularização da informação e a comunicação participativa são os principais propósitos da RPC. Nesses 5 anos de existência, tem-se muitos pontos positivos. Os negativos ficam por conta de pequenas querelas do cotidiano que superamos no momento e não deixam resquícios, bem como uma audiência ainda incipiente que o tempo há de modificar. À equipe de alunos/as ficam os bons

resultados até hoje conquistados, pois todos/as se empenham efetivamente em colocar a RPC no ar.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, E. **Webrádio porto do capim**: Uma ferramenta de radiojornalismo comunitário na busca de inclusão social e exercício da cidadania. João Pessoa: UFPB, 2015(Dissertação de Mestrado Profissional). Disponível em: <<http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/documentos/dissertacoes-2015/edileide.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MELO, A. K. B. de; ALMEIDA, L.B.C. de. Educomunicador, que profissão é essa? *In*: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Caruaru. **Anais eletrônicos...** Caruaru/São Paulo: INTERCOM Nordeste, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1759-1.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

MEIRELES, N. Web Rádio Intercampus UFPB: experiências, dificuldades, desafios e perspectivas. *In*: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Mossoró. **Anais eletrônicos...** Mossoró/São Paulo: INTERCOM Nordeste, 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0180-1.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

MEIRELES, N. Relatos e histórias da Rádio universitária FM na UFPB. *In* MEIRELES, N; PINHEIRO, E.B; BARROSO, L. M. **Rádio**. Estudos contemporâneos. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018. p.126-151.

MUZI, J. et al. Essência de mulher no ar: rádio e gênero no ciberespaço. *In*: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza /São Paulo: INTERCOM Nordeste, 2017 Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/expocom/EX57-1142-1.html>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

MUZI, J. **Essência de Mulher**: Programa radiofônico da Webrádio Porto do Capim. João Pessoa: UFPB, 2018 (Trabalho de Conclusão de Curso em Radialismo).

PINHEIRO, E. B. Rádios públicas no Brasil: reflexões sobre suas condições de origem, cenário contemporâneo e desafios. **Comunicação e Sociedade**, vol. 30, 2016, pp. 153- 169.

PRATA, N. Panorama da web rádio no Brasil. *In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus. Anais eletrônicos...* Manaus/São Paulo: INTERCOM, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0095-1.pdf>> Acesso em: 06 ago. 2017.

RIOS, Mara D. R.; SILVA, Diva Souza. As contribuições da educomunicação na formação do individuo coletivo. *In: VIII Encontro de pesquisa em Educação, Uberaba. Anais eletrônicos...* Uberaba: UNIUBE, 2015. Disponível em: <<https://www.uniube.br/eventos/epeduc/2015/completos/32.pdf>>,2015. Acesso em 24/4/2018.

TAVARES, O; BEZERRA, E. Web Rádio Porto do Capim: a perspectiva acadêmica em sintonia com a Comunidade. *In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, João Pessoa. Anais eletrônicos...* João Pessoa /São Paulo: INTERCOM Nordeste, 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1547-1.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2016

TAVARES, O. Comunicação & Gênero: práticas educacionais em webrádio. *In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba. Anais eletrônicos...* Curitiba/ São Paulo: INTERCOM, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2001-1.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2018.

TAVARES, O; ACCIOLY, S. Uma experiência webrádiofônica: a dialogia polifônica das novas vozes no ar. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 08, n. 02, pp. 57-77, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

SILVA, A. G. N. da. **Programa de Web Rádio Negrícia**: uma expressão do povo negro no combate ao racismo. João Pessoa: UFPB, 2015 (Trabalho de Conclusão de Curso em Radialismo).

SOUSA, A. I. de. **Espaço ambiental**: a divulgação do meio ambiente na Webrádio Porto do Capim. João Pessoa, 2016.(Dissertação de Mestrado Profissional). Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/9617/2/arquivototal.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2018.

VIEIRA, J. G. P. **Vida no Trânsito**: Programa de Rádio. João Pessoa: UFPB, 2017. (Trabalho de Conclusão de Curso em Radialismo).

# RÁDIO PÚBLICA E PROGRAMAÇÃO MUSICAL INDEPENDENTE: Um Estudo de Caso da UNESP FM

Sérgio Magson Dionizio<sup>1</sup>

José Carlos Marques<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação de massa estão subordinados, em sua maioria, a empresas públicas e privadas com grande influência na formação do gosto e na formação de novos hábitos e valores. Cumprem, assim, uma progressiva homogeneização de comportamentos em torno de determinados modelos e padrões dominantes. Porém, são também fundamentais para o reconhecimento da diversidade existente e das novas possibilidades de atuação.

O campo da radiofonia pública é um conceito ainda em construção que vai caracterizar as emissoras não comerciais, portanto sem fins lucrativos, que têm como traço predominante uma programação voltada para a educação, a cultura, o interesse público e as demandas sociais. Compete a elas aquilo que as rádios comerciais não têm condições ou interesse de oferecer. Assim, um modelo efetivamente público de programação deveria traduzir as necessidades da população e estimular o exercício da cidadania, além de trabalhar num sentido mais amplo de educação e com uma compreensão mais abrangente de cultura, onde cultural não pode ser entendido como contrário de popular.

---

1 Especialista em Linguagem, Cultura e Mídia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp / campus de Bauru). Graduado em Comunicação Social: Rádio e TV pela mesma instituição. Coordenador de Programação e Discotecário da Unesp FM.

2 Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp / campus de Bauru). Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Diretor da Unesp FM.

Este artigo procura analisar o cenário da radiodifusão pública na cidade de Bauru (SP) por meio da análise da programação da Rádio Universitária Unesp (Unesp FM), criada em 1991 como uma concessão da Universidade Estadual Paulista. O corpus de análise foi delimitado tendo como recorte o segundo semestre de 2018. Como referencial teórico, utilizaremos o conceito de indústria cultural, de Theodor Adorno e Max Horkheimer, para entender de que maneira se foi estabelecendo e consolidando a programação musical da emissora, a qual, desde sua criação, mantém uma atitude de oposição ao mercado fonográfico, privilegiando artistas, obras e autores que não encontram espaço na mídia comercial.

Neste contexto surge a questão: o que significa oferecer ao público uma programação distinta da que é praticada por rádios comerciais, no sentido de se divulgar artistas e trabalhos que não pertencem ao mainstream? Por meio de pesquisa bibliográfica e estudo de caso, procuramos investigar em que medida a emissora cumpre o seu papel de rádio pública, oferecendo ao ouvinte uma programação plural e mantendo um bom distanciamento em relação ao mercado, como forma de integrar o ouvinte a outras formas de cultura, suas linguagens e suas práticas. Pensando em linha de programação, a liberdade editorial pode ser verificada quando existe na grade abertura de espaço para novos artistas que apresentam trabalho autoral e consistente. Importante lembrar que a emissora dispõe de recursos financeiros para atualizar o seu acervo fonográfico, o que representa um grande avanço para consolidar sua autonomia em relação à indústria do entretenimento.

Em geral, o lançamento de um novo produto está associado a várias ações de marketing encadeadas visando criar expectativa e estimular o consumo. Nos meios de comunicação de massa, a estratégia adotada é a repetição de determinada canção considerada viável comercialmente: a chamada “música de trabalho”, escolhida segundo critérios mercadológicos para atingir a parada de sucessos. Isto se reflete na homogeneização das programações de rádio deixando pouca margem para a criatividade e o trabalho de pesquisa musical por parte do programador.

Obviamente, por terem postura crítica em relação ao mercado, as rádios públicas não poderiam aceitar passivamente o que é determinado como “música de trabalho”. Afinal, elas não fazem parte desta orquestra afinada que é a indústria cultural, e, por definição, emissora pública serve para se contrapor a esta lógica e lançar um olhar de alteridade sobre a indústria do entretenimento.

Como forma de garantir sua autonomia frente ao mercado da música, a Unesp FM investe continuamente na atualização de sua discoteca, mantendo um vasto acervo fonográfico com mais de 40 mil títulos disponível para consulta e pesquisa musical de seus colaboradores. Isto também possibilita fugir do modismo representado pelas paradas de sucesso, listas de discos mais vendidos e subgêneros musicais criados pela indústria cultural. Em suma, para se realizar enquanto proposta verdadeiramente alternativa de programação musical, a emissora deveria recusar o pop descartável e apostar em outras sonoridades.

Outro aspecto importante que vai assegurar independência e liberdade editorial é a questão do financiamento público. Diferentemente das emissoras comerciais, a Unesp FM não se financia por meio de anunciantes e pode adotar outro ambiente sonoro e outra temporalidade, que vão adequar sua programação a ações que privilegiam a cultura e a educação, nos seus aspectos formativos e informativos, servindo de contraponto ao modelo hegemônico de rádio comercial adotado no país.

## RADIOFONIA PÚBLICA – CONCEITOS

Para entender o conceito de radiofonia pública, vamos recorrer a alguns dos principais pesquisadores que estudam o campo da radiofonia pública no Brasil. Segundo Valci Zuculoto, a radiofonia pública vai designar as estações de rádio brasileiras “não-comerciais estatais, educativas, culturais e universitárias. Emissoras que até o final dos anos 90 eram designadas como integrantes do sistema educativo de rádio e hoje, na sua maioria, colocam-se como estações públicas”. (Zuculoto,

2009, p. 17) A pesquisadora lembra que, no final da década de 1990, o declínio da rede educativa de rádio motivou o surgimento de uma entidade representativa para o setor: a Associação das Rádios Públicas do Brasil (ARPUB), fundada em 2004. Em sua Carta de Princípios, a ARPUB afirma que: “a missão institucional de uma rádio pública deve ser a de difundir, irradiar e produzir cultura, educação, cidadania, entretenimento, informação e prestação de serviços, buscando atingir um público cada vez mais amplo da nossa sociedade”. (Disponível em <https://arpub.wordpress.com/arpub/carta-de-principios/>; acesso em 23 fev. 2019.)

Em junho de 2005, o I Encontro Nacional da Associação das Rádios Públicas do Brasil discutiu o papel e prática das emissoras situadas no campo público da comunicação. De forma geral, entendia-se que as emissoras públicas são aquelas mantidas com recursos do governo, em diferentes instâncias (federal, estadual e municipal), e podem ser identificadas como educativas, culturais e universitárias. Pesquisa organizada pela UNESCO nos pode ajudar a depurar o conceito:

Na democracia – posto que sempre, aqui, estamos considerando a democracia como pré-requisito –, uma emissora pública existe para garantir um direito que tem a sociedade à informação, à cultura, à expressão de suas diferenças, à tematização de suas carências e potencialidades e à livre comunicação das ideias. (BUCCI, CHIARETTI e FIORINI, 2012, p. 13)

Conforme a Constituição Federal de 1988, o sistema brasileiro de radiodifusão prevê a complementaridade entre os modelos privado, estatal e público. Porém, com a falta de regulamentação para o setor, permanece ainda hoje a confusão em distinguir o que seria público ou estatal em termos de comunicação no Brasil. Sendo assim, emissoras educativas ou comunitárias poderiam reivindicar essa condição.

Pensando no cenário local da radiofonia pública e de acordo a natureza de sua exploração, o município de Bauru conta com duas emissoras não-comerciais: Unesp FM (rádio universitária), e 87 FM (rádio comunitária), ambas transmitindo em frequência modulada. Porém, a que mais se aproxima do conceito é a Unesp FM, emissora cultural e educativa fundada em 13 de maio de 1991 e vinculada à

Universidade Estadual Paulista. A emissora filiou-se à Associação das Rádios Públicas do Brasil (ARPUB) em 2007 e é uma das fundadoras da Rede Rubra de Rádios Universitárias do Brasil (a qual se encontra em fase de constituição).

## RÁDIO E INDÚSTRIA CULTURAL

No livro “Dialética do Esclarecimento”, lançado em 1947, Theodor Adorno e Max Horkheimer (1995) alertavam para o impacto da indústria cultural e de entretenimento na língua, na música, na valorização de determinados modelos e padrões culturais em detrimento de outros. Indústria cultural é o termo usado por eles para designar um modo de se fazer cultura a partir de uma lógica da produção industrial, em série, com a fragmentação dos processos produtivos, tal qual ocorre na indústria automobilística, por exemplo. Além disso, haveria uma padronização de formatos e conteúdos para atender ao gosto das massas e se buscar o lucro. Como relata COHN (1971, p. 293) “o imperativo categórico da indústria cultural, nada tem em comum com a liberdade” pois, [...] “através de sua ideologia, o conformismo substitui a consciência: jamais a ordem por ela transmitida é confrontada com o que ela pretende ser ou com os reais interesses dos homens”.

Para Adorno, o que existe é uma produção da cultura, do que nós consumimos como cultura. Neste sentido há uma estratégia em transformar tudo em mercadoria. Ainda segundo COHN (1971, p. 288), “as mercadorias culturais da indústria se orientam, [...] segundo o princípio de sua comercialização e não segundo seu próprio conteúdo e sua figuração adequada. Toda a práxis da indústria cultural transfere, sem mais, a motivação do lucro às criações espirituais”.

No texto “Indústria Cultural e Comunicação de Massa”, Anamaria Fadul (1994) analisa historicamente estes conceitos a fim de entender o fenômeno na atualidade, pois “todas as informações contemporâneas são mediatizadas pelos meios massivos e pela indústria cultural”. A autora vai relativizar o juízo de Adorno sobre o fenômeno, considerando que “o discurso contra a indústria cultural é

também um discurso contra os meios de comunicação de massa”. A pesquisadora lembra, entretanto, que

[...] os meios de comunicação de massa não são os únicos inimigos das classes trabalhadoras e da sociedade brasileira. Eles reforçam uma dominação que começa na fábrica, no escritório, na Escola, na família, na Universidade. Eles são coadjuvantes importantes, mas são coadjuvantes. (FADUL, 1994, p. 59)

Uma atitude de resistência vai à contramão do que os outros estão consumindo e representa uma ruptura com a lógica do mercado. A Unesp FM se consolidou como um foco de oposição ao mercado fonográfico no dial em Bauru e região, principalmente no que se refere à programação musical. Caracterizada como eclética, a seleção musical contempla sonoridades de diferentes épocas e estilos amalgamando autores clássicos e a vanguarda musical, atualmente vinculada ao trabalho desenvolvido por artistas independentes, apostando na informação contextualizada e tomando o devido cuidado para que seus programas não se tornem versões pioradas de formatos comerciais desgastados.

Segundo ORTIZ (1994, p. 127) “pode-se dizer que a relação entre a temática do popular e do nacional é uma constante na história da cultura brasileira. [...] em diferentes épocas e, sob diferentes aspectos, a problemática da cultura popular se vincula à da identidade nacional”. A nova geração da música popular brasileira é formada por compositores e intérpretes que assumiram o controle de suas carreiras e que mantêm uma postura outsider no relacionamento com a mídia. Muitos destes artistas atuam coletivamente e desenvolvem trabalhos alternativos de reconhecida qualidade estética e com potencial radiofônico, ainda que para um consumo diferente e talvez, mais sofisticado, ou esclarecido. Alguns destes músicos contemporâneos conseguem viver exclusivamente de sua arte, arregimentado fãs e comercializando seus discos em shows, sites especializados e redes sociais. Então, podemos dizer que essas emissoras têm um papel de destaque na formação de um público ávido por mais opções de lazer e cultura, pronto para exercitar a sua liberdade de escolha.

Como lembra ORTIZ (1994, p. 125), citando ADORNO e HORKHEIMER: “[...] quando forjam o conceito de indústria cultural, a noção de cultura de massa pressupõe a ideia de democracia, pois [...] o Estado e as indústrias culturais despolitizam a questão da cultura, uma vez que as relações sociais são apreendidas como expressão popular”. No Brasil, a variedade de influências e culturas se traduz em grande diversidade de ritmos e gêneros musicais. Apesar da pluralidade nas produções, os meios de comunicação de massa raramente oferecem a música enquanto manifestação artística e identidade cultural, mas sim como um produto, dada a hegemonia de emissoras de caráter comercial. Em relação ao rádio, é justamente por buscar o lucro acima de tudo que as emissoras privadas não atendem ao pluralismo e à diversidade em suas programações. Mesmo diante desta realidade, existe um mercado da música independente que tem ganhado força nos últimos anos.

Salientamos que não existe um compromisso formal das rádios públicas com os alternativos ou a música independente. Talvez exista uma identificação pela natural aproximação destes artistas com as emissoras universitárias e educativas, reconhecidas por serem mais democráticas em relação à diversidade de vozes e ao compromisso com a pluralidade em suas grades de programação.

Por exemplo, a pesquisa musical que vai gerar a programação da Unesp FM também se pauta na indústria fonográfica, porém não se prende aos lançamentos. Na verdade, prevalece a ideia de combinar sonoridades, temáticas e registros de épocas diferentes. Isto pode ser percebido quando, em um mesmo bloco de músicas, aparecem saudosos artistas ao lado de novos talentos, demonstrando que o principal critério da seleção musical não é a temporalidade, mas a singularidade e a qualidade das obras. Porém, como alertam BUCCI, CHIARETTI e FIORINI, em uma avaliação sobre os Indicadores de Qualidade das Emissoras Públicas:

Não se pode, é mais do que óbvio, estabelecer métrica para medir a qualidade de uma obra de arte. Não percam tempo com essa discussão [...] não há como, na democracia, empregar números para dizer se a expressão humana

tem qualidade estética ou não tem. Essa pretensão, aliás, não é democrática: é uma pretensão autoritária, pois implica erigir um padrão único para aquilatar o que é diverso e, principalmente, o que é feito de surpresa e de revelação. [...] O grau de diversidade de uma programação, por exemplo, pode e deve ser medido por indicadores. (BUCCI, CHIARETTI e FIORINI, 2012, p. 12)

De acordo com a pesquisa “Música Independente e Estudos de Mercado”, realizada pela Escola Superior de Propaganda e Marketing e patrocinada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas:

O mercado define o que é música independente não somente pelo porte da gravadora, selo ou grau de expressividade dos artistas, mas principalmente pela separação entre as chamadas *Majors* e as Independentes (também conhecidas como *indies*). Essa divisão considera como *Major* toda gravadora e/ou distribuidora que tenha ligação com as grandes empresas mundiais do segmento musical [...] (SEBRAE/ESPM, 2008)

Considerando que o mercado fonográfico tem a necessidade de rotular toda produção musical e transformá-la em mercadoria, não seria a sigla MPB – surgida nos anos 60 para designar um tipo de música brasileira apresentada nos festivais – também uma criação do departamento de marketing das grandes gravadoras multinacionais? As chamadas *majors* trabalham com nomes consagrados e também formatam novos artistas para atender a um nicho de mercado ou vender um estilo de vida, que vai influenciar o comportamento dos jovens, interferindo na questão do gosto. Isto fica evidente quando nos lembramos de subgêneros musicais que aparecem a cada estação como, por exemplo, o axé, a lambada, o forró universitário, o *tecno* brega, o *funk* carioca e mais recentemente, o sertanejo universitário.

O fato é que estas empresas multinacionais já não controlam mais toda a cadeia produtiva da música. Em época de estúdios caseiros, plataformas digitais e ausência de suporte físico, as canções se tornaram arquivos de áudio, o que facilitou a divulgação de trabalhos alternativos e artistas independentes. A indústria fonográfica, reformulada a partir da Internet e das novas formas de gravação, acesso e distribuição, continua reproduzindo um estilo de vida. O indivíduo simplesmente

consome estes produtos para se sentir parte de um grupo. No sistema capitalista, a informação também é uma mercadoria subordinada às elites, aos interesses do mercado e à visão de mundo dos proprietários das empresas de comunicação. Neste cenário, cabe aos profissionais da área atuar com ética e, no caso específico dos programadores de rádio, rejeitar o modelo de divulgação baseado no *jabaculé* (termo que designa o recebimento de valores pagos por um empresário, para que o artista por este representado possa apresentar-se no referido programa, ou tenha sua música executada). É preciso ter consciência, formação e discernimento necessários para fazer as melhores escolhas, o que certamente vai refletir em um trabalho de melhor qualidade, comprometido em atender ao interesse público.

Segundo a teoria crítica de Adorno, o rádio é entretenimento e não tem o potencial de emancipar as pessoas. Para ele, até mesmo um produto de alta cultura como a música erudita, quando transmitida pelo rádio, perde sua capacidade de estimular a reflexão e se torna entretenimento. Citando o artigo “A Social Critique of Radio Music” de Theodor Adorno, ZUCULOTO lembra que, em suas análises,

[...] o teórico frankfurtiano critica toda e qualquer produção radiofônica, dando a entender que nenhuma pode ser tomada como transmissão de cultura. Nem mesmo a música erudita, cujas veiculações têm sido ostentadas como um dos grandes diferenciais das emissoras educativas em relação ao apelo comercial das rádios de propriedade privada poderia, à luz de suas concepções, conceder “status” realmente cultural às programações. (ZUCULOTO, 2010, p. 55).

Com base no teórico, podemos perguntar se ao menos as emissoras do campo público conseguiram escapar da programação culturalmente massificada que ele atribui a toda e qualquer transmissão radiofônica. Para BUCCI, CHIARETTI e FIORINI a informação é um bem cultural e não pode ser vista simplesmente como mercadoria, pois:

No campo estético, o alvo da radiodifusão pública deve ser o de desconstruir a aura da mercadoria. É nesse sentido que afirmamos que, não fosse isso, a radiodifusão pública poderia muito bem ser dispensável. Definitivamente, não

é para reforçar o predomínio da mercadoria na vida social que a democracia precisa de radiodifusão pública. (BUCCI, CHIARETTI e FIORINI, 2012, p. 15)

Ainda que a programação tenha um caráter generalista, como deve ser em uma emissora pública, a Unesp FM se estabeleceu como uma alternativa para o público adulto, com formação universitária, sem esquecer-se de outras faixas etárias e perfis que potencialmente lhe dão audiência e devem ser considerados. Afinal, antes de tudo, o ouvinte merece ser tratado como cidadão e não um mero consumidor.

## GRADE DE PROGRAMAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Comentando sobre a lógica das grades, François Jost afirma que “o trabalho do programador é acima de tudo o de fixar encontros semanais mais ou menos modelados pela temporalidade social”. (JOST, 2010, p. 83) Ao longo dos anos, a grade de programação da Unesp FM foi sendo incrementada com novos projetos de colaboradores, alunos e docentes da Unesp, visando a atender as necessidades de determinados públicos com produções radiofônicas especializadas. Assim, surgiram programas sobre meio ambiente, esporte, propagandas sociais, cinema, história da imprensa no Brasil, meteorologia, direitos humanos, terceira idade, língua portuguesa, e outros que reforçam o caráter cultural e educativo da emissora, prestando serviços, informando e atendendo aos anseios da comunidade com projetos de extensão universitária.

De um modo geral, a essência da grade de programação se mantém até hoje. Os programas diários são veiculados de segunda a sexta na mesma sequência pensada quando a programação foi originalmente concebida. Logo às seis da manhã há o *Vida Caipira* (programa que traz a música de raiz e as notícias do campo). Depois, às sete horas, foram introduzidos programetes educativos e o *Musical 105*, uma seleção de *flashback* internacional que permanece no ar até 7h50min, quando começa *Cidade Universitária*, o radiojornal que traz informações acadêmicas

das instituições de ensino superior de Bauru e região. Às 8h, o *Primeira Página* apresenta as notícias de capa dos principais jornais brasileiros, e logo em seguida o *Manhã Popular Brasileira* apresenta os clássicos e as novidades da MPB em uma seleção musical que atende aos pedidos de ouvintes e também divulga notícias, agenda, curiosidades e entrevistas com protagonistas do gênero. Depois, às 11h20, o *Jornalismo Unesp* traz a informação cotidiana de Bauru, do Brasil e do mundo, com reportagens e entrevistas. Ao meio dia há o *Conjuntos e Orquestras*, programa diário de música instrumental que apresenta os temas universais nas mais variadas formas e interpretações. No período da tarde e início da noite, temos uma programação jovem com música pop nacional e internacional, começando às 14h com o *Musical Unesp*; depois, às 17h, há o *Fim de Tarde* e, às 20h, o *FM Especial*. A partir das 21h, a emissora veicula programas temáticos dedicados a gêneros musicais específicos. Adotou-se o critério da segmentação, que leva o ouvinte a sintonizar a emissora num determinado horário, para acompanhar um programa temático ou de gênero musical específico.

Durante o dia, a programação musical é fragmentada a cada 15 minutos com abertura de espaço para boletins de notícias e programetes educativos com temáticas variadas, como, por exemplo, literatura, agenda cultural, meio ambiente, meteorologia, saúde, bem-estar, memória, divulgação científica, astronomia, leitura, animais de estimação etc.

Para François Jost, na medida em que as emissoras públicas se dirigem por direito a todos os públicos, elas devem manter a mesma coerência em relação a sua grade de programação, pois, segundo ele:

“[...] o sucesso ou fracasso de um programa depende enormemente do horário em que ele é difundido. [...] Nesta perspectiva, uma das funções estratégicas da emissora é estabelecer uma grade de programação que leva em conta, ao mesmo tempo, os gêneros mais apropriados ao público visado em uma dada hora e a oferta dos outros canais”.(JOST, 2010, p. 75)

Desde o início das atividades da Unesp FM, os responsáveis pela programação perceberam a necessidade de a emissora poder servir como contraponto à massificação cultural que é imposta pelas gravadoras às rádios comerciais. Porém, como lembram BUCCI, CHIARETTI e FIORINI:

Hoje, não há mais a menor razoabilidade na presunção de que as emissoras públicas se oponham às emissoras privadas. Nos debates contemporâneos é cada vez mais unânime a compreensão de que ambos os sistemas são complementares, necessários um ao outro e, ambos, necessários à democracia. (BUCCI, CHIARETTI e FIORINI, 2012, p. 13)

Na perspectiva do profissional de rádio, uma emissora sem fins lucrativos pode e deve oferecer uma programação distinta da que é praticada por rádios comerciais, baseada em liberdade editorial e autonomia. Para o público ouvinte, uma programação independente pode ser a oportunidade de conhecer outras sonoridades e manifestações artísticas, outras formas de cultura, suas linguagens e representações. Pode ainda, constituir um local privilegiado para o cidadão exercitar o seu direito à informação.

Sobre uma classificação para os programas de rádio, apoiamo-nos nas ideias de Kaplun, citado por André Barbosa Filho (2003, p.75) e que propõe a existência de duas grandes vertentes para as emissões radiofônicas: “aquelas em que a música predomina, os gêneros musicais, e as em que a palavra comanda, os gêneros falados”. Sabemos que uma grade de programação se estrutura semanalmente, em geral, por meio de programas diários ou semanais que, em muitos casos, são seriados. Assim, recorreremos mais uma vez a JOST, que estudou a mídia formatada, para entender que:

A noção de formato supõe que o programa a ser exibido seja caracterizado por uma série de parâmetros e de tratos estruturais, que permitam aos diferentes sujeitos envolvidos na concepção e na produção refazer indefinidamente um produto reproduzível, isto é, serializável, uma linha de produtos, como dizem certos diretores de unidades de programas. (JOST, 2010, p. 77)

Na tentativa de responder à questão inicial deste trabalho, realizamos análise de conteúdo para investigar se a música brasileira continua predominando na programação e qual é o espaço dedicado para a inserção musical de artistas nacionais independentes. Analisando a Grade de Programação da Unesp FM no segundo semestre de 2018, verificamos a proporção entre programas do gênero jornalístico, que chamaremos de programas informativos, e os programas musicais que, além das seleções musicais, abarcam também os programas temáticos de gênero musical específico.

No grupo dos informativos, existem 22 programas falados que têm a informação como prioridade. Eles somam 16 horas semanais e representam 10% da grade de programação, com destaque para *Agenda Cultural*, *Boletins do Jornalismo*, *Brasil Rural*, *Cidade Universitária*, *Clube do Pet*, *Colunistas Unesp*, *Edição Universitária*, *Estação Biblioteca*, *Jornalismo Unesp*, *Minuto Ciência*, *Observatório do Esporte*, *Mundo Astronômico*, *Podcast Unesp*, *Que Canto é esse*, *Viver Bem* e *Voz do Brasil*.

No grupo dos musicais, contabilizamos 27 programas que têm a música como prioridade. Eles somam cerca de 150 horas semanais e representam 85% da grade de programação. Neste segmento, existem 14 programas estritamente musicais que somam praticamente 100 horas semanais e representam 60% da grade de programação. Entre eles estão *Balanço Brasil*, *Batuque na Cozinha*, *Caindo no Choro*, *Conjuntos e Orquestras*, *Fim de Tarde*, *FM Especial*, *Happy Hour* (mensal), *Lounge Unesp*, *Madrugada Brasileira*, *Manhã Popular Brasileira*, *Musical 105*, *Musical Unesp*, *Sintonia Fina* e *Vida Caipira*.

Ainda no grupo dos musicais, temos 14 programas temáticos ou produzidos a partir de um gênero musical específico que somam 50 horas semanais e representam 30% da grade de programação. Entre eles: *A Música no Tempo*, *Brasil Instrumental*, *Canta Brasil*, *Clássicos Unesp*, *Esse Tal de Rock'n Roll*, *Estação Blues*, *Jazz in Concert*, *Música Interior*, *Música Ligeira*, *Os Grandes Mestres*, *Pé na Estrada*, *Rádio Saudade*, *Tudo Isto é Fado* e *Unespinha*.

No período analisado, verificamos que a grade de programação da Unesp FM organiza as suas emissões na seguinte proporção: 10% de programas informativos e 90% de programas musicais. Ou seja, a julgar pela participação na grade, podemos afirmar que, apesar do progressivo incremento na quantidade de projetos de extensão que resultaram em novos programas informativos, a Unesp FM continua sendo uma emissora musical, o que justificaria uma pesquisa de maior fôlego sobre o tema.

Tendo isso em mente, o próximo passo seria descobrir qual é o espaço destinado à música popular brasileira e aos artistas independentes na grade de programação. De acordo com os dados obtidos nos Relatórios de Músicas Veiculadas no segundo semestre de 2018, os números pouco se alteram de um mês para outro. Em média, os profissionais responsáveis pela programação da Unesp FM selecionam 220 músicas para serem veiculadas diariamente. Destas, temos 127 músicas brasileiras, que representam 58% do total, e 53 canções de novos artistas, que representam 23% do total de músicas veiculadas no período.

Portanto, apesar de não haver um compromisso formal com o mercado da música independente, o segmento tem grande participação na programação musical da emissora. A análise dos relatórios mostrou que a música brasileira continua sendo a opção preferencial em toda a grade de programação. Isto se deve ao grande número de programas musicais e temáticos que abordam a diversidade cultural de nossa música.

Como vimos, a exemplo do que ocorria no início das transmissões, a Unesp FM consolidou sua grade de programação sobre fórmulas mais ou menos fixas que vão articular música, informação, cultura e entretenimento em dois eixos principais: a programação horizontal e a programação vertical. François Jost lembra que a identidade de uma emissora está intimamente ligada a sua programação, ou seja, “a lógica de marca impulsiona as emissoras a escolherem programas coerentes com sua imagem e, reciprocamente, a construírem a imagem da emissora, seja ela privada ou pública, comercial ou não”. (JOST, 2010, p. 91) Segundo ele, a questão central a ser resolvida pelo programador se deve ao fato de que:

[...] cada programa constitui a imagem da emissora e a imagem da emissora semantiza cada programa, de tal modo que assistir ao mesmo programa em emissoras diferentes não tem o mesmo sentido. Em tempos de globalização, essa equação é mais difícil de resolver, pois as emissoras do mundo inteiro tendem a escolher os mesmos formatos. (JOST, 2010, p. 91).

Nestes quase 28 anos de história, a Unesp FM consolidou uma programação plural baseada na diversidade de ritmos e estilos musicais. Desde o início das transmissões a música popular brasileira tem sido valorizada e ganhou diversos programas temáticos que ajudaram a construir a identidade da emissora. Alguns destes programas ainda estão presentes na grade atual como, por exemplo, *Balanço Brasil*, *Batuque na Cozinha*, *Caindo no Choro* e *Manhã Popular Brasileira*, o mais abrangente deles, com 19 horas semanais de seleção musical.

A partir da sua inauguração, a Unesp FM foi ajustando sua programação com o objetivo de equilibrar informação e entretenimento. Então, optou-se por alocar os chamados programas temáticos no período noturno, liberando os períodos matutino e vespertino para a programação mais generalista, baseada em seleção musical entremeada por notícias, campanhas governamentais e programetes educativos, na qual o jornalismo sempre participou ativamente. Outra característica que se mantém até hoje é a emissão dos programas temáticos durante todo o final de semana com objetivo de atingir os vários públicos em seus horários de descanso.

Considerando o período noturno, temos um exemplo de programação horizontal que reservou uma faixa especial para exibição de programas temáticos em formato educativo após as 21h, com potencial de atingir um público específico, ainda que concorrendo com a televisão em seu horário nobre. Outros espaços segmentados aparecem na programação da madrugada e do final de semana, em especial nos horários de folga da equipe, como o domingo que tem a programação pré-gravada e totalmente automatizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Liberdade editorial, autonomia e financiamento público são as principais características das emissoras sem fins lucrativos pertencentes ao campo da radiofonia pública. Trata-se de estações de rádio brasileiras não-comerciais, estatais, educativas, culturais e universitárias, reconhecidas por serem mais democráticas em relação à diversidade de vozes e o compromisso com a pluralidade em suas grades de programação.

No cenário local da radiodifusão sonora em frequência modulada e, de acordo com a natureza de sua exploração, a Unesp FM consolidou uma programação que visa atender ao pluralismo e a diversidade cultural, além de manter uma atitude de resistência ao mercado fonográfico, privilegiando artistas, obras e autores que não encontram espaço na mídia comercial. Desse modo, *hits* e sucessos do momento, partidários e produtos da lógica da indústria cultural aplicada à produção musical, não comparecem na grade da emissora.

Portanto, na perspectiva da programação musical, podemos afirmar que a Unesp FM cumpre sua função de rádio pública quando, ao apostar na música independente, rompe com a lógica do consumo e do mercado, e consegue escapar da programação culturalmente massificada que Adorno atribui a toda e qualquer transmissão radiofônica. Na medida em que se apresenta como alternativa ao modelo hegemônico de rádio comercial, a emissora pública serve para contrapor esta lógica e lançar um olhar de alteridade sobre a indústria do entretenimento.

As rádios comerciais promovem determinados artistas e suas “músicas de trabalho” porque elas dependem disso. De certa forma, estas emissoras acabam aceitando o jogo das gravadoras por acreditar que esta é a única maneira de se viabilizarem economicamente. Afinal, o modelo privado de radiofonia costuma planejar sua programação em função dos índices de audiência e das possibilidades de agregar o maior número de anunciantes.

Nas emissoras sem fins lucrativos, o que vai assegurar independência e liberdade editorial é a questão do financiamento público. Diferentemente das emissoras comerciais, a Unesp FM não se financia por meio de anunciantes e pode adotar outro discurso, outro ritmo, outro ambiente sonoro e outra proposta de programação musical comprometida com a cultura e a educação, nos seus aspectos formativos e informativos. Em suma, autonomia e liberdade editorial são conquistas facilmente verificadas em sua programação musical, pois refletem o valor da independência em relação aos poderes político e econômico.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos, os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BLOIS, Marlene. Rádio educativo no Brasil: uma história em construção. Núcleo de Mídia Sonora. **Intercom**. Disponível em: [http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP06\\_blois.pdf](http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP06_blois.pdf). Acesso em: 22 jan. 2019.

BUCCI, Eugênio. A razão de ser das Emissoras Públicas na Democracia. **Revista Interesse Nacional**, 2008. Disponível em: [www.interessenacional.com/artigosintegra.asp?cdartigo=16](http://www.interessenacional.com/artigosintegra.asp?cdartigo=16). Acesso em: 25 jul. 2018.

BUCCI, Eugenio; CHIARETTI, Marco; FIORINI, Ana Maria. Indicadores de qualidade nas emissoras públicas: uma avaliação contemporânea. **Série Debates CI**. Brasília, n. jul. 2012, p. 1-36, 2012. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002445084.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.

FADUL, Anamaria. Indústria Cultural e Cultura de Massa. **Série Ideias**, nº17. São Paulo, FDE, 1994. p. 53 – 59.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Editora Sulina, 2010. 165 p.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING. **Música independente**: estudo de mercado SEBRAE/ESPM, setembro de 2008. Disponível em: <http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/C0AB6693C8A51634832574DC0046DA04/%24File/NT0003908A.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras**. 241f. Tese (Doutorado). Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Disponível em: [http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2740](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2740). Acesso em: 25 jun. 2012.

# WEB RÁDIO UNEB/CAMPUS XIV- COITÉ /BA: Experimentalismo, Educação Online e Comunicação Não-Violenta

Pricilla de Souza Andrade<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Essa proposta de pesquisa, Web Rádio UNEB objetiva ampliar as discussões no que tange; cultura técnica, experiência, educação online e formação docente. Tudo isso trabalhando com a linguagem radiofônica em uma perspectiva digital, no meio Web Rádio. Esta proposta de meio difere de uma Rádio na Web, ou seja, da retransmissão de uma rádio tradicional via internet na qual, essencialmente significa ter o acesso da sua estação de rádio apontando seu navegador para um servidor, endereço em que se encontra a referida estação. O Território presenciou nas últimas décadas um contexto de efervescência em relação ao surgimento de rádios postes, e especialmente, das rádios comunitárias, utilizando o formato tecnológico de linguagem tradicional, por meios das ondas eletromagnéticas. Os conteúdos veiculados por essas emissoras em sua maioria, ainda hoje, são voltados para os interesses especialmente, políticos, das comunidades locais, com forte presença dos representantes de associações e movimentos sociais.

Essa proposta de pesquisa da Web Rádio UNEB objetiva ampliar essas discussões no que tange; cultura técnica, experiência, educação online e formação docente. Tudo isso trabalhando com a linguagem radiofônica em uma perspectiva digital, no meio Web Rádio. Esta proposta de meio difere de uma Rádio na Web, ou

---

<sup>1</sup> Mestre em Cultura e Turismo. Docente do Curso de Comunicação, Rádio e TV/UNEB, Coordenadora da área de som e Tecnologias. Universidade do Estado da Bahia/UNEB - Conceição do Coité, Campus XIV. E-mail: pricillandrade@yahoo.com.br.

seja, da retransmissão de uma rádio tradicional via internet na qual, essencialmente significa ter o acesso da sua estação de rádio apontando seu navegador para um servidor, endereço em que se encontra a referida estação. Na proposta da Web Rádio UNEB, no que tange à tecnologia, o estudo pretende explorar a utilização do Software Livre (SL), devido a questões a serem abordadas mais adiante. Esses programas fazem uso da tecnologia de streaming (transmissão de dados que traz até sua máquina um fluxo contínuo de som que é suportado por um buffer, ou forma de armazenamento de dados).

Para melhor definição das questões técnicas e operacionais, iniciou-se em 2015, um diálogo com a GERINF (Gerência de Informática) da UNEB, Campus. No entanto, em prévio diálogo com o Coordenador de Informática do Campus XIV/Coité- Ba, Tarcísio Santos Queiroz constatamos que havia viabilidade técnica para que a ideia fosse executada. A infraestrutura de rede básica necessária para implementação do projeto da Web Rádio já existia na Instituição, precisando apenas de alguns ajustes e configurações adicionais que foram feitas em conjunto com o pessoal do Centro de Processamento de Dados da Gerência de Informática da Universidade, do Campus I.

Diante das especificações técnicas, cabe salientar que a produção de conteúdo desse veículo prevê a participação de todos os cursos do Campus XIV, de outros departamentos, das parcerias interinstitucionais e do envolvimento com a comunidade local. Pretende contar com a participação de professores e estudantes que tenham interesse na proposta de pensar e produzir produtos e conhecimento por meio da linguagem radiofônica, no campo das tecnologias da comunicação, com foco na educação online. Esse meio Web Rádio permite a veiculação de programas educativos nos mais variados formatos, horários e duração (transmissão ao vivo, músicas, poesias, debates, seminários, mesas redondas etc.), tem ainda por finalidade aproximar a universidade da comunidade local e todo o mundo através da rede mundial de computadores, na medida em que tornará perceptível o conhecimento produzido, as ações acadêmicas e atividades culturais que são desenvolvidas em

seus diversos cursos. A realidade contemporânea aponta que, o meio social está cada vez mais conectado às mídias convergentes. Essa é a maior relevância desse projeto. A Web Rádio UNEB se estabelece como um meio que possibilita pesquisar a convergência de linguagens, já que, além de veicular a produção sonora, permite a veiculação de fotografias, vídeos e textos escritos.

Com isso, surgiram inúmeras possibilidades de utilização do conteúdo de pesquisa e produção, para auxílio na formação do professor-pesquisador bem como a utilização desse material midiático como ferramenta de aprendizagem em sala de aula, tendo em vista que estando disponíveis na rede, podem ser baixados e/ou editados para uso em sala de aula, até mesmo em outros suportes técnicos.

O estudo da Web Rádio possibilita uma revisão conceitual dos termos; cultura técnica (MACEDO, 2014), Tecnologia (LÈVY, 1993; LEMOS, 2007), Web Rádio (PRETTO, 2010; PRETTO, 2008; BARBERO), Convergência (JENKIS, 2009) Formação Docente (PEREIRA, 2012; OLIVEIRA 2012), Educação Online, organizado pelo pesquisador Marco Silva. Metodologicamente, optamos por apontar os desafios da implantação e concomitantemente faremos análise em relação aos conceitos ressaltados acima, por meio da descrição e compreensão das etapas desde a sondagem, implantação técnica e elaboração do conteúdo para a Web Rádio UNEB, Campus XIV, por meio do experimentalismo. Acredita-se que traçando esse percurso, será possível uma análise mais próxima desde a idealização até a implantação da Web Rádio Universitária, utilizando a tecnologia do Software Livre.

## DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS TÉCNICAS NA IMPLANTAÇÃO DA WEB RÁDIO UNEB, NO CAMPUS XIV

A proposta Web Rádio na UNEB é pautada pela inserção da “tecnológica digital no meio social e educacional, portanto traz à tona a proposta da ciência no século XX, a da interdisciplinaridade, pois tem uma abordagem “híbrida”

em relação aos fundamentos que a norteiam, tendo como base estudos que relacionam; tecnologia, comunicação e educação. Podemos definir Web Rádio como; “transmissão radiofônica na internet com tecnologia streaming (processo de transmissão de áudio digital (ou vídeo) na internet que pode ser ouvido ou visto em tempo real).” (PRIESTMAN, 2006).

Nesse contexto de apelo aos sentidos, cabe situar a importância das subjetividades dos indivíduos envolvidos na escolha e produção da programação a ser veiculada na Web Rádio. São sujeitos carregados das relações de afetos que estabelecem em sala de aula e fora dela, entre professores e colegas, nota-se que nesse contexto existe espaços a serem considerados, os lugares de fala e de escuta (como aponta abaixo a pesquisadora; vai além da simples observância da audição). No texto; Educação, Afeto e Representações Sociais, a pesquisadora Maria de Lourdes Ornellas, observa;

Portanto, a fala e a escuta de professores em sala de aula encontram-se ancoradas em representações de sedução, relação transferencial, ambivalência, repressão e frustração. São as representações sociais carregadas de afetos da cor de Eros e Thanatos. O mestre da psicanálise ajuda a escutar o construto afeto: “um dos estados emocionais, cujo conjunto constitui a gama de todos os sentimentos humanos, do mais agradável ao mais insuportável (CHEMAMA, 1995, p. 10)”. Ou seja, afeto tanto pode estar no campo do prazer como do desprazer. Ambos se tecem e estruturam o sujeito. (ORNELLAS, 2009, p.289).

Considerando esses aspectos da subjetividade e da relação afetiva que ocorre na sala de aula, a nova dimensão do social na contemporaneidade está impregnada também por intervenções tecnológicas e comunicativas que, cada vez mais, agregam indivíduos, associando-os a determinados grupos. Cabe salientar que, para além dessa observação em relação aos meios de comunicação e as relações sociais, o campo educacional vem sendo diretamente afetado e desafiado pelas inovações dos meios digitais. Como apontam as pesquisadoras Cristiana Nova e Lynn Alves, o cyberspaço é um ambiente virtual de aprendizagem, portanto;

O cyberespaço surge não só por conta da digitalização, evolução da informática, e suas interfaces, própria dos computadores individuais, mas da interconexão mundial entre computadores, popularmente conhecida como Rede internet. Da máquina de calcular à internet muita coisa mudou e vem mudando no ciberespaço. Tal mutação se caracteriza, dentre outros fatores pelo movimento do faça você mesmo e de preferência com outros iguais e diferentes de você. A rede é a palavra de ordem do ciberespaço!” (2003, p.148).

Segundo as pesquisadoras, “Rede” aqui está sendo entendida como todo fluxo e feixe de relações entre seres humanos e as interfaces digitais. Ainda nesse estudo, elas abordam as políticas de formação do professor para o uso das tecnologias da Informação e da Comunicação e apontam que, o professor não precisa mais absorver um universo de informação com a preocupação de transmitir-las aos alunos, pois elas estão sendo disponibilizadas pelos meios de comunicação de forma mais atualizada, comparando há 20 ou 30 anos, quando não existia ainda a disseminação da internet. Com isso;

A introdução das tecnologias na sala de aula poderá tornar o processo ensino aprendizagem sintonizado com a vida contemporânea, proporcionando aos alunos o acesso a uma nova forma de comunicação que privilegie a escolha dos próprios caminhos, como ocorre, por exemplo, quando se faz um *zapping* entre sites e canais de televisão. (2003, p.233).

Todas essas modificações culminam no surgimento do que Lèvy (1998), denomina de “Inteligência Coletiva”, “que é uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada e mobilizada em tempo real” (1998, p.30). Nesse sentido, a Web Rádio UNEB, contribui na formação científica dos discentes e do docente, para que sejam ampliadas, as reflexões acerca da utilização desse meio de comunicação e informação, enquanto um “ator” técnico ou “intermediário” dentro da sociedade midiaticizada, bem como as possibilidades de diálogo no campo da educação, pontualmente, no que corresponde a formação de professores.

Para Nelson Pretto (2010), em seu livro *Do MEB à WEB: O rádio na educação*;

O papel positivo e incitador, o valor educativo cultural e político da rádio são inquestionáveis. Diante desse fato, seria possível continuar citando exemplos de casos notáveis em cada país, dentro e fora da América Latina. O MEB (Movimento de Educação de Base) é um grande exemplo sobre a utilização do rádio na educação brasileira;

O MEB tem como instrumento pedagógico básico o rádio, que possibilitou, em função de suas características, o desenvolvimento de atividades que buscavam, ao mesmo tempo, o uso das técnicas de comunicação, consideradas avançadas para a época, numa perspectiva de fazer Educação à distância, mas também a sua interação com as atividades locais, dentro das salas de aula e nas comunidades. Para tanto foram utilizados métodos e técnicas didático pedagógicas, umas já conhecidas, e outras criadas no próprio desenrolar do trabalho. Através da utilização do rádio, considerada a sua abrangência, foi possível chegar aos locais mais distantes do País, transformados em sala de aula. (PRETTO, 2010, p.23)

Dessa forma, nota-se que o MEB, de fato se apropriou do meio rádio para, por meio da oralidade, característica forte dessa tecnologia alcançar pessoas nos lugares mais distantes do Brasil, levando conteúdo educativo, através desse meio. Para Pretto (2010), o antropólogo e sociólogo latino-americano, JesúsMartín-Barbero colocou de maneira lúcida e sincera a mudança de paradigmas cognitivos e estratégias organizacionais para realizar educação, ao perceber que estamos passando de uma sociedade com um sistema educativo para uma sociedade da Educação. Nesta perspectiva, a aprendizagem e o conhecimento não só dependem da escola e das instituições educativas formais,mas também de múltiplas fontes. É importante destacar outro aspecto relevante no que diz respeito à pesquisa e a produção de conteúdo do objeto pesquisado, que é aconvergência de mídias. Segundo Barbosa Filho (2003), são os tempos da convergência dos media, em que os instrumentos tornam-se cada vez mais compactos, concentrando em si, as mais diversas formas de contato temporal com a mensagem informativa sonora, audiovisual ou em texto, permitindo interatividade em sua conexão mais abrangente.

Os desafios em relação ao corpus da pesquisa configuraram-se primeiramente, pelos detalhes da estrutura técnica organizada e adequada no lócus para a montagem da pretendida Web Rádio UNEB, no Campus XIV. Nesse caso, buscou-se elucidar quais os impedimentos técnicos, já que inicialmente, a “mão de obra” ou os realizadores das primeiras produções seriam os estudantes do curso de comunicação, especialmente, e também discentes dos demais cursos do departamento, além de professores, técnicos e pessoas da comunidade local que tivessem interesse pela proposta ao longo do percurso.

Desde 2014, como docente no Curso de Comunicação, na área de Rádio pude observar que havia a necessidade de implantação de um meio no qual, os alunos pudessem exercitar seus aprendizados teóricos e mais que isso, experimentar novos formatos e possibilidades de trabalhar a comunicação, mais especificamente, a linguagem radiofônica que, considerando que o conteúdo partiria do meio acadêmico, teve-se como preocupação, que mesmo o conteúdo tendo objetivo educativo-formativo pudesse também “prender” a atenção dos internautas, dos espectadores de modo geral, promovendo diálogos com os pares da academia, de outras universidades bem como da comunidade local. Para isso, deve-se considerar com centralidade, o caráter experimental dessa proposta;

O experimentalismo na comunicação, antigamente, estava associado somente a produções artísticas. Como exemplo, em 1967, o músico Glenn Gould inovou o conceito de documentário radiofônico ao montar suas peças quebrando a linearidade das produções da emissora britânica BBC. Ele usava formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, de efeitos e do silêncio, não usava narradores e construía a narrativa por meio de depoimentos. A linguagem representa uma das maneiras de experimentalismo. Bertold Brecht, em Teoria do Rádio (1932) propõe que diretores de rádio não se limitem somente a reprodução de conteúdo e a informação, mas que também haja experimentos, e que a arte e o rádio estejam ligados a fins pedagógicos. (FIGUEIREDO, 2013, p.7)

Com o advento da internet foi possível ampliar significativamente as possibilidades de experimentação, não só das produções artísticas, mas essencialmente, dos meios de informação. Com isso, são inúmeros os experimentos e projetos também com fins pedagógicos. Para a Web Rádio UNEB foi importante estabelecer contato e parceria com a Rádio FACED/ UFBA, através da coordenadora, Luciana Oliveira da UFBA. Através desse contato foi possível analisar e optar experimentar a tecnologia do Software Livre. Pois, logo no início da proposta da Web Rádio descobrimos que as “portas” da internet da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) encontravam-se fechadas para acesso da comunidade externa no que se refere às produções audiovisuais, alegando questões de segurança, já que a política de tecnologia da Universidade funciona com softwares proprietários. O *streaming* que faz a distribuição desse material possui um alto custo, e como já foi apontado, toda a Universidade utiliza software proprietário, ainda assim optamos pelo Software Livre, pelo baixo custo e pela aproximação com as discussões ideológicas que apoiam a valorização e democratização do conhecimento, dentro das discussões que pensam o conhecimento livre.

Segundo o relatório “Panorama Básico da Infraestrutura de Rede Lógica do Campus XIV da Universidade do estado da Bahia (UNEB)”, solicitado pela GERINF e elaborado pelo coordenador de Informática Tarcísio Queiroz “O Departamento de Educação do campus XIV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) tem relevante importância como polo educacional através dos cursos oferecidos pela Instituição, foi implantado no ano de 1992. Atualmente possui quatro cursos de graduação, com um total aproximado de 519 estudantes, 40 técnicos administrativos e 70 professores” (QUEIROZ, 2016, p.6), ele acrescenta ainda a necessidade de uma reformulação e adequação da estrutura básica que abriga toda a rede de informática, além de aumentar a banda larga, ou a capacidade de acesso à internet, o que possibilitaria uma melhor transmissão e postagem do conteúdo dentro do Campus XIV.

Ainda que haja um estranhamento, quando descrevemos os processos técnicos no campo da educação, nesse caso, todas as preocupações e medidas necessárias para implantação de uma Web Rádio Universitária é necessário encarar que há um duplo desafio em relação ao campo da educação, como aponta Roberto Sidnei Macedo, em *Atos de Currículo e Formação em Ato?* Em uma análise de Guy Berger, ele aponta “falar de uma cultura técnica, em relação à educação, seria se engajarmos um processo de revalorização, de redescoberta, pois que a técnica foi de alguma forma colocada fora do campo educacional” (BERGER, 1989, p.11), para tanto MACEDO (2014), acrescenta;

Em síntese a escola rejeita a técnica, mas é profundamente tecnicista. Esta mesma escola, de forma preocupante, é incapaz de refletir sobre a técnica e a sua cultura, ligadas à sociedade contemporânea, às impurezas humanas, ao dinheiro, às ideologias etc...e mesmo em relação à emancipação como possibilidade cultural e social. Nesses termos, tomando os âmbitos da cultura técnica, a educação não pode, ao refleti-la, perder de vista a reflexão crítico-cultural (p.95).

Na perspectiva de compreender que a implantação de uma Web Rádio Universitária suscita sim, para além das práticas comunicativas dos discentes e docentes do Campus, questões relacionadas à implicação, autorização e formação docente, com isso, o pesquisador elucida que;

Assim, a implicação está ligada ao ato de autorização, enquanto competência para se autorizar, fazer-se autor de si próprio, assim como do caráter ineliminável da intuição que se tornará, ela mesma, heurística, em se considerando a implicação como fonte e meio de conhecimento e formação, e não só fator de distorção, como querem os objetivistas, que percebem a condição subjetiva humana como apenas uma fonte de contaminação das verdades científicas (MACEDO, p. 122)

Observamos que para a implantação do meio em análise, o qual traz uma proposta inovadora nesse espaço acadêmico faz-se essencial a implicação dos sujeitos envolvidos; seja na elaboração dos conceitos chaves que irão nortear os

objetivos, metas e resultados esperados, seja para a adequação técnica no campo da informática, bem como o diálogo da proposta, ao plano de Gestão do Departamento, o que também ocorreu em meados de 2016. Mas sem dúvida, três características fundantes determinaram de maneira efetiva a implicação e autorização dos sujeitos envolvidos. Primeiro a possibilidade de se ter um meio de comunicação para exercitar, experimentar e expor a produção dos produtos radiofônicos e eventos do curso de Comunicação Social Rádio e TV, seguindo o caráter interdisciplinar, alargando essa possibilidade aos outros cursos do Campus, inclusive às Licenciaturas e terceiro um espaço para o exercício de formação docente, no que concerne à educação online, por meio dos vários usos das linguagens da comunicação.

Outro grande desafio para se pensar a longo prazo é o efetivo amadurecimento na utilização dessa ferramenta de comunicação Web Rádio, na Educação Online, pensar por exemplo, em termos de desenho didático para uso curricular dos professores, apesar de não ter sido esse, até o momento, o foco desse trabalho. (SILVA, 2008 *apud* OLIVEIRA, SALES, FILHO, 2012) afirma que; “o desenho didático supõe a estruturação dessa trama de elementos e de encaminhamentos capazes de acolher e promover a comunicação, a docência e a aprendizagem na tela do computador”. Com isso, percebemos que é possível vislumbrar um desenho didático de aprendizagem também para a Web Rádio.

## ELABORAÇÃO DA PROGRAMAÇÃO: DOCÊNCIA ONLINE, SOFTWARE LIVRE E CONVERGÊNCIAS

Observamos que desde o final da última década do século XX cresce cada vez mais a oferta de cursos técnicos, graduações e pós-graduações via internet. Importante aqui, salientar que durante o processo de implantação da Web Rádio UNEB, optamos pelo Software Livre para implantação da tecnologia de *Streaming*, a qual permite que ocorra a transmissão de dados audiovisuais pela internet, tornando possível que o conteúdo seja acessado pela comunidade externa, com

maior segurança, inclusive. Sendo o Software Livre; um programa de computador com o código-fonte aberto, possibilitando que qualquer técnica possa estudá-lo, alterá-lo, adequá-lo às suas próprias necessidades e redistribuí-los, sem restrições. Geralmente os softwares livres também são gratuitos. Dessa forma, o software livre é desenvolvido por milhares de programadores espalhados por todo o mundo que se mantêm em contato pela internet. Boa parte deles trabalha por hobby ou é estudante de tecnologias. Mesmo assim, a produtividade e a criatividade chamada “Comunidade do Software Livre” consegue ser maior do que a de empresas multinacionais como a Microsoft. Desenvolvido por essa comunidade, é GNU/LINUX.

Foi utilizando a tecnologia do Software Livre que criamos um servidor Web Rádio específico para atender a Web Rádio UNEB. Ficou decidido que este servidor ficaria instalado no Campus I, devido à estrutura de rede de informática com melhor capacidade para atender uma boa quantidade de acessos ao site do meio: [www.radiouneb.br](http://www.radiouneb.br). As primeiras reuniões para implantação dos principais da estrutura técnica e programação iniciaram em março de 2016. Já no dia 08/03/2016 Reunião sobre as possibilidades técnicas, trâmites burocráticos para hospedagem da Web Rádio na Internet e no servidor da UNEB. 20/03/2016 Reunião sobre a programação da Web Rádio que inicialmente ocorrerá nos intervalos. 11/04/2016 Reunião sobre programação da Web Rádio e configuração da Oficina para Monitores de Edição, Gravação e Mixagem. 25/04/2016 Discussão sobre Grade de Programação 03/05/2016 Propostas de Grade de Programação; 10/05/2016 **Grade Básica de Programação Musical**; 07:00 Musical de Raiz Sertanejo, 08:30 Notícias, 09:00 Musical/ Samba, 10:00 Informes, 10:30 Dica Cultural (audiovisual, literatura, música, etc), 11:00 Saúde (entrevistas, informes), 11:30 Esporte, 12:00 Notícias, 12:30 MPB, 16:00 Reggae, 17:00 Rock Nacional, 18:00 Forró, 19:00 Flash Back.

Essa programação reflete as escolhas editoriais da Web Rádio, pensando em uma proposta que contemple aspectos culturais do Território do Sisal. Junto com essa programação básica, essencialmente musical, também foram pensados blocos de interesse para a criação dos programas, a serem intercalados com a programação

musical. São eles; música, literatura, poesia, movimentos sociais, interatividade, vídeos séries, filmes de bolso. Todos esses blocos, divididos em equipes pelo critério de interesse, possibilitando também construir produtos audiovisuais nos mais variados gêneros radiofônicos, tais como: entrevistas, mesas redonda, documentários, spots, vinhetas, jingles, programas musicais e radiojornalísticos.

Podemos observar que na elaboração do conteúdo para a Web Rádio privilegia-se o caráter interdisciplinar presente em sua proposta original. Dessa forma entende-se que;

A interdisciplinaridade é caminho essencial para se chegar à transdisciplinaridade, que exige que todos os educadores partam de experiências cotidianas concretas para, através delas, construir o saber válido e libertador. Impossível chegar a um currículo plenamente interdisciplinar sem uma formação contínua permanente de professores, fazendo-os sentir descobrir a dignidade de sua profissão unida à formação como prática permanente e sistematizadora da reflexão, construída na base do diálogo. Todo diploma e certificação docente devem evoluir para a ideia de uma validade apenas transitória (ANTUNES, 2014, P.40)

Dessa forma, observa-se que a interdisciplinaridade se caracteriza como um dos conceitos chaves para a proposta de trabalho da Web Rádio, bem como outro conceito abordado no tópico acima e retomado novamente aqui, para trazer algo significativo, que é o de convergência. Anteriormente já foi dito sobre a convergência dos meios, mas JENKIS (2009) acrescenta sobre as suas possibilidades técnicas, ela vai além;

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros... a inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. (p.30)

Essa experiência da convergência dentro dos cérebros é vivenciada pela equipe da Web Rádio, que após participação, como coordenadora deste meio, Web Rádio UNEB no maior evento de software livre do país, o 17º FISL Fórum Internacional de Software Livre, na PUC- RS em julho de 2016 retorno com muitas “convergências de ideias”. A primeira delas foi a própria consolidação junto ao setor de Informática do Campus, especificamente com o coordenador técnico administrativo, Tarcísio Queiroz em relação a utilização do Software Livre, na estrutura técnica da Web Rádio, depois participamos juntamente com membros voluntários, entre eles; estudantes e o técnico do laboratório de rádio, Paulo Enseldo do I Encontro Baiano de Mídias Livres, em Salvador/BA, um passo importante para nos inserirmos e começarmos os diálogos com componentes do grupo de midiativistas da Bahia. Mobilizamos a Gestão do Campus e organizamos, em parceria com a professora Lílian Almeida, do curso de Letras e o NUPE- Núcleo de Pesquisa, em setembro de 2016, o I SEMDSL- I Seminário de Mídias Digitais e Software Livre, no Campus XIV, com programação disponível no endereço, [www.semdsl.com.br](http://www.semdsl.com.br)

Com isso, o primeiro evento realizado pela Web Rádio tratou de estabelecer outras “convergências”, desta vez com outras instituições UFRGS, UFBA, IFBA. Tivemos uma participação massiva dos alunos e professores do Departamento que se interessaram pela proposta da Web Rádio. Contudo, o I SEMDSL marcou o Campus XIV pelas possibilidades de convergências entre tecnologias e todas as áreas do conhecimento do departamento, evidenciadas na programação, desde a Conferência, palestras e oficinas.

O II SEMDSL (Seminário de Educação, Mídias Digitais e Software Livre) pela primeira vez realizou parceria com o Festival de Cinema Kurumim que ocorre em Salvador há seis anos, organizamos uma Mostra do mesmo em conceição do Coité, para o evento. Com a Mostra Cine Kurumim pudemos inserir a temática; Produção Audiovisual Indígena, nas discussões sobre mídias livres, educação e tecnologias. Foram muito importantes as contribuições institucionais, por meio da PROEX/UNEB, as parcerias científicas com o MPED/ Mestrado Profissional de

Educação da UNEB/Ba, por meio da apresentação de seus trabalhos e mais uma vez, as parcerias com a professora Cíntia Inês Boll, da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), coordenadora do Grupo de estudos Cultura Digitais e Mídias Móveis, e novamente a Rádio FACED, na troca de experiências e experimentando novas possibilidades de WEB Rádio, junto à Web Rádio UNEB/Coité. Contamos com a participação do Movimento Baiano de Mídias Livres e Coletivo Rádio Amnésia, além da parceria local, com o Projeto Revolution Reggae, que firmou parceria com a Web Rádio UNEB para oferecermos consultoria a partir do evento, o II SEMDSL. Importante também destacar a presença da Secretária de educação do Município e professores da rede municipal e estadual de ensino pelo segundo ano consecutivo.

## TECENDO NOVOS RUMOS E DIÁLOGOS PARA A WEB RÁDIO UNEB

Compreendendo que a comunicação se caracteriza por ser a ação do homem no mundo, sua forma de expressão, de se relacionar consigo mesmo e com os outros, propomos novos rumos e diálogos entre web rádio e software livre na educação, a partir da Comunicação Não-Violenta (CNV). De acordo com Rosenberg (2006) o cerne dos princípios da CNV apontam para a necessidade se comunicar “do fundo do coração”, ou seja, se baseando em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas, “o objetivo é nos lembrar do que já sabemos, de como nós humanos, deveríamos nos relacionar uns com os outros (p.21). A Web Rádio e o software livre se apresentam nesse contexto, como meio e tecnologia, respectivamente, de comunicação que possuem relevância e se destacam no campo da Educação com a interdisciplinaridade e no campo social, com a transdisciplinaridade, principalmente. A importância dos conceitos de Software Livre, Experimentalismo, Educação Online e Formação Docente, abordados acima são necessários para atender as demandas conceituais que norteiam o funcionamento da Web Rádio, no contexto sociotécnico,

interdisciplinar e transdisciplinar diante do cenário atual de tantas transformações técnicas e paradigmáticas. A Web Rádio UNEB, localizada no Campus XIV, de Conceição do Coité/Ba, tem cada vez mais firmado seus princípios norteadores, na criação de espaços e recursos educativos para experimentação, nos quais considera importante fazer durar essa necessária experiência comunicativa aberta em tempos de tecnologia digital e móvel. Transformar este espaço colaborativo para a formação e pela busca de conhecimentos aliados às formas alternativas de novos conceitos em software livre, conhecimento livre, liberdade de expressão e criação. É pautada pelo experimentalismo em tempos de cultura da convergência (JENKIS, 2009) e de tecnologia digital com software livre, utilizando o Sistema operacional GNU/Linux Etertics v7.1, no meio social e educacional desta territorialidade. Considerando que Web Rádio pode ser entendida como “transmissão radiofônica na internet com tecnologia streaming (processo de transmissão de áudio digital (ou vídeo) que pode ser ouvido ou visto em tempo real”, Priestman (2006, p.25). Entre os processos de transmissão que foram possibilitados pela digitalização está o *webcasting*, que significa um termo genérico para a transmissão na Internet de conteúdo de áudio ou vídeo por meio de um software de streaming, acompanhado de texto hospedado em um website. No caso da Web Rádio UNEB, tanto a plataforma quanto os periféricos para seu funcionamento são livres, ainda que a política de informática da Universidade continue funcionando com softwares proprietários. Tendo como foco a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, conta com a participação de áreas do conhecimento de outras instituições e as presentes no Campus de Coité, encontra-se aberta às parcerias interdepartamentais, que tenham interesse nas áreas da tecnologia, comunicação e educação, atendendo as suas especificidades regionais. É transdisciplinar, pois tem dialogado com movimentos de mobilização social em Coité, como o Revolution Reggae e a Filarmônica de Serrinha, ambos estão sendo acompanhadas pelo projeto de extensão Web Rádio UNEB, no desenvolvimento de seus próprios meios de comunicação.

Acredita-se que a Web Rádio utilizando a tecnologia do software livre possibilita abrir mais espaços para a criação e expressão da comunicação, de forma mais clara, menos reativa, pois busca o colaborativismo e agregação de diversas formas de linguagem promovendo a capacidade de diálogos potentes em uma cultura plural. Tudo isso, sendo refletido a partir de um rumo novo, as técnicas da Comunicação Não-Violenta (ROSENBERG, 2006), conceito caro neste momento a essa proposta que vislumbra ampliação e crescimento, já que impulsiona o aprimoramento dos relacionamentos pessoais e profissionais nas mais diversas áreas do conhecimento e nos campos sociais. Tanto as discussões reflexivas, quanto o aprimoramento técnico do meio Web rádio, como é o caso da criação de seu aplicativo, para dispositivo móvel são realidades que ancoram os novos rumos e diálogos dessa proposta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Web Rádio na UNEB surge como uma idealização e vem dando certo, especialmente, porque desde o início pôde contar com importantes parcerias no âmbito institucional, como o setor de informática e apoio da gestão do departamento e grupo de pesquisa FEL (Formação, Experiências e Linguagens), do Campus XIV, bem como a participação de grande parte de alunos interessados e voluntários, ainda que até hoje, conta com apenas um monitor de extensão.

Uma das preocupações iniciais também foi estabelecer parcerias ineterinstitucionais com a Rádio FACED/UFBA, Rádio Educadora FM/ BA, Grupo de estudo Cultura Digital e Mídias Móveis/UFRGS e Grupo de Mídias Livres de Salvador/BA, no intuito de estabelecer as produções colaborativas e de conhecimento para a implantação técnica, estabelecimento dos conceitos e programação.

Importante ter elucidado os conceitos de cultura técnica, implicação, interdisciplinaridade, docência online, formação docente, software livre e “convergências” digitais e cerebrais. Toda essa discussão se faz necessária, pois

sustentam as bases de realização da Web Rádio UNEB, bem como refletem o contexto da sociedade contemporânea, na qual está inserida.

Os resultados esperados desse estudo se cumprem ao perceber que por meio do experimentalismo acadêmico, os conceitos teóricos podem se tornar aliados de sujeitos implicados e vazarem para possíveis mudanças curriculares no âmbito da formação docente em um cenário tão promissor, atualmente em expansão nos mais variados graus de ensino, apontando inúmeras possibilidades no campo da comunicação, tecnologia e da educação online. Todos imbricados em uma proposta promissora e cheia de desafios para a educação formal e não formal. O pioneirismo de uma Web Rádio na UNEB, resulta de um empenho e construção desde o início, com o domínio [www.webradio.uneb.br](http://www.webradio.uneb.br), junto ao setor de Informática do Campus XIV e à GERINF no Campus XIV. A partir de então, alunos e professores voluntários e monitores passaram a elaborar experimentalmente, produtos com; *podcasts*, série de *podcasts* e programas como Som das Letras, Tá Rolando entre outras propostas voluntárias e de estágios. Em uma perspectiva colaborativista realizamos parceria com a Educadora FM 107,5 5, para retransmissão de alguns programas e realizamos o I e II SEMDSL (Seminário de Educação, Mídias Digitais e Software Livre), sendo este último realizado por meio de edital da PROEX/UNEB. Nota-se que as ações do projeto resultaram em evidente emancipação dos indivíduos envolvidos, já que “todo saber fazer é um querer dizer” segundo (RANCIÉRE, 2007, 98). Com isso, o experimentalismo e a improvisação são caminhos fundamentais para a emancipação. Nesse sentido é que propomos neste projeto, a ampla divulgação e experimentação das produções midiáticas digitais convergentes e móveis com uso do Software Livre.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES. Introdução à Educação. São Paulo. Paulus, 2014.

BARBERO, Jesus Martín. A Comunicação na Educação. Tradutoras: Maria Inmacolata vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo. Contexto, 2014.

BARBERO, Jesus Martín. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*/Jesús Martín Barbero. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2003

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes 2010.

FIGUEIREDO, Carolina (Org). *Rádio Universitária Web da UFPE: O desenvolvimento do conceito de rádio web*. Pernambuco/ UFPE. 9º Encontro Nacional História da Mídia. Ouro Preto (MG)

JENKIS, Henry. *Cultura da Convergência*. Tradução: Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMONS. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre. Sulina, 3ª ed., 2007.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro; Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo; Ed. 34, 1996.

MACEDO. Roberto Sidnei. *Atos de Currículo Formação em Ato?: para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação*. Ilhéus: Editus, 2014.

MCLEISH, Robert. *Produção de Rádio – um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.

PRETTO, Nelson De Luca; TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. *Do MEB a WEB–o rádio na educação*. Autêntica, 2010.

RANCIÈRE, Jacques (2007). *O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica

ROSENBERG. Marshall B. *Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais/ tradução Mário Vilela*. São Paulo, Ágora, 2006.

Pricilla de Souza Andrade

SILVA, Marco. Formação de professores para a docência online. São Paulo: Loyola, 2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; João, CASSINO. SOFTWARE LIVRE E INCLUSÃO DIGITAL. São Paulo. Conrado: Editora do Brasil, 2003.

# WEB RÁDIO TERCEIRO ANDAR: experiências de afetos e de ensino-aprendizagem em rádio e mídias digitais

Sônia Caldas Pessoa<sup>1</sup>

## AFETOS PRIMEIROS

Era o primeiro semestre de 2017 e o meu terceiro nos Cursos da Área de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como professora efetiva após aprovação em concurso público. Qual não foi a minha surpresa ao encontrar alunos que gostavam de rádio, que tinham o hábito de ouvir emissoras comerciais em Belo Horizonte e que alimentavam o desejo de trabalhar com radiojornalismo. Mas nem sempre era assim em uma aula de rádio? Talvez deva contextualizar aqui os hábitos de escuta dos estudantes bem como a situação das disciplinas de áudio e de radiojornalismo nos cursos antes de relatar a experiência da Web Rádio Terceiro Andar. Assim damos chance ao leitor de melhor entender o nosso espanto.

As turmas do primeiro e do segundo semestres de 2016 da disciplina Radiojornalismo e Mídias Digitais, na qual a Web Rádio Terceiro Andar teve origem e está ancorada, mostraram curiosidade sobre o rádio e mídias digitais sem, no entanto, esconder um certo estranhamento com o hábito de ouvir emissoras de rádio de antena, no dial ou no aplicativo. Em sua maioria, os estudantes preferiam os *podcasts*, que permitem uma escuta selecionada, definida de acordo com um conjunto de interesses temáticos. Além disso, segundo eles, os *podcasts* garantem mais liberdade

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social e do PPGCOM da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordenadora da Web Rádio Terceiro Andar e do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades. Doutora em Estudos Linguísticos. [soniacaldaspeessoa@gmail.com](mailto:soniacaldaspeessoa@gmail.com) / [www.afetos.com](http://www.afetos.com).

para a escolha não só do tema, mas do modo como gostariam de escutar e de flexibilizar os horários de escuta. Alguns estudantes relataram que aceleravam a velocidade dos áudios, prática comum também para *audiobooks*, o que lhes permitiria ouvir mais programas em menos tempo. Para eles, ouvir rádio, aquele convencional, com horário de programação pré-definido e com a necessidade de estar disponível na hora da veiculação lhes parecia pouco inovador e sem liberdade. A autonomia para a escuta foi associada ao incentivo para a participação e o engajamento, possibilitando a sensação de pertencimento a determinados grupos ou comunidades que se formam em torno de assuntos específicos em ambientes digitais a partir dos *podcasts*.

Os cursos da área de Comunicação Social da UFMG, Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, além do de Comunicação Social, que está em fase de finalização a partir das diretrizes do Ministério da Educação (MEC) para separação dos três primeiros cursos, contam com uma disciplina obrigatória na área de áudio intitulada Som e Sentido. As demais disciplinas relacionadas ao áudio ou ao rádio e, especificamente, ao Radiojornalismo, são optativas. A disciplina que nasceu Radiojornalismo e Mídias Digitais e depois se tornou Rádio e Mídias Digitais devido ao interesse de cursos diversos, é optativa, ofertada preferencialmente todo semestre. As turmas costumam ter no máximo 20 alunos por conta da capacidade dos laboratórios e da metodologia de ensino-aprendizagem. Há vagas para estudantes da área de Comunicação e, havendo capacidade de infraestrutura instalada, abrimos vagas para outros cursos. Já recebemos alunos de Informática, Pedagogia, Turismo, Design, Arquitetura e Engenharia bem como intercambistas vindos da França, Bélgica, Luxemburgo, México, Argentina, Haiti, entre outros.

Retornando ao nosso primeiro encontro... Levei o planejamento do semestre com a proposta de produção dos programas; trata-se de uma disciplina essencialmente laboratorial. Quando entrei na sala para ministrar a disciplina, entendi que a empolgação e o desejo dos estudantes demandava um projeto diferenciado. Algo que fosse além da produção de programas para serem ouvidos somente por nós em sala de aula. Estava evidente ali o afeto dos jovens pelo rádio. À

apresentação da minha carreira em emissoras de rádio, os 14 anos como professora de rádio, e as experiências de alunos que haviam estagiado na Rádio UFMG Educativa ou em emissoras comerciais, somaram-se os desejos daqueles que nunca tinham experienciado o meio e a expectativa de estudantes de outros cursos, como Pedagogia e Turismo, que objetivavam outras descobertas. Acreditamos que ensinar requer respeito aos educandos e discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina: “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm com os indivíduos?” (FREIRE, 1996, p.30). E foi por meio das experiências e dos afetos, tanto dos modos como os alunos são afetados pelo rádio quanto pelos temas que perpassam o seu cotidiano dentro da universidade, principalmente na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich), que mudamos o rumo da nossa primeira prosa.

Em algumas horas estávamos em um encontro animado tecendo possibilidades para a criação de uma webrádio. Seria mais uma entre tantas das universidades? Quais seriam as suas diferenças em relação à rádio universitária institucional da UFMG? Como as experiências dos alunos e os modos de escuta afetariam a nossa proposta? Eram tantas perguntas que nos faltavam argumentos para responder. Estava se iniciando um processo conjunto de aprendizado e de construção desses argumentos. E um novo planejamento começou a ser pensado. O que estava previsto, para um semestre de práticas laboratoriais, foi adequado de acordo com a participação dos estudantes.

Confesso que um certo desânimo nos assombrou ao nos lembrarmos das precárias condições do estúdio de rádio da Fafich. Sabíamos que era um privilégio termos um estúdio logo ali, no terceiro andar do nosso prédio, mas o estado de conservação era desanimador. A infraestrutura e as condições do estúdio de rádio da Fafich indicavam grandes desafios a serem superados. O estúdio estava equipado com maquinário antigo e havia inúmeras situações potenciais para problemas.

Do ponto de vista prático, o carpete instalado há cerca de 20 anos não recebia manutenção adequada assim como o ar condicionado que não funcionava.

O isolamento acústico do estúdio era precário e sabíamos da ausência de computadores suficientes para todos os alunos da turma, além da falta de softwares. Em meio às questões de estrutura, ocorreu a aposentadoria do técnico de áudio, o que acarretaria tempo de espera indeterminado até a chegada do substituto, que deveria ser aprovado em concurso ou ser remanejado de outro setor. Mas se vamos trabalhar com a perspectiva dos afetos (Stewart, 2007) e apostamos nos valores humanos que estavam ali ávidos para criar e implantar a webrádio, decidimos iniciar uma série de mobilizações de setores, chefia e diretoria da faculdade, professores e grupos de pesquisa do Departamento de Comunicação. Fizemos, nós mesmos, com a colaboração de alguns estudantes, faxina no estúdio, separando o que era acervo histórico para ser realocado em melhores condições, o que poderia ser descartado, e o que ali permaneceria para uso. Se o ar condicionado não funcionava, nos valíamos de aparelhos circuladores de ar. Resistimos às altas temperaturas e à sensação de abafamento constante no local.

Muitas das pessoas abordadas para nos ajudar nos indagavam, com os olhos, se não era sonhar alto demais uma batalha atravessada em tantas frentes durante tantos anos por outros docentes no que diz respeito à estrutura do estúdio. Será que algo vai mesmo mudar? Vale a pena tanto investimento pessoal de professora e discentes? A princípio essas pessoas não tinham relação direta com o rádio mas o estúdio era para todos, deveria ser inserido não somente nas ações institucionais como também nas parcerias com os colegas e nas disciplinas não específicas de áudio. Esse nosso acreditar e a sensibilização dos colegas renderam a doação de computadores usados ou repasse de gravadores, notebooks e outros equipamentos que pudessem ficar à disposição dos estudantes. A essa altura, havia motivos para comemorar. Não estávamos diante de condições ideais e sempre que nos lembrávamos disso, nos perguntávamos: mas quem as tem?

Web Rádio Terceiro Andar:  
experiências de afetos e de ensino-aprendizagem em rádio e mídias digitais

Com o passar dos meses e com o projeto Web Rádio Terceiro Andar ganhando força e reconhecimento, houve muitos outros motivos para comemorar: o carpete foi retirado, reparos elétricos foram realizados, as paredes foram pintadas, uma mini-redação foi montada em um primeiro momento com computadores usados e, em um segundo momento, já no segundo semestre de 2018, com a chegada das novas máquinas. Atualmente temos ar condicionado e os trabalhos são realizados em clima mais ameno do ponto de vista da temperatura. O sonoplasta que substituiu o técnico de áudio aposentado tomou posse também em 2018 e a rádio ganhou qualidade técnica com os alunos podendo ser contemplados com a participação do profissional durante as aulas e nas produções extraclasse.

Figura 1 - Fotografia da equipe da primeira temporada da Rádio Terceiro Andar



Fonte: Web Rádio Terceiro Andar

## AFETAR-SE TECNICAMENTE

Os modos de transmissão foram a primeira temática discutida pela turma que criou a Web Rádio Terceiro Andar. Refletimos bastante sobre um modelo que articularia as nossas condições de produção, a equipe mutável a cada semestre, a ausência de recursos para viabilizar o pagamento de *streaming* para transmissões ao vivo, e os modos de escuta relatados por estudantes de turmas anteriores. Todas essas variáveis afetaram os estudantes nas decisões que estavam por vir. Optamos por não enveredar, pelo menos nos primeiros anos, para a transmissão ao vivo, evitando propostas ousadas que nos demandariam esforços para além do que podíamos dispender para uma produção centrada em sala de aula. Se o público da rádio, imaginávamos nós, seria a comunidade da Fafich, com maioria de jovens, deveríamos apostar em programas que pudessem ser ouvidos a qualquer momento, em qualquer tempo, em qualquer dispositivo. Ao nosso ouvinte deveríamos garantir liberdade e autonomia para lidar com os conteúdos disponíveis. Uma rádio sem grade de programação e conteúdos dispersos em redes? A eles, estudantes, pareceu arcaica a pergunta.

Uma pesquisa técnica para a hospedagem dos áudios, realizada pelos próprios estudantes, mapeou as plataformas gratuitas de publicação. Naquele momento, para eles, a escolha estava entre o *Soundcloud* e o *Mixcloud*. Seria necessária uma plataforma que não limitasse o tamanho das produções em áudio e que permitisse interatividade nas redes sociais digitais.

A primeira turma optou pelo *Mixcloud* por meio do qual a rádio operou por três temporadas. O estudante João Pedro Viegas relata os motivos que os levaram à escolha da plataforma. “A decisão pesou bastante para o *Mixcloud*, porque é uma plataforma que possibilita colocar áudios extensos, sem limite de espaço; também possibilita você ouvir através do *smartphone*, sem a necessidade de baixar o aplicativo” (VIEGAS, 2017 ). Além desses motivos, a plataforma *Mixcloud* também

permite incluir uma foto personalizada para cada programa, que é exibida quando o áudio é compartilhado no Facebook, contribuindo para a sua divulgação.

Na quarta temporada, no segundo semestre de 2018, a turma decidiu fazer uma mudança e adotou o *Ivox* para armazenar os programas de áudio. O estudante intercambista, Luis Bocanegra Pérez, da Universidad Nacional Autónoma de México, que passou o semestre na UFMG, foi um dos entusiastas da ideia. Ele trouxe a experiência de outro país, o gosto pelo rádio e pelas mídias digitais da Cidade do México, bem como o sotaque que reforçou o tom de diversidade da Terceiro Andar: “Entre as vantagens estão maior liberdade para salvar os arquivos, facilidade de uso para o público e para organizar os programas em séries, além de múltiplo acesso por aplicativos para telefones e redes sociais digitais” (PÉREZ, 2018).

## AFETOS IDENTITÁRIOS

Todo o processo de criação, implantação e desenvolvimento da Web Rádio Terceiro Andar tem inspiração em uma visada afetiva para o ensino, a partir da qual pretendemos valorizar a coparticipação, a aprendizagem colaborativa, o comprometimento, a autonomia e os afetos cotidianos que permeiam as relações entre estudantes e universidade. Consideramos que vivenciar o rádio em todas as etapas da produção proporciona aprendizagem que extrapola a sala de aula e traz reflexões para a vida, como apontam alguns dos relatórios entregues pelos alunos ao final de cada uma das quatro temporadas do projeto. O trecho a seguir consta do relatório da estudante Giovana Maldini:

A disciplina superou as minhas expectativas. A experiência em trabalhar com produções radiofônicas foi muito rica. Além disso, o trabalho em grupo, juntamente com a cooperação que há nele, foi e será primordial, não só para a carreira jornalística, mas sim para a vida. Foi notável o compartilhamento de experiências com os colegas, tanto do meu grupo, quanto os demais estudantes, que enriqueceu a minha convivência com pessoas que não conhecia anteriormente. Ademais, o desenvolvimento e amadurecimento da pro-

atividade também foi um legado da disciplina, haja vista que para a produção das atividades e para uma boa dinâmica em grupo, é essencial que haja uma iniciativa por parte de todos os integrantes. E essa habilidade auxiliará muito no dia a dia da profissão jornalística e das outras matérias a serem cursadas (MALDINI, 2018).

A vida acadêmica dos estudantes dos Cursos de Comunicação da UFMG é dividida em espaços de aprendizagem tais como salas de aula, laboratórios de redação e estúdio de rádio e TV na Fafich, além de salas e laboratórios em prédios anexos. A Fafich, mesmo que as atividades didáticas sejam realizadas também em outros espaços, é simbolicamente o lugar da Comunicação. Por ali, o cenário é diverso e colorido, apresenta uma certa ordem orquestrada pelos próprios estudantes nos espaços abertos como corredores e o que chamamos de pracinha do terceiro andar, localizada bem no meio do prédio. É local de dissenso no qual as polêmicas alimentam uma convivência provocadora para muitas reflexões com os perfis variados dos seus integrantes. O terceiro andar, por sua vez, é onde pulsa uma série de afetações. Uma espécie de artéria tanto pela circulação constante de conhecimento entre docentes, discentes e convidados, quanto pela comunicação incessante de quem ali transita; um permanente ir e vir entre salas e grupos de pesquisa, entre empresas juniores e estúdios, entre laboratórios de aprendizagem técnica e de formação humanística.

É neste ‘coração’, onde encontramos pausa para uma conversa ou um cafezinho, que a webrádio se alimenta de temas, se preocupa com as inquietações profissionais e pessoais, se aquece, esfria, se aproxima e se distancia à medida em que os alunos promovem debates e acenam para, paradoxalmente, incertezas e maturidade das escolhas. Um nome que diz do que nos identifica estaria conectado ali, como explica o estudante de Comunicação Social da UFMG, Lucas Brasil: “Era o lugar que estava mais cheio, é onde os estudantes de turmas diferentes se encontram no intervalo e também é onde fica a Márcia dos pães, a Márcia das balas e os CA’s - centros acadêmicos –... onde acontecem as assembleias dos cursos. Daí a ideia de batizar a rádio com esse nome” (BRASIL, 2017). Por um ano, a emissora foi Rádio Terceiro Andar e em 2018 ganhou o Web antes de rádio mas, separadamente,

Web Rádio Terceiro Andar:  
experiências de afetos e de ensino-aprendizagem em rádio e mídias digitais  
sem formar uma nova palavra, deixando possibilidades para que o projeto tenha  
desdobramentos outros; sem se limitar à internet.

Se temos nome seria necessário voltar o olhar para as identidades visual e sonora. A rádio está ancorada no penúltimo dos andares do prédio, de onde avistamos as árvores verdes, respiramos ar puro entre uma atividade e outra, lugar para estar junto mas com direito à individualidade e à dispersão. Após uma primeira versão de logo, utilizada por um ano, a turma do primeiro semestre de 2018 decidiu promover atualizações, seguindo o princípio de colaboração de cada temporada. A logo atual (FIG 2) busca reforçar a presença digital da Web Rádio Terceiro Andar.

Figura 2: Logo da Web Rádio Terceiro Andar



Fonte: Web Rádio Terceiro Andar

Paralelamente à criação da logo, outro grupo de alunos desenvolveu a identidade sonora. Uma pesquisa em sites e acervos gratuitos de músicas e trilhas online norteou as primeiras escolhas e contribuiu para a criação das vinhetas. Ainda estamos às voltas com vinhetas grandes de abertura e de encerramento que visam anunciar a ficha técnica geral da rádio, tendo em vista a veiculação em redes dispersas. A ideia era garantir um ritmo ágil, contemporâneo e que funcionasse como curinga, isto é, a princípio os elementos sonoros poderiam ser utilizados na maioria dos programas, por diversas temporadas, contemplando a variedade de temas e estilos. Para algumas produções, tais como “Inversos”, pílula para a qual um dos alunos produziu poemas específicos a partir da temática de cada programa,

houve uma seleção diferenciada de uma trilha por edição assim como ocorre em programas especiais ou naqueles para os quais os estudantes dedicam mais atenção.

Escolhemos focar, em um primeiro momento, em compartilhamento de conteúdos em redes sociais digitais tais como *Facebook*<sup>2</sup>, *Twitter*<sup>3</sup> e *Youtube*<sup>4</sup>. Nas últimas temporadas, também foi criado um perfil no *Instagram*<sup>5</sup>. Um site na plataforma *Wordpress*<sup>6</sup> garante hospedagem gratuita dos conteúdos, exercendo a função de um repositório das produções de todas as temporadas.

Nesses ambientes, os estudantes se valem de linguagem jovial, mais experimental e que dialogue com o público da emissora. A produção conta ainda com vídeos e imagens produzidos pelos grupos e, eventualmente, com *memes* também criados por eles, a partir de uma oficina ministrada por um dos estagiários docentes que participaram da disciplina. A oficina constituiu um espaço no qual a experimentação foi importante modo de conciliar a seriedade do jornalismo, os dramas emocionais dos poemas, crônicas e críticas, e os debates acalorados com doses de humor e descontração. Uma das estagiárias docentes ofertou uma oficina de fotografia com *smartphones*, explorando os parâmetros fundamentais da técnica fotográfica aplicados à captura visual que é voltada para as mídias digitais. Entre os objetivos, podemos destacar a proposta de contribuir com a capacitação dos estudantes para uma abordagem transmidiática da rádio. A oficina terminou com uma atividade prática, em que os alunos caminharam pelo campus da UFMG em busca de histórias que pudessem ser contadas em áudio e através da fotografia. Em alguns semestres jornalistas profissionais são convidados para debates e seminários com os estudantes. O resultado do diálogo se transforma também em programa de rádio.

---

2 [www.facebook.com/RadioTerceiroAndar](http://www.facebook.com/RadioTerceiroAndar)

3 [terceiro\\_andar](https://twitter.com/terceiro_andar)

4 Rádio Terceiro Andar NA FREQUÊNCIA DA FAFICH

5 [@radioterceiroandar](https://www.instagram.com/radioterceiroandar)

6 <https://radioterceiroandarufmg.wordpress.com/>

## TEMPORADAS, RESPIROS E RETOMADAS

Os estudantes estão interessados em disponibilizar conteúdo que atravessem o cotidiano deles na UFMG, especialmente de quem circula pela Fafich. Os programas privilegiam experiências, sentimentos, talentos, prazeres, desejos, dilemas e dores da vida de jovens que ocupam esse lugar. A lógica adotada contempla temporadas, isto é, períodos nos quais a emissora trabalha com conteúdo inédito sem se esquecer de que a produção é feita em sala de aula e é preciso pensar nas férias escolares, nas quais haveria reprise dos programas. Mas as reprises, até o momento, não chegaram a ter lugar tendo em vista a vasta produção de estudantes da disciplina e de outros professores colaboradores, que instituíram em suas disciplinas a prática de projetos de áudio como trabalhos durante o semestre.

Um dos exemplos de disciplina parceira é Comunicação e Literatura, que gera a coluna “Minha Leitura”, produzida por estudantes sob orientação de uma professora, como aponta o texto de apresentação publicado no site da rádio:

De crítico e de louco todo mundo tem um pouco, certo? Essa é a nossa ideia – trazer a crítica de um livro, filme, série, música ou outras formas de expressão poética do nosso tempo, sob o olhar do leitor “comum”. Aqui não tem leitura certa, ou resposta para o valor estético de um texto, apenas boas pistas e sugestões de leitura, trocadas entre leitores. Afinal, não é só a crítica especializada que nos ajuda a ler mais e afinar nosso senso estético. A proposta do Minha Leitura é mostrar que, se o texto é mesmo bom, ele sobrevive a todos os leitores. Quando o texto é bom, ele sobra em sentidos, tornando possível que a leitura de cada um – especializada ou não – seja sempre uma boa crítica poética. O programa é coordenado pela professora do departamento de Comunicação Social da UFMG, Vanessa Brandão<sup>7</sup>.

As temporadas seriam como as estações do ano, propícias para garantir características específicas de cada turma, permitindo mudanças e que a renovação

---

<sup>7</sup> <https://radioterceiroandarufmg.wordpress.com/colunas/coluna-minas-leitura/>

esteja por perto sem que se perca a visada que pretende privilegiar a essência do projeto.

Valorização das vozes, experiências e talentos dos estudantes: esse é um dos pilares que sustenta a Web Rádio Terceiro Andar, projeto de ensino, pesquisa e extensão vinculado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A ideia de criar uma rádio colaborativa, gerida pelos alunos, foi pensada há mais dez anos pela professora ao realizar o projeto Web Rádio Amirt, em parceria com a Associação Mineira de Rádio e Televisão, em 2006, em outra instituição de ensino, na qual estudantes fizeram a transmissão ao vivo de um congresso da entidade. Em 2017 surgiram as condições para a concretização do plano já na UFMG. A partir do intenso engajamento dos alunos de uma turma da disciplina de Radiojornalismo e Mídias Digitais, ministrada pela professora Sônia Caldas Pessoa, tornou-se possível implantar a webrádio, que passou a ser integrada à disciplina. A rádio também está associada ao Afetos - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades (PESSOA, SOUSA e CRUZ, 2018, p.1).

Os formatos dos programas tem variado de acordo com cada temporada, na tentativa de trabalhar e valorizar as habilidades e áreas de interesse da equipe. Por ser experimental, a rádio permite flexibilizar os formatos, os gêneros jornalísticos e os estilos, mantendo a perspectiva de abordar tempos contemporâneos que não tenham uma vinculação com o factual. Permite também criação publicitária e estratégias de relacionamento a partir de ação conjunta entre os alunos de diversos cursos. Podemos elencar algumas experiências, tais como reportagens especiais e um quadro de poesias na primeira temporada. “Eu recolho várias imagens, várias memórias para escrever os versos. Eu recolho isso tudo para criar mesmo uma coisa que retrate as minhas ideias, retrate as minhas imagens, retrate o momento que eu estou vivendo”, afirma Pedro Ivo Leal, autor dos poemas” (LEAL, 2017). No “Fala aí”, que pode ser veiculado isoladamente ou em articulação com tema proposto em programa específico, estudantes e funcionários da UFMG comentam suas próprias vivências e dão opinião sobre o que os afetam no cotidiano. A segunda temporada foi marcada por programas que valorizassem os depoimentos, com inserções

mínimas da fala dos repórteres. O objetivo era o de visibilizar as experiências dos entrevistados.

Uma das produções trouxe, para a sala de aula, diálogo com pesquisa de inspiração etnográfica (PESSOA, 2018), a partir de depoimentos de pessoas com deficiência e suas experiências de deslocamentos pelo campus da universidade. As entrevistas, que exigiram aproximação cuidadosa dos estudantes com pessoas em situação potencial de vulnerabilidade, renderam uma série, que contou com mais de dez episódios. Entre os depoimentos gravados para série “Eu existo e me movo: experiências e mobilidades de pessoas com deficiência”, que leva o mesmo nome de um dos projetos de pesquisa desenvolvidos no Afetos, está o de uma professora surda, que se comunicou no rádio por meio de intérprete de Libras.

Na terceira e na quarta temporadas, foram privilegiados programas de 15 minutos que exploraram entrevistas diversas sobre temáticas escolhidas pelos estudantes em reuniões de pauta. Infelizmente, até o momento, a série mencionada é a única produção da rádio que conta com transcrição das entrevistas, permitindo que pessoas surdas consigam acessar o conteúdo. Na maioria das imagens utilizadas para divulgação da Terceiro Andar nas redes sociais, há descrição com a hashtag #paracegover e/ou #paratodosverem com o objetivo de aprimorar, gradativamente, a acessibilidade no rádio. Sabemos, no entanto, que ainda é preciso um longo caminhar em direção a outras acessibilidades.

## AFETOS MÚLTIPLOS E MÚTUOS EM REDES COLABORATIVAS

A lógica colaborativa prevalece nas produções da Web Rádio Terceiro Andar podendo ser percebida em algumas dimensões. A primeira delas se dá no âmbito interno da sala de aula com professor, estagiários docentes, monitor, sonoplasta e estudantes compartilhando aspectos produtivos de trocas e compartilhamentos de informações e saberes. Os grupos são estimulados a ter uma gestão própria sob a nossa orientação. Tal proposta se coloca como uma meta de produção autônoma, o que

gera conflitos, organização do tempo e da divisão de tarefas, decisões e a percepção da responsabilidade por parte dos estudantes, que são exigidos em atividades nem sempre confortáveis de apuração e abordagens editoriais cuidadosas, que demandam reflexão. A veiculação e a visibilidade dos produtos radiofônicos em diversas redes amplia essa responsabilidade. Nesta dinâmica, estabelecemos também uma parceria com a pós-graduação em Comunicação Social da UFMG para a formação didático-pedagógica dos mestrandos e doutorandos, que escolhem fazer o estágio docente na disciplina e participar do projeto. Alguns deles permanecem colaborando, como colunistas da rádio, mesmo após o término do período de estágio.

Em uma segunda dimensão, a Web Rádio Terceiro Andar opera em dinâmicas colaborativas com outras faculdades e órgãos da própria UFMG. Os estudantes, em algumas temporadas, participam de programas ao vivo na Rádio UFMG Educativa, emissora institucional da universidade, que tem transmissão por antena e em ambientes digitais. Essa participação se torna possível especialmente nas turmas do turno matutino tendo em vista a programação da Educativa e a disponibilidade de horário. Programas especiais são produzidos tanto em formato gravado quanto para transmissão ao vivo. Semanalmente é gerada uma programação gravada com 15 minutos de duração que contempla um compilado dos programas produzidos pela Terceiro Andar para veiculação na UFMG Educativa.

Além disso, são realizados projetos especiais por meio da extensão. Em 2018, “Rádio e Futebol: Experiências de Transmissão da Copa do Mundo 2018” viabilizou a ideia de um grupo de estudantes da UFMG para uma parceria que reuniu a Web Rádio Terceiro Andar, a Rádio Estudantil, rádio criada por estudantes de Comunicação da UFMG mas não vinculada à universidade, e a Rádio UFMG Educativa. Os estudantes produziram pílulas com curiosidades sobre a copa do mundo e, junto com professores e jornalistas profissionais, participaram de debates e comentários ao vivo no estúdio da UFMG Educativa durante os jogos da seleção brasileira de futebol e outros importantes da competição (FIG. 3).

Web Rádio Terceiro Andar:  
experiências de afetos e de ensino-aprendizagem em rádio e mídias digitais

Figura 3: Estudantes, professoras e jornalista no “Nós gostamos de Copa” na sede da Rádio UFMG Educativa



Fonte: Web Rádio Terceiro Andar

Já o projeto de extensão “Rádio e Engenharia: Experiências de estudantes em áreas urbanas e rurais de Minas Gerais” tem o objetivo de proporcionar a discentes dos cursos das áreas de Engenharia Ambiental e de Comunicação Social a oportunidade de viajar durante 15 dias nas férias escolares para cidades mineiras para participar de atividades que articulam duas grandes áreas, a Engenharia e a Radiodifusão. Os estudantes da Comunicação que participam do projeto já cursaram a disciplina Rádio e Mídias Digitais estando aptos a operar com noções de produção, edição e transmissão ao vivo em áudio. Além da viagem sob orientação de um professor de Engenharia, os alunos desta área participam de oficina de rádio por mim ministrada. Este projeto está em sintonia com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFMG (2013-2017), ao destacar a importância das ações de extensão universitária na formação de seus estudantes e na valorização da interdisciplinaridade. O projeto também se insere em ações do PEENSO (Programa de Extensão Engenharia-Sociedade), do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental e do NESol (Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão), da Escola de

Engenharia da UFMG. Em 2018 e em 2019, alunos dos cursos de Comunicação Social viajaram com estudantes de Engenharia, sob orientação do professor de Engenharia Valter Lúcio de Pádua, para os municípios de Januária e São Gonçalo do Rio Abaixo, no interior de Minas Gerais. Além de participar de todas as atividades do projeto, eles realizaram programas ao vivo nas emissoras de rádio locais (FIG. 4) e gravarem depoimentos que vão dar origem a radiodocumentários para as redes colaborativas da Terceiro Andar. “A experiência em Januária mudou minha visão da importância do Jornalismo na sociedade. O internato me fez perceber que a informação, quando tem caráter educacional, precisa ser feita numa linguagem acessível, e quando isso acontece, a sociedade muda” (CENACHI, 2019), relata o estudante Danilo Drumond Cenachi, que participou do projeto.

Figura 4: Os estudantes de Comunicação Danilo Drumond Cenachi e Natiele Lopes Costa no projeto “Rádio e Engenharia”, na Rádio Servir, em Januária/MG



Fonte: Web Rádio Terceiro Andar

O “Teoria em Prosa: saberes em comunicação” (FIG.5) traz, a cada semestre, um conjunto de novos programas. Conduzido pelos professores Bruno Souza Leal, Camila Mantovani, Phellipy Jácome e por mim, o projeto é uma ação de ensino, extensão e divulgação científica vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, aos Cursos de Graduação em Comunicação (Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas) e ao Departamento de Comunicação da UFMG, conforme explica o texto de apresentação do programa:

Nada substitui a leitura atenta de textos de pesquisa, artigos científicos, livros ensaísticos, obras de fundo e fôlego para quem quer se formar, saber mais, aprender, refletir, pensar. Mas após lermos um texto acadêmico – ou antes, ao nos prepararmos para a leitura -que tal uma boa conversa? O Teoria em Prosa: saberes em comunicação segue essa ideia. A cada programa, um convidado, um tema e uma conversa sobre um artigo, um livro ou um ensaio dedicado aos estudos da Comunicação. O texto que deu origem à conversa, você encontra na nossa página, assim como todos os programas. Ao passear por eles, esperamos que você tenha boas ideias, encontre modos interessantes de pensar, aprofunde-se em temas, descubra histórias (e filmes, peças, livros, narrativas, imagens...). Ouça e leia, leia e ouça! (2018)<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> <https://radioterceiroandarufmg.wordpress.com/coluna-teoria-em-prosa>

Figura 5: Gravação do “Teoria em Prosa: saberes em comunicação” com os professores Phellypy Jácome, Ângela Salgueiro Marques, Jean-Luc Moriceau, professor do Programa de Pós-Graduação do Institut Mines-Télécom (Évry, France), convidado do programa, Bruno Leal e o sonoplasta Frederico Pessoa



Fonte: Web Rádio Terceiro Andar

Além das redes colaborativas internas, que se ocupam do trabalho diário de executar e aprimorar o projeto, a Rádio Terceiro Andar está inserida em uma rede de parcerias fundamental para amplificar as vozes e o trabalho dos estudantes para além de seu universo localizado. Logo em seu primeiro ano de existência, a rádio passou a compor a Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RRUBRA), formada por “representantes das emissoras AM/FM, webrádios e núcleos de produção laboratorial radiofônica e pesquisadores da mídia sonora vinculados a instituições de ensino superior brasileiras” (RÁDIO TERCEIRO ANDAR, 2017).<sup>9</sup> A webrádio é, também, apoiadora do “Manifesto: Transformaciones en la radio”<sup>10</sup>, iniciativa

Web Rádio Terceiro Andar:  
experiências de afetos e de ensino-aprendizagem em rádio e mídias digitais  
internacional constituída por seis países da América Latina e Espanha, e que foi  
lançada em setembro de 2017, no México.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE AFETOS QUE NOS ESTIMULAM A SEGUIR

Fomentar a experiência de estudantes em uma emissora de rádio, levando-se em consideração as suas especificidades, como a dinamicidade e a agilidade, é algo que faz parte da rotina de muitas disciplinas de rádio em universidades brasileiras. No nosso caso, apesar das diversas possibilidades já testadas e implementadas por nós em universidades particulares, essa experiência tem um sabor de primeira vez. Diante das condições relatadas no início deste texto e da pouca vivência dos estudantes em disciplinas que os exigem em produção contínua em curto espaço de tempo com olhar humanístico e em dimensão afetiva, os desafios pareciam ainda maiores. E a cada semestre, com cada nova turma, tem início um novo ciclo de produção e de aprendizagem.

Muitos estudantes registram, em seus relatórios, as dificuldades para lidar com o agendamento de entrevistas, a desistência das fontes, a produção e a edição do material entre uma aula e outra, tendo uma semana de prazo para cumprir as tarefas. Além da agilidade, organização e pro-atividade são necessárias para que as equipes consigam finalizar a tarefa. Outros, que têm menos familiaridade com o rádio, acreditam que precisariam de uma disciplina prévia ou de mais aulas destinadas à teoria sobre o rádio tendo em vista que a disciplina Rádio e Mídias Digitais é essencialmente prática, privilegiando atividades laboratoriais e de experimentação.

Para além da aprendizagem centrada nas especificidades do Radiojornalismo e na experimentação de linguagens e formatos em ambientes digitais, os processos de criação, de experimentação e as possibilidades de encorajar as habilidades específicas de cada estudante são potencialidades desse empreendimento, que visa contemplar uma formação plural. O trabalho em grupo e os desafios para lidar

com os ritmos de cada um em uma sala, que simula uma redação com atuação em tempo real, propõem o autoconhecimento e o conhecimento do outro, os limites e as conquistas dos estudantes, que são provocados a refletir sobre pontos de vista diversos e contraditórios.

Acreditamos que nos próximos anos, será necessário rever de modo mais criterioso o desenvolvimento da rádio, a sua consolidação e os caminhos que deve trilhar a partir de uma gestão participativa. Provavelmente uma alternativa seja a constituição de um comitê gestor com a presença de ex e atuais alunos, professores colaboradores e parceiros e a garantia de bolsas de estágio e de monitoria para atividades no estúdio de rádio e nas redes sociais digitais. Esse relato nos parece a sistematização de passos recentes, mas firmes, constituidores de uma experiência em curso.

## REFERÊNCIAS

BOCANEGRA, Luiz Pérez. Entrevista concedida à Rádio Terceiro Andar. Belo Horizonte, 2018.

BRASIL, Lucas. Entrevista concedida à Rádio Terceiro Andar. Belo Horizonte, 2017.

CENACHI, Danilo Drumond. Entrevista concedida à Rádio Terceiro Andar. Belo Horizonte, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEAL, Pedro Ivo. Entrevista concedida à Rádio Terceiro Andar. Belo Horizonte, 2017.

MALDINI, Giovana. Entrevista concedida à Rádio Terceiro Andar. Belo Horizonte, 2018.

PESSOA, Sônia Caldas. Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiências e partilhas. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018.

Web Rádio Terceiro Andar:  
experiências de afetos e de ensino-aprendizagem em rádio e mídias digitais

PESSOA, Sônia Caldas; SOUSA, Stephanie Borges Boaventura Ferreira de; CRUZ, Karla Eloara Escarmigliat. Rádio Terceiro Andar. *In: V ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA – ALCAR SUDESTE*, 06, 2018, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte, 2018. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/5o-encontro-2018/gt-historia-da-midia-sonora/radio-terceiro-andar/view>. Acesso: jan. 2019.

STEWART, Kathleen. *Ordinary Affects*. Durham, NC: Duke University Press, 2007.

VIEGAS, João Pedro. Entrevista concedida à Rádio Terceiro Andar. Belo Horizonte, 2017.

# ENSINO-APRENDIZAGEM NAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS DA RÁDIO PONTO UFSC

Valci Regina Mousquer Zuculoto<sup>1</sup>  
Nayane Cristina Rodrigues de Brito<sup>2</sup>  
Guilherme Gonçalves Longo<sup>3</sup>  
Beatriz Hammes Clasen<sup>4</sup>  
Giovanni de Sousa Vellozo<sup>5</sup>  
Gabriel Gentile de Aguiar<sup>6</sup>

As transformações nos processos comunicacionais advindas da utilização da internet contribuíram significativamente para novas apropriações no meio radiofônico. O centenário rádio ultrapassou as ondas hertzianas e estabeleceu novas formas de emissão e escuta, podendo também ser transmitido e acompanhado

---

1 Professora do Curso de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doutora (PPGCOM-PUCRS), Pós-Doutora (ECO PÓS-UFRJ), Coordena a Rede de Pesquisa em Radiojornalismo RadioJor e a Rádio Ponto UFSC, Diretora da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e Conselheira da ABEJ – Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo. Integra o Conselho da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa). E-mail: valzuculoto@hotmail.com

2 Doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) e Grupo de Pesquisa, Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP). Bolsista FAPESC/SC – Brasil. E-mail: nayanebritojornalista@gmail.com

3 Mestrando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Bolsista CAPES. Formado em Jornalismo pela UFSC, é membro do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) e do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). E-mail: guilherme.longo93@gmail.com

4 Acadêmica do Curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Integrao Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) e Grupo de Pesquisa Jornalismo e Conhecimento. E-mail: clasen.beatriz@gmail.com

5 Acadêmico do Curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista da Rádio Ponto. E-mail: giovannivellozo1999@gmail.com

6 Acadêmico do Curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista da Rádio Ponto. E-mail: [gabrielgaguiar@yahoo.com.br](mailto:gabrielgaguiar@yahoo.com.br)

pelos aparelhos móveis, por páginas na internet, TV por assinatura e redes sociais. As mudanças constituem, igualmente, novas formatações de conteúdo, onde incorporam-se elementos parassonoros como imagem, vídeo e texto (KISCHINHEVSKY; MODESTO, 2014). *Facebook, Twitter, WhatsApp, Instagram*, entre outras redes sociais, são utilizados pelas rádios para ampliar e revigorar a audiência.

[...] a digitalização tomou conta de todo processo de produção e veiculação do rádio. A transmissão, que no Brasil ainda não é digital, continua a ser analógica, por ondas hertzianas, como igualmente se processa por satélite e cabo, por demanda, pela internet, onde convivem as estações convencionais veiculando suas programações de antena também por sites e uma profusão de webemissoras, as estações exclusivas da rede. (ZUCULOTO, 2018, p. 15)

Esses elementos tornaram o rádio um meio de comunicação expandido e hipermediático (KISCHINHEVSKY, 2016; LOPEZ, 2010). A Rádio Ponto, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), insere-se nesse novo cenário em construção nas últimas décadas. No Brasil, a Rádio Ponto é uma das primeiras webrádios universitárias, completando 20 anos em setembro deste ano de 2019. Foi criada como projeto de conclusão de curso, pelas então formandas em Jornalismo da UFSC Fabiana de Liz e Sabrina D' Aquino, orientadas pelo professor Eduardo Meditsch. E ao longo destas suas duas décadas, vem funcionando como projeto de extensão e também como laboratório de ensino de radiojornalismo, com uma programação direcionada para educação, cultura, informação e cidadania. Além do ensino e extensão, a webemissora também se articula com a pesquisa, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC).

0Lopez (2010) observa a necessidade de repensar o rádio nesse novo ambiente contemporâneo, ao vislumbrar ferramentas que colaborem na produção de notícia, verificar as relações com os ouvintes e as fontes. A autora destaca os três níveis de mudanças na rotina produtiva no meio radiofônico:

O primeiro nível deste processo diz respeito ao período de informatização das redações, que teve consequências importantes para o jornalismo, permitindo a edição digital de sons e textos e agilizando o processo de construção da informação na emissora. Já o segundo nível engloba a tecnologização de diversas etapas do processo. Trata-se do momento em que se estabelece um diálogo entre as ferramentas de apuração, produção e transmissão de informações, sem, no entanto, afetar diretamente a estrutura narrativa e a composição do produto. Neste nível, a diferença para o produto final diz respeito à velocidade com que a informação é composta e transmitida e a qualidade do som.

Já na convergência de terceiro nível, a inserção das tecnologias da informação da comunicação no processo de construção e transmissão da notícia afeta a configuração do veículo, suas definições tradicionais e suas estratégias de linguagem. É o momento em que se configura a produção multimídia, com repórteres multiplataforma produzindo conteúdo em áudio, vídeo, texto, fotografia e infografia para a emissora. (LOPEZ, 2010, p. 112)

A Rádio Ponto, no nosso entendimento, encontra-se no terceiro nível, com produção multiplataforma, sobretudo nas suas coberturas jornalísticas especiais de grandes eventos. Nesses momentos, a equipe da webemissora trabalha de maneira colaborativa e convergente com outras mídias e projetos do Jornalismo da UFSC, integrando acadêmicos, técnicos e professores da graduação com voluntários também da Pós-Graduação, buscando igualmente uma otimização do trabalho. A convergência, ao modo de transmídia, se estabelece em diversas fases da produção, em especial na elaboração de pautas, matérias, imagens e áudios, que são publicados distinta e adaptadamente por cada uma das mídias e projetos nos seus espaços de veiculação. No caso da Ponto, a veiculação se dá no seu site e redes sociais.

A partir deste contexto, o objetivo deste artigo é descrever e discutir práticas e modelos de produção e transmissão da Rádio Ponto e sua repercussão na formação dos graduandos em jornalismo da UFSC, tendo como foco as coberturas jornalísticas realizadas pela webemissora em 2018, especialmente as da Copa do Mundo e Eleições Gerais no país. Importante ressaltar que na cobertura das Eleições 2018, este modo colaborativo e parceiro de produzir agregou uma inovação: criou-se o *site/app* #JorConvergente. Especificamente nesta cobertura, o trabalho conjunto

da Rádio Ponto se desenvolveu com as seguintes mídias e projetos do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC: telejornal TJ-UFSC, LabProjor, LabFoto, FotoLivre, Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) e Jornal Zero. E no *site/app* #JorConvergente foram disponibilizadas as principais produções desta cobertura em convergência.

Portanto, este artigo se trata de um estudo de caso como estratégia metodológica, além de observação participante enquanto técnica de pesquisa. Yin (2001, p. 32) define estudo de caso como “[...] uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real”. O autor afirma que o uso de estudos de casos geralmente ocorre quando as questões de interesse do estudo referem-se ao “como” e “por que”.

Duarte (2009, p. 243) acrescenta que se trata de um método para verificação de fenômenos sociais individuais, organizacionais, sociais ou políticos, um estudo “das peculiaridades, das diferenças daquilo que o tornará único e por essa mesma razão o distingue ou o aproxima dos demais fenômenos”.

Os autores deste artigo estão diretamente ligados com as atividades desenvolvidas na webemissora. Assim, cada autor, além de observar as coberturas aqui analisadas, participou do conjunto de etapas das suas realizações como elaboração das pautas, produção, locução e demais atividades que envolvem esta prática radiojornalística.

## ENSINO-APRENDIZAGEM EM RADIOJORNALISMO

*“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo”*

(FREIRE, 1996, p.12)

A Rádio Ponto está inserida no campo do rádio público e universitário, atua como webemissora educativa, jornalística e cultural e, além disso, serve de laboratório de ensino de rádio no curso de graduação em Jornalismo da UFSC e para desenvolvimento de práticas extensionistas, já que funciona como projeto de extensão. Afora constituir espaços de ensino, laboratorial e extensionistas, ainda proporciona aos alunos a oportunidade de participar de atividades paralelas às disciplinas por meio de voluntariado. São atividades extraclasse de execução dos programas da grade cotidiana da webemissora e de produções especiais, elaborados em conjunto com professores, estudantes e técnicos de laboratório, dentre as quais abordaremos especialmente as coberturas destacadas neste artigo. Este modelo de funcionamento da Ponto, mesclando alunos das disciplinas, estagiários, bolsistas de projetos e voluntários, chega a envolver uma média de 70 estudantes de graduação na produção de sua programação, sobretudo nos períodos das coberturas especiais.

Durante a graduação na UFSC, os alunos cursam duas disciplinas obrigatórias de radiojornalismo, já no primeiro ano de curso. São elas: Áudio e Radiojornalismo e Laboratório de Áudio e Radiojornalismo, oferecidas para a primeira e a segunda fases, respectivamente. Por meio destas disciplinas, os alunos conhecem os principais teóricos do radiofônico e são inseridos na programação da Rádio Ponto com a produção de programas jornalísticos e culturais.

Qualquer estudante de jornalismo tem que sair da faculdade dominando todas as linguagens utilizadas para a veiculação de notícias, e as possibilidades de sua combinação propiciadas pelos novos meios. Mas, uma dessas linguagens é a do rádio - a do som invisível emitido em tempo real - e esta tem que ser estudada no que tem de específico e, diga-se de passagem, tem que ser estudada melhor do que tem sido na média de nossas faculdades. (MEDITSCH, 2001, p. 225)

Ao compreender a importância do ensino radiofônico, além das disciplinas obrigatórias de primeira e segunda fase – Áudio e Radiojornalismo e Laboratório de Áudio e Radiojornalismo, com duas turmas cada, o Curso de Jornalismo da UFSC também oferece optativas: Áudio e Radiojornalismo Avançado I, Radioteatro (Áudio

e Radiojornalismo Avançado II), Grande Reportagem e Documentário em Áudio e Rádio (Áudio e Radiojornalismo Avançado III), Produção Avançada para Rádio Ponto UFSC (Áudio e Radiojornalismo Avançado IV), Áudio e Radiojornalismo Avançado V, Áudio e Radiojornalismo Avançado VI e Locução e Apresentação para TV e Rádio. Normalmente, a cada semestre, afora as obrigatórias, são ofertadas de uma a três disciplinas optativas na área de rádio do Curso.

As obrigatórias têm programas semanais pré-determinados e que já tradicionalmente fazem parte da grade da Rádio Ponto. As demais produções dessas e das disciplinas eletivas também são veiculadas na programação da emissora, como uma maneira de incentivo e reconhecimento dos trabalhos feitos em sala de aula. Considerando, acima de tudo, que “a atividade laboratorial, acadêmica é o exercício de experimentação, de aplicação de conhecimentos, de atividades práticas; é realização de “notáveis operações” e “transformações” na formação e no mundo do estudante” (SPENTHOF, 1998, p. 156). Também pelo fato de a veiculação/transmissão significar a completude de uma produção radiofônica.

Avalia-se que a teoria e a prática devem ser complementares, e busca-se que os alunos saibam reconhecer o que foi ensinado teoricamente em sala de aula e que, desta forma, consigam aplicar o conhecimento na prática radiojornalística, integrando o conhecimento proposicional ao conhecimento de aptidões, como explica a filosofia. Compreendendo, além de tudo, que o estudante de graduação deve ser mais que um *intelectual memorizador*, como identifica Paulo Freire (1996, p. 14). Ou seja, além de se apropriar das leituras e dos conhecimentos teóricos expostos, o aluno é incentivado a desenvolver o pensamento crítico, de maneira que saiba trabalhar, nas produções jornalísticas e radiofônicas, o contexto cultural, histórico e político em que se está inserido.

Uma característica importante do aprendizado é a repetição dos experimentos; em outras palavras, o exercício constante e sistemático. Há necessidade, portanto, de um laboratório que permita ao estudante um exercício extra-sala de aula, não só por um tempo, mas com uma constância satisfatória. (SPENTHOF, 1998, p. 157)

Ao mesmo tempo em que ampliou as possibilidades de oferta e circulação de informações, a Internet representa um desafio para o exercício do Jornalismo devido ao grande volume e, assim, exigência de um rigor e esforço maior de apuração (DEL BIANCO, 2004). Porém, para o meio radiofônico, traz, novamente, potencialização para seu sentido de permanência:

[...] a cada nova tecnologia da comunicação, mais e mais o rádio potencializou suas principais características de mobilidade, abrangência, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade, interatividade. [...] A internet, ao contrário do que mais uma vez se ameaçou, não acabou com o rádio. Foi o rádio que acabou na internet. Adaptou-se à na rede, apropriou-se e convergiu em muitas das múltiplas plataformas digitais dos tempos virtuais de convergência. (ZUCULOTO, 2018, p. 15)

E para o ensino de radiojornalismo, concordando com Meditsch (2001), a internet constituiu-se uma das melhores ferramentas. Isto ao propiciar também a criação de emissoras exclusivas da web e assim, a existência de “ emissora na internet inteiramente à disposição dos objetivos didáticos [...] com a vantagem de poder ser operada pelos próprios alunos” (MEDTSCH, 2001 p. 229). Exatamente como funciona a Rádio Ponto que, além de laboratório de ensino como reconhecido por Spenthof (1998), permite uma imersão bem maior dos alunos no fazer radiofônico, em comparação com laboratórios que reproduzem apenas estúdios para práticas convencionais do rádio.

## A RÁDIO PONTO

Em dados de 2018, a webemissora Rádio Ponto estava estruturada com uma coordenadora geral, a professora Dra. Valci Zuculoto, uma subcoordenadora, a professora Dra. Leslie Chaves, juntamente a dois técnicos, dois bolsistas de extensão, três estagiários bolsistas de projetos radiofônicos e um monitor de disciplina, contando, como já é tradicional, com o trabalho voluntário de dezenas

de estudantes da graduação, além de voluntariado da Pós-Graduação. A partir de reuniões semanais do grupo coordenador (professores coordenadores, bolsistas e técnicos), é mantida e supervisionada a programação e as demais atividades junto aos alunos das disciplinas e aos voluntários da Rádio e seus programas, via especialmente os três grandes núcleos fixos de produção que compõem a emissora: Núcleo de Radiojornalismo Esportivo, Núcleo Radiojornalístico Repórter UFSC e o Núcleo de Radiojornalismo Cultural. O número de bolsistas e estagiários varia a cada ano letivo, dependendo do total de bolsas ofertadas pela Universidade, disputadas por projetos vinculados à estação e conquistadas nos processos seletivos. Em 2019, justamente quando a Rádio Ponto prepara programação especial para celebrar seus 20 anos, não conseguiu manter três estagiários do Programa Institucional de Bolsas de Estágio, devido ao contingenciamento na oferta deste tipo de bolsa. No momento do fechamento deste artigo, a Rádio Ponto retoma sua programação normal do ano letivo com uma equipe coordenadora fixa integrada por dois bolsistas de extensão e dois estudantes em estágio curricular obrigatório, além das duas professoras da coordenação e os dois técnicos.

A transmissão diária da Rádio Ponto, 24 horas por dia, é organizada a partir do *software* ZaraRadio, e é constituída por “programação noticiosa, cultural e educativa, mesclando produções de acervo e programas ao vivo” (ZUCULOTO et. al., 2018, p.102). O acesso à programação está disponível na internet no próprio site da Rádio ([radioponto.sites.ufsc.br/sitenovo](http://radioponto.sites.ufsc.br/sitenovo)) e nas redes sociais, como o *mixcloud* e o *Facebook*. Há também transmissão em circuito interno de FM, somente no campus central da UFSC em Florianópolis, na frequência 106.1.

Desde a sua fundação pioneira em 1999, a Rádio Ponto busca enquanto parte de uma universidade pública a articulação de sua programação com as atividades universitárias de pesquisa, extensão e ensino. Isso é feito principalmente por meio da atuação em conjunto com disciplinas do curso, como as de Áudio e Radiojornalismo e Laboratório de Áudio e Radiojornalismo, do currículo implantado em 2016 e também em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

e com o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFÁ). Conforme o Catálogo de Extensão da UFSC em 2018, a webemissora:

[...] também desenvolve o Núcleo de Radiojornalismo Esportivo, o Fazendo Rádio na Escola (este em instituições de ensino fundamental e médio) e oficinas [...] [e desde 2017] Integra a nova Rede Universitária de Rádios, que reúne dezenas de emissoras AM/FM, webrádios, núcleos de produção radiofônica e pesquisadores do país. (UFSC, 2018, p. 26).

A programação da Ponto consiste de um total de 13 programas regulares com frequência semanal ou quinzenal. Quatro desses programas são diretamente vinculados às disciplinas da área de rádio do curso de Jornalismo da UFSC: O Som da Notícia e o Senta que lá vem a Notícia, noticiários produzidos dentro da disciplina Áudio e Radiojornalismo, pelos estudantes ingressantes no Curso, os calouros. Além disso, todo semestre dois programas são criados na disciplina Laboratório de Áudio e Radiojornalismo, na qual os alunos tem a liberdade de sugerir diversos gêneros radiofônicos para a produção. Outro programa vinculado às aulas é o Repórter UFSC, produzido pelos alunos da disciplina Áudio e Radiojornalismo Avançado ou em edições especiais em semestres em que a matéria não é oferecida. O programa veicula as principais notícias sobre a universidade e o ensino superior.

A estrutura da Rádio Ponto também conta com o núcleo de produção de jornalismo cultural, responsável por quatro programas. O Cine Ponto é um programa sobre cinema, aborda as novidades da sétima arte, além de filmes clássicos e de sucesso. O Esquina Paranoia é um programa voltado para a música, costuma levar para os estúdios da rádio vários artistas da cena local de Florianópolis. O Insira a Ficha é um programa sobre o universo dos games e se expandiu para a produção de conteúdos também no *YouTube*. Já o Lança Perfume é uma produção feita por uma equipe exclusivamente feminina que aborda temas diversos, em notícias, entrevistas e debates.

O Núcleo de Jornalismo Esportivo é responsável por quatro programas regulares. O Bola na Trave, um noticiário semanal sobre futebol, produzido pelos

alunos da primeira fase do curso. O Ponto de Encontro é uma mesa redonda na qual os comentaristas da equipe analisam alguns dos principais assuntos do futebol na semana. O Grid de Largada é um programa dedicado ao automobilismo com análises das corridas e reportagens especiais. E o 3ª pra 3 é uma produção que dá destaque ao futebol americano, discutindo os jogos da semana.

Outro programa presente na grade da Ponto há quase uma década é o especial Jornalismo em Debate, criado a partir de parceria entre o Curso de Jornalismo da Universidade e a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), com o apoio do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina (SJSC). O programa destina-se a discutir o próprio Jornalismo, debatendo como mídia cobre temas e fatos que estão na pauta da imprensa. No formato de mesa de debates, é produzido com debatedores convidados a cada edição, de profissionais do mercado de trabalho a professores e pesquisadores do meio acadêmico. Das edições mais recentes, foram pauta do programa, entre outras, as coberturas do Impeachment da Ex-Presidente Dilma Rousseff, da Operação Ouvidos Moucos da Polícia Federal na UFSC, que em 2017 levou ao suicídio do então reitor da universidade Luiz Carlos Cancellier, e das Eleições Gerais de 2018.

A programação também conta com coberturas especiais em Eleições (municipais, gerais do país, da Reitoria e outras instâncias da UFSC, como o DCE), eventos esportivos e ainda grandes promoções da universidade, como a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC (SEPEX), que todo ano mobiliza toda a equipe da rádio, as disciplinas da área e voluntários.

## COBERTURAS JORNALÍSTICAS ESPECIAIS DA RÁDIO PONTO

Dentro das possibilidades de produções laboratoriais que são desenvolvidas no curso de Jornalismo da UFSC e mais especificamente no Laboratório de Radiojornalismo e Rádio Ponto UFSC estão as coberturas especiais de grandes eventos. Para este trabalho, utiliza-se as definições teóricas de Emerim e Brasil

(2011, p. 4) sobre coberturas jornalísticas. Os autores as definem como trabalhos de reportagem realizados no local de ocorrência dos fatos. Mas com as mudanças no perfil da profissão e do profissional, o termo sofreu modificações, como os teóricos também comentam:

Na atualidade, é comum nas redações designar cobertura para praticamente todo o trabalho de reportagem que apresenta um tema sob diferentes abordagens, ou seja, que aprofunde, desenvolva ou diversifique o tema central (EMERIM; BRASIL, 2011, p. 4)

Assim, pode-se ter diversos tipos de coberturas, que vão desde eventos pontuais como é o caso das Olimpíadas e das Eleições até as constantes, como a cobertura das questões ambientais brasileiras. Na concepção de Emerim e Brasil (2011), esses modelos podem ser divididos entre “grandes coberturas” e “coberturas grandes”. A primeira se refere à possibilidade de diferentes perspectivas que podem ser apresentadas ao público. Já a segunda, se relaciona com o longo período de tempo que a pauta pode estar presente nos noticiários.

Os dois casos analisados para este artigo, a Copa do Mundo e as Eleições, ambas realizadas em 2018, apresentam-se como um híbrido entre as duas categorias. Elas não só estiveram presentes por um longo período de tempo na grade de programação da Rádio Ponto UFSC, como também foram marcadas por uma tentativa de trazer conteúdo diversificado para o público.

Inicialmente conceituadas pelos autores para se referir a coberturas televisivas, esta análise compreende que tais definições e características também podem ser aplicadas aos diversos meios, como o radiofônico, mesmo com suas diferenças e especificidades de produção.

As coberturas realizadas pela Rádio Ponto UFSC, em especial as de Eleições, são feitas em conjunto com outras mídias e projetos do Curso de Jornalismo, entre os quais destacam-se o TJ UFSC, telejornal diário do Laboratório de Telejornalismo, o Jornal Laboratório Zero e o projeto de extensão Foto Livre. Assim são realizados trabalhos colaborativos entre os membros de cada equipe, seja em um simples

repassa de informações, como também no planejamento da cobertura, na elaboração de pautas, na produção de boletins ou entradas ao vivo.

Além disso, nas coberturas esportivas do Núcleo de Radiojornalismo Esportivo, são realizadas produções em vídeo, indo além das transmissões regulares em vídeo que já são frequentes na emissora, por meio do *YouTube* e *Facebook*. Esses programas, executados no Laboratório de Telejornalismo, são produtos específicos, mesclando formatos dos programas consolidados da Ponto, como a mesa redonda, com possibilidades da televisão, como o *replay* de jogadas.

Esse trabalho, colaborativo e multimídia, também contribui para a formação dos alunos com um perfil cada vez mais necessário no mercado de trabalho: o que é capaz de compreender e produzir para diferentes meios.

Nas coberturas jornalísticas especiais da Ponto existe uma aproximação ainda maior entre a graduação e a pós-graduação. Diversos estudantes de mestrado e doutorado do PPGJOR/UFSC participam ou por estarem em estágio docência ou como voluntários, não somente auxiliando na orientação dos alunos, como também integrando as equipes de produção, dividindo os microfones em funções como apresentação e comentários. Como os pós-graduandos já são profissionais, são potencializadas as possibilidades de ensino-aprendizagem já proporcionadas aos estudantes durante o funcionamento regular da webemissora.

## COBERTURA DA COPA DO MUNDO DE 2018

No primeiro semestre de 2006, alunos e professores, de forma totalmente voluntária, se uniram para fazer a cobertura da Copa do Mundo de futebol daquele ano. Esse foi o embrião do Núcleo de Radiojornalismo Esportivo da Universidade Federal de Santa Catarina, que se firmou como projeto de extensão em 2010. Como parte integrante da Rádio Ponto UFSC, o Núcleo realizou sua quarta cobertura de uma Copa do Mundo de Futebol, em 2018.

No total, a cobertura incluiu 34 jornadas esportivas, 52 reportagens, 8 mesas redondas no rádio, 13 noticiários e 4 mesas redondas na TV, envolvendo alunos da graduação e da pós-graduação.

A cobertura da Copa do Mundo de 2018 iniciou em abril, com a veiculação de 49 *Drops*. Eles consistiam em reportagens de cerca de dois minutos de duração com informações sobre as 32 seleções participantes, os times que já foram campeões e 11 cidades russas que receberam o torneio em 2018. Esse material foi veiculado na programação da Rádio Ponto UFSC, disponibilizado na Internet e, ainda, foi ao ar em algumas rádios de Santa Catarina.

Durante o torneio, todos os jogos realizados de segunda a sexta-feira foram transmitidos ao vivo dos estúdios da Ponto, no Laboratório de Radiojornalismo da UFSC. Trinta e dois alunos se revezaram nas funções de apresentação, narração, comentários, reportagem e plantão.

Uma das novidades na cobertura da Copa de 2018 foi a transmissão de jogos da Seleção Brasileira. Normalmente, a UFSC fica fechada durante o período das partidas do Brasil, mas nesta edição obteve-se a autorização da direção do Centro de Comunicação e Expressão para a transmissão de quatro jogos da seleção, possibilitando mais um espaço ímpar de aprendizado e prática para os estudantes envolvidos. Esses jogos impulsionaram a audiência da Cobertura, sendo que três dessas transmissões tiveram os maiores públicos da Rádio Ponto UFSC em 2018.

Outra novidade de cobertura de Copas nesta edição foi a produção de um noticiário diariamente: o Diário da Copa. Todo dia, ao final das partidas, o programa trazia os resultados dos jogos, a narração dos gols, a tabela de jogos e o preparativo das equipes para as partidas do dia seguinte. Durante a Copa do Mundo 2018, o programa substituiu o Bola Na Trave na grade de programação da Rádio Ponto. O Bola Na Trave é um noticiário semanal de futebol que serve como um complemento extraclasse ao aprendizado aos alunos da primeira fase na produção, redação e edição de textos radiofônicos. Dessa forma, puderam aproveitar o período

da competição para continuar a colocar em prática o que aprendem nas disciplinas de radiojornalismo.

Três vezes por semana, o estúdio principal da Rádio Ponto também abria espaço para o Parada pra Copa, uma mesa redonda que discutia os principais jogos da competição. O programa já foi ao ar em outras edições da Copa do Mundo e em 2018, pela segunda vez, foi feita uma parceria com o Laboratório de Telejornalismo do Curso para a produção do programa também em vídeo, sendo veiculado uma vez por semana nas redes sociais do Núcleo de Jornalismo Esportivo.

No geral a cobertura foi um sucesso, alcançando um total de 38.262 pessoas pelo *Facebook*. Além disso, das 10 maiores audiências da Rádio Ponto no ano de 2018, sete foram em jogos da Copa do Mundo, com o maior público sendo o jogo Brasil x Costa Rica, acompanhado por mais de 4 mil internautas ouvintes.

## COBERTURAS DAS ELEIÇÕES GERAIS EM 2018

No segundo semestre de 2018, a Rádio Ponto UFSC se mobilizou, mais uma vez, para sua já tradicional cobertura das eleições gerais no Brasil. As preparações iniciaram um mês antes do pleito. Todo planejamento foi realizado dentro da escala mensal dos bolsistas, elaborado em reuniões semanais e estabelecido com diversas funções antes e durante os dois dias (7 e 28 de outubro, respectivamente o primeiro e o segundo turno) da cobertura.

Foi elaborado o Manual de Planejamento e Produção, incluindo, entre outras orientações, além de normas de reportagem, postura, ética e de redação, informações importantes para a execução da cobertura, como por exemplo de candidatos à Presidência e a Governador em cada unidade da federação e dados gerais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), tais como número de eleitores e cargos em disputa. O procedimento foi reestruturado novamente para o segundo turno das Eleições, com as informações relativas aos dois candidatos à presidência e aos estados em que foi realizado.

Em paralelo, foram produzidos, antecipadamente e para sustentar a cobertura ao vivo, boletins radiofônicos e *drops* de programação com informações eleitorais de candidatos de cada estado e região, além de outros com dados sobre o Congresso Nacional e a Assembleia Legislativa de Santa Catarina (ALESC). No segundo turno, também foram produzidos boletins específicos sobre candidatos a governador e outros de contextualização do primeiro turno, como os das composições do Congresso, da ALESC e das novas regras da chamada Cláusula de Barreira para o fundo eleitoral.

Como vem buscando aprimorar a cada cobertura especial, sobretudo as de eleições, Rádio Ponto UFSC mais uma vez contou com entrevistados, comentaristas e repórteres correspondentes de todo o país. Para isso, contatou pesquisadores, professores, repórteres e jornalistas de outras emissoras, universidades, cidades e estados, para comentários e entrevistas informativas. Ao todo, foram 30 entrevistados de 15 unidades da Federação, incluindo todas as macrorregiões brasileiras. Alguns projetos, como o ÁudioLab UERJ e o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital, cederam parte de suas produções relacionadas às eleições, todas utilizadas na programação da Rádio Ponto durante a cobertura.

Nos dois dias de cobertura (votação do Primeiro e Segundo Turnos), foram mobilizados 63 estudantes de graduação e pós-graduação, além de professores e técnicos, todos voluntários. E mais uma novidade impulsionou e aprofundou a experiência de cobertura convergente e colaborativa: a potencialização da transmissão/veiculação por meio *site/app* #JorConvergente, onde foram disponibilizadas as produções da cobertura bem como fotos e imagens das equipes em ação.

Durante as coberturas dos dois turnos nos dias da votação, as atividades dos bolsistas Rádio e voluntários da graduação e pós-graduação seguiram um pré-roteiro do Manual e foram divididas entre a ancoragem, no estúdio; a produção, que consistia em organizar as entradas ao vivo de entrevistados e de repórteres desde a Central de Eleições e Apuração instalada na sala de Redação do Laboratório

de Radiojornalismo ou de externas, inclusive no TRE/SC, nos principais locais de votação e de acompanhamento dos candidatos catarinenses ; a atualização das Redes Sociais, monitorando atividades nas páginas da equipe convergente envolvida e fazendo a edição dos arquivos de hora em hora, para posterior *upload*; e a de editores, coordenando em cada turno a produção do dia.

Tanto no primeiro turno quanto no segundo turno das Eleições 2018, a Rádio Ponto realizou uma completa cobertura, ao vivo e durante todo o dia. A partir do início da manhã até a divulgação de todos os resultados do país, no final da noite, as equipes de reportagem e produção informaram sobre a votação em Santa Catarina e, por meio de parcerias e correspondentes especiais, também em outros estados e no exterior. A programação ainda incluiu informações, comentários e análises dos profissionais e professores de todas as regiões do país. A divulgação dos resultados também foi uma das mais importantes fases da programação especial nos dias da votação, com a mescla de anúncio das pesquisas boca de urna, da apuração voto a voto via acompanhamento das transmissões dos TREs e TSE. Mas esta divulgação sempre mesclada com as entrevistas e comentários com repórteres e analistas de todo o país. É de ressaltar que esta formatação de cobertura, que a emissora vem construindo ao longo de seus 20 anos de história, buscando a qualificação e a ampliação por meio de redes, parcerias, trabalho interno colaborativo e convergente, em 2018 foi amplificada e facilitada pela criação da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA), da qual é uma das fomentadoras e integrante.

Além desta formatação de cobertura, que a cada realização vem sendo aprimorada e recorrendo sempre mais à potencialização, na nova ecologia da comunicação, da adequação das características radiofônicas para as transmissões informativas jornalísticas, a Rádio Ponto também tem preocupação constante com o aperfeiçoamento de acompanhamento da sua audiência, interatividade e uso de ferramentas para agregar público. Por isso, a análise do alcance de suas publicações faz parte de seu funcionamento cotidiano.

Imagens 1 e 2. Amostras dos alcances de algumas das publicações resultantes da cobertura eleitoral no primeiro e no segundo turno.

Publicações	Alcance	Cliques/ações	Publicada
 Cobertura Eleções 2018	552	53	7 de Out de 2018 às 18:06 Gabriel Gentile de Aguiar
 Cobertura 1º turno 2018 - 14h30-14h50 A jornalista e diretora executiva da...	67	1	7 de Out de 2018 às 17:50 Beatriz Clasen
 Cobertura 1º turno 2018 - 14h-14h30 Confira os boletins especiais do...	69	1	7 de Out de 2018 às 17:40 Beatriz Clasen
 Cobertura 1º turno 2018 - 13h25-13h55 O jornalista e professor do curso de...	75	2	7 de Out de 2018 às 17:28 Beatriz Clasen
 Acompanhe ao vivo a transmissão da Rádio Ponto UFSC do 1º turno das...	613	63	7 de Out de 2018 às 17:18 Gabriel Gentile de Aguiar
Publicações	Alcance	Cliques/ações	Publicada
 Eleições 2018 - Segundo Turno Acompanhe a cobertura da apuração d...	1K	88	28 de Out de 2018 às... Beatriz Clasen
 Izani Mustafa, professora de jornalismo na UFMA, analisa a influência das...	97	5	28 de Out de 2018 às... Beatriz Clasen

Fonte: Página do Facebook Rádio Ponto

De todas as postagens na página do Facebook relacionadas às eleições de 2018, as que tiveram maior alcance e desempenho com o público foram justamente as *lives* da apuração, tanto no primeiro quanto no segundo turno. A do segundo turno merece o destaque, por ter tido 1031 pessoas alcançadas, 31 reações e 392 visualizações, conforme mostram as imagens 1 e 2. Além dessas postagens, o conteúdo diário da cobertura também ficou disponível em *drops* no perfil do *mixcloud*, publicados na página e no site. Mesmo assim, para a produção da Rádio Ponto, nas avaliações da cobertura feitas pela equipe, ainda são notáveis as limitações de alcance e a necessidade de um impulsionamento da divulgação anterior da cobertura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos a Rádio Ponto, enquanto uma das referências pioneiras de rádio universitária e laboratório de ensino de radiojornalismo, mais que apenas um estúdio radiofônico a reproduzir o fazer radiofônico, mas também “um veículo que, além de permitir esta produção, a transporta à sociedade, funcionando como mediadora da relação entre os produtores e o público, real, concreto” (SPENTHOF, 1998, p. 157).

A Rádio Ponto inova na atuação de uma webemissora universitária por explorar todas as possibilidades tecnológicas na produção e transmissão de seus conteúdos, com coberturas jornalísticas em rede, colaborativas e convergentes, além de articular ensino, pesquisa e extensão. Portanto, insere-se nos conceitos de rádio expandido e hipermidiático (KISCHINHEVSKY, 2016; LOPEZ, 2010).

Como um espaço aberto para a produção de jornalismo esportivo, a Rádio Ponto tem um papel essencial na formação profissional de novos jornalistas nessa área. O esporte geralmente é diminuído dentro do jornalismo, sendo comumente classificado como entretenimento. O espaço dentro da universidade para produzir e refletir sobre a prática do jornalismo esportivo abre espaço para a quebra dessas barreiras.

A Cobertura das Eleições Gerais da Rádio Ponto UFSC desponta como um exemplo prático e orgânico de integração das Rádios Universitárias da Rede RUBRA. Dentro dos limites e das potencialidades do meio radiofônico e de sua divulgação em redes, foi uma amostra de como o jornalismo universitário unido pode produzir um conteúdo diferenciado e pioneiro. Porém, ainda carecendo de maior divulgação e organização mais ampla com iniciativas das demais webemissoras.

Para os alunos, a participação nessas coberturas tem representado, a cada edição, uma possibilidade de colocar em prática os conhecimentos aprendidos em sala de aula, além da chance de executar todas as etapas da produção radiofônica.

## REFERÊNCIAS

- DEL BIANCO, Nelia Rodrigues. **Radiojornalismo em Mutação na Era Digital**. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre - RS. Intercom 2004, 2004. v. 01 p. 87.
- DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- EMERIM, Cárilda; BRASIL, Antônio. Coberturas em Telejornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife, PE. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e mídias sociais: Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. Interações e mediações Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 2, p. 12-20, 2014.
- LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI, LabCom Ebooks, Livros LabCom, 2010. Disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora\\_lopez\\_radiojornalismo.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf). Acessado em 12 de janeiro de 2018.
- MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempo de internet. In: DEL BIANCO, Nélia R; MOREIRA, Sonia Virgínia. (Orgs.) **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro; UERJ, 2001. p. 223-232.
- SPENTHOF; Edson Luiz. **A importância das rádios e TVs universitárias como laboratórios**. Comun. inf., v.l, n. 1, p. 153-166, jan./jun. 1998.

UFSC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Catálogo de Extensão 2018**. Universidade Federal de Santa Catarina, Pró Reitoria de Extensão.- Florianópolis : PROEX/UFSC, 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZUCULOTO, Valci. Prefácio 1. In.: PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nelia. (Org.). **Migração do Rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica**. Florianópolis, Editora Insular, 2018. p. 13-16.

ZUCULOTO, Valci; MATTOS, Ediane.; LONGO, Guilherme.; CLASEN, Beatriz. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão em radiojornalismo: a experiência da Rádio Ponto UFSC. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 14, n.2, p.101-112, jul.-dez., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p101/35880>. Acesso em: dez. 2018

ISBN 978-85-9559-199-8



9 788595 559199 8

